



CONTRIBUIÇÃO METODOLÓGICA DA TEORIA DE DESENVOLVIMENTO SITUADO
AO DESENVOLVIMENTO E GESTÃO DE PROJETOS EM EDUCAÇÃO: ESTUDO DE
CASO PROJÓVEM URBANO

Daíse Porto Lyra

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Engenharia de Produção, COPPE, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor em Engenharia de Produção.

Orientador(es): Marcos Pereira Estelita Lins

Rio de Janeiro
Novembro de 2018

CONTRIBUIÇÃO METODOLÓGICA DA TEORIA DE DESENVOLVIMENTO SITUADO
AO DESENVOLVIMENTO E GESTÃO DE PROJETOS EM EDUCAÇÃO: ESTUDO DE
CASO PROJÓVEM URBANO

Daíse Porto Lyra

TESE SUBMETIDA AO CORPO DOCENTE DO INSTITUTO ALBERTO LUIZ
COIMBRA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA DE ENGENHARIA (COPPE) DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO COMO PARTE DOS REQUISITOS
NECESSÁRIOS PARA A OBTENÇÃO DO GRAU DE DOUTOR EM CIÊNCIAS EM
ENGENHARIA DE PRODUÇÃO.

Examinada por:

Prof. Marcos Pereira Estelita Lins, D.Sc

Prof. Fabio Luiz Zamberlan, D.Sc

Prof. Roberto dos Santos Batholo Junior, D.Sc.

Prof^a. Maria Christine Werba Saldanha, D.Sc.

Prof^a. Thais Spiegel, D.Sc.

RIO DE JANEIRO, RJ - BRASIL
NOVEMBRO DE 20018

Lyra, Daíse Porto

Contribuição Metodológica Da Teoria De Desenvolvimento Situado ao Desenvolvimento e Gestão De Projetos Em Educação: Estudo De Caso Projovem Urbano/ Daíse Porto Lyra – Rio de Janeiro: UFRJ/COPPE, 2018.

IX, 222 p.:29,7 cm.

Orientador: Marcos Pereira Estelita Lins

Tese (doutorado) – UFRJ/ COPPE/ Programa de Engenharia de Produção, 2018.

Referências Bibliográficas: p.143– 146.

1. Desenvolvimento e Gestão de Projetos 2. Desenvolvimento Situado 3. Qualificação Profissional. I. Lins, Marcos Pereira Estelita. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro, COPPE, Programa de Engenharia da Produção. III. Título.

AGRADECIMENTOS

Neste momento, tento expressar em palavras a gratidão que eu tenho por ter encontrado no meu percurso de doutoramento pessoas que me ensinaram tanto de diferentes formas.

Primeiramente, Deus, que, em sua infinita misericórdia e bondade, me deu o dom da vida, que permitiu que eu acordasse todos os dias e fosse encontrando anjos em forma de pessoas que seguraram na minha mão, me ampararam em diferentes momentos para que eu realizasse esse sonho.

À minha Mainha, Lolis, obrigada por sempre confiar em mim, por me permitir viver minha verdade, por compartilhar momentos tristes e felizes que me fizeram ser resiliente em diferentes momentos da minha vida. A senhora foi e sempre será um exemplo de mulher forte na minha existência e de todos os que vierem depois de mim. À senhora, minha eterna admiração e amor.

Às minha irmãs, Deyse e Dayanne, ter irmãos é a forma mais rápida de aprender e amadurecer na vida. Obrigada por me ensinarem tanto, vocês são fortes, determinadas e trabalhadoras e por serem isso e muito mais é que eu agradeço a partilha de experiência nessa existência. Sou grata.

Ao meu companheiro de vida, Guilherme, aquele que encontrei para partilhar a vida e construir uma família. Obrigada por ser esse homem sensato, íntegro e que com poucas palavras fala tanto no meu coração, que me ensina diariamente que ação tem uma força tão potente quanto o discurso e que a felicidade só é completa quando compartilhada.

À minha filha, Luna, ser de luz e energia que chegou de surpresa na minha vida em meio ao doutoramento, tenho certeza filha que sua chegada deu muito mais qualidade a esse trabalho e me faz diariamente um ser melhor. Obrigada por me escolher como sua mãe. Te amo infinito.

Aos meus sogros Judite Lyra e Ildefonso Lyra Netto (in memoriam) por me acolherem, apoiarem e compreenderem minha angústias antes, durante e depois o doutorado. Eterna Gratidão

À minha amiga, Taiane Kamel, companheira de aventuras, ouvido ativo sempre a me acolher, obrigada pela presença, pelas palavras sempre tão sábias, pelas trocas via Skype. Estamos juntas.

Ao meu amigo, Wellington Alves, companheiro desde a graduação, compartilhar com você no mesmo ano essa conquista e a partilha da experiência de doutoramento fez meu trabalho muito melhor. Estamos juntos para sempre.

Aos meus amigos, Igor Castro, Priscila Vasconcelos, Graciela Kraemer, Kerick Leite, Liliane Coutinho, Alexis Evremidis, Carol Apolinário e Giuliano Vilela obrigada pelo acolhimento, troca de experiências e carinho desde o primeiro dia que cheguei no Rio de Janeiro, vocês são como irmãos para mim.

À professora Silene Leite, obrigada por acreditar em mim, por me apoiar durante esse processo, tenha certeza que a senhora fez e faz toda a diferença da minha vida e na vida dos alunos que cruzam seu caminho.

Ao professor e orientador Fabio Zamberlan, obrigada pelo acolhimento, paciência e confiança depositada em mim e no meu trabalho. Guardarei sempre com carinho as experiências vividas e ensinamentos trocados.

Ao professor e orientador Marcos Estelita, obrigada pela confiança em mim. Sua participação na fase final do doutorado foi de grande relevância e fez muita diferença para a conclusão dessa etapa. Sempre fazendo considerações pertinentes que contribuíram para a melhoria da qualidade do trabalho.

À professora Thais Spiegel, que durante esse doutorado tive o prazer de ter como professora, coordenadora de projetos durante minha participação no grupo de pesquisa GPI da UFRJ.

À Prefeitura Municipal de João Pessoa e à Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro, obrigada pelo acolhimento e confiança.

Aos meus amigos de doutoramento Anderson Oriente, Duílio Morone, Thiago Vassouras, Michele Buckol, Marcos Azevedo, Deyse Dudley e Ricardo Silveira, obrigada pela partilha de sabores e dissabores que fazem parte de processos como este.

Às queridas Elza Couto, Roberta Mattos e Claudete Lima, obrigada por sempre serem tão cordiais e gentis comigo, assim como prestativas e atenciosas para me ajudar.

Aos meus amigos de colégio Talita Castro, Emmy Lira, Juliana Albuquerque, Xênia Lavagode, Renata Vaz e Alexandre Spindola, obrigada por me ensinarem que diversão, trabalho, amigos e família podem sim andar lado a lado, mesmo que em ritmos diferentes.

À minha fisioterapeuta Carla Ávila, obrigada pelos ensinamentos sobre a relevância em cuidar do corpo, mente e espírito para se alcançar os objetivos.

À Edna, que cuidou do meu lar e da minha filha em diversos momentos para que eu pudesse me dedicar a conclusão desse trabalho.

Todos vocês estão guardados na minha memória e no meu <3

Resumo da Tese apresentada à COPPE/UFRJ como parte dos requisitos necessários para a obtenção do grau de Doutor em Ciências (D.Sc.)

CONTRIBUIÇÃO METODOLÓGICA DA TEORIA DE DESENVOLVIMENTO SITUADO AO DESENVOLVIMENTO E GESTÃO DE PROJETOS EM EDUCAÇÃO: ESTUDO DE CASO PROJOVEM URBANO

Daíse Porto Lyra

Novembro/2018

Orientador: Marcos Pereira Estelita Lins

Programa: Engenharia da Produção

O presente trabalho de tese aborda a qualificação profissional na perspectiva de um serviço público prestado à comunidade brasileira denominado ProJovem Urbano – PJU. O PJU é amplamente estudado na academia, já que foi uma das primeiras ações públicas concretas voltadas à juventude em situação de vulnerabilidade. Para análise do caso estudado, foi utilizada como base teórica norteadora a Teoria do Desenvolvimento Situado proposta por Zaoual (2006), que considera que os projetos devem ser desenvolvidos a partir do entendimento das necessidades dos atores locais, compreendendo os sítios simbólicos de pertencimento através de uma racionalidade situada. Aborda-se também a teoria em torno da gestão e desenvolvimento de projetos, considerada na perspectiva de esta demandar novos indicadores de resultado para o andamento de projetos complexos, como é o caso daqueles voltados à Educação. Para o alcance dos fins a que essa tese se destina, utilizou-se, a partir de uma análise qualitativa, uma série de entrevistas semiestruturadas com 28 atores envolvidos diretamente como PJU de duas cidades de regiões distintas do Brasil, sendo elas João Pessoa – PB e Rio de Janeiro – RJ. Para a análise dos dados coletados, utilizou-se a abordagem da Análise de Conteúdo proposta por Bardin (2011), que teve a sistematização dos dados através do software de análise de conteúdo denominado Nvivo 11.4. Foi possível, desta forma, levantar elementos para a construção dos sítios de pertencimento na perspectiva dos atores locais. Isto permitiu ter como resultado a constituição de uma metodologia para levantamento do nível de pertença existente entre os atores participantes do projeto.

Abstract of Thesis presented to COPPE / UFRJ as a partial fulfillment of the requirements for the degree of Doctor of Science (D.Sc.)

METHODOLOGICAL CONTRIBUTION OF THE THEORY OF DEVELOPMENT
LOCATED IN THE DEVELOPMENT AND MANAGEMENT OF PROJECTS IN
EDUCATION: CASE STUDY PROJOVEM URBANO

Dáise Porto Lyra

November / 2018

Advisor: Marcos Pereira Estelita Lins

Department: Production Engineering

This thesis deals with professional qualification in the perspective of a public service provided to the Brazilian community called ProJovem Urbano - PJU. The PJU is widely studied in the academy, since it was one of the first concrete public actions aimed at the youth in situation of vulnerability. For the analysis of the case studied, the theory of development was used as a guiding theoretical basis. This proposal was proposed by Zaoual (2006), who considers that the projects should be developed from the understanding of the needs of the local actors, including the symbolic sites of belonging through a situated rationality. It is also approached the theory about the management and development of projects, considered in the perspective of this demand new indicators of results for the progress of complex projects, as is the case of those focused on Education. In order to reach the goals for which this thesis is intended, a series of semi-structured interviews with 28 actors directly involved as PJU from two cities of distinct regions of Brazil were used, based on a qualitative analysis, being João Pessoa - PB and Rio de Janeiro - RJ. For the analysis of the collected data, the Content Analysis approach proposed by Bardin (2011) was used, which had the systematization of the data through content analysis software called Nvivo 11.4. It was possible, in this way, to build elements for the construction of sites of belonging from the perspective of local actors. This resulted in the creation of a methodology for the analysis of the level of ownership among the actors participating in the project.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1 - INTRODUÇÃO	1
1.1 PANORAMA DO PROJETO	1
1.2 APRESENTAÇÃO GERAL.....	5
CAPÍTULO 2 - ProJovem URBANO: TRAJETÓRIAS E EXPERIÊNCIAS.....	9
2.1 PROJOVEM – PROGRAMA NACIONAL DE INCLUSÃO DE JOVENS	9
2.2 AVALIAÇÃO DA EXECUÇÃO DO PROJOVEM	13
CAPÍTULO 3 - QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL	22
3.1 DEFINIÇÃO DE QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL	22
3.2 QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL NO BRASIL.....	27
CAPÍTULO 4 – DESENVOLVIMENTO E GESTÃO DE PROJETOS	31
4.1 GESTÃO E DESENVOLVIMENTO DE PROJETOS.....	31
4.2 RELEVÂNCIA DA APLICAÇÃO NO DESENHO DE SERVIÇOS PÚBLICOS	35
CAPÍTULO 5 - TEORIA DO DESENVOLVIMENTO SITUADO	37
5.1 SITUANDO O DESENVOLVIMENTO	37
5.2 TEORIA DO DESENVOLVIMENTO SITUADO.....	37
5.3 OS SÍTIOS SIMBÓLICOS DE PERTENCIMENTO.....	38
5.4 RELAÇÃO ENTRE PERTENCIMENTO E ENGAJAMENTO	44
5.5 HIPÓTESE	46
CAPÍTULO 6 – PROCEDIMENTO METODOLÓGICO ADOTADO	48
6.1 PROCEDIMENTOS ADOTADOS	54
6.1.1 CONSTRUÇÃO DO QUESTIONÁRIO	55
6.1.2 DEFINIÇÃO DOS ATORES A SEREM ENTREVISTADOS.....	56
6.1.3 DEFINIÇÃO DO ESCOPO DE ANÁLISE DOS DADOS	57
6.2 ESTUDOS DE CASO	61
CAPÍTULO 7 - APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	65
7.1 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS DA PESQUISA DE CAMPO	65
7.2 ANÁLISE DOS DADOS COMPILADOS.....	68
7.3 RELAÇÃO PAR A PAR POR GRUPO ENTREVISTADO	73
7.4 DIAGRAMAÇÃO PAR A PAR PELO GRUPO 2 (EDUCANDOS).....	73
7.4.1 APOIO DA EQUIPE	76
7.4.2 APLICAÇÃO DOS CONHECIMENTOS ADQUIRIDOS	79
7.4.3 APOIO DOS EDUCADORES.....	82
7.4.4 QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL	84
7.4.5 DESAFIOS	88
7.4.6 MOTIVAÇÕES	91
7.4.7 PARTICIPAÇÃO FAMILIAR.....	93
7.4.8 INFRAESTRUTURA DISPONIBILIZADA.....	94
7.4.9 MATERIAL DIDÁTICO	97

7.4.10 SENTIMENTOS	98
7.5 DIAGRAMAÇÃO PAR A PAR PELO GRUPO EDUCADORES E EQUIPE (GRUPO 1).....	100
7.5.1 QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL	101
7.5.2 APOIO E VALORIZAÇÃO SOCIAL E FAMILIAR.....	103
7.5.3 DESAFIOS	105
7.5.4 IDENTIDADE COM OS ALUNOS	107
7.5.5 IMPORTÂNCIA DA QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL	109
7.5.6 IMPORTÂNCIA DO TRABALHO.....	110
7.5.7 INFRAESTRUTURA DISPONIBILIZADA.....	111
7.5.8 PARCEIROS DE TRABALHO	112
7.5.9 SENTIMENTOS	113
7.5.10 IMPORTÂNCIA DOS ASSUNTOS ABORDADOS.....	115
CAPÍTULO 8 – CONCLUSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	117
8.1 CONCLUSÃO.....	117
8.1 CONCLUSÃO DO OBJETIVOS ESPECÍFICOS 1.....	127
8.2 CONCLUSÃO DO OBJETIVO ESPECIFICO 2 E 3	130
8.3 CONCLUSÃO DO OBJETIVO ESPECIFICO 4.....	135
8.4 CONCLUSÃO DO OBJETIVO ESPECIFICO 5.....	137
8.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	138
8.6 POSSÍVEIS ENCAMINHAMENTOS	140
8.7 LIMITAÇÕES DA PESQUISA	141
8.8 APLICAÇÕES FUTURAS	141
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	143
ANEXO 1 – GUIA DE PERGUNTAS AOS PARTICIPANTES DA PESQUISA	147
ANEXO II ANÁLISE DOS DADOS - QUADROS DE REFERÊNCIAS POR NÚCLEO PESQUISADO	150

CAPÍTULO 1 - INTRODUÇÃO

1.1 PANORAMA DO PROJETO

Transitar em diferentes instituições, seja acadêmicas ou profissionais, permite muitas vezes observar as diferentes dinâmicas existentes no comportamento das pessoas que as ocupam e que impacta direta ou indiretamente na forma como elas executam seus trabalhos. Juntamente a isso, a participação ativa dentro destes ambientes permite a compreensão do que dita a dinâmica de organização da instituição vivida e experimentada.

Dessa forma, compreender as questões norteadoras que cercam o desenvolvimento e a gestão de projetos dentro das instituições é de suma relevância. Para compreender de que forma as questões e o entendimento dos atores envolvidos no projeto podem impactar na experiência vivida pelo usuário final, este trabalho de pesquisa tomará como caso de estudo o ProJovem Urbano - PJU -, operado em 2 núcleos de regiões distintas no Brasil.

Desenvolvido através da colaboração da Coordenação do Projovem Urbano João Pessoa - PJU/JP - e do Projovem Urbano Rio de Janeiro - PJU/RJ -, o PJU já foi objeto de estudo de diferentes trabalhos acadêmicos, como se pode observar através das pesquisas de SOARES (2013), LANZONI ET AL. (2012), BARROS, (2011), SILVA (2011).

Para auxiliar na elaboração de um panorama de recorte de como é estabelecida as ações em torno da qualificação profissional, apresenta-se o quadro 1, com o levantamento de alguns programa governamentais desenvolvidos no Brasil.

QUADRO 1.1: PROGRAMAS PÚBLICOS DE ELEVAÇÃO DA ESCOLARIDADE E QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL DOS ÚLTIMOS 10 ANOS

Nome do Programa	Objetivo	Publico alvo	Duração dos programas	Ministério
PROEJA	Concluir o ensino Básico e fundamental e propõe integrar a educação profissional e a educação básica e/ou fundamental	Voltado a jovens e adultos	Início (2005 - 2011)	MEC

PROJOVEM URBANO	Elevar a escolaridade de jovens que saibam ler e escrever e não tenham concluído o ensino fundamental, visando à conclusão desta etapa por meio da modalidade de Educação de Jovens e Adultos integrada à qualificação profissional e o desenvolvimento de ações comunitárias com exercício da cidadania na forma de curso.	Jovens entre 18 e 29 anos	Início (2008 – em andamento)	MEC
PROJOVEM TRABALHADOR	O objetivo da ação de qualificação é estimular e fomentar a geração de oportunidades de trabalho, negócios, inserção social, bem como promover a visão empreendedora, com posterior inserção no mercado de trabalho de 30% dos jovens qualificados	Jovens entre 18 e 29 anos membros de famílias com renda per capita de até 1 salário mínimo		MTE
PROJOVEM CAMPO	Visa ampliar o acesso e a qualidade da educação a essa parcela da população historicamente excluída do processo educacional, respeitando as características, necessidades e pluralidade de gênero, étnico-racial, cultural, geracional, política, econômica, territorial e produtivas dos povos do campo.	jovens agricultores familiares de 18 a 29 anos que não concluíram o ensino	Início (2005 - 2010)	MEC
PROJOVEM ADOLESCENTE	O foco no fortalecimento da convivência familiar e comunitária, o retorno dos adolescentes à escola e sua permanência no sistema de ensino. Isso é feito por meio do desenvolvimento de atividades que estimulem a convivência social, a participação cidadã e uma formação geral para o mundo do trabalho.	Jovens de 15 a 17 anos	Início (2007 -)	MDS

PRONATEC	Acesso ao ensino Técnico e Emprego	Voltado aos jovens e adultos que se encontram no ensino médio ou que já concluíram.	Início (2011 - em andamento)	MEC
----------	------------------------------------	---	------------------------------	-----

Ao se fazer a leitura dos dados apresentados no quadro 1, pode-se identificar que a maioria dos programas aí apresentados atrelam o processo de elevação da escolaridade ao de qualificação profissional e inserção ao mundo do trabalho. Porém, em alguns momentos, possui um aspecto social envolvido, como no caso das diferentes aplicações do ProJovem, por levar em consideração as especificidades dos grupos, sendo também delimitadas pela faixa etária dos públicos alvos. Pode-se perceber isso a partir da análise do objetivo do ProJovem adolescente e ProJovem campo, que delimita bem o público segmentado em seus objetivos.

Dando continuidade ao entendimento dos dados apresentados no quadro 1, percebe-se, na coluna "duração dos programas", a existência de sobreposição durante o período de vigência de tais programas. Assim, pode-se identificar de diferentes formas a existência, ao longo dos últimos 10 anos, de uma quantidade considerável de desenvolvimento e operação de programas dessa natureza e, conseqüentemente, de um grande volume de pessoas participantes dos mesmos.

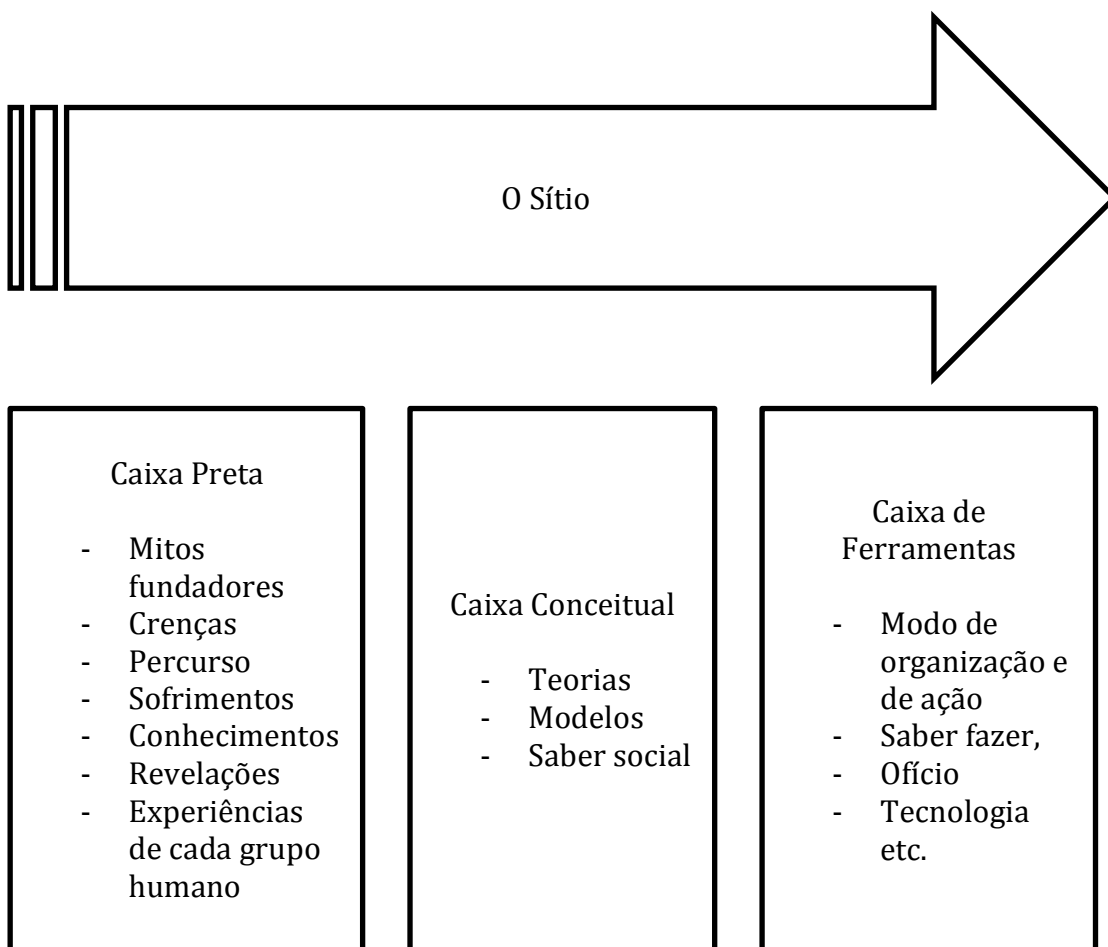
Ao mesmo tempo que tais projetos contemplam um grande número de pessoas envolvidas na operação, os mesmos possuem um alto índice de evasão por parte dos alunos. Segundo pesquisa de campo realizada, chega-se a um percentual de que mais ou menos 30% dos alunos matriculados abandonem o processo de formação inicial.

Com isso, considera-se relevante a existência de tais projetos. No entanto, compreender aspectos de melhoria dos mesmos se faz necessário para que se permita o desenvolvimento humano dos atores envolvidos, assim como melhores oportunidades de enquadramento produtivo no mundo do trabalho, para que os mesmos garantam recursos para a sua sobrevivência.

Para isso, toma-se como base a bibliografia proposta por Zaoual (2006), que aborda a Teoria de Desenvolvimento Situado (TDS), que parte da perspectiva do sítio local de pertencimento com o intuito de entender acerca do que se refere aos desafios voltados à qualificação profissional de pessoas em contexto de vulnerabilidade e as ações existente no Brasil ao longo dos anos, assim como compreender o cenário de discursão da gestão e desenvolvimento de projetos.

Hassan Zaoual (2006) apresenta a necessidade de levar em consideração aspectos do território a partir da perspectiva dos atores locais, contribuindo assim para a construção do método de pesquisa adotado. Desta forma, garante-se uma cientificidade, validade e alcance para os atores sociais envolvidos, conforme se apresenta na figura 1, que estabelece os componentes para o funcionamento do sítio apresentados pelo autor sobre a construção do questionário de pesquisa e considerações sobre a mesma.

FIGURA 1.1: COMPONENTES PARA O FUNCIONAMENTO DO SÍTIO DE PERTENCIMENTO



Fonte: Adaptado de Zaoual (2006)

Através da contribuição da reflexão trazida pela TDS, estabelece-se a relação ao Desenvolvimento e Gestão de projetos, impactado pelas relações humanas constituídas pelos atores envolvidos antes, durante e depois do projeto. De acordo com Siqueira (2009), pode-se daí identificar elementos que norteiam o projeto de serviço, em que os mesmos levam em consideração:

- a equipe envolvida na prestação do serviço;
- o nível de contato do cliente com o processo de prestação do serviço e o contato com outros clientes
- o marketing por trás da prestação do serviço (contemplando pontos de contato com o cliente, propaganda, pesquisa de mercado e faturamento)

Diante disto, constitui-se os aspectos considerados na pesquisa de campo. Levando em consideração a percepção dos atores locais envolvidos, que segundo Clegg (2011), nada mais é que o processo de receber, responder a, processar, armazenar e usar estímulos para compreender e elaborar nossa visão de mundo.

1.2 APRESENTAÇÃO GERAL

Acrescenta-se ao descrito em 1.1 que este trabalho de tese nasce de um interesse pessoal em contribuir nas discussões voltadas ao desenvolvimento e gestão de projetos de serviços em qualificação profissional a partir da sua operacionalização dentro da academia ao abordar perspectivas referentes à qualificação profissional, desenvolvimento situado e desenvolvimento e gestão de projetos. Tal discussão se faz a cada dia mais necessária na Engenharia de Produção.

Pode-se dizer que esta importância se deve ao fato de a Engenharia de Produção abordar diferentes aspectos que tratam do mundo do trabalho, seja no aspecto de projeto, gestão e avaliação, não só para a indústria, como também no setor de serviços. De acordo com a ABEPRO (Associação Brasileira de Engenharia de Produção), a Engenharia de Produção é determinada pelo seu contexto sócio-técnico, o que a torna moldada às sociedades humanas pelo estágio tecnológico em que a humanidade se encontra.

Rowbotham, Galloway & Azhashemi (2007) consideram que a gestão de operações está preocupada com qualquer atividade produtiva, seja ela de manufatura ou de serviços, no setor público ou no setor privado, para fins lucrativos ou não lucrativos, preocupando-se com a garantia de que as operações são realizadas de forma eficiente e eficaz. Diante disto, se enquadra o ProJovem Urbano, pelo mesmo ser um programa de educação estruturado com o viés da qualificação profissional e da participação cidadã, com isso relacionada com a gestão de operações por ser uma atividade produtiva de serviços no setor público e, sendo assim, não lucrativos em termos financeiros.

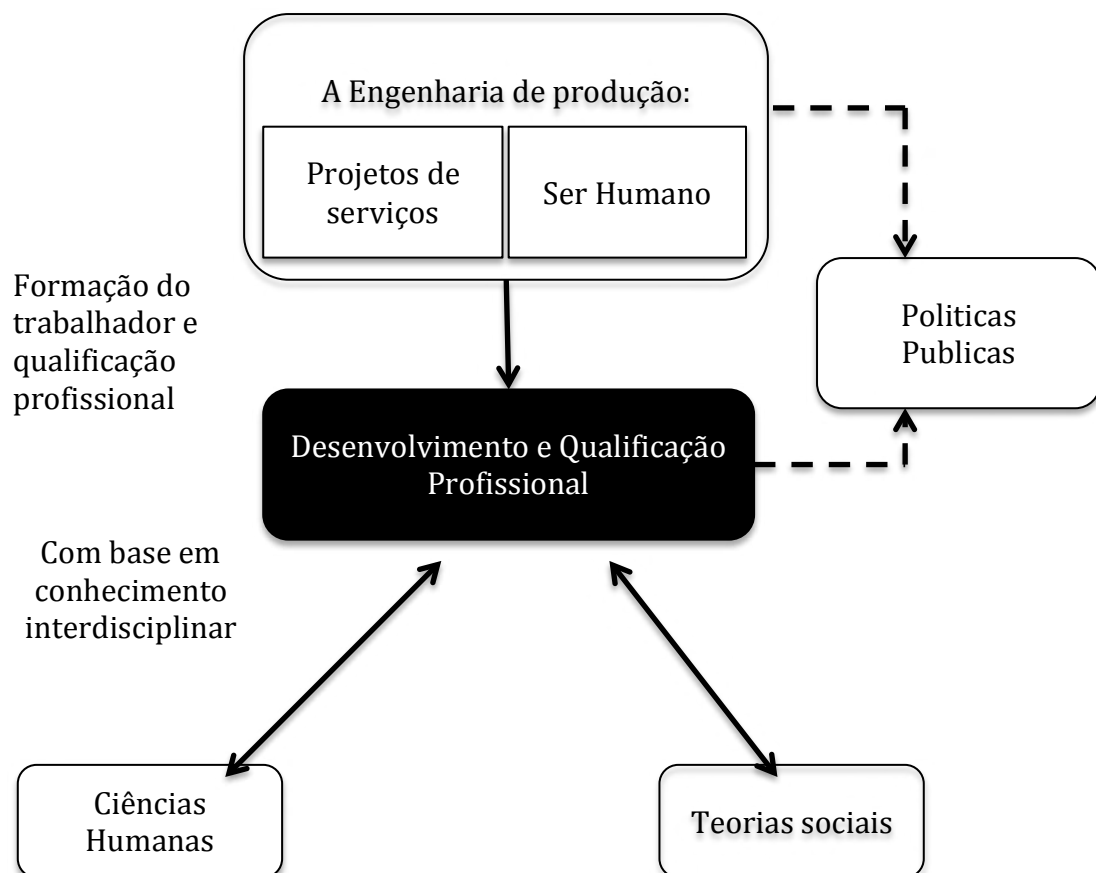
Seguindo a análise dos aspectos que compõem a Engenharia de Produção, analisar o papel do engenheiro se faz relevante. Dessa forma Spiegel (2013),

esclarece que como profissional, o engenheiro de produção frequentemente usa os princípios e métodos de análise e projeto de engenharia para projetar sistemas e para especificar, prever e avaliar o desempenho. A partir destas definições, pode-se considerar a necessidade de o engenheiro de produção gerir e projetar sistemas que são compostos por pessoas, processos e máquinas.

Sendo a operacionalização do projeto em qualificação profissional composto por pessoas, e sendo o engenheiro de produção apto a projetar, especificar, prever e avaliar o desempenho de projetos, a identificação de elementos que possam contribuir para um melhor delineamento de futuros projetos voltados a qualificação profissional se faz pertinente.

Diante do exposto se esclarece a relevância da Engenharia de Produção e do papel do engenheiro projetar produtos e serviços que contribuam com resultados efetivos nas organizações em que atuam e voltados a seus usuários, utilizando os recursos disponíveis. Assim, apresenta-se a figura síntese 2, que tem como objetivo apresentar a estrutura da presente pesquisa.

FIGURA 1.2: PANORAMA DO OBJETO DE ESTUDO



Fonte: Adaptado de Spiegel (2013)

O panorama do objeto de estudo desta pesquisa é uma adaptação do trabalho de Spiegel (2013). Isto se deve à contribuição dada pela autora citada às ciências cognitivas nos processos de decisão tomados pelos principais agentes envolvidos nas organizações. Segundo Spiegel (2013), os comportamentos e as capacidades humanas são elementos-chave nos sistemas que os engenheiros de produção trabalham. Assim, ela aborda a centralidade do processo de decisão dentro das organizações.

Nesta pesquisa, considera-se que a operacionalização dos projetos em qualificação profissional voltados a grupos de vulnerabilidade tem suas operações impactadas pela atuação humana, de forma que essa atuação se aplica por decisões tomadas, sendo através dessa atuação possível identificar referências que são carregadas pelos agentes participantes. Assim, através de uma compreensão mais aprofundada dessas referências, busca-se um melhor entendimento do território e da sua realidade.

Com isso, em cima da diversidade dos campos de aplicação dos temas e da complexidade de operacionalização de grandes projetos governamentais voltados à qualificação profissional, esse trabalho se apresenta como uma pesquisa interdisciplinar.

Thiesen (2008) esclarece que a interdisciplinaridade é um movimento contemporâneo que emerge na perspectiva da dialogicidade e da interação das ciências e do conhecimento que vem buscando romper com o caráter de hiperespecialização e com a fragmentação dos saberes. A interdisciplinaridade diz respeito à transferência de métodos de uma disciplina para outra, em que os pesquisadores trabalham juntos cada um em sua perspectiva disciplinar, fazendo assim intercâmbio de conceitos e de metodologias (SPIEGEL, 2013).

A estruturação deste trabalho é feita em seis capítulos. Os capítulos 2, 3, 4 e 5 correspondem ao escopo teórico do projeto. Sinteticamente, temos os seguintes objetivos em cada capítulo:

No capítulo 2 - Projovem Urbano - trajetórias e experiências: caracterizar e analisar o programa estudado, buscando entender os desafios a priori identificados em outras pesquisas e seus desdobramentos;

No capítulo 3 - Qualificação Profissional: compreender as discursões existentes em torno do tema, de forma que se auxilie no entendimento da experiência do PJU;

No capítulo 4 – Desenvolvimento e Gestão de projetos: atribuir a dimensão analítica em torno das discursões existentes sobre este tema e entender os possíveis pontos de encontro na condução de um programa de elevação e formação para o mundo do trabalho;

No capítulo 5 - Teoria do Desenvolvimento Situado: atribuir a relevância da dimensão local e do sentimento de pertença dos indivíduos ao aspecto do desenvolvimento e gestão de projetos em qualificação profissional, capaz de delimitar o escopo de análise dos dados, objeto da tese;

No capítulo 6 – Procedimento Metodológico Adotado: apresenta as fases de execução do projeto, a classificação da pesquisa, os procedimentos para coleta e análise dos dados;

No capítulo 7 – Análise dos dados: apresenta os dados coletados e analisados a partir da realização do estudo de caso PJU proposto nesta pesquisa;

No capítulo 8 – Considerações Finais: de forma que se dá a conclusão das pesquisa e as limitações da mesma.

CAPÍTULO 2 - ProJovem URBANO: TRAJETÓRIAS E EXPERIÊNCIAS

Neste capítulo se apresenta o caso em que a pesquisa de campo é aplicada, denominado ProJovem Urbano – PJU. Esta apresentação se dá a partir das diversas publicações acadêmicas e administrativas existentes sobre o mesmo, de forma que, apresentando seus pontos positivos e negativos, as mesmas contribuam para uma melhor compreensão dos diferentes aspectos que compõem o programa.

Faz-se então um breve panorama histórico da constituição do programa, assim como um levantamento sobre a condução em que o programa foi estruturado em seus sistemas de monitoramento e avaliação.

2.1 PROJOVEM – PROGRAMA NACIONAL DE INCLUSÃO DE JOVENS

O documento que apresenta o registro histórico de fundação e escopo de operação do PJU denominado Manual do Educador (2008) é uma das fontes que permite a realização de uma análise documental do projeto.

Dessa forma, levantou-se alguns dos aspectos de apresentação que caracterizam o programa e seus entes envolvidos. Segundo o Manual do Educador (2008), o programa foi criado em 2005, na gestão do governo Lula, e implantado sob a coordenação da Secretaria Nacional de Juventude da Secretaria Geral da Presidência da República com o intuito de integrar uma política nacional de desenvolvimento integral do jovem brasileiro. O programa busca atender a jovens de 18 a 29 anos em situação de desemprego que sejam membros de famílias com renda mensal per capita de meio salário mínimo, que tenham concluído a quarta série, mas não tenham concluído a oitava série, habitantes das capitais e municípios com mais de 200.000 habitantes. Oferecendo uma bolsa financeira mensal de R\$100, o ProJovem foi constituído por um tripé curricular que inclui formação equivalente ao ensino fundamental, qualificação profissional e participação cidadã.

Segundo o manual do educador (2008, p.13):

O corpo do programa, é composto por um Projeto Pedagógico Integrado (PPI) que tem como objetivo promover a inclusão social, que a pesar de alfabetizados não chegaram a concluir o ensino fundamental, buscando assim sua reinserção na escola e no mundo do trabalho, de modo a propiciar-lhes oportunidades de desenvolvimento humano e exercício efetivo da cidadania.

O manual do educador (2008, p.13) esclarece que o PJU inicialmente apresenta como características os seguintes tópicos:

- (I) Gestão intersetorial, compartilhada por 4 ministérios Ministério da Educação, do Trabalho e Emprego, do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, e de implantação em regime de cooperação com estados, municípios e DF envolvidos;
- (II) Projeto Pedagógico Integrado (PPI) que representa um novo paradigma de educação, articulando conclusão do ensino fundamental, qualificação profissional inicial e experiências de participação cidadã;
- (III) Materiais pedagógicos especialmente produzidos para atender as características do programa

Pode-se observar que a configuração do programa é bastante complexa e robusta, tendo em vista que é voltada a uma atuação interministerial para um público que historicamente abandona o processo de escolarização. Assim, o programa apresenta uma proposta baseada naquele tripé: atrair esse aluno à articulação da elevação da escolaridade, à qualificação profissional inicial e à participação cidadã. Para isso, propõe-se a construção de matérias pedagógicas desenvolvidos especificamente para o programa.

Segundo Schmidt et al (2011), o PJU possui um Plano Pedagógico Integrado (PPI) contemplado por quatro unidades formativas com a duração de três meses para cada tema: (I) Juventude e Cidade; (2) Juventude e Trabalho; (III) Juventude e Comunicação e (IV) Juventude e Cidadania.

Para dar conta da proposta pedagógica integrada, o manual do educador (2012, p.30-41) apresenta o desenho do currículo composto pelas 3 seguintes dimensões:

- a) Formação básica – a partir da conclusão do ensino fundamental
- b) Qualificação Profissional – organizou-se em Formação técnica geral (FTG), arcos ocupacionais escolhidos pelo estado, município ou DF, compostos por 4 ocupações que abrangem o planejamento, a produção e a comercialização de bens e serviços, de modo que o jovem se prepare para ser empregado, ou pequeno empresário ou sócio de cooperativa. O Projeto de Orientação Profissional (POP) faz parte da função do orientador (ainda que as duas funções sejam desempenhadas pelas mesmas pessoas)

c) Ação Comunitária – que tem como objetivo auxiliar no desenvolvimento em associação com os demais conhecimentos adquiridos com os demais componentes curriculares, permitindo empoderar os mesmos de elementos de avaliação referente as ações desenvolvidas suas e dos demais cidadão e visando a participação social e o exercício da cidadania.

Além das 3 dimensões apresentadas, a proposta também apresenta a inclusão digital dos alunos participantes, procurando realçar o papel do conhecimento em informática como um dos pilares para a vida moderna, é percebida como um aspecto importante do programa.

A finalidade primeira do programa de proporcionar formação integral aos jovens, através da associação de:

- Formação básica, para a elevação da escolaridade, tendo em vista a conclusão do ensino fundamental;
- Qualificação profissional, com certificação de formação inicial;
- Participação Cidadã, com a promoção de experiência de atuação social na comunidade.

E como finalidades específicas:

- A reinserção dos jovens no processo de escolarização;
- A identificação de oportunidades potenciais de trabalho e a capacitação dos jovens para o mundo do trabalho;
- Participação dos jovens em ações coletivas de interesse público;
- Inclusão digital como instrumento de inserção produtiva e de comunicação;
- Ampliação do acesso dos jovens à cultura

Quando se trata do fluxo de operação, o Relatório (Brasil, 2010) esclarece que a implementação do Projovem Urbano no ente federado participante é realizada por uma coordenação local, composta por um coordenador executivo, um coordenador pedagógico e pessoal de apoio técnico e administrativo. Em cada estado, município ou DF integrante do programa se contará com um comitê gestor local formado por representantes das secretarias estaduais, municipais ou DF, responsáveis pelas áreas de juventude, educação, desenvolvimento/assistência social e trabalho como forma de potencializar as ações do Projovem Urbano.

A coordenação local possui a responsabilidade de providenciar a divulgação do programa de modo a alcançar o maior número possível de jovens em situação de exclusão social, assegurando a permanência dos alunos no curso com aprendizagem de qualidade; a coordenação identifica ainda onde se localiza o público-alvo para que sejam definidos os estabelecimentos escolares que realizarão as atividades do curso. As turmas devem ser compostas por até 40 alunos, em que cada 5 turmas formam um núcleo, sendo esses núcleos localizados próximo às residências dos alunos. O polo que é a menor instância de gestão do programa que deve ser formado por 16 núcleos e possuir uma equipe de gestão composta por: um diretor executivo, um pedagógico e pessoal de apoio técnico e administrativo.

Schmidt et al (2011) elenca os 4 subsistemas que deveriam garantir a execução do curso em todos os níveis organizacionais previstos nas diretrizes do programa, sendo eles:

- (1) Subsistema de Monitoramento: responsável pela produção de informações necessárias à gestão do programa em diferentes níveis, como por exemplo: monitoramento do cadastro e da matrícula de alunos; formação e alocação de educadores e coordenadores; registro de frequências; e ações curriculares. Sendo ele responsável pelas informações repassadas à instituição financeira para o pagamento do benefício aos alunos;
- (2) Subsistema de supervisão: responsável pela inspeção de núcleos, estações da juventude e agências formadoras com o objetivo de verificar na ponta a implementação das diretrizes do programa;
- (3) Subsistema de avaliação externa de alunos: responsável por elaborar instrumentos de avaliação pedagógica externa da formação dos alunos além de realizar a avaliação dos resultados de desempenho pedagógico;
- (4) Subsistema de avaliação do programa: responsável pelas pesquisas de avaliação da implementação e da efetividade do ProJovem.

A partir da análise dessas informações, percebe-se que o programa é desenvolvido com o objetivo de resgatar jovens que possuam uma estrutura econômica e social fragilizada diante de um quadro de desemprego, baixa escolaridade e conseqüentemente baixa qualificação para a inserção no mundo do trabalho. Visa-se assim que os alunos incluídos no PJU, a partir da conclusão das suas atividades no programa, construam um alicerce de potencialidades diversas para o seu desenvolvimento pessoal e profissional.

2.2 AVALIAÇÃO DA EXECUÇÃO DO PROJÓVEM

Diante da complexidade existente entre planejamento e execução de um programa de qualificação com a amplitude do PJU, faz-se necessário levantar e analisar as diferentes avaliações referente à execução do programa. Com esse intuito, levantou-se os resultados reais da aplicação do programa de qualificação profissional ProJovem a partir das diversas publicações existentes sobre a avaliação do mesmo em diferentes localidades (cidades e regiões). Também se utilizou das informações contidas no Relatório de Avaliação da Execução do Programa – ProJovem Urbano (Brasil, 2010).

O procedimento de avaliação da execução do programa – ProJovem Urbano, de acordo com o relatório (ibid.), apresenta-se como uma análise de como está sendo dada a execução do programa e se as ações seguem as normas da legislação e dos possíveis pontos de fragilidade, que possam interferir na execução do mesmo.

Essa avaliação teve como objetivo, disponibilizar informações aos entes participantes para que se consigam traçar os melhores caminhos para atingir resultados referentes a eficiência, eficácia e efetividade na execução do programa. No entanto, o relatório não se apresenta com a intenção de realizar uma avaliação da efetividade social da política ou do programa, ou seja, do real impacto no público alvo (ibid.).

O principal mecanismo de controle existente no que se refere às responsabilidades da Secretaria Nacional da Juventude por meio da Coordenação Nacional do programa para acompanhar a execução do programa é o Sistema de Avaliação e Monitoramento – SMA, que é voltado para: supervisão das condições de oferta local do programa; avaliação externa dos alunos; monitoramento da matrícula, frequência e realização das atividades pedagógicas e avaliação do programa. Essa avaliação e monitoramento é realizada por nove universidades federais (UFPA; UFAM; UFBA; UFPE; UFC; UFMG; UNIRIO; UFJF e UFPR), que atuam de forma regionalizada nas localidades atendidas.

O SMA é um sistema informatizado e subdividido em 4 subsistemas, sendo:

1) de Monitoramento: monitoramento da matrícula, frequência, movimentação escolar e lançamento das atividades e notas do desempenho do aluno, dentre outros e realiza-se por meio de sistema informatizado;

2) Supervisão: acompanhamento e avaliação da matrícula, da formação inicial e continuada dos educadores, avaliação das condições físicas, pedagógicas e administrativas, da oferta local do programa em escolas da rede pública de ensino, cujos registros serão realizados por meio de visitas locais e lançamento em sistema

informatizado, de amplo acesso, aos gestores nacionais, municipais e estaduais do Programa;

3) Avaliação externa dos alunos: elaboração, distribuição, correção e divulgação dos resultados obtidos pelos alunos do Programa, na Avaliação Diagnóstica, Exames Nacionais Externos e Exame Final Nacional Externo; e

4) Avaliação do programa: elaboração do desenho da pesquisa de avaliação da efetividade e implementação do programa, e decorrentes instrumentos, procedimentos e relatórios.

Diante do vasto material produzido pelo governo e pelos ministérios relacionados ao programa, também se fez relevante utilizar trabalhos acadêmicos que possuem o programa como objeto de estudo. Assim, toma-se a presente pesquisa como registro de avaliações realizadas através de pesquisas acadêmicas. Dessa forma apresenta-se uma tabela denominada aqui como levantamento das forças e fragilidades segundo os estudos levantados sobre o ProJovem ORIGINAL e URBANO.

QUADRO 2.1: LEVANTAMENTO TEÓRICO DE CASOS DO PROJOVEM

Fonte	FORÇAS	FRAGILIDADES
SOARES, 2013 João Pessoa-PB	<ul style="list-style-type: none"> - O programa apareceu como uma espécie de oportunidade para a conclusão dos estudos para mulheres que engravidaram com pouca idade; - O programa não possuía um elemento “identitário” relativo à cor ou raça, mas sim balizado na ideia de equidade étnico-racial; - O programa contribuiu para a reinserção dos jovens participantes a dar continuidade aos estudos formais; - A escolarização aparece como sendo um dos grandes “legados” do programa na trajetória da vida dos que concluíram; - Todos os respondentes tinham feito aulas teóricas e práticas de qualificação profissional; - A maioria dos respondentes percebe que o programa contribuiu para o aumento da autoestima e 	<ul style="list-style-type: none"> - Ausência das aulas de informática; - Os jovens apresentaram um quadro precário de inserção no mercado de trabalho antes e após o ProJovem; - Os jovens entraram no programa com uma expectativa maior em relação à qualificação profissional e saíram dele com a expectativa diminuída; - Nesta pesquisa a maioria dos jovens responderam que os conhecimentos adquiridos no programa tanto de escolarização quanto de qualificação profissional, não facilitaram para ter uma melhor qualificação ou encontrar trabalho; - Os jovens não identificam os conhecimentos obtidos com a qualificação profissional do

	<p>para a ampliação dos conhecimentos e amizades;</p> <ul style="list-style-type: none"> - Os respondentes consideraram o Plano de ação comunitária como sendo relevante; - O programa foi conduzido pela identificação dos coordenadores locais, gerando a princípio um alto nível de comprometimento e um baixo nível de institucionalidade; - Os coordenadores tinham a disposição praticamente de toda a sua jornada de trabalho para se dedicar ao programa; - O programa motivou outras ações voltadas a política da juventude na cidade onde a pesquisa foi realizada. 	<p>ProJovem como influentes para uma melhor inserção no mercado de trabalho;</p> <ul style="list-style-type: none"> - Bolsa se apresentou nesta pesquisa como um ponto negativo, ora pela inconstância de pagamento ora pelo baixo valor; - As forças federais requeriam das esferas locais que estas chegassem a objetivos únicos, definidos nacionalmente; requeriam padrões mínimos de funcionamento dos núcleos, formas semelhantes de recrutamento e de formação dos educadores (pagos com verba federal); o cumprimento de prazos e a realização de exames (o Exame Nacional de Certificação) em datas únicas, definidas nacionalmente em calendário prévio; - A força com que a dimensão local incorporou (ou não), apoiou (ou não), assumiu (ou não) o programa no âmbito de suas estruturas políticas e institucionais; - A relação com os diretores das escolas públicas aparece como um dos entraves na gestão do ProJovem, segundo os coordenadores; - Transição ministerial para o MEC, refletindo uma mudança singular na forma como o programa se reconfigurou na estrutura do Estado.
<p>LANZONI ET AL. (org.), 2012</p> <p>São Leopoldo-RS</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Apoio por parte da gestão pública e municipal, referente a necessidade de investimentos de recursos financeiros e humanos, que foram considerados como fundamentais para a execução do programa em âmbito local; - Ações fortes voltadas a disseminação do programa com o 	<ul style="list-style-type: none"> - Evasão 49% e permanência de 51%. Referente a segunda entrada, realizada em abril de 2009, com mil matriculados. Foram certificados 88% dos alunos permanentes; - Exigência de cumprir a carga horaria prevista em 18 meses

	<p>intuito de sensibilizar os jovens de forma que estes viessem participar do programa;</p> <ul style="list-style-type: none"> - As escolas envolvidas no programa não eram as mesmas que ofereciam a modalidade de Educação para Jovens e Adultos; - Para a contratação dos professores era exigido formação superior na área de atuação, ou seja, compatível com o componente curricular que iriam atuar; - A formação inicial dos educadores compreendeu 160hs, distribuídas em: 96 horas presenciais e 64 horas não presenciais. As horas presenciais foram realizadas pelos professores formadores da Fundação ULBRA (FULBRA) no campus da universidade Luterana do Brasil (ULBRA) em Canoas; - A formação continuada se deu em complemento à formação inicial e contabiliza 216 horas, distribuídas em 3 horas semanais, sendo destinadas a debater e orientar questões de práticas surgidas durante as aulas, sendo realizada nas quartas-feiras durante a tarde no colégio PV Sinos São Leopoldo sob a orientação dos formadores da FULBRA; - Ações com o intuito de resgatar alunos evadidos realizada pela equipe que compõe o ProJovem no caso estudado; - Apoio da coordenação local aos Planos de Ação Comunitária, contribuindo para o acompanhamento da frequência e permanência dos alunos; - O engajamento dos diversos parceiros da comunidade local no desenvolvimento das ações comunitárias, planejadas e realizadas pelos alunos constitui- 	<p>ininterruptos;</p> <ul style="list-style-type: none"> - A proposta pedagógica não prevê recesso escolar nem férias, o que entra em choque com a cultura dominante de férias, principalmente nos períodos de final de ano e nos meses seguintes de janeiro e fevereiro; - O financiamento se apresenta como um limitador, pois os recursos são condicionados ao número de alunos frequentes e que realizam os exames externos ao final de cada ciclo. O FNDE toma como referência o valor <i>per capita</i> mensal de R\$165,00. Além disso, em função do número de desistências ao longo do programa, ocorre uma redução de recursos para o desenvolvimento do programa, restringindo as ações para o devido atendimento das necessidades dos jovens; - A disponibilidade de carga horária dos professores para cumprir 30 horas semanais, já que estes possuem outros contratos de trabalho a fim de completar sua renda; - O caso apresentado não apresenta a Qualificação Profissional como sendo um objetivo atendido, apesar de apresentar que foram atendidos a elevação da escolaridade e a promoção de cidadania destes jovens.
--	--	--

	<p>se como exemplo de participação social e política para a construção de uma sociedade mais justa e solidária, servindo também como incentivo para a conclusão do programa;</p> <p>- Os alunos foram incentivados a comparecer a eventos voltados à inclusão social e cidadã em diversos espaços como participação social e política, formação profissional, aulas especiais e atividades artísticas e culturais;</p> <p>- A coordenação promoveu o acesso às provas do Exame Nacional de Ensino Médio (ENEM) de anos anteriores a fim de preparar os alunos para o exame, bem como ajudar na inscrição e no acompanhamento de todos os alunos inscritos no exame;</p> <p>- 380 Alunos do caso apresentado realizaram o ENEM, em que 11 alunos foram aprovados com sucesso em todas as áreas de conhecimento avaliadas pelo ENEM. Desses, 3 alunos ingressaram no ensino superior em instituições da região, em cursos da sua escolha, com bolsa integral do Programa Universidade para Todos (PROUNI);</p> <p>- O caso apresenta que as aulas de informática foram realizadas com sucesso, através da existência de laboratório com internet, permitindo assim a inserção do jovem ao mundo da informática.</p>	
<p>BARROS,2011 RIO DE JANEIRO - RJ</p>	<p>- O ProJovem foi percebido por alguns alunos como a oportunidade de concluir os estudos permitindo tivessem uma melhor inserção no mercado de trabalho;</p> <p>- A atuação dos professores envolvidos foi percebida positivamente. Estes se</p>	<p>- Não recebimento do diploma, dificultando a comprovação da escolaridade para assim poderem ingressar no segundo grau e para comprovarem a qualificação profissional na área estudada;</p> <p>- Ausência de aulas de</p>

	<p>apresentavam como verdadeiros incentivadores dos alunos para a continuidade de seus estudos;</p> <ul style="list-style-type: none"> - O Plano de Ação Comunitária também se apresentou positivamente; - A possibilidade de conhecer novas pessoas e de participar de atividades culturais desenvolvidas pelo programa; - A bolsa auxílio - O programa possibilitou uma melhoria na autoestima de alguns alunos; - O programa ofereceu orientações de comportamento para a inserção no mundo do trabalho; 	<p>informática;</p> <ul style="list-style-type: none"> - Atraso do pagamento das bolsas; - Falta de professores; - Falta de credibilidade do programa perante as escolas de segundo grau que dificultavam a aceitação do diploma do aluno para a realização da matrícula; - O curto espaço de tempo para repassar o conhecimento aos alunos dificultava no processo de aprendizado deles, tendo em vista que as turmas são formadas por perfis diversificados, tanto escolares como de vida; - A evasão dos alunos se apresenta como problema crítico do funcionamento do programa. Podendo ter como motivadores a falta de interesse dos jovens, como também a precariedade na organização do funcionamento do programa por parte deste município, onde havia falta de documentação, organização precária, descontinuidade da bolsa auxílio e grande rotatividade de professores. Havia também muita falta e ausência por parte de alguns destes; - Não houve aulas de informática devido à má gestão da coordenação do núcleo e por falta de estrutura; - A qualificação profissional não se apresentou como sendo um fator forte de motivação para a inserção no programa; - Má divulgação referente à presença da qualificação
--	--	--

		<p>profissional dentro do programa;</p> <ul style="list-style-type: none"> - A qualificação se deu só no campo teórico; - O projeto de Orientação Profissional se apresentou de forma muito vaga aos alunos e durante de pesquisas estes mal sabiam definir a sua utilidade além de preencher o currículo; - Nenhum dos jovens entrevistados se inseriu na área de estudo que realizaram no ProJovem; - A dimensão da qualificação profissional foi percebida como sem possibilidade de mudança na vida profissional dos jovens; - Não puderam realizar as visitas técnicas e consequentemente não realizaram as atividades práticas voltada aos arcos das ocupações que escolheram;
--	--	---

Fonte: SOARES, 2013; LANZONI ET AL., 2012; BARROS, D. S., 2011

A partir da exposição dos dados coletados nas pesquisas que compõem a tabela, percebe-se a existência de diferenças de aplicação nas cidades estudadas. No entanto, todos os casos apresentados possuem fragilidades referentes à operacionalização do programa, sendo estas relacionadas a:

- Valor e recebimento das bolsas,
- Evasão dos alunos matriculados no PJU
- Compreensão do alcance da qualificação profissional por parte dos educandos.

Dessa forma, essas fragilidades comprometem o alcance efetivo do programa. No entanto, ao tratar da reinserção escolar, a mesma apresenta-se como o grande legado do programa em alguns momentos, tendo em vista que muitos jovens a partir do programa conseguiram retomar os estudos e concluí-los ou até mesmo ampliá-los.

Vale destacar que o quadro construído pode não abordar todas as forças e fragilidades da execução e operacionalização do programa. De toda forma, o mesmo contribui como sendo o início para a construção de um panorama mais objetivo que permite levantar pontos que possuem potencial de melhoria para uma replicação do mesmo.

Esse levantamento possibilita construir um melhor entendimento aos desafios encontrados em diferentes contextos da aplicação do programa. Assim, o mesmo vem a possibilitar a identificação da relevância do comportamento dos atores locais (educadores, coordenação local) para a manutenção dos alunos dentro do programa.

Com isso, os dados apresentados dão indicações de que os comportamentos dos atores podem ser considerados como um dos aspectos que possibilitam a contribuição para um melhor desempenho do programa, dimensão essa que será abordada na aplicação desta pesquisa.

Faz-se neste momento o seguinte questionamento: **De que forma os atores envolvidos na operacionalização do programa PJU podem contribuir para reduzir a evasão dos alunos?**

O texto de Schmidt et al. (2011) estuda o caso do Programa Nacional de Inclusão de Jovens – ProJovem apresentado durante o evento paralelo do Encontro de Alto Nível das Nações Unidas sobre a Juventude em 2011 a partir de uma parceria entre o UNFPA – Fundo de População das Nações Unidas e o governo brasileiro. Por meio da Secretaria Nacional de Juventude, o estudo de Schmidt et al. visou a análise dos desafios centrais do ProJovem segundo a realidade brasileira. Dessa forma, o texto elenca alguns elementos que considera como principais para uma replicabilidade ao final de um ciclo de execução. Aponta-se as seguintes recomendações para tal:

- ❖ Utilizar dados sociodemográficos robustos para a delimitação de prioridades de políticas para a juventude, principalmente levando-se em conta o panorama mais amplo da transição demográfica vivenciada por vários países de renda média;
- ❖ Estabelecer na fase de implementação, a coordenação direta da presidência em políticas de juventude contribui para caracterizar este tipo de ação como uma política de governo, garantindo o compromisso de várias áreas de governo e a intersectorialidade da temática;
- ❖ A concepção de um modelo de monitoramento de indicadores desde a concepção da política pública voltada para a juventude é peça-chave

para a sustentação política e para o devido acompanhamento das várias etapas do programa;

- ❖ A ênfase no papel dos jovens enquanto agentes de transformação na comunidade deve ser associada à geração de renda e à própria capacitação profissional deste segmento;
- ❖ O vínculo entre educação formal, capacitação e participação comunitária da geração de renda, o que permite que se enfrente o desafio de inclusão social de maneira intersetorial e sustentável.
- ❖ A união de instituições de ensino não apenas no monitoramento, mas também na formulação de políticas para a juventude contribui significativamente para a melhoria da gestão, definição de metodologias e instrumentos a serem utilizados na avaliação e planejamento de ações para este segmento.

A partir do exposto, faz-se necessário identificar como se dá atualmente a gestão do programa ProJovem Urbano em âmbito local para, assim, compreender as necessidades de seus atores e possibilitar construir uma relação entre as recomendações apresentadas, se elas se aplicam ou não em âmbito local e de que forma, assim como identificar a existência ou não de reproduções ao se tratar dos pontos positivos e negativos apresentados na aplicação.

CAPÍTULO 3 - QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL

Este capítulo tem como objetivo realizar uma discussão em torno da Qualificação Profissional, identificando os principais teóricos que abordam o tema e aprofundando sua relevância na existência humana.

3.1 DEFINIÇÃO DE QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL

A definição do significado de uma palavra em uma dada língua pode auxiliar em um melhor entendimento de como ela se aplica na sociedade. Com este objetivo, identifica-se a etimologia das palavras qualificação e profissão e seus possíveis significados.

Com isso, “qualificação”, segundo o dicionário brasileiro da língua portuguesa Michaelis On-line (s.d.)¹ é derivado da palavra qualificar + ação; qualificar vem do latim *qualificare* e possui os seguintes significados:

- Verbo Transitivo Direto (VTD):
 - (1) atribui qualidade a:
 - (2) Indica qualidade de ou opinar a respeito de; apreciar, avaliar, classificar
 - (3) Atribuir um título a, tornar ilustre; enobrecer.
 - VTD e Verbo pronominal (VPR)
 - (1) Registrar(-se) como eleitor:
 - (2) Preparar alguém ou preparar-se para realizar determinada tarefa ou exercer uma função; capacitar, habilitar
- A palavra profissão, segundo o mesmo dicionário, tem etimologia do latim *professio*, *-onis* e possui os seguintes significados:
- Substantivo Feminino
 - (1) Ato ou efeito de professar.
 - (2) Liturgia: Solenidade na qual, acabado o noviciado, o noviço ou noviça se consagra a vida religiosa.
 - (3) Declaração de uma crença, política ou religiosa.
 - (4) Ocupação ou emprego do qual se obtém o sustento para si e seus dependentes.
 - (5) Ofício para o qual uma pessoa se especializou.

¹ Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/>. Acesso em: 12 de novembro de 2018.

O levantamento etimológico e a apresentação dos significados, possibilita identificar o contexto de discussão que compõe a utilização dos termos em separado.

Os significados dos termos qualificação e profissão que constam no dicionário e estão voltados ao mundo do trabalho são: Qualificação: pelo seu significado (2) do VTD e VPR, que a conceitua como preparar alguém ou preparar-se para realizar determinada tarefa ou exercer uma função; capacitar, habilitar. Profissão: pelo significado (4) como uma ocupação ou emprego do qual se obtém o sustento para si e seus dependentes e (5) Ofício para o qual uma pessoa se especializou.

Dessa forma, ao utilizar os termos qualificação e profissão em conjunto, chega-se ao seguinte conceito de qualificação profissional: “capacitação para a realização de uma função visando a obtenção de sustento, através do exercício pelo qual se especializou”.

No entanto, concordamos com Filgueiras (2011), que esclarece que definir a qualificação profissional não é tarefa simples, tendo em vista que é um conceito complexo e com vários significados. Essa complexidade e diversidade de significados pode ser identificada a partir da variedade semântica que os termos em separado possuem, como demonstrado inicialmente.

É importante ressaltar, conforme Filgueiras (2011) apresenta, que a qualificação profissional desempenha funções sociais mais amplas do que o aprendizado de conhecimentos e habilidades necessárias ao desempenho do trabalho. A qualificação acompanha a divisão do trabalho e a segmentação do mercado de trabalho.

Assim, Ferreti (2004) esclarece que algumas discussões sobre a qualificação profissional se apresentam em 3 fases, que se iniciam no período artesanal, passando ao período taylorista-fordista, e finaliza na chamada reestruturação produtiva em curso. No entanto, o autor resalta que esse esquema trifásico desconsidera a complexidade e a não linearidade do desenvolvimento e das formas de produção.

Assim, se faz necessário considerar que a complexidade relacionada à qualificação profissional está diretamente ligada à complexidade que compõe o ser humano e suas relações, sejam elas sociais e/ou ambientais, pois este é agente ativo dentro do processo de qualificação profissional e de desenvolvimento.

Nessa perspectiva, volta-se o olhar para a qualificação profissional como um processo, processo, este que se relaciona à aquisição de conhecimentos técnicos e específicos que visam tornar o homem-trabalhador apto para a realização de determinadas tarefas.

A partir do exposto, se faz necessário levantar os principais teóricos que abordam a qualificação profissional e discuti-los. Diante disto, Tomasi (2004) esclarece que o conceito de qualificação profissional surgiu no período que seguiu a Segunda Guerra Mundial, marcado pelos esforços de modernização do aparelho de produção e de intensificação do taylorismo. Os principais estudiosos sobre este tema são os dos sociólogos do trabalho Pierre Naville e Georges Friedman.

Assim, a qualificação profissional pode ser abordada sobre diferentes ângulos, sendo eles: “essencialista” ou “substancialista”, que parte da qualidade e da complexidade das tarefas para chegar aos atributos essenciais para que o trabalhador as desempenhem (TARTUCE, 2004 apud CAMPINOS-DUBERNET; MARRY, 1986) ; “relativista” que é uma visão representada inicialmente por Pierre Naville, que não concebe a qualificação apenas do prisma da técnica e do conteúdo do trabalho (ainda que os considere), mas antes como sendo um processo e um produto social que decorre por um lado, da relação e das negociações tensas entre capital e trabalho e, por outro, de fatores socioculturais que influenciam o julgamento e a classificação que a sociedade faz sobre os indivíduos.

Segundo Rocha,

Naville compreende a qualificação profissional como uma mistura de fatores determinantes na vida do trabalhador como: o salário (retribuição do trabalho executado pelos que não possuem os meios de produção), a divisão das tarefas nos ramos produtivos (ou divisão técnica das operações), a repartição das capacidades (forma como a mão de obra se distribui em razão da dinâmica social que das vocações), a hierarquia dos trabalhos (importância social dos tipos de atividades – manuais, intelectuais, ligada a gênero), a habilidade (capacidade operatória do trabalhador) e o tempo necessário para a aprendizagem do ofício (ROCHA, 2011, p. .238).

Logo ao realizar uma análise sobre o que trata a abordagem “essencialista” ou “substancialista”, percebe-se a importância dada à bagagem técnica no que se refere à relação da realização do trabalho pelo homem, onde o homem-trabalhador se volta a adquirir uma série de conhecimentos que o permitam desempenhar suas atividades no seu posto de trabalho. Dessa forma, essa abordagem considera mais o trabalhador do que o homem, como se fosse possível separar um do outro.

A abordagem “relativista”, por outro lado, amplia a percepção do impacto gerado pela qualificação profissional, pois, considera além da técnica e do conhecimento para a realização do trabalho, e olha o homem-trabalhador como um ser social, que carrega sua bagagem composta pelas mais diferentes experiências para os ambientes que circula, através de um processo de formação humana para a sociedade. O processo de formação do homem-trabalhador apresentado pela

perspectiva relativista volta-se para as atividades do trabalho, mas principalmente para o aspecto sociocultural que a realização deste trabalho possui na vida do homem.

Assim, a qualificação profissional vai além de manter-se empregado ou adquirir um trabalho: ela permite a busca por cargos que o remunerem de acordo com a sua capacidade produtiva atual, de forma que a valorização de suas habilidades aumentem seu poder de negociação, junto aos empregadores, além de refletir positivamente na autoestima dos indivíduos, como no seu engajamento com as questões políticas, econômicas e sociais, uma vez que as mesmas passam a ser identificadas como fatores que influenciam o ambiente de trabalho (ROCHA-VIDIGAL; VIDIGAL, 2012).

Portanto, se faz necessário observar que as ações de realização dos processos de formação/qualificação do homem-trabalhador são diversas, podendo ser impulsionadas pelo mercado e/ou pelo Estado.

Filgueiras (2011) esclarece que essas ações de formação do homem-trabalhador podem estar referidas aos ambientes de trabalho dentro das empresas, assim como às cadeias produtivas e elementos comportamentais dos trabalhadores.

Dessa forma, Moll & Cols. (2010) apontam que as transformações decorrentes do processo de produção da sociedade influenciam decisivamente no papel que a educação e a formação profissional possuem na inserção e trajetória ocupacional das pessoas ao longo da vida.

Apesar das transformações em curso no sistema produtivo, é relevante considerar, conforme apresenta Macedo 2011 apud NAVILLE, 1975, que, dentro do sistema capitalista, é a “divisão social do trabalho” que se impõe às disposições orgânicas dos homens e ao considerar à aptidão, utiliza o termo adaptação ou aptidão adquirida. Dessa forma, fica claro que o homem tem pouca oportunidade de fazer as escolhas conforme suas aptidões naturais e interesses pessoais, sendo boa parte delas relacionadas ao enquadramento social ditado. Com isso, o enquadramento do homem dentro do grupo em que está alocado dita as possibilidades de realização de seus anseios e vontades que podem vir a ser limitados por aspectos circunstanciais.

Sendo assim, pode-se considerar que a qualidade de acesso ao mundo do trabalho se relaciona diretamente com o nível das informações adquiridas e conseqüentemente a utilização eficaz das mesmas para a identificação de oportunidades de trabalho. Dessa forma, observa-se que pessoas pobres e/ou com recursos mínimos, privadas pelos mais diversos fatores de uma educação de qualidade desde muito cedo e que convivem com todo tipo de adversidade, se veem forçadas a se enquadrar no emprego precário e instável devido a uma escolarização fragilizada.

Neste sentido, Barbosa & Porfirio (2009) apresentam a dualização social da educação brasileira em que segmentos médios e abastados seguem a cultura humanística e a formação para o trabalho se destina às famílias trabalhadoras. Assim, a educação e a formação profissional se apresentam como o caminho para obter condições econômicas para a vida de jovens e adultos que, por circunstâncias sociais, são privados do acesso a uma educação de qualidade.

E é, dentro desse contexto que se distinguem os investimentos em qualificação profissional que, segundo Rocha-Vidigal & Vidigal (2012) deixam claro, podem ser arcados pela empresa, pelo empregado, pelo governo, ou ainda por uma mistura de duas ou três dessas fontes, tendo em vista que a decisão de quem pagará depende essencialmente dos interesses envolvidos.

Mourão (2009) destaca que, para o governo, a qualificação profissional representa uma forma de assegurar a produtividade e competitividade do país; para os trabalhadores, representa autonomia e autovalorização e, para as empresas, representa sobrevivência dentro do mercado, produtividade e a qualidade dos produtos e serviços prestados.

Dentro deste cenário, são consideradas as pessoas pobres e/ou com recursos mínimos, que em diferentes contextos podem se ver impossibilitadas de arcar individualmente por um processo de qualificação. Desta forma, o Estado, em diferentes momentos e níveis não só pode, como deve disponibilizar ações que possibilitem aos membros desse grupo se qualificar profissionalmente, de forma que os mesmos sejam inseridos na sociedade de forma qualificante.

Assim, ao abordar ações do Estado na qualificação profissional, Gamelli & Carvalho (2008) apresentam o grande valor estratégico que a qualificação profissional possui enquanto definidora e/ou fomentadora da territorialização das atividades produtivas, associada à formação da mão-de-obra para as esferas em expansão ou como ferramenta para qualificar trabalhadores para novos campos de trabalho que possam surgir e se tornar atrativos.

Seguindo com essa linha de definidora e/ou fomentadora de atividades produtivas, Rocha-Vidigal & Vidigal (2012) apontam que investimentos em qualificação profissional possibilitam aumentos de produtividade e eficiência para as empresas, e tem como resultado social uma elevação do salário médio da economia que, segundo os autores, ocorre em decorrência do aumento da produtividade média dos trabalhadores.

No entanto, se faz necessário levantar o seguinte questionamento: **as ações promovidas voltadas à qualificação para jovens e adultos se dão de forma efetiva para aqueles que se destinam a participar delas?**

A qualificação profissional não pode ser uma ação limitada aos interesses empresariais, mas também deve ir de encontro ao desenvolvimento de um homem-trabalhador, crítico das tarefas que executa dentro do sistema que participa, de forma com que esse trabalhador tenha conhecimento para agir contra possíveis ações exploradoras e opressoras desenvolvidas pelo contexto político-econômico.

Assim, se faz necessário analisar os tipos de qualificação profissional. Conforme Rocha-Vidigal & Vidigal (2012) esclarecem, a qualificação adquirida pelos trabalhadores pode ser: (1) específica: proporciona a elevação de produtividade apenas para a empresa que o trabalhador atua. Sendo assim, esta qualificação adquirida não será aproveitada caso o indivíduo mude de empresa; ou (2) geral: que faz parte da gama de conhecimentos do indivíduo e pode ser utilizada em outras atividades e empresas.

Ao Estado, como financiador do processo de qualificação profissional na busca por melhorias aos seus cidadãos, pode ser melhor enquadrada a qualificação geral, por objetivar capacitar as pessoas para o melhor desenvolvimento de suas habilidades na execução de uma atividade produtiva.

No entanto, é necessário ressaltar que, conforme abordado por Gemelli & Carvalhal (2008), os programas de qualificação profissional nunca serão responsáveis pela extinção do desemprego, pois este é essencial para a manutenção do sistema capitalista que conta com uma mão-de-obra reserva para manter a sua produção.

Entende-se com isto que a qualificação profissional tem que estar diretamente ligada ao sistema produtivo, o que só demonstra o caráter de manutenção do sistema capitalista e a urgência na construção de um trabalhador capaz de se movimentar e adquirir os recursos necessários para sua sobrevivência dentro deste.

3. 2. QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL NO BRASIL

Ao referir-se à qualificação profissional no Brasil, é relevante analisar onde se encontram as oportunidades de qualificação profissional. Diante do exposto, a pesquisa realizada por Mourão (2009), em que a autora buscou analisar as oportunidades disponibilizadas pelas empresas no Brasil, destaca que as mesmas ainda são restritas, apesar de toda a relevância dada ao tema.

A autora supracitada, em sua pesquisa, chama atenção para o fato de que as oportunidades de qualificação se concentram em empresas de grande porte, com mais de 100 funcionários, mais de 22 anos no mercado e localizadas nas regiões Sul e Sudeste.

Assim, percebe-se que ações de qualificação profissional desenvolvidas pelas empresas ainda são insipientes, o que deixa evidente a discrepância no que se refere às regiões onde essas possibilidades se encontram.

Com isso, ao longo da história do Brasil, diversos planos de governo foram desenvolvidos voltados à qualificação dos trabalhadores. Santos (2013) esclarece que, dentre as ações de políticas ativas para o mercado de trabalho, estão as de formação/qualificação profissional, sendo populares tanto no Brasil quanto em países mais desenvolvidos. Tais ações partem do princípio de que quanto mais qualificado um indivíduo, maior suas chances de encontrar trabalho ou de se manter.

Ao longo da história do Brasil foram desenvolvidos alguns programas de qualificação profissional. Segundo Macêdo (2011), tais programas são as ações de qualificação profissional no Brasil: o Programa Intensivo de Preparação de Mão de obra (PIPMO) (1963 -1982), o Plano Nacional de Educação Profissional (PLANFOR) (1995-2002), o Plano Nacional de Qualificação (PNQ) (2004 - 2011), o Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na modalidade de Educação de Jovens e Adultos – Formação Inicial e Continuada com Ensino Fundamental (PROEJA FIC) (2006 - Atual) e o ProJovem (2005 - atual).

Sendo todos esses planos de qualificação profissional relacionados aos planos de desenvolvimento socioeconômico delineado por agentes políticos, que segundo o DIEESE (2011), buscaram reorientar a vocação do Brasil a partir da década de 30 na busca de alterar a economia de agrário-exportadora para indústria, mais voltada para o abastecimento interno com o processo de substituições de importações. De acordo com Macedo (2013), a partir desse período houve um avanço do processo de industrialização em que os grandes centros passaram a demandar mão-de-obra capacitada para atividades industriais.

Dessa forma, percebe-se que o Brasil vem realizando diversos programas voltados à elevação da escolaridade e à qualificação profissional da sua população. De acordo com o Relatório Educação para Todos 2000-2015 (MEC, 2014), desde o ano 2000, o Brasil vem buscando melhorar seus resultados referentes ao desenvolvimento humano pleno e sustentável, apresentando-se a partir do desenvolvimento de uma política de governo através da aplicação de diversas ações do Ministério da Educação brasileiro entre outros ministérios, em que são apresentados os investimentos realizados em educação no Brasil, afirmando que o gasto público do Brasil cresce 72,9%, enquanto a média apresentada pelos países da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico - OCDE cresce apenas 3,5%, evidenciando o aumento da participação dos entes federados no gasto público em educação voltados principalmente à qualificação profissional a longo e a

curto prazo. Os gastos apresentados realizados na educação passam a possuir um reflexo muito forte na economia do país.

Segundo o DIEESE (2011), entre as décadas de 90 e 2000, houve uma profunda mudança de perfil da população em idade ativa (PIA) do Brasil. Esta passou ao longo dos últimos 10 anos por um rápido movimento de escolarização, ainda em curso, sendo a idade média da PIA de 14 anos e mais.

Dessa forma, dentro da dinâmica de reorganização produtiva instalada na década de 30, o nível de qualificação profissional da população se tornou um dos requisitos levantados para a implementação de uma empresa nas localidades. De acordo com o documento denominado *Performances fortes e Reformas de sucesso em educação: Lições do PISA para os EUA*, a OECD se posiciona com relação à postura do Brasil diante da qualificação profissional da sua população dizendo:

A lógica do desenvolvimento econômico² forçou o assunto. Com uma melhor posição econômica, o Brasil não pode depender mais da mão de obra barata. As empresas até podem treinar os trabalhadores para as funções básicas, mas passar de uma economia baseada em commodities para uma economia baseada na agregação de valor às matérias-primas requer uma força de trabalho muito mais bem-educada (OECD, 2011).

DIEESE (2011) apresenta que no ano de 1998, pouco mais da metade da população em idade ativa - PIA (51,2%) era formada por indivíduos com até o ensino fundamental incompleto, com o passar dos anos esse segmento foi perdendo representatividade para a camada dos mais instruídos, que formam o grupo dos indivíduos com escolaridade igual ou superior ao ensino médio completo, passando a responder por 45,0% da PIA, em 2008.

Diante do exposto, percebe-se a queda da representatividade de pessoas em idade ativa (PIA) com baixa escolaridade ao longo de 10 anos, em que o estudo foi realizado de 1998 a 2008, essa representatividade desse perfil de trabalhador vai de encontro com a demanda por trabalhadores mais qualificados apresentada pela OECD (2011), que trata de um trabalhador mais qualificado para o exercício profissional no mercado.

Essa postura por parte das empresas é apresentada pelo DIEESE (2011) onde, entre os anos de 1998 e 2008, identifica-se o fechamento do mercado de trabalho para as pessoas menos escolarizadas. Isto se reflete em um aumento do tempo de procura por trabalho pelos desempregados com este perfil, em especial aos

² Furtado (2003) conceitua desenvolvimento econômico como sendo o que representa o acesso a bens e condições em bases qualitativas medido por índices de eficiência.

trabalhadores com até o ensino fundamental incompleto (10,1% a.a). Dessa forma, apresenta-se uma expulsão de pessoas com essas características, sendo apresentada por uma redução da taxa de participação (0,8% a.a). No entanto, o DIEESE (2011) ainda esclarece que essa saída desses trabalhadores pode ser justificada não só pela seletividade do mercado de trabalho, mas também com uma mudança do perfil etário deste segmento da PIA, cada vez mais identificado com pessoas muito jovens (fora do mercado de trabalho para concluir os estudos) e idosos, devido à aposentadoria.

Com o intuito de possibilitar a esse grupo de trabalhadores com os estudos incompletos, principalmente no que se refere ao ensino fundamental e básico, é que os programas de qualificação profissional foram desenvolvidos. Boa parte desses projetos têm o intuito de elevar a escolaridade e possibilitar uma formação inicial aos trabalhadores.

Macedo (2011) esclarece que muitas pessoas chamam os projetos de formação inicial como de “cursos técnicos”. No entanto, eles se diferenciam dos considerados cursos técnicos pelo fato de estes últimos serem submetidos à legislação específica determinada pelo Ministério da Educação e pelas secretarias estaduais de educação, de forma que se situam no nível do ensino médio.

Concordamos com Macedo (2011), quando a autora aborda a importância da elevação da escolaridade atrelada a um processo de formação inicial para o trabalho, como um direito que foi negado quando do afastamento da escola, que faz integra uma “parte essencial da vida”, que é aprender nem que seja para simplesmente fruir dos bens culturais disponíveis ou para inserir-se ou manter-se no mundo do trabalho – ou ambas as opções.

Dessa forma, é necessário que o Estado compreenda a qualificação profissional como um direito a todos àqueles, sejam jovens ou adultos, que por diferentes motivos não puderam dar continuidade ao seu processo e assim disponibilizar programas que possibilitem a infraestrutura e os recursos necessários para a concretização desta trajetória na vida destes indivíduos.

CAPÍTULO 4 – DESENVOLVIMENTO E GESTÃO DE PROJETOS

Este capítulo discute as discussões acadêmicas em torno do desenvolvimento e gestão de projetos, para compreender quais elementos são apresentados como relevantes na condução de projetos e assim, possibilitar uma relação dos mesmos com os projetos em educação.

Com isto, pode-se estabelecer contribuições objetivas dessa área de conhecimento no desenvolvimento efetivo de projetos voltados à qualificação profissional.

4.1 GESTÃO E DESENVOLVIMENTO DE PROJETOS

Meredith & Mantel Jr. (2011) definem um projeto como uma atividade periódica que possui um conjunto definido de resultados finais almejados. Pode-se dividi-los em subtarefas que necessitam ser realizadas a fim de atingir as metas do projeto. Os mesmos autores explicitam que propósito, ciclo de vida, interdependências, singularidade e conflitos são alguns dos atributos que caracterizam os projetos

A partir desse conceito e dos atributos que compõe os projetos, compreende-se que os projetos possuem objetivos definidos e demarcação de tempo estabelecida de forma clara. As tarefas são complementares e possuem cada uma características específicas ao que o projeto se destina e que são distribuídas e executadas entre os atores para que o resultado final seja atingido. No entanto, nos momentos de execução é que surgem os conflitos dentro da gestão de projetos, caracterizando assim os projetos como um processo complexo, tendo em vista que eles são fortemente impactados pela ação humana.

É bem verdade que os projetos podem se aplicar a diferentes atividades produtivas. Dessa forma, observa-se que na sociedade moderna, o uso de serviços é uma constante, usa-se diariamente diferentes tipos de serviço, desde serviços mais complexos, como o de manutenção de máquinas, que exigem uma maior qualificação e conhecimento adquirido para a realização da tarefa, até prestação de serviços menos complexos, como um serviço de limpeza, que pode não exigir tanto acúmulo de conhecimento.

São diversas as nuances de composição e prestação de serviços. No entanto, o critério de escolha de um cliente para a utilização de um serviço pode ter as mais diferentes dimensões de escolha, desde preço, atendimento, qualidade entre outras características específicas do usuário.

Dessa forma, é relevante analisar bem as diretrizes a serem tomadas para projetar um serviço. Para o desenvolvimento de um melhor projeto em serviços, Slack (1999) esclarece que se faz necessário uma sobreposição das atividades de projeto e de processo, tanto na produção de produtos, como na produção de serviços, por considerar de suma importância no custo, na funcionalidade e no tempo gasto na concepção do projeto ao seu lançamento. O autor ainda esclarece que essa sobreposição é ainda maior em operações que produzem serviços, devido ao fato de que estes envolvem o cliente, fazendo-o tomar parte no processo de transformação.

A principal característica de diferenciação de um serviço para um produto é a sua intangibilidade e sua simultaneidade. Não se pode ver um serviço ou guardá-lo, diferentemente do que acontece com os produtos. Slack (1999) classifica os tipos de processo em operações de serviços com diferentes características de volume e variedade, como sendo:

- A) Serviços Profissionais, com alta variedade e baixo volume, definido como organizações de alto contato. Os clientes despendem tempo considerável no processo do serviço, proporcionando assim altos níveis de customização, sendo o processo do serviço altamente adaptável para atender às necessidades individuais dos clientes. Ex: consultores de gestão, advogados, arquitetos e alguns serviços especializados na área de computadores.
- B) Serviços de Massa, com baixa variedade e alto volume. Elas compreendem muitas transações de clientes, envolvendo tempo de contato limitado e pouca customização. Ex: supermercados, serviços de telecomunicações, livrarias, emissoras de televisão, atendimento em um serviço público entre outros;
- C) Loja de Serviços, que está entre os serviços profissionais e os serviços de massa, estas caracterizadas por níveis de contato com o cliente, customização, volume de clientes e liberdade de decisão do pessoal, que as posiciona entre os extremos do serviço profissional e de massa. Este serviço é uma combinação de atividade de escritórios da linha de frente e da retaguarda, pessoas e equipamento, e ênfase no produto/processo. Ex: Bancos, lojas em ruas comerciais e shopping centers, empresas de aluguel de autos, escolas, maior parte dos restaurantes, hotéis entre outros.

Segundo Reid & Sanders (2009), o projeto de serviços é o processo de estabelecer todas as características do serviço, incluindo benefícios físicos, sensoriais e psicológicos. O alto nível de contato com o consumidor é o principal responsável por permitir, além das experiências físicas, experiências sensoriais e psicológicas. Esses

mesmos autores, apontam que, o conceito do serviço é baseado no encontro das necessidades de seu usuário, de forma que se pode adicionar benefícios estéticos e psicológicos de produto.

No entanto, para esta pesquisa, parte-se do princípio que ao incorporar conceitos de desenvolvimento e gestão de projetos, projetos de serviços, pode-se obter um melhor delineamento no desenvolvimento de projetos públicos voltados à qualificação profissional. De forma que se permita a construção de uma experiência mais atreladas às necessidades dos usuários.

Siqueira (2009, aponta elementos que norteiam o projeto de serviço, e, que os mesmos levam em consideração:

- A equipe envolvida na prestação do serviço;
- O nível de contato do cliente com o processo de prestação do serviço e o contato com outros clientes;
- O marketing por trás da prestação do serviço (contemplando pontos de contato com o cliente, propaganda, pesquisa de mercado e faturamento).

Ao realizar pesquisa na plataforma Science Direct a partir da palavra-chave, Project management, a partir do critério de relevância por data, identifica-se 635,557 resultados. Na análise dos 25 artigos classificados como mais relevantes, pode-se constatar que o termo Project management está associado aos seguintes temas:

- Complexidade do projeto
- Capacidade de absorção da equipe
- Impacto do gerenciamento da integração no desempenho do gerenciamento de projetos
- Gestão sustentável de projetos através do controle de projetos
- Gerenciamento de projetos como gerenciamento de informações em pesquisa interdisciplinar
- Plataforma de governança para gerenciamento de vários projetos
- Fatores de sucesso de gerenciamento de projetos de custo e tempo
- Sustentabilidade em gerenciamento de projetos
- Gerenciamento de problemas de projetos
- Gerenciamento de benefícios do projeto
- Fatores de sucesso da gestão de projetos
- Gerenciamento multicultural de projetos
- Gestão do risco na construção de projetos

-Sensemaking

Dessa forma, identifica-se a existência da transversalidade entre o tema gerenciamento de projetos e outros aspectos atrelados a este, como, benefícios, problemas, sucesso, multicultural, integração no desempenho.

Assim, destaca-se a relevância em torno da discussão da gestão de projetos e das possibilidades encontradas através da sua utilização. Pode-se constatar que se trata de uma questão atual, tendo em vista que os artigos contemplados no levantamento são publicações de 2016 a 2018.

Dentro desse universo de análise em torno da gestão de projetos identifica-se pesquisas como as de Too & Ogunlana (2010), que aborda a mudança de elementos relacionados aos indicadores tradicionais de performance (prazo, orçamento e especificações acordadas) como não sendo os mais aplicáveis na mensuração do desempenho de grandes projetos de desenvolvimento do setor público. Além disso, a pesquisa destaca que indicadores como segurança, uso eficiente dos recursos, efetividade, satisfação dos stakeholders e redução dos conflitos e disputas estão se tornando cada vez mais importantes.

Para afirmar a tendência dessa mudança, que se relaciona aos elementos que compõem os indicadores de performance, baseia-se em Stevenson & Starkweather (2010). Ao proporem pesquisar e analisar as fontes de sucesso do projeto através da investigação das competências humanas necessárias, os autores identificam seis competências essenciais aos gestores de executivos da área da TI: liderança, capacidade de se comunicar em múltiplos níveis, habilidades verbais e escritas, atitude e capacidade de lidar com a ambiguidade e a mudança.

Nessa mesma linha de considerar competências humanas em torno da gestão de projetos é que Fisher (2011) apresenta as seis específicas habilidades e comportamentos de um gerente de projetos efetivo com pessoas, sendo elas: compreensão das características comportamentais, liderar outros, influenciar outros, comportamento autenticizoioco, gestão de conflitos, consciência cultural.

Tanto o trabalho de Fisher (2011) como o de Stevenson & Starkweather (2010) destacam a importância de habilidades e comportamentos relacionados à gestão de pessoas na condução de projetos.

Dessa forma, os trabalhos apresentados destacam a tendência de se buscar captar os atores adequados para atuar na gestão de projetos, de forma que se possa utilizar das habilidades e competências dos mesmos, permitindo que estas (habilidades e competências) possibilitem resultados voltados à efetividade dentro do

projeto que estes atuam, pois sabe-se da relevância do fator humano para o sucesso e melhor desempenho do projeto.

Assim, vale levantar o seguinte questionamento: **quais caminhos seguir para se captar atores que possuam em suas características comportamentais aspectos que ultrapassam as capacidades técnicas e que possam permitir a construção de resultados mais efetivos do projeto?**

Sabe-se que existem diversas métricas relacionadas ao entendimento de sucesso do projeto em termos de custo gerado e retorno obtido na conclusão do mesmo, ou até mesmo de aspectos relacionados ao tempo de execução do projeto e o custo gerado.

No entanto, essas métricas relacionam o sucesso à lógica do sistema produtivo dominante tecnocrático e elitista. Neste trabalho, essa lógica econômica não é abordada, não que a mesma não seja relevante, mas ela está relacionada com uma dinâmica de organização social, em que o resultado principal está ligado à capacidade de prover ou à geração de um lucro ou redução de um custo.

Este trabalho tenta quebrar com essa lógica, já que entende que o serviço público tem o dever de ser promovido com o objetivo de atingir a necessidade da sociedade.

Principalmente quando este serviço é um serviço de educação, deve-se compreender e voltar o olhar para aspectos comportamentais dos atores envolvidos que impactam diretamente o alcance dos resultados do projeto, em muitos momentos não considerados como relevantes para a mensuração de um resultado de sucesso ou fracasso. No entanto, tais aspectos podem ser apenas a ponta do iceberg, já que impactam diretamente na má utilização de recursos sejam eles financeiros ou de utilização do tempo.

4.2 - RELEVÂNCIA DA APLICAÇÃO NO DESENHO DE SERVIÇOS PÚBLICOS

Esse trabalho propõe a utilização de conceitos voltados à gestão e desenvolvimento de projeto de serviço de acordo com a engenharia da produção. Dessa forma, ao discutir projetos voltados à qualificação profissional desenvolvidos pelo Estado como uma ação educacional, discute-se a prestação de um serviço público criado e implementado a partir de uma decisão política.

Entende-se então o serviço público como uma ação promovida pelo Estado e operada pelo mesmo com o intuito de promover e prestar serviços de qualidade aos cidadãos de forma que suas necessidades sejam supridas.

Com isso, faz-se relevante a utilização do contexto do projeto de serviços diante da necessidade real em está desenhando serviços de qualificação profissional voltados aos seus usuários. Sendo assim, Santos (2016) afirma que identificar a necessidade do público-alvo de determinado serviço público, bem como interagir com o mesmo, tem sido um desafio para diversas organizações e esferas de governo, particularmente para os Municípios, devido ao fato de estarem mais próximos da população e conseqüentemente serem mais pressionados.

Dessa forma, a utilização da teoria de desenvolvimento situado -TDS -se apresenta como um escopo para auxiliar no desenvolvimento de projetos de qualificação profissional voltado aos seus usuários. Tal como apresentada por Santos (2016), o TDS supre a ausência de metodologia para *design* e implantação de serviços públicos capazes de auxiliar os gestores, sejam eles de carreira ou políticos, e dá expressão às necessidades dos cidadãos, envolvendo-os na concepção dos serviços dos quais são usuários.

Apesar de este projeto de pesquisa tratar da qualificação como um serviço público, não se tem o intuito de discutir os conceitos no que se refere às reestruturações da gestão pública.

CAPÍTULO 5 - TEORIA DO DESENVOLVIMENTO SITUADO

5.1 SITUANDO O DESENVOLVIMENTO

Muitas são as discussões em torno do que é desenvolvimento. Fala-se em desenvolvimento socioeconômico, desenvolvimento ambiental, desenvolvimento sustentável, desenvolvimento local, desenvolvimento situado, cada um com uma abordagem específica, para se definir o que é desenvolvimento e com diferentes estratégias de atuação.

Filho & Cunha (2009) esclarecem que esses conceitos são alicerçados em determinadas matrizes ideológicas, que dão suporte para a elaboração das propostas de implementação e avaliação de estratégias de desenvolvimento de um território, região, ou mesmo de um país. Dessa forma, esses debates contribuem para a formação pessoal e profissional, fundamentalmente pelas referências que fazem aos papéis que devem desempenhar o Estado, o mercado e a sociedade.

Concordamos que “atualmente o mundo vem seguindo o modelo do desenvolvimento baseado no consumo, numa dinâmica que vai do crescimento pelo crescimento” (q , 2015). No entanto, é necessário a construção de um desenvolvimento estabelecido pelas pessoas, em que as mesmas estejam habilitadas a fazerem escolhas melhor informadas e com condições de desenvolverem ações ativas em seus contextos (Watanabe, 2015).

Partindo dessa compreensão de desenvolvimento, este trabalho adota a perspectiva do desenvolvimento a partir do conceito de desenvolvimento situado abordado por Zaoual (2003, 2006, 2010), em que o autor levanta a importância do local, carregando assim um valor territorialista através das interações dos seus atores.

5.2 TEORIA DO DESENVOLVIMENTO SITUADO

De acordo com Zaoual (2006), o desenvolvimento situado parte da premissa de que todos são agentes de aprendizado e de ensino, em que as relações de troca “eu-tu” são ricas e contribuem para o crescimento e desenvolvimento do sítio, criando os “nós” locais.

O autor relata as trocas “eu-tu” como sendo trocas entre os indivíduos que interagem dentro dos seus locais, sejam estes os mais diversos locais de convívio social, desde um ambiente de trabalho até suas relações familiares, de forma que se

constroem “nós” locais. Neste caso, o “nós” pode se referir às pessoas envolvidas ou a laços criados e constituídos pelas pessoas envolvidas.

A partir de afirmações como estas, Zaoual propõe que a sociedade “moderna” reavalie as estruturas das relações sociais, de forma que esse processo de avaliação permita a construção de estruturas mais sólidas a partir das mesmas. Assim, contextualiza-se neste momento o desenvolvimento situado, apresentando suas críticas à globalização e à transposição de modelos padronizados de desenvolvimento com o intuito de amadurecer o conceito de igualdade de oportunidade, liberdade de escolha e desenvolvimento local.

5.3 OS SÍTIOS SIMBÓLICOS DE PERTENCIMENTO

Em um mundo que valoriza o acúmulo de capital e que a partir deste segrega aqueles que não obtêm acesso a determinados bens e serviço, quem pode ser considerado livre? Com isso, antes de qualquer conclusão e descrição, é necessário analisar o que é liberdade e quem a detêm.

Considerar que “todos” são livres é uma afirmação equivocada, tendo em vista que o conceito de liberdade vai muito além do conceito de ir e vir, ter ou não ter. Neste caso, porém, ele está diretamente relacionado com a igualdade de acesso às oportunidades. Com isto, podemos reformular da seguinte forma a questão anterior: todos os seres humanos têm liberdade e igualdade de acesso às oportunidades dentro do modelo de sociedade atual?

De acordo com Sen (2000), a relação entre a liberdade individual e o desenvolvimento social vai além da conexão constitutiva. O que os indivíduos podem conseguir positivamente depende de oportunidades econômicas, liberdades políticas, forças sociais e das possibilidades que podem proporcionar saúde, educação básica para a promoção e cultivo das iniciativas. Os mecanismos institucionais para aproveitar as oportunidades também dependem do exercício das liberdades dos indivíduos, através das liberdades para participar das decisões sociais e na elaboração das decisões públicas que impulsionam o progresso dessas oportunidades.

Assim, liberdade e igualdade de oportunidade são termos que se conectam para a construção de uma sociedade realmente desenvolvida. Sen (2000) esclarece que são várias as possibilidades de contradição existentes no conceito de desenvolvimento, tendo em vista que o mesmo pode ter diversos contrastes dependendo do aspecto de comparação para compreender o que é desenvolvimento e subdesenvolvimento.

Partindo para uma melhor compreensão da relação entre liberdade individual e desenvolvimento social, pode-se identificar a diversidade de contextos e a pluralidade de influências que agem sobre os indivíduos. Zaoual (2006) discute a ideia de que a construção científica em sentido de modelo único válido em qualquer lugar e em todos os tempos é mesmo uma aberração: daí o caráter mítico de uma globalização nestes termos.

Ao tratar a transposição de modelos de desenvolvimento, percebe-se o risco que esta atitude oferece aos ambientes que os recebem. A partir disto, Zaoual (2006) aponta que a transposição de modelos e projetos econômicos dos grandes escritórios de estudos dos ministérios para províncias em crise dos países desenvolvidos não obtém êxito. A causa disso se dá pelo fato de que geralmente esses projetos são feitos sem levar em consideração a relatividade dos contextos humanos e a capacidade de autonomia dos espaços locais. Tende-se a valorizar o que está “dando certo” em um local ou região como uma receita de “sucesso” universal, nessa lógica, desconsidera-se as peculiaridades culturais, educacionais e características individuais específicas de cada população.

Dessa forma, ressalta-se que cada local possui características específicas de desenvolvimento, características essas que são delineadas pelos indivíduos que compõe o local, pelo ambiente e suas relações de acesso às oportunidades existentes, caracterizando-se assim o desenvolvimento do local, sendo ditado pelo sítio.

O desenvolvimento situado se opõe ao desenvolvimento transposto ditado pelo sistema capitalista atual, que dita a padronização e transposição de modelos entre as localidades, transposição essa que pode causar prejuízos às mais diversas características dos indivíduos no local. O autor Zaoual (2008), em outra publicação sua, segue a discussão em torno das anomalias causadas pela globalização (exclusão, déficit democrático, desigualdades sociais e culturais, degradação ambiental) que geraram o surgimento de atores da sociedade, economia e poder público, voltados a práticas que incluem as organizações e a economia social, práticas estas que vislumbram o desenvolvimento local de forma que gere a adesão e envolvimento dos atores da situação com vistas a contornar os problemas existentes, frutos do sistema.

Assim, com o intuito de conter e muitas vezes preservar as características de um povo surgem ações, algumas vezes “independentes” com o objetivo de desenvolver práticas para o benefício do local. Nesse caminho, Zaoual (2008) descreve que a inovação depende da experiência dos usuários de forma que estes passam a ser milhares de inovadores.

Esta inovação social possibilita a busca de soluções para os problemas do cotidiano dos atores. Dessa forma, Zaoual (2010) chama a atenção para a importância da interdisciplinaridade e da interculturalidade como meios da recomposição de saberes, quebrando o utilitarismo, que tende a conduzir o mundo das ações dos indivíduos ao denominador da utilidade. Ainda de acordo com o autor, a contribuição teórica dentro de diversos ramos da análise econômica, juntamente com outras ciências que abordam o homem, possibilitam uma recomposição de saberes e de tolerância intercultural de forma universal, redefinindo o homem e o progresso.

Uma análise da pluralidade presente nos territórios torna-se necessária, principalmente para que aspectos de interdisciplinaridade e interculturalidade sejam aproveitados da melhor forma durante a construção dos modelos a serem utilizados, de modo que estes passem a carregar as características dos indivíduos que compõem o local e estejam voltados aos seus objetivos. Assim, permite-se o desenvolvimento de modelos que se adequem ao ambiente ao qual os atores locais fazem parte, e evita-se a transposição de modelos rígidos que não são pensados e nem reproduzem as necessidades e desejos dos indivíduos e do local.

De acordo com Zaoual (2010 apud SEN, 1993), a consideração da variedade das motivações individuais é, em suma, incontornável no progresso da economia do bem-estar, em que o comportamento é uma questão social e o fato de se perguntar o que deveríamos fazer ou qual deveria ser “nossa” estratégia pode traduzir um sentido de identidade que admite os objetivos de outrem e as interdependências mútuas que eles supõem.

Nessa perspectiva, com o intuito de valorizar os conhecimentos, capacidades e história dos locais, Zaoual (2006) apresenta os sítios simbólicos de pertencimento. Algumas questões que abordamos sobre os sítios simbólicos de pertencimento sobre o espaço e o indivíduo são:

- Uma associação entre os mundos simbólicos e morais dos homens e suas práticas cotidianas, sendo estas muitas vezes ocultas;
- O “espaço pensado” deve corresponder ao espaço que os homens acreditam e vivem;
- Os sítios são entidades imateriais que impregnam um conjunto da vida em dado meio, tendo nele uma caixa preta composta pelas crenças, mitos, valores e experiências passadas, conscientes ou inconscientes, ritualizadas;
- Os atores agem operando o que Zaoual chama de “caixa de ferramentas”, que contém saber-fazer, técnicas e modelos de ação próprios ao contexto.

Com isso, as questões apresentadas em torno dos sítios simbólicos de pertencimento consideram o sentido de pertença dos indivíduos com relação ao meio que estes participam. O sentido de pertencimento sublinha o valor moral, de forma que a eficácia de uma organização resulta diretamente do sentido investido pelos seus membros em seus objetivos. Assim, a realização dos objetivos da empresa depende do grau de pertencimento dos seus membros (ZAOUAL, 2010).

Pode-se com isso, perceber a existência de um aspecto relacional entre os atores e o sítio em que atuam. Esta relação deve se dar de forma profunda, no qual o sentimento de pertença se torna a mola de propulsão que dá sentido às suas funções e ações, se desdobrando em uma relação de eficácia combinada entre as atividades, os atores e o ambiente.

Esse sentimento de pertença, é o responsável pelo engajamento dos atores para o desenvolvimento de ações que buscam uma aproximação do “espaço atual” para um “espaço pensado”. Como “espaço atual”, pode-se compreender qualquer circunstância que necessite de modificações; já o “espaço pensado” nada mais é do que o plano para a realização dessas modificações, podendo estas serem físicas ou comportamentais.

A racionalidade situada integra a ética do sítio e as interações sociais que ele dá sentido. Essa racionalidade não se limita a uma adequação puramente técnica entre meios e fins, mas leva em conta também a natureza moral e social desses mesmos fins. A racionalidade situada é uma racionalidade das crenças e das ações que se desenrolam em maior ou menor sintonia sobre o sítio Zaoual (2006).

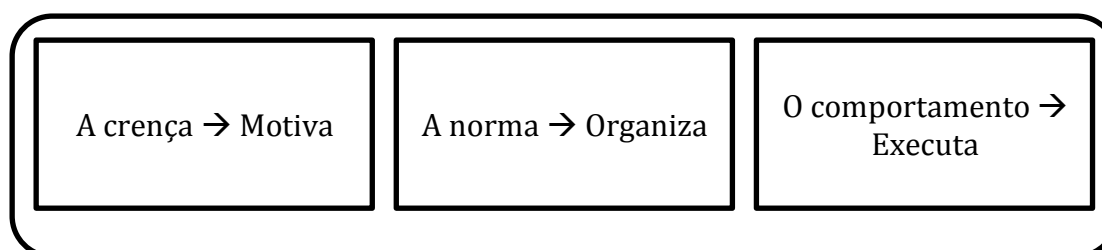
A perspectiva de Zaoual (2006) ao abordar o desenvolvimento situado, valorizando o homem “in situ”, busca chegar ao que Sen (2000) aborda. Segundo este, para haver desenvolvimento, deve-se exigir a eliminação das principais fontes de privação de liberdade: a pobreza e a tirania, a escassez de oportunidades econômicas e as privações sociais sistemáticas.

Apenas desta forma o homem surge de forma renovada, respeitando o meio e sendo respeitado dentro da sua diversidade cultural e para que assim, apareça um “novo” homem, que respeita e é respeitado dentro de um convívio com a diversidade, de forma que o “desenvolvimento” leve em consideração as características dos locais e dos indivíduos dentro das suas ações públicas e privadas. Desta forma, podem ser evitadas a transposição de modelos que não correspondem com suas realidades.

Em cima disso, Zaoual (2006) esclarece que modelos ou medidas mal ajustados ao sítio podem acarretar sua destruição parcial ou total sem oferecer a seus atores uma melhoria real de situação.

A teoria dos sítios simbólicos de pertencimento é apresentada nesta pesquisa com o intuito de avaliar pontos que possibilitam a construção de um desenvolvimento social característico e multifacetado, que respeita o meio e os atores que o compõe. Na figura a seguir, apresenta-se a lógica de funcionamento dos sítios:

FIGURA 5.1: LÓGICA DE FUNCIONAMENTO DOS SÍTIOS



Fonte: baseado na obra de Zaoual (2006)

Observa-se que a teoria dos sítios tem como objetivo humanizar a racionalidade do conhecimento, partindo das relações entre conceitos como: desenvolvimento situado, sentido de pertencimento e realismo de situação, considerando o sujeito como elemento agente e atuante no meio que compõe.

A lógica de funcionamento desta teoria (figura 3) e os seus componentes de funcionamento (figura 1) são complementares. Este esquema quebra a lógica capitalista atual de uma relação de domínio apresentada pelo mercado através da busca incessante pelo lucro e interesse individual, que ignora as pluralidades existentes dos homens em seus locais, sejam eles sociais ou individuais.

Partindo de análises dos textos de Zaoual (2006) que abordam o desenvolvimento situado e a inovação social, percebe-se a forma como a TDS considera o mundo relacional para o delineamento dos projetos. Martin Buber (1969) se refere a este aspecto relacional ao considerar o mundo a partir da palavra primordial Eu-Tu. Segundo o autor, o Eu-Tu estabelece relações que podem surgir em 3 esferas: a natureza, a vida com os homens e a comunicação com as formas inteligíveis. Assim, o aspecto relacional identificado a partir da teoria do desenvolvimento situado está na consideração das relações entre a vida com os homens e sua comunicação com a natureza, de forma que exista uma reciprocidade da interação entre estes.

A teoria de desenvolvimento situado possui um histórico de aplicação em teses e dissertações elaboradas no programa de pós-graduação em engenharia da produção da UFRJ. Esse histórico permitiu identificar as diferentes formas de aplicação da teoria.

Nessa linha, identificou-se a aplicação da teoria na elaboração de uma análise voltada a bens culturais e gastronômicos como apresentado por Bergozini & Cipolla (2012), que abordam a estratégia de ocupação da Villa Sorra através da apresentação de uma estratégia de ocupação. Contemplou-se nas hipóteses de redefinição das atividades da vila a formação dentro do local, possibilitada pela riqueza histórica do exercício de atividades artesanais, agricultura e jardinagem exercidas historicamente naquele local com alto padrão de qualidade.

A utilização da abordagem para identificação dos entraves da cultura regional da juta e do pescado, realizada na pesquisa desenvolvida por Reis (2013), levantou uma série de soluções possíveis que auxiliam na minimização dos entraves que afetam o sistema produtivo das culturas apresentadas. Segundo o autor, o modelo proposto considera um encadeamento de pelo menos duas indústrias motrizes, a juta/malva e o pescado que podem proporcionar o surgimento de outras indústrias.

Spampinato (2009) apresentou a aplicação da teoria do desenvolvimento situado na análise de como as diferentes ações turísticas podem contribuir para a reconstrução dos processos em torno do turismo na favela. O autor fez isso através da análise de 6 casos que abordam ações do turismo em diferentes favelas no Rio de Janeiro de forma que se reflita a interação entre turismo e desenvolvimento local.

A teoria também auxiliou no desenvolvimento de uma metodologia para a criação de imagens a partir do diálogo com diferentes moradores de uma comunidade no Rio de Janeiro feita por Watanabe (2015). O sítio estudado deu condições de levantar as diferentes perspectivas apresentadas pelos moradores do local, levantando suas características de pertencimento para o desenvolvimento de imagens gráficas. Dessa forma, permitiu-se a construção de um retrato do imaginário urbano em questão.

Diante da análise dos diferentes trabalhos apresentados que partiram da teoria do desenvolvimento situado, pode-se identificar a riqueza de aplicação em torno da mesma pelo fato de esta dar a devida importância à relação entre os sujeitos que compõe os locais e considerar a compreensão das necessidades e percepções reais do que esses atores compreendem do local que ocupam.

Assim, percebe-se que a teoria de desenvolvimento situado permite a construção de diferentes mecanismos, colocando os atores locais e suas territorialidades no centro do desenvolvimento de qualquer projeto ou proposta de projeto.

Essa atitude de colocar os atores e suas territorialidades no centro de desenvolvimento vai de encontro a uma proposta de desenvolvimento participativo e

dinâmico que não corresponde a modelos fixos estabelecidos por indivíduos que desconhecem a realidade do local.

Desta forma, esta proposta de desenvolvimento tem como intuito permitir o desenvolvimento de ações que carregam a riqueza dos indivíduos que compõe o local através de um processo de agregação de valor dado pelas singularidades estabelecidas pelos atores e sua territorialidade, e não a partir de práticas estandardizadas impostas pelo atual modelo econômico.

5.4 RELAÇÃO ENTRE PERTENCIMENTO E ENGAJAMENTO

Zaoual (2006), ao abordar a Teoria do Desenvolvimento Situado, considera a importância da relação do sentimento de pertença para aproximar os atores envolvidos aos resultados que os mesmos buscam, não sendo os resultados necessariamente impostos pelas dinâmicas econômicas, mas antes de mais nada as necessidades morais e sociais.

Os sítios são flexíveis, como Zaoual diz, de forma que se construa uma economia mais relacional e humana e menos racional. Esta compreensão considera o fator humano como uma das variáveis relevantes para entender o sítio, entidade imaterial, de forma que as crenças dos atores envolvidos são as responsáveis por construir os elos relacionais de confiança através da bagagem de repertório conceitual que passa de geração a geração e, assim, repercute nas ações comportamentais dos mesmos.

Essas ações podem ser entendidas como de engajamento, tendo em vista que, segundo Caldas et al (2013 apud BAKKER; ALBRECHT; LEITER, 2011a) esclarecem, o engajamento deve contemplar comprometimento e alinhamento através de um propósito, visão e interesses comum.

Já Bakker (2008) define engajamento no trabalho como um estado de espírito positivo, satisfatório e relacionado ao trabalho que é caracterizado pelo vigor, dedicação e absorção. De acordo com este autor, o vigor é caracterizado como alto nível de energia mental e resiliência enquanto se trabalha; a dedicação se relaciona com ser fortemente envolvido no trabalho e experimentar um senso de significado, entusiasmo e mudança; já a absorção se caracteriza pela concentração e felicidade no trabalho de tal modo que a pessoa tem dificuldade em se interromper o que está fazendo.

Nessa perspectiva, um ator pertencente é um ator engajado naquele sítio, seja ele uma organização, uma tribo, empresa, profissão, ofício, cidade, bairro, região, nação, etc. (ZAOUAL, 2006).

Os profissionais pertencentes ao projeto em que atuam possuem uma relação de identidade construída a partir da convergência daquela atividade com seus valores e crenças sociais, algo que é transferido para o público usuário do programa. Tal configuração permite a construção de relações humanas mais próximas, de forma que auxiliam na efetividade do programa, efetividade essa tão relevante por desenvolver projetos voltados à qualificação profissional de grupos em situação de vulnerabilidade.

Ao entender os sítios que esses grupos estão inseridos, suas expectativas e desafios, a proposta apresentada pela TDS permite a construção de propostas formativas voltadas à formação dos atores de forma mais coerente, resultados mais satisfatórios no que tange ao envolvimento e participação do usuário final e, conseqüentemente, em um melhor uso dos recursos financeiros.

Ao debater a formação docente da educação profissional e tecnológica no Brasil, De Carvalho & Magalhães (2014) destacam a relevância da redefinição do trabalho do professor recuperando sua centralidade, seu compromisso no processo educativo e o reconhecimento de que há um conjunto de fatores que influenciam uns aos outros tais como: a formação inicial; o desenvolvimento profissional em serviço, as condições de trabalho, o engajamento profissional, a carreira etc. Dessa forma, a TDS entende a relevância de se estabelecer uma compreensão sobre as crenças entre educadores e gestores envolvidos e os alunos para contribuir com a redefinição do trabalho do professor.

Após o entendimento das crenças, parte-se então para o entendimento das normas existentes nos sítios para que assim se possa definir o conjunto de comportamentos e ações necessários que atendam aos atores do sítio. Dessa maneira, a TDS busca construir projetos e programas através do alinhamento de propósitos e interesses entre as partes envolvidas.

Logo, destaca-se que um ator engajado em um sítio não necessariamente é um ator que se sente pertencente ao mesmo. No entanto, o contrário não é válido. Um ator verdadeiramente pertencente ao sítio necessariamente será um ator engajado. Os elementos de composição do sítio explicitam o enfoque da sua transdisciplinaridade.

O empreendedorismo contemporâneo mostra que todas as dimensões negligenciadas pelo modelos físico-financeiros de gestão e a economia em geral desempenham um papel fundamental no dinamismo econômico: ética, identidade e solidariedade de grupo, tradições e culturas de comunidade, vínculo familiar e étnico, rede de pertencimento, efeitos sociais e espaciais de território etc. (ZAOUAL, 2006).

Com isso, a TDS volta o olhar para que potencializar o desenvolvimento de ações humanas que sejam valoradas em seus territórios é antes de mais nada uma ação empreendedora. Isto porque tal gesto assume um aspecto autônomo e efetivo na busca pelos resultados desejados.

5.5 HIPÓTESE

O principal objetivo no capítulo 5 é identificar subsídios para o desenvolvimento e gestão de novos projetos voltados à qualificação profissional de grupos em situação de vulnerabilidade. Desse modo, possibilitou-se contribuir na definição de um escopo válido para a coleta de dados, na pesquisa de campo e no entendimento de como a variável apresentada pela teoria contribui para o desenvolvimento e gestão de novos projetos.

Neste sentido, a construção da hipótese aqui considerada se direciona para a análise das ações desenvolvidas pelos atores, os aspectos motivacionais em torno dela e seus desdobramentos.

Dessa forma, apresenta-se neste momento duas premissas consideradas oportunas nesta pesquisa e passíveis de incorporação técnica, que podem se desdobrar na operação voltada aos projetos em qualificação profissional. São elas:

1. O engenheiro de produção segundo a Universidade Estadual do Pará. Este profissional é definido como alguém que atua no planejamento, desenvolvimento de projetos, avaliação e controle de sistemas de produção. Ele pode exercer essas qualificações em empresas produtoras de bens industriais e agroindustriais, na área de serviços em geral, além de bancos, hotéis, hospitais, sistemas de transporte, entre outros. O horizonte de atuação do engenheiro, portanto, vai além de um ambiente fabril; é de suma importância conhecer aspectos que impactam no desenvolvimento e na gestão de serviços, sejam estes públicos ou privados.
2. Se nós passarmos a compreender as motivações e dificuldades dos sujeitos envolvidos na busca pela qualificação profissional, assim como compreendermos o processo social pelo qual estão inseridos a partir de suas experiências como sujeitos ativos, então teremos elementos que possibilitem contribuir com um melhor delineamento para futuros programas em qualificação profissional.

Dessa forma, para estabelecer um processo científico, buscou-se levantar aspectos em torno das experiências vividas durante o seu tempo de atuação dentro do programa estudado, para assim desenvolver, a partir dos 2 usuários de ponta do programa proposto, aspectos que possam se tornar efetivos no processo de qualificação desses indivíduos.

Com isso, as hipóteses consideradas, já que este trabalho trata a questão em torno do ponto de vista da engenharia da produção, são:

- i. A relação entre conhecimento e comportamento: aqui caracterizada a partir de elementos **pertencimento**, que se dá através da relação construída entre os atores envolvidos no local de operação do programa e no desenvolvimento de ações que possibilitem contemplar positivamente a experiência dos usuários participantes do programa;
- ii. O território em que os atores participam o programa conduz no dia-a-dia a operações autônomas, que se dão de formas distintas nas diferentes cidades e regiões do Brasil. Tendo assim, nestas diferenças de condução a possibilidade do aparecimento de ações que podem ser consideradas “inovadoras” para se estabelecer uma melhoria na qualidade do serviço prestado.

Para tanto, se fez necessário um diagnóstico do estabelecido com o objetivo de levantar os aspectos de entendimento e operação do sistema produtivo estudado para testar as hipóteses.

A apresentação do procedimento metodológico adotado e a análise dos dados, que têm como base as hipóteses i e ii aqui apresentadas, estão descritos no capítulo 6 e

7.

CAPÍTULO 6 – PROCEDIMENTO METODOLÓGICO ADOTADO

A busca pelo entendimento de como as coisas são e porque são inquieta o homem ao longo da sua existência. Para compreender os fatos, ele parte da observação do que o rodeia para tirar conclusões, o que constitui um dos caminhos para se obter conhecimento.

Diante do processo de obtenção de conhecimento, Gil (2008) afirma que esta busca por conhecimentos mais seguros desenvolveu a ciência, e esta se constitui como um dos mais importantes componentes intelectuais do mundo contemporâneo. Com isso, faz-se necessário conceituar a ciência. No entanto, identificar uma única definição de ciência abre uma vasta discussão. De acordo com Gil (2008), pode-se considerar a ciência como uma forma de conhecimento que tem por objetivo formular, mediante linguagem rigorosa e apropriada – se possível, com linguagem matemática-, leis que regem os fenômenos. Sendo estas variadas, podem apresentar vários pontos em comum capazes de descrever séries de fenômenos comprováveis por meio da observação e da experimentação, capazes de prever – pelo menos de forma probabilística – acontecimentos futuros.

No entanto, Gerhardt & Silveira (2009) esclarecem que a ciência é apenas uma das formas de se conhecer o mundo. Portanto, que existem outras formas de tornar o mundo inteligível. Neste sentido, o senso comum ou conhecimento popular se apresenta como uma das possibilidades de compreender o mundo, onde o mesmo é ditado segundo as experiências vividas pelos grupos num determinado momento histórico.

De acordo com Lakatos & Marconi (2003), a ciência não é o único caminho de acesso ao conhecimento e à verdade; e um mesmo objeto ou fenômeno (uma planta, um mineral, uma comunidade, ou as relações entre chefes e subordinados) pode ser matéria de observação tanto para o cientista quanto para o homem comum; o que leva um ao conhecimento científico e outro ao vulgar ou popular é a forma de observação.

A partir da citação acima, identifica-se que a forma de observação é elemento primordial para diferenciar o conhecimento científico do conhecimento popular. Nessa perspectiva, Gil (2008) ainda esclarece que o conhecimento científico é apresentado como uma forma de conhecimento objetivo, racional, sistemático, geral, verificável e falível.

Diante da multiplicidade dos objetos que compõe a ciência, autores vêm buscando definir uma classificação para a mesma. Lakatos & Marconi (2003)

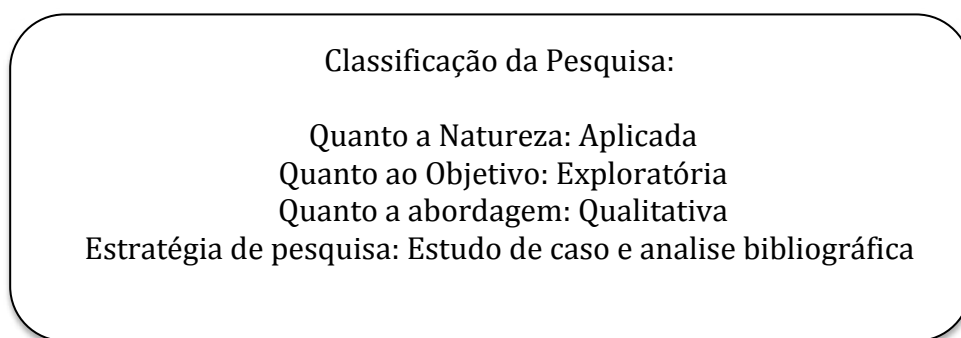
classificam em duas grandes categorias: formais e factuais, sendo as formais compostas pela lógica e pela matemática, as factuais pelas ciências naturais (física, química, biologia e outras) e sociais (antropologia cultural, direito, economia, política, psicologia social, sociologia).

Seja qual for a ciência, a aplicação de um método científico de análise se faz necessário, sendo método, segundo Lakatos & Marconi (2003) o conjunto de atividades sistemáticas e racionais que, com maior segurança e economia, permite o alcance do objetivo da pesquisa através de conhecimentos válidos e verdadeiros, trançando o caminho a ser seguido, detectando erros e auxiliando as decisões dos cientistas.

Seguindo essa linha, Spiegel (2014) esclarece que, para conduzir a construção do saber científico, é necessário apresentar a classificação da pesquisa conforme a abordagem metodológica e o método a ser utilizado para a realização da mesma.

Com o intuito de esclarecer o processo de condução do saber científico usado neste trabalho se apresenta a figura abaixo.

FIGURA 6.1 – ESCOLHA DA CLASSIFICAÇÃO DO MODELO DE PESQUISA



Fonte:

adaptado de Spiegel (2013)

Esta figura apresentada esclarece os elementos de escopo da classificação da condução desta pesquisa, quanto à sua natureza, que é aplicada tendo em vista que os resultados da mesma possibilitam a contribuição no desenho e gestão de projetos da natureza ao qual esta pesquisa se destina.

Ao alcance dos seus objetivos, que é exploratório, tem-se em vista explorar a realidade e experiências de condução do caso. Para a abordagem de condução, a pesquisa se classifica como qualitativa, tendo em vista que os dados qualitativos permitem esclarecer aspectos intangíveis e difíceis de serem mensurados existentes em sistemas complexos como é o caso do sistema de educação.

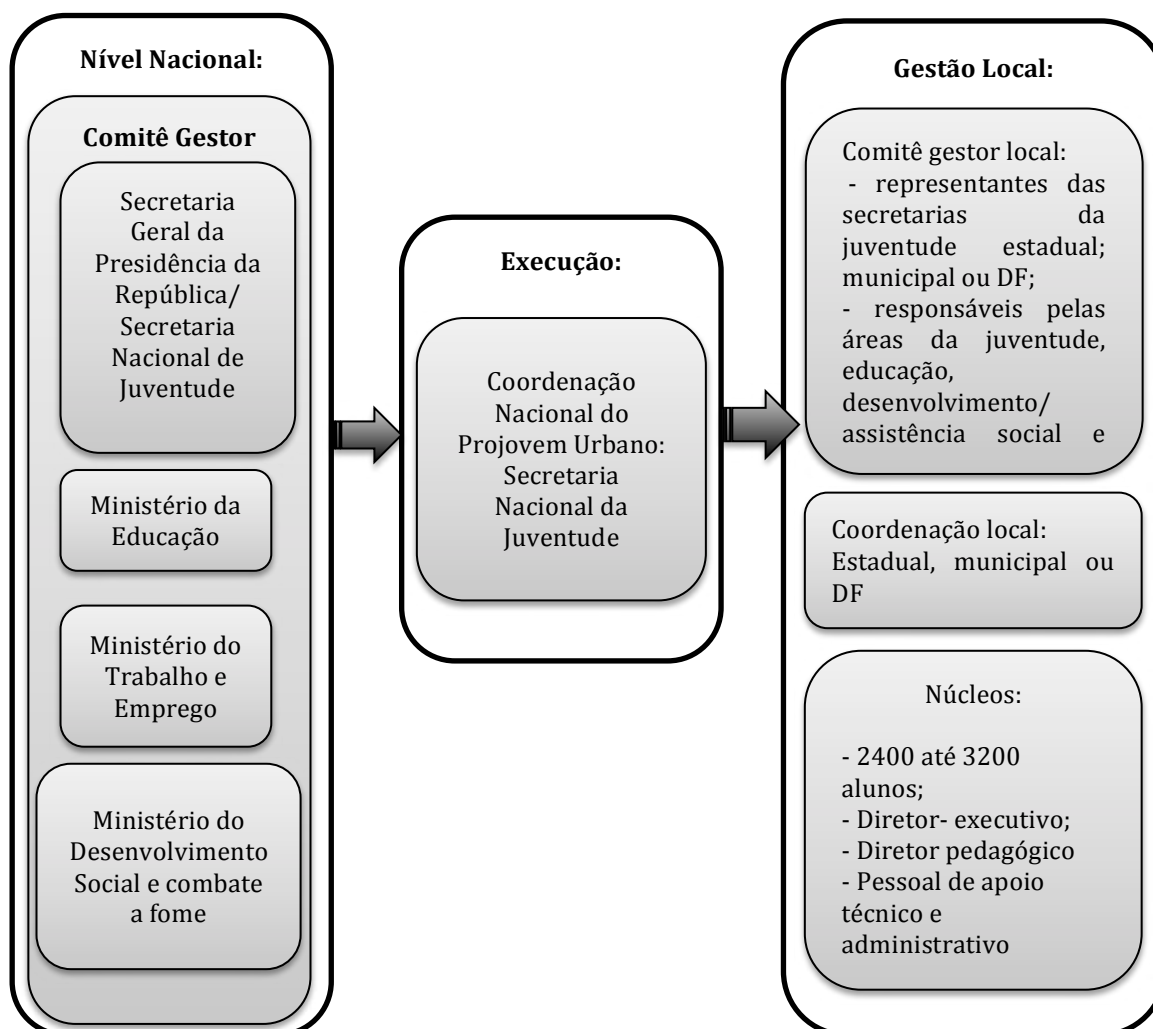
Para a estratégia de pesquisa, utiliza-se para a coleta de dados, o estudo de caso, melhor abordado posteriormente no item 6.2.

Tendo dito isto, destaca-se agora, em particular a partir das hipóteses de trabalho (tópico 5.5), o presente projeto visa apresentar a escolha do método de pesquisa para o alcance dos seus fins que se pretende alcançar, sendo eles:

- (a) Compreender a operacionalização de um programa público voltado à qualificação profissional em duas cidades de regiões distintas no Brasil a partir da percepção dos atores na ponta;
- (b) Abordar possíveis contribuições da TDS para o delineamento e gerenciamento de projetos em educação;
- (c) A partir da existência dos conteúdos e da organização de ações emergentes (sendo essas, consideradas como não planejadas a priori e não prescritas) por parte dos atores envolvidos na operacionalização do programa, entender a sua contribuição para a redução da evasão dos alunos participantes;
- (d) Entender a percepção dos educadores e gestores no que se refere ao exercício do seu papel dentro do processo de qualificação profissional dos alunos envolvidos;
- (e) A partir do olhar dos atores (educadores, equipe e alunos), relatar, de que forma o material didático produzido (livro do educador e livro do aluno) contribuíram para o processo de qualificação profissional dos mesmos.

Com o intuito de apresentar o panorama existente para a realização do estudo de caso abordado neste trabalho é que se apresenta a figura a seguir.

FIGURA 6.2 - INSTÂNCIAS DE GESTÃO DO PROJovem URBANO



Fonte: Manual do Educador: Orientações Gerais – Brasília: Programa Nacional de Inclusão de Jovens - ProJovem Urbano, 2008

Assim, faz-se necessário destacar que dentro do universo PJU, o presente trabalho de tese tem como recorte de análise dois dos núcleos que aderiram ao programa.

Para buscar levantar os elementos aqui previamente estabelecidos de forma que os mesmos possibilitem estabelecer uma contribuição ao desenvolvimento de novos projetos voltados à qualificação profissional a partir da análise de situações reais, utiliza-se a teoria de desenvolvimento situado (TDS) a partir das experiências e motivações dos seus usuários com o intuito de que esses projetos possam gerar resultados mais efetivos a quem se propõe a participar deles.

O estudo ficará restrito à relação dos atores que compõem dois núcleos envolvidos na aplicação do programa em qualificação profissional ProJovem Urbano - PJU. Sendo eles:

QUADRO 6.1 – ATORES E NÚCLEOS PARTICIPANTES

Atores	Núcleos
Grupo I - Coordenadores, Diretores, Membros de apoio e Educadores que atuaram no PJU – JP e PJU - RJ;	Escola Municipal Luiza Lima Lobo – bairro: Alto do Mateus – João Pessoa – PB
Grupo II – alunos que participaram do PJU- JP e PJU-RJ	Escola Municipal Juliano Moreira – Bairro: Pechincha/ Comunidade Cidade de Deus – Rio de Janeiro - RJ

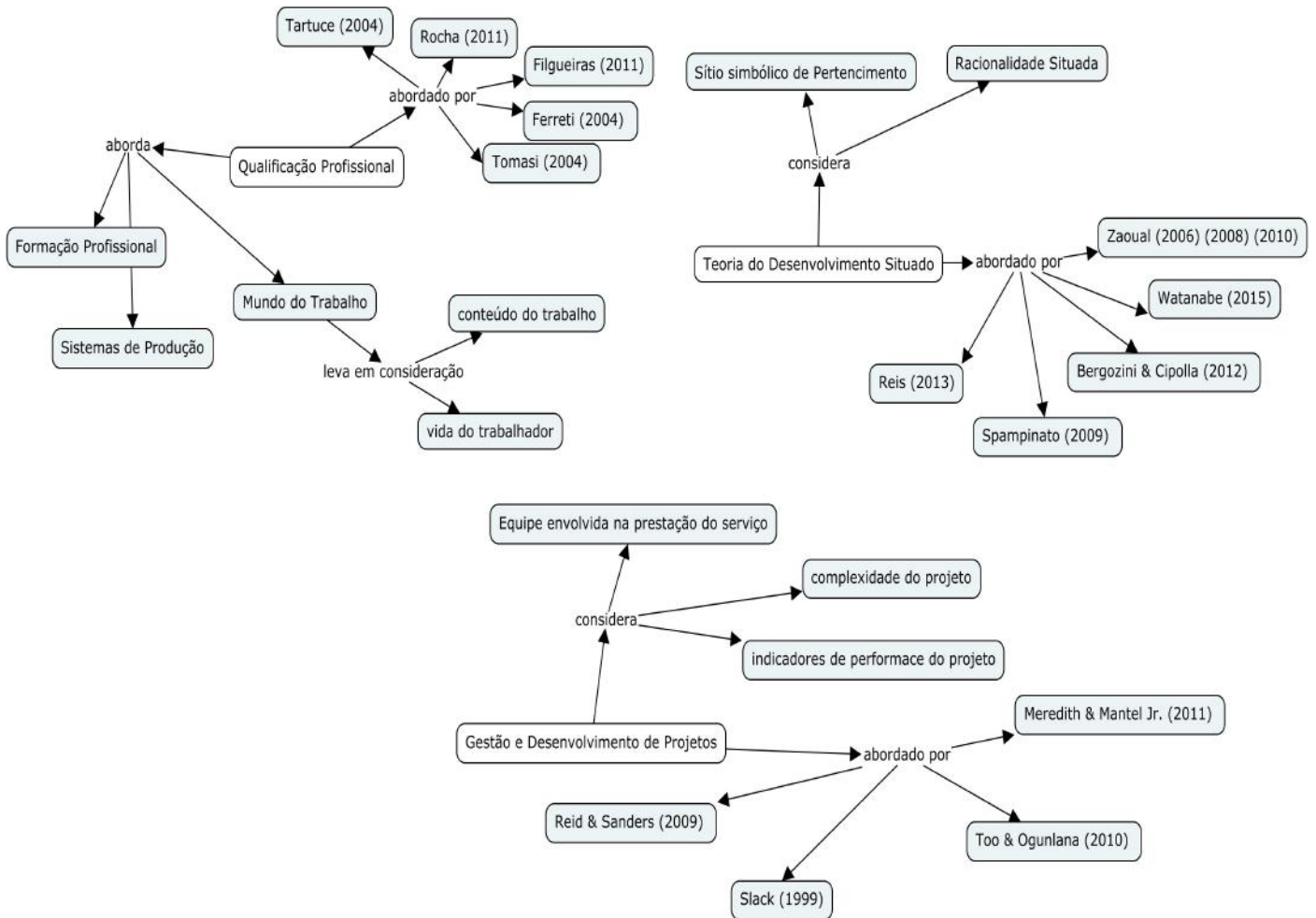
Assim, se estabelece agora um percurso da condução das fases que compõe o método de pesquisa desta tese. Tal procedimento se encontra estruturado e apresentado no quadro 6.2.

QUADRO 6.2 - FASES DO PROJETO

FASE	OBJETIVO
1	Levantamento teórico
2	Proposta metodológica de condução da pesquisa e de análise de dados
3	Pesquisa de campo – estudo de caso múltiplos
4	Análise e discussão dos dados
5	Proposta de modelo

FASE 1 – Levantamento Teórico: consiste em apresentar as teorias apresentadas nos capítulos 3, 4 e 5 necessárias para a fundamentação do projeto, de forma que possibilite um aprofundamento nas discussões pautadas na qualificação profissional através de um programa governamental destinado a jovens e adultos. E as possibilidades de contribuição na Engenharia da Produção. Seguindo esta linha, Creswell (2009) esclarece que, para auxiliar a melhor compreensão sobre o tema abordado, se faz necessário um levantamento da literatura com o objetivo de identificar os estudos que se aproximam ao diálogo que a pesquisa se propõe. Para isso, faz-se necessário a realização de uma pesquisa sistemática a livros, artigos, dissertações e teses.

FIGURA 6.3 - MAPA DA TEORIA ABORDADA



Dessa forma, através do método de construção de mapas conceituais, que permite a criação de esquemas visuais, possibilitando a criação de imagens que permitem uma integração entre as perspectivas apresentadas conforme proposto por Lins & Netto (2018), melhor abordada na fase 2, é que se criou a figura 6.3.

A figura 6.3 apresenta a relação entre os temas de pesquisa abordados neste trabalho, alguns dos teóricos considerados na construção do referencial teórico, que já abordaram o tema, e os pontos de análise retirados dos temas centrais que possuem participação nesta pesquisa.

FASE 2 - PROPOSTA METODOLÓGICA DE CONDUÇÃO DA PESQUISA E DE ANÁLISE DE DADOS: com base na TDS constrói-se um roteiro de entrevista que se baseia no modelo das caixas de conhecimento proposta por Zaoual (2006), apresentado no item 6.1.1, com o intuito de realizar um levantamento qualitativo de

dados, para realizar análise através da análise de conteúdo proposta por Bardin (2011) fazendo uso do Software denominado Nvivo.

Segundo Lage (2011) o Nvivo é o software de análise de conteúdo mais usado nas universidades brasileiras, adotado por centros de pesquisa como USP, UNICAMP, URGs entre outros. Para a criação da apresentação gráfica a partir dos dados retirados no NVivo, utiliza-se novamente a construção de mapas conceituais proposta por Lins & Netto (2018), tendo em vista a construção dos mapas conceituais segundo o autor e a qual concordamos, devido à contribuição estabelecida na aprendizagem significativa de Piaget, que permite a assimilação de novos conceitos e proposições dentro de uma estrutura através de processos de integração, diferenciação e reconciliação

FASE 3 – PESQUISA DE CAMPO: utiliza os levantamentos do caso a ser estudado apresentado no capítulo 2 para assim estabelecer o recorte de ação, definido e realizado em dois núcleos e com dois grupos participantes como apresentado no quadro 6.1. O critério estabelecido para a escolha das cidades se dá devido a estas fazerem parte da trajetória de formação da pesquisadora condutora da presente pesquisa e autora deste trabalho. Dessa forma, a pesquisa de campo se constituiu na realização de entrevistas semiestruturadas, que foram gravadas em áudio para transcrição e assim levantadas as informações necessárias para análise.

FASE 4 – ANÁLISE DOS DADOS: para esse momento, realizou-se a transcrição das 28 entrevistas realizadas. Após isso, estabeleceu-se a criação de grupos denominados ‘nós’, que agrupam as referências retiradas dos relatos dos autores.

FASE 5 – PROPOSTA DE MODELO: após a realização das fases anteriores à fase 5, estabelece uma proposta de modelo que tem caráter generalizador das experiências levantadas nos estudos de caso realizados para possibilitar a construção de um novo instrumento de coleta que resulte na captação de dados referentes ao sentimento de pertença dos atores envolvidos e leva em consideração as hipóteses apresentadas no item 5.5 deste trabalho.

6.1 PROCEDIMENTOS ADOTADOS

Com o objetivo de apresentar detalhes da condução metodológica estabelecida para a experiência de pesquisa de campo, assim para a organização e análise dos

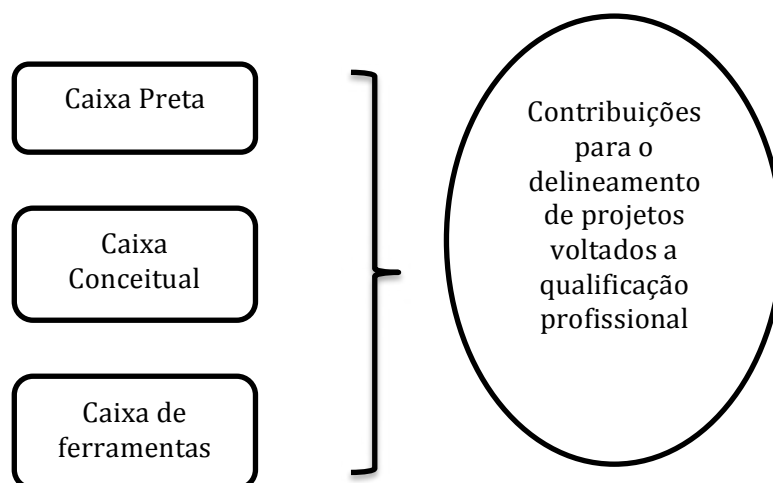
dados coletados é que se apresenta alguns pontos considerados relevantes para o entendimento do processo de condução desta pesquisa.

6.1.1 CONSTRUÇÃO DO QUESTIONÁRIO

Para a condução da pesquisa de campo, estabeleceu-se a aplicação de entrevistas que foram norteadas por um escopo de perguntas semiestruturadas a partir de elementos que compõem a TDS, de forma que esses elementos ocupam cada uma das caixas da construção do sítio de pertencimento proposta por Zaoual (2006), possibilitando assim a abertura de tais caixas.

Dessa forma, a figura 6.1.1 estabelece o escopo teórico de funcionamento do sítio de pertencimento que permitiu a construção do instrumento de coleta usado na condução e aplicação das entrevistas realizadas em campo.

FIGURA 6.1.1: MODELO TEÓRICO PARA A CONDUÇÃO E APLICAÇÃO DAS ENTREVISTAS



Fonte: Baseado em Zaoual (2006)

Dessa forma, na estruturação das perguntas que compõem o guia das entrevistas, buscou-se conhecer a percepção dos atores sobre o seu papel dentro do programa, a importância do programa na sua vida e na sua comunidade, assim como abordar questões relativas aos anseios, motivações, dificuldades percebidos pelos mesmos dentro da sua experiência na operacionalização deste projeto.

6.1.2 DEFINIÇÃO DOS ATORES A SEREM ENTREVISTADOS

Para estabelecer a relação dos entrevistados a partir da sua experiência pessoal, as entrevistas foram realizadas individualmente. Para se chegar aos atores, inicialmente se estabeleceu contato com a secretaria da juventude responsável pela gestão no nível federal do programa. Mas, como abordado no capítulo 1, a mesma foi extinta, impossibilitando assim acesso a documentos mais ricos que envolvem a operacionalização do programa.

A organização do grupo dos atores entrevistados é apresentada no quadro 6.1. Dessa forma, para ter acesso aos atores envolvidos, estabeleceu-se um contato inicial com os coordenadores municipais. Após essa fase é que se estabeleceu contato entre educadores e demais membros da equipe.

Para alcançar o maior número de alunos que participaram do programa, foi de grande importância a contribuição dos educadores, membros da equipe e demais gestores entrevistados anteriormente, que possibilitaram a criação de ponte entre a presente pesquisadora e os alunos egressos do programa.

De forma que, para alcançar o maior número possível de alunos egressos, aos alunos entrevistados era feito o convite de indicar outros alunos conhecidos por estes para participar da entrevista. E assim se estabeleceu o contato com os alunos.

No tocante ao perfil dos gestores participantes da pesquisa no PJU - JP, foi entrevistado 1 coordenador, 1 diretora do núcleo e 1 assistente pedagógica. Totalizou-se assim na classificação de gênero que compõe a equipe de gestão PJU-JP 1 homem e 2 mulheres.

Ao analisar a entrevista do coordenador do PJU – João Pessoa, observa-se que ele se apresenta como sendo um indivíduo que tem na sua trajetória de vida a vivência em comunidade, que experimentou as fragilidades de acesso às oportunidades no processo educativo, mas que conseguiu transpor elas e concluir os estudos no tempo regular. Possui em sua trajetória profissional atuação como educador em diferentes programas de inclusão social de instituições como fundação Banco do Brasil. Dentro do PJU-JP, foi educador, formador de professores e só então foi convidado a ser coordenador do programa na cidade.

A assistente pedagógica se declara como atuante na área da educação há muitos anos, atuando em projetos como supletivo. No entanto, no PJU-JP ela atuou desde 2015. Como a entrevista foi realizada em 2016, ela tinha um ano de atuação no PJU-JP. A gestora do núcleo declara-se como aluna de escola pública em seu trajeto de formação.

Dos 3 educadores entrevistados que atuaram no núcleo localizado no bairro cidade de Deus do Rio de Janeiro - RJ, haviam 2 mulheres e 1 homem. Uma das professoras generalistas não apresentou em sua entrevista nenhum elemento de identidade entre ela e os alunos. A outra professora generalista apresenta na sua fala uma identidade com as alunas no aspecto de ser a mulher a única responsável financeira da casa e com filhos. O educador responsável pelas matérias de qualificação profissional e participação cidadã em sua fala esclareceu que foi durante sua trajetória escolar um aluno que estudou à noite e que fez supletivo, que já trabalhou em atividades profissionais mais simples. Nenhum dos educadores do PJU-RJ citaram ser moradores da comunidade que lecionam.

A equipe gestora do PJU-RJ é composta por 5 mulheres que possuem no seu perfil socioeconômico – cultural experiências diversas. A diretora da escola em que estava localizada o núcleo relata que vem de uma família pobre, com origem em comunidade onde seus pais só possuíam a educação fundamental. Mesmo assim, a sua mãe foi a sua maior motivadora do seu processo de educação formal.

Uma das gestoras que atuou como responsável pelo apoio à direção no turno que acontecia o PJU-RJ apresenta no seu relato a origem em família pobre e com muitos filhos. Outra gestora que também atuou como apoio à direção no núcleo apresenta como elemento de identidade o desafio em motivar um de seus filhos a educação formal através da participação das atividades escolares, que chegou a estudar na rede pública de ensino do município. A coordenadora verbaliza durante a entrevista ter realizado seus estudos da educação básica na rede pública e ser filha de professora e que, quando fez faculdade, já era mãe de um filho de 9 anos, faculdade essa que ela pagou com o dinheiro do trabalho dela em educação.

Este é o perfil dos atores em nível de operação local dos participantes desta pesquisa.

6.1.3 DEFINIÇÃO DO ESCOPO DE ANÁLISE DOS DADOS

Como procedimento de coleta e técnica de análise de dados captados na etapa de campo, propõe-se a utilização da técnica de análise de conteúdo apresentada por Bardin (2011).

De acordo com Carregnato & Mutti (2006), a análise de conteúdo (AC) surgiu no início do século XX nos Estados Unidos para analisar o material jornalístico. No entanto, entre 1950 e 1960, a AC estendeu-se para várias áreas. Ainda segundo os autores Carregnato & Mutti (2006), identifica-se que a AC antecede a análise do

discurso (AD). Ambas são distintas, no entanto, em alguns momentos, elas podem ser confundidas, sendo tratadas como sinônimos.

No entanto, a AC e AD possuem suas diferenças. Em um primeiro momento, é importante ressaltar que a interpretação da AC pode ser tanto quantitativa como qualitativa. Na AD, a interpretação será somente qualitativa. Mas segundo Carregnato & Mutti (2006), a principal diferença entre as duas formas de análise se dá porque a AD trabalha com o sentido do discurso e a AC com o conteúdo do texto.

Mozzato & Grzybovski (2011) reforçam a teoria da diferença existente entre a AC e AD, onde a AC procura relatar os significantes e a AD, o significado, essa última fazendo uso da linguística, ressaltando assim a distinção existente entre língua e palavra que se torna relevante na consideração da diferença. Mozzato & Grzybovski (apud BARDIN, 2006) apontam que o objeto da AC é a palavra.

Diante disto, toma-se como base o conceito de análise de conteúdo apresentado por Bardin (2011) que a aborda como sendo um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitem a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens.

Assim, com o intuito de garantir rigor na análise dos dados coletados é que se elege a AC como técnica de análise para esta pesquisa. Na AC, vê-se o texto como um meio de expressão do sujeito, em que o analista busca categorizar as unidades de texto (palavras ou frases) que se repetem, inferindo uma expressão que as representem (CARREGNATO; MUTTI, 2006).

A presente técnica vem sendo usada amplamente nas mais diferentes áreas, principalmente quando se trata de pesquisa qualitativa (CARREGNATO; MUTTI, 2006; MOZZATO; GRZYBOVSKI, 2011). Isso se dá devido ao fato de ela possibilitar uma estruturação com rigor do discurso ou dos discursos a serem analisados.

De acordo com Mozzato & Grzybovski (2011) esse rigor está relacionado em razão da elaboração esquemática que acompanha o método (passo a passo), de forma que o torna mais fácil e menos ambíguo.

Bardin (2011) organiza a AC em três polos cronológicos:

- 1) Pré-análise: segundo a autora, nesta fase, as missões a serem cumpridas são: a escolha dos documentos a serem analisados, a formulação das hipóteses e dos objetivos e a elaboração de indicadores que fundamentem a interpretação final;

2) Exploração do material: nesta etapa se operacionaliza tudo que foi definido na etapa anterior, onde esses procedimentos podem ser dados de forma manual ou por programas computacionais;

3) Tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação: ao ter em mãos os resultados significativos extraídos da etapa 2, o analista pode propor inferências, interpretações sobre os objetivos previstos.

Dentro do tratamento dos resultados, encontra-se uma etapa que, segundo Bardin (2011), corresponde à transformação do material extraído, que é chamado de codificação. “A codificação corresponde a uma transformação – efetuada segundo regras precisas – dos dados brutos do texto, transformação esta que, por recorte, agregação e enumeração, permite atingir uma representação do conteúdo ou da sua expressão” (BARDIN, 2011).

Bardin organiza a codificação em 3 escolhas:

- 1) O recorte: escolha das unidades;
- 2) A enumeração: escolha das regras de contagem;
- 3) A classificação e a agregação: escolha das categorias.

Com o intuito de realizar uma análise do conteúdo de forma efetiva é que se apresenta a seguir o detalhamento da codificação a ser dada para o tratamento dos dados.

A) Unidades de Registro e de Contexto

- Palavras:

Bardin (2011) esclarece que todas as palavras podem ser levadas em consideração ou pode-se reter unicamente as palavras-chave ou as palavras-tema.

Assim, propõe-se que para a análise desta pesquisa se utilize as palavras a serem consideradas na análise de conteúdo das entrevistas como: trabalho, qualificação profissional, confiança, amizade, educadores, engajamento, envolvimento, pertencimento, equipe, cooperação, apoio, motivação e demais palavras que expressem o trabalho em equipe e a colaboração entre os atores envolvidos em um determinado objetivo

- O tema:

De acordo com Bardin (2011), utiliza-se o tema como unidade de registro para estudar motivações de opiniões, de atitudes, de valores, de crenças, de tendências etc. Neste caso, o tema de análise das entrevistas será em torno do objeto

‘qualificação profissional’ e os personagens serão os atores envolvidos na operacionalização do programa ProJovem Urbano, podendo ser, professores, gestores e demais atuantes dentro do núcleo.

A) Regras de Enumeração

A existência das regras de enumeração relacionam-se ao modo que será dada a contagem das unidades de registro. Segundo a autora, não se faz necessário que todas as regras de enumeração sejam aplicadas.

No entanto, essa regra de enumeração não é considerada para a análise dos dados do presente trabalho.

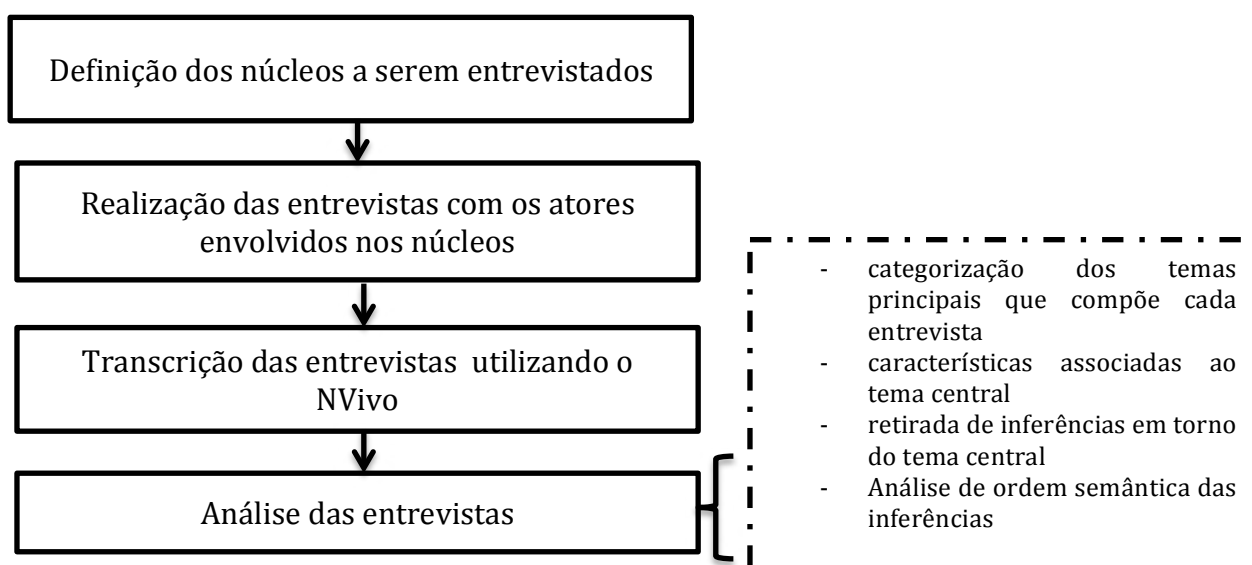
B) Categorização

De acordo com Bardin (2011), a categorização é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto por diferenciação e, em seguida, por reagrupamento segundo o gênero (analogia), com os critérios previamente definidos.

Ao tomar-se o conceito de categorização, estabelece-se que para a análise dos dados coletados nesta pesquisa o processo de categorização a ser dado será por “caixas”, onde o sistema de categorias e os elementos serão repartidos da melhor maneira conforme vão sendo encontrados.

Assim, a análise do conteúdo levantado nas entrevistas em cada um dos núcleos pesquisados seguem a estrutura apresentada pela Figura 6.5:

FIGURA 6.5: ESTRUTURA DA ANÁLISE DOS DADOS



Fonte: Adaptado de Spiegel (2013)

Ao levantar os dados a partir das informações coletadas entre os entrevistados, busca-se abrir as caixas que compõem o sítio de pertencimento de cada núcleo estudado, de forma que sejam levantados e identificados os elementos que compõem as representações de conhecimento existentes em cada núcleo e assim estabelecer comparações dos elementos captados entre os atores de cada núcleo e compará-los de forma que possibilite identificar a existência de elementos que se repetem, assim como a existência de elementos independentes ou semelhantes que os compõe.

6.2 ESTUDOS DE CASO

Após a escolha e classificação do modelo de pesquisa, faz-se neste momento a apresentação do procedimento de conduta para o alcance dos seus objetivos, descritos no início deste capítulo.

Os métodos de pesquisa para o alcance dos seus fins são diversos. Para isso, se elaborou o quadro 6.2 que apresenta métodos de pesquisa associadas em cada um dos modelos de pesquisa que as caracteriza.

QUADRO 6.2 - ESTRATÉGIAS DE INVESTIGAÇÃO.

Quantitativo	Qualitativo	Métodos mistos
- projetos experimentais; - projetos não experimentais, como os surveys	- pesquisa narrativa - fenomenologia - etnografia - estudos teóricos de base - estudo de caso	- sequencial - concorrente - transformadora

Fonte: Creswell (2009)

Observa-se no quadro 6.2 que na diversidade de métodos de investigação, a escolha do método é responsável pela definição dos procedimentos e demais direções para o andamento da pesquisa. Dessa forma, a definição de qual método será utilizado para a condução da pesquisa deve levar em consideração, antes de mais nada, a escolha da abordagem tendo em vista que a mesma pode delimitar o método de pesquisa.

Como apresentado na figura 6.1, a abordagem utilizada para o alcance dos objetivos desta pesquisa é a qualitativa, tendo em vista que é através da metacognição (conhecimento do conhecimento), proposto por Lins & Netto (2018), que se tem acesso ao conhecimento vivido e experimentado pelos atores envolvidos. No entanto, salienta-se que toda escolha apresenta vantagens e desvantagens, ganhos e perdas. Neste sentido, Yin (2009) esclarece que, apesar disso, os estudos de caso são o método preferido dentro dos cenários seguintes:

Quando: (a) questionamentos sobre “como” ou “porque” são colocados, (b) o investigador possui pouco controle sobre os eventos e (c) são focados em um fenômeno contemporâneo dentro de um contexto real.

Dessa forma, Yin (2009) define o estudo de caso como uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo em profundidade e dentro de um contexto real, especialmente quando as fronteiras entre o fenômeno e o contexto não são claramente evidentes.

Para o autor citado, o estudo de caso pode ser classificado como único ou múltiplo. O estudo de caso múltiplo foi preferível pelo fato de casos únicos serem mais vulneráveis e os benefícios analíticos de se obter dois (ou mais) casos poderem ser mais substanciais.

E é, seguindo a definição de estudo de caso apresentada por Yin (2009), que **este projeto de pesquisa se aplica, buscando compreender de forma sistematizada e aprofundada como se dá a operacionalização nos núcleos do PJU das cidades de João Pessoa e do Rio de Janeiro e porque se dá daquela forma? É isto que se propõe esta pesquisa.**

Tendo em vista que a aplicação da pesquisa de campo nestas unidades abrem a possibilidade de encontrar elementos que auxiliem na replicação das contribuições retiradas e da riqueza que se dá o caso realizado durante a pesquisa, de forma que essas contribuições possibilitem a prestação de um serviço mais consistente em torno do tema abordado.

Para tanto, a definição do método de pesquisa apresentado é o principal condutor na construção do conhecimento sistematizado sobre o tema abordado. Com isso, a escolha da classificação do modelo de pesquisa se dá devido ao fato de se perceber a qualificação profissional como sendo um fruto de diversas relações inter, intra e extraclasse, como abordado por Borges-Andrade (2007).

Ao tratar da estratégia usada para a coleta de dados no estudo de caso, o mesmo permite que a pesquisa se aprofunde em um determinado grupo, de forma que, assim, possam ser coletadas informações o mais consistentes possíveis na busca de estabelecer pressupostos relevantes para a criação de novos projetos voltados à qualificação profissional para o público em situação de vulnerabilidade, que permitam uma contribuição real e efetiva para os membros das comunidades participantes nesta pesquisa.

Concordamos com Yin (2009) quando ele esclarece a importância de se ter um aprofundamento teórico substancial para a condução do estudo de caso. Com isso, para a condução do projeto de pesquisa se fez necessário a realização de um levantamento bibliográfico e sua análise.

Em cima do exposto, Gil (2008) esclarece que a pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Seguindo esta linha, Creswell (2009) esclarece que, para auxiliar a melhor compreensão sobre o tema abordado, se faz necessário um levantamento da literatura com o objetivo de identificar os estudos que se aproximam ao diálogo que a pesquisa se propõe. Para isso, se faz necessário a realização de uma pesquisa sistemática a livros, artigos, dissertações e teses.

Com o intuito de esclarecer em detalhes o processo de aplicação da etapa de campo dos estudos de caso múltiplos proposto, apresenta-se detalhes do andamento da mesma.

Conforme já explicitado anteriormente, a construção do roteiro das entrevistas, instrumento de coleta na pesquisa de campo, utilizou-se o esquema proposto por Zaoual (2006) das caixas responsáveis pela construção imaginária do sítio de pertencimento apresentadas na figura 6.4.

Com o referencial teórico delimitado, o instrumento de coleta definido e elaborado, parte-se para a pesquisa de campo. Como abordado anteriormente no capítulo 1, a mesma possuiu diferentes níveis de complexidade quando comparada à aplicação da pesquisa realizada na cidade de João Pessoa – PB e à aplicada na cidade do Rio de Janeiro – RJ.

A etapa de condução da pesquisa de campo em João Pessoa – PB foi simples, sem grandes adversidades. A prefeitura exigiu uma declaração de matrícula da pesquisadora no programa e acesso ao documento de apresentação da pesquisa.

Dessa forma, realizou-se inicialmente um contato com o coordenador do PJU – JP, o qual encaminhou à pesquisadora que aqui vos fala para um núcleo e demais contatos com membros da equipe participante. Já com o núcleo participante definido, o acesso à comunidade, na qual o núcleo participante estava localizada, não apresentou eventos de tiroteio ou de dificuldade de acesso.

Os professores participantes do núcleo foram solícitos e cordiais em prestar seus depoimentos, auxiliaram para o alcance aos alunos, de forma que os alunos participantes da pesquisa foram indicados pelos professores.

Na pesquisa aos alunos, o maior desafio se deu ao fato de que, em diferentes momentos, eles terem apresentado dificuldade de compreensão sobre o que abordava o questionamento, deixando assim algumas respostas não contempladas ou contempladas em outra perspectiva que não a abordada.

Durante a condução da pesquisa de campo do Rio de Janeiro – RJ, encontrou-se os grandes desafios, primeiramente para se estabelecer o contato com o coordenador responsável, que só passou a responder os e-mail após uma ponte

informal, depois pela exigência da PMRJ em abrir um processo interno para autorização da etapa de campo.

Esse processo exigia parecer do comitê de ética da UFRJ, que demanda outro processo de aprovação. Após parecer favorável do comitê de ética, o processo foi encaminhado para a Secretaria de Educação e assim a pesquisa foi autorizada a ter início. Antes disso, foi necessário obter uma declaração de concordância da diretora da escola na qual o núcleo ficou localizado e ser encaminhada à coordenadoria regional de educação responsável pela aquela unidade.

Quando todos os trâmites burocráticos foram concluídos, a escola entrou em férias escolares (julho de 2017), impossibilitando assim o início imediato da pesquisa de campo.

Após isso, as entrevistas com professores e alunos se deram dentro das instalações do núcleo. Dois dos professores, como são professores da rede regular de ensino, foram entrevistados no horário de almoço. Em um dos dias que tinha entrevista prevista com professores, a mesma foi cancelada por evento de tiroteio na vizinhança da escola. A realização da entrevista de um dos membros de apoio da equipe, que atua em uma creche dentro da comunidade cidade de Deus, não foi autorizada pelo CRE, tendo em vista que a unidade está em um eixo de grande violência e criminalidade, e foi considerada pelo CRE uma grande exposição para a pesquisadora. Vale ressaltar que a maioria dos alunos participantes do PJU – RJ são moradores da Cidade de Deus, região onde se localiza o núcleo. Dessa forma, essa entrevista foi realizada na casa do membro da equipe de apoio. Outras entrevistas também foram realizadas fora do núcleo pesquisado como: a entrevista com o professor de qualificação profissional e participação cidadã, que foi entrevistado nas redondezas de sua residência, assim como a entrevista da coordenadora regional responsável pelo núcleo.

Outro desafio se deu para realizar as entrevistas dos alunos, que iniciou com a realização da entrevista de uma ex-aluna do programa que durante a etapa de campo, trabalhava na cozinha da escola como manipuladora de alimentos. Através dela se chegou aos demais entrevistados.

No entanto, por diversas vezes os alunos agendavam e no dia e hora combinados não compareciam às entrevistas, apresentando diferentes motivos ou não mais aceitavam contato. Sendo este o guia de elaboração da pesquisa de campo do caso estudado.

CAPÍTULO 7 - APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo apresenta-se os dados computados através da utilização do software de conteúdo Nvivo 11.4. Para a realização das análises, foram realizados diagramas de comparação de nós idênticos por núcleo estudado e suas classes (educadores e equipe) e (alunos) gerados pelo software utilizado.

Para apresentar detalhes sobre os diagramas de comparação, foram elaboradas tabelas (presentes em anexo) que apresentam as referências correspondentes aos nós apresentados de forma que permita ao leitor ter uma melhor compreensão sobre o que cada nó se refere e dar clareza de onde foram extraídos os elementos de análise.

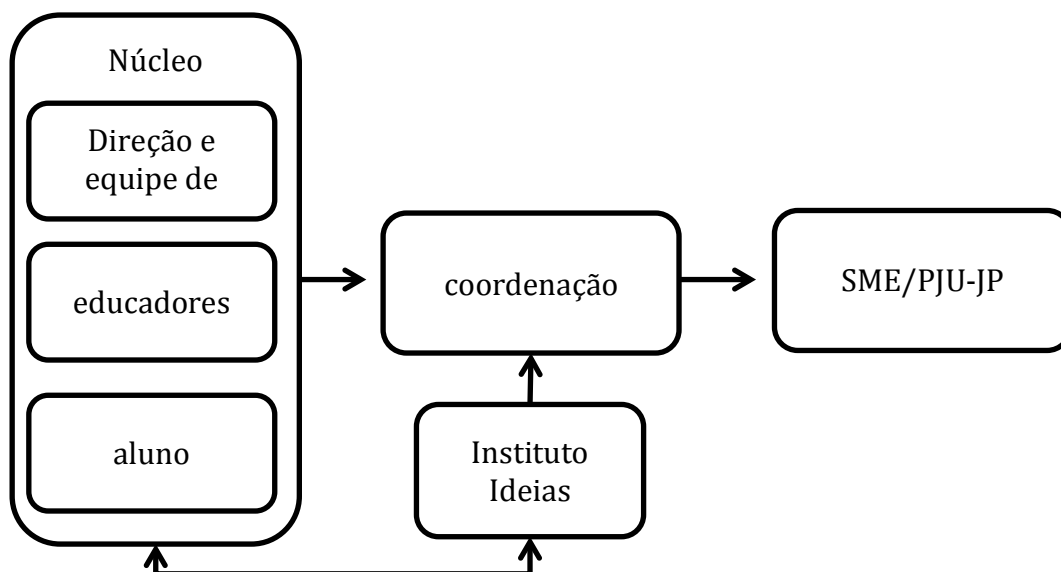
7.1 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS DA PESQUISA DE CAMPO

Como anteriormente abordado no capítulo 6, esta pesquisa de campo foi realizada nos anos de 2016 e 2017 em dois núcleos do ProJovem Urbano de capitais de estados e regiões diferentes do Brasil, sendo elas: João Pessoa no Estado da Paraíba, núcleo Luiza Lima Lobo, localizado no Alto do Mateus, e Rio de Janeiro no Estado do Rio de Janeiro, núcleo Juliano Moreira, que fica na Cidade de Deus.

Obteve-se um quantitativo de 28 entrevistas gravadas distribuídas entre educandos que participaram do PJU nas cidades pesquisadas e educadores e gestores que atuaram na operação do mesmo programa. O ano de participação dos dois grupos de atores foi diversificado, tendo em vista que quando a pesquisa de campo foi aplicada, já haviam se encerado as atividades do programa.

A organização do núcleo da cidade de João Pessoa – Paraíba é apresentado na figura 7.1.

FIGURA 7.1: ORGANIZAÇÃO DO NÚCLEO PJU - JP



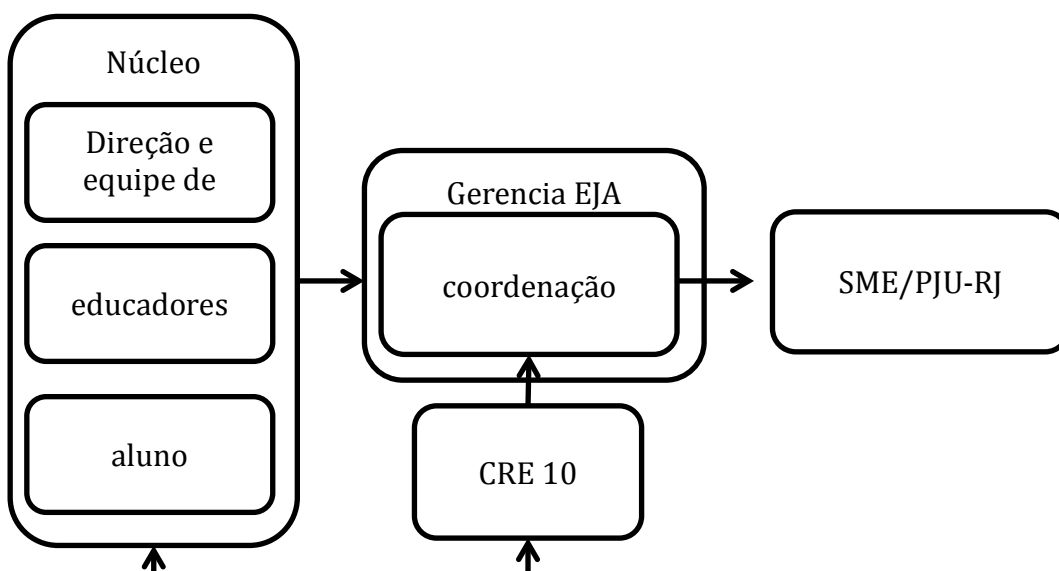
Fonte: Dados apresentados no NVivo 11.4

Essa figura apresenta o mapa de processo que constitui o núcleo de operação da cidade de João Pessoa, localizado no bairro Alto do Mateus. A etapa de campo do núcleo Luiza Lima Lodo do Alto do Mateus do município de João Pessoa foi realizada em 2016 e teve como total agregado 13 entrevistas codificadas. Elas foram separadas por membros da equipe de gestão municipal e do núcleo: 1 coordenador municipal, 1 assistente pedagógica, 1 diretora do núcleo, 4 educadores, 6 ex-alunos.

A etapa de campo do núcleo Juliano Moreira da Cidade de Deus do município do Rio de Janeiro foi realizada em 2017 e teve como total agregado 13 entrevistas codificadas. A discrepância entre o número de entrevistas realizadas e o número de participantes da pesquisa se deu porque foi necessário entrevistar os coordenadores em dois momentos. O primeiro momento objetivava entender na perspectiva dos coordenadores como operava o PJU na cidade e a segunda tinha como objetivo seguir o roteiro semiestruturado construído para nortear a pesquisa.

A organização do núcleo da cidade do Rio de Janeiro – Rio de Janeiro é apresentado na figura 7.2

FIGURA 7.2: ORGANIZAÇÃO DO NÚCLEO PJU - RJ



Fonte: Dados apresentados no Nvivo 11.4

A figura 7.2, apresenta o mapa de processo do núcleo do Rio de Janeiro, localizado na comunidade Cidade de Deus. As entrevistas do núcleo do RJ são compostas por: 1 coordenador municipal, 1 gestor da coordenação regional de ensino, 1 diretor geral da escola e 2 apoios da direção, 3 educadores e 5 ex-alunos.

A apresentação da figura 7.1 e 7.2 permite identificar diferenças existentes na constituição da cadeia de organização dos núcleos participantes desta pesquisa.

Entre ambos, há em comum a centralização da gestão do projeto pela Secretaria Municipal de Educação, prevista no manual do educador (2012). Percebe-se uma divergência na quantidade de elos que liga a gestão da secretaria municipal ao núcleo, em que o município de João Pessoa apresenta 1 elo a menos entre a Secretaria Municipal e o núcleo. Já o município do Rio de Janeiro possui 2 elos entre o núcleo e a Secretaria Municipal de Educação.

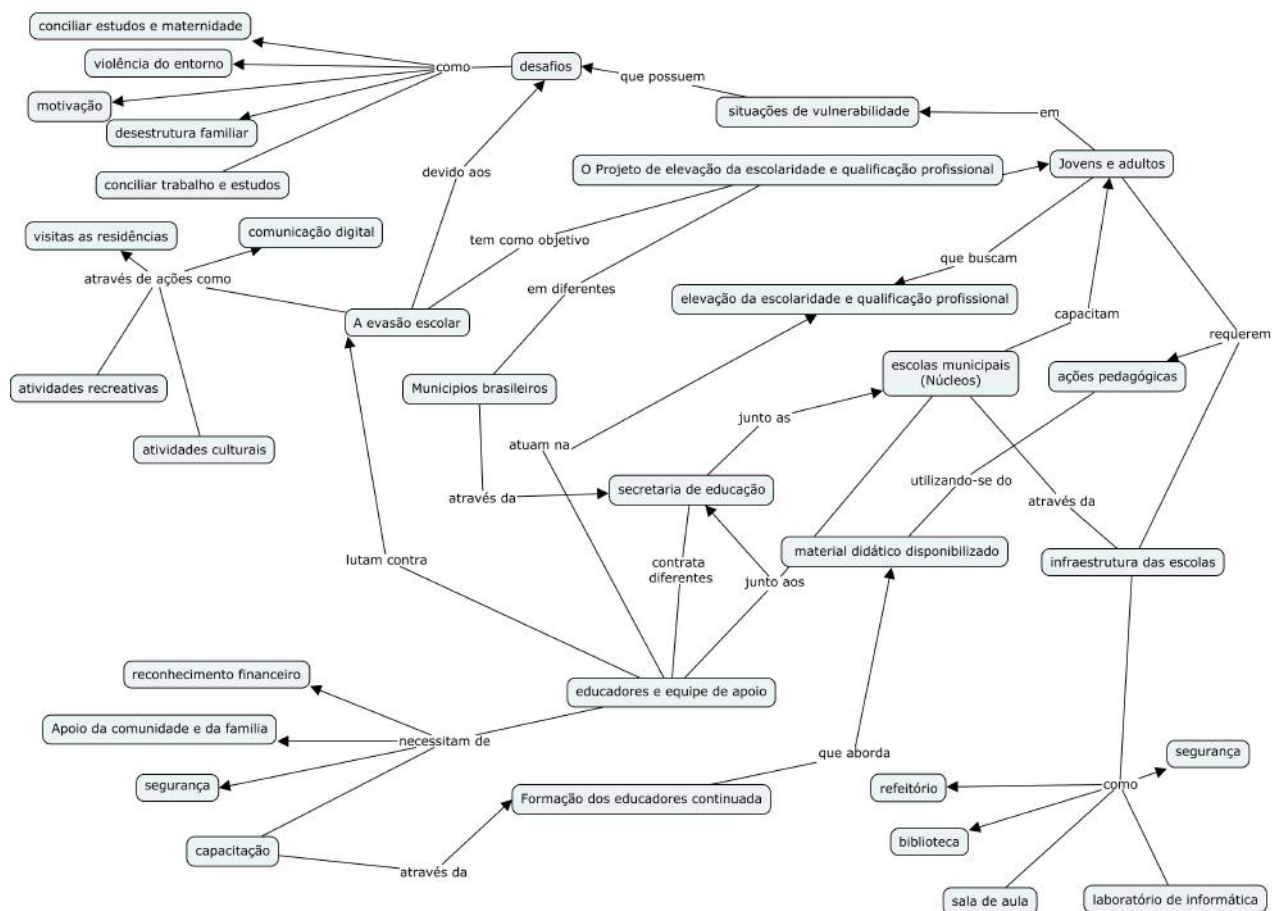
Essa diferença se dá devido à estratégia de gestão dos municípios participantes. Não se pode afirmar que a existência desse elo a mais seja um fator positivo ou negativo na condução do programa estudado.

No entanto, a partir da análise das entrevistas realizadas em campo, pode-se identificar que houve uma forte relação entre o responsável da CRE com os membros de cada núcleo estudado. Este profissional foi declarado por professores e demais membros da equipe como um dos parceiros na condução do programa no núcleo.

De acordo com Glegg et al. (2011), toda gestão começa pela percepção do que acontece, tendo em vista que se gere aquilo que se percebe. Dessa forma, para construir um entendimento mais claro, foi elaborado mapas conceituais, conforme proposto por Lins & Netto (2018) e abordado no capítulo 6. Dessa forma, a imagem a

seguir (figura 7.3) acerca da operação do PJU foi construída por elementos levantados em pesquisa de campo e teórica.

FIGURA 7.3: MAPA CONCEITUAL DE OPERAÇÃO DO PJU



O mapa conceitual apresentado nesta figura tem como objetivo auxiliar no entendimento da complexidade em torno da operação do programa de correção de nível de escolaridade e qualificação profissional estudado, denominado PJU.

Nele, são apresentados os atores envolvidos e considerados nesta pesquisa, assim como elementos considerados como ‘nó’ de análise da pesquisa de campo e seus desdobramentos.

7.2 ANÁLISE DOS DADOS COMPILADOS

Em sua proposta de análise, este trabalho pretende abordar o processo de educação vivido pelos atores, através de aspectos que afetam os indivíduos e impactam de forma direta as operações diárias executadas dentro do projeto. Dessa forma, aborda-se aspectos relacionados aos comportamentos e ações dos indivíduos, que aqui, segundo a TDS, são denominados como atores que atuam de alguma forma

dentro do sistema educativo e possuem influência em aspectos da gestão e desenvolvimento do projeto.

Sobre esses aspectos de influência, volta-se a perspectiva do fator integração da equipe com o escopo do projeto ofertado, considerada como aspecto de relevância no que concerne à gestão de projetos e que impacta na obtenção dos resultados.

Com isso, surgem questões como: de que maneira as formações disponibilizadas com a proposta de formação continuada estão gerando resultados efetivos nas operações cotidianas do projeto de qualificação profissional? Os atores envolvidos fazem real uso dos conteúdos e matérias didáticos disponíveis para a condução das atividades dentro e fora da sala de aula?

Outro aspecto relevante para a condução de análise do presente trabalho se dá através da relação de contato construída e existente entre os atores usuários do processo transformativo. Isto tendo em vista que uma das características dos serviços é seu alto grau de contato com o consumidor e de que a experiência vivida é o que estabelece real valor aos usuários. Desta maneira, questiona-se se os educadores e membros da equipe envolvidos possuem uma leitura real das complexidades existentes na trajetória da vida dos alunos, usuários do programa. Tais alunos, como já abordado anteriormente, possuem um repertório de extrema fragilidade em termos de estrutura familiar e acesso à educação.

Acredita-se que, para este trabalho de tese, a existência de educadores e membros da equipe que possuam a compreensão das complexidades referentes à trajetória de vida dos alunos possuem uma condução mais efetiva. Exercer esse olhar, construído pelo conhecimento do ator, impulsiona a construção de uma ponte causada pela identidade.

Essa relação de identidade pode acontecer de diferentes maneiras, tais como: a sensibilidade da importância do projeto para resgate do jovem-adulto que possibilita uma inserção social qualificante, ou através da identidade com experiências específicas vividas por aquele jovem-adulto.

Assim, através dessa relação construída com o conhecimento dos atores e do projeto, pode-se impulsionar a construção e consolidação de ações emergentes não previstas no desenho do projeto, mas que têm como objetivo possibilitar uma experiência qualificante e efetiva dos atores participantes do projeto.

Temos consciência de que este trabalho não consegue exaurir todas as necessidades de melhorias ao desenvolvimento e gestão de novos projetos voltados à qualificação profissional, mas acreditamos que ao abordarmos os aspectos cotidianos que impactam na operacionalização do mesmo, podem-se apresentar frutos de melhoria na construção e condução de futuros projetos dessa natureza.

Dessa forma, esta pesquisa se propõe a romper o padrão taylorista - fordista utilizado no processo educativo tradicional que parte da premissa da padronização do “*one best way*” para encontrar alternativas projetuais e operacionais que viabilizem o processo de aprendizagem através das necessidades individuais dos atores envolvidos. Desta forma, é possível constituir um novo saber fazer voltado ao processo de aprendizagem da qualificação profissional.

Volta-se assim o olhar para as atividades inovadoras realizadas pelos gestores, educadores e demais membros da equipe, com o objetivo de desenvolver experiências que contribuem positivamente no processo de aprendizagem dos educandos.

Diante do exposto, apresenta-se a relevância de identificação dos elementos que constituem o sentimento de pertença abordado por Zaoual (2006) dos atores usuários do programa de qualificação profissional. Para o presente trabalho, este tópico é abordado a partir da construção de um modelo de acompanhamento, primeiramente composto pelo vetor conhecimento e depois pelo vetor engajamento.

Pertença = conhecimento (identidade) + engajamento

A construção deste modelo de pertença se inicia através da necessidade de identificação dos elementos que compõe o contexto de execução do projeto, assim como aspectos intrínsecos relacionados ao cotidiano de operação do programa, que se denomina aqui como elementos que fazem parte da caixa preta e conceitual abordadas por Zaoual (2006) na TDS.

Esta aproximação, dos elementos de caixa preta e caixa conceitual apresentados foram abordados entre os dois grupos participantes da pesquisa, grupo 1 e grupo 2, apresentados no capítulo 6.

Para abordar o segundo vetor que compõe o modelo, aqui denominado vetor de engajamento, considera-se as ações desenvolvidas pelos atores participantes no programa. Esse vetor é abordado através dos elementos relacionados à caixa conceitual e caixa de ferramentas, abordada por Zaoual (2006).

Para a construção do vetor conhecimento, considera-se o conhecimento em torno das questões relativas aos atores usuários do programa que correspondem ao grupo 2, caracterizados como sujeitos em situação de vulnerabilidade, que estão envolvidos no sistema educativo atual e em questões que revelam no seu cotidiano temas como desemprego, insegurança, pobreza, falta de oportunidade, racismo, abandono, entre outros.

E que ao mesmo tempo, cruzam-se questões como, tecnologia, formação, consumo, novos canais de comunicação, temas cotidianos da sociedade moderna.

Dessa forma, esse cruzamento de temas possui influência no seu processo de aprendizagem e inserção no mundo de trabalho, gerando assim impactos diretos no resultado do seu processo de aprendizagem.

Assim, pode-se observar que o processo de formação desses atores é composto por aspectos complexos e ao mesmo tempo contraditórios, tendo em vista que os atores são bombardeados por realidades de vida totalmente distintas das suas.

Para abordar o mundo do trabalho, considera-se o que é apresentado por Tartuce (2002), que esclarece, que o trabalho não é inteiramente irredutível à prescrição: o trabalho real mobiliza e necessita de saberes e atitudes insuspeitados, difíceis de ser expressos em uma linguagem explícita e formalizada, mas que intervêm nos processos concebidos pelas gerências.

Deixando claro que o processo de condução do projeto pela equipe de ponta em relação ao que ele foi concebido passa no seu cotidiano por mudanças no decorrer do andamento do projeto que não conseguiram ser descritivas e nem prescritivas no escopo do projeto diante da complexidade inerente ao cotidiano de operação.

Dessa forma, os atores envolvidos na condução do processo de operação de projetos em educação necessitam de uma integração real entre os atores finais para que o objeto do seu trabalho, que é o processo de educação e qualificação de jovens e adultos, tenha uma efetividade e se relacione a uma experiência realmente qualificante.

A relação de pertença proposta nesta pesquisa objetiva contribuir na construção da integração entre os atores finais, em especial entre educadores e educandos, pois entende-se que sua ausência compromete diretamente a efetividade do projeto de educação e qualificação profissional.

Acredita-se que a construção desse modelo que entende o sentimento de pertença a partir da relação entre o conhecimento existente entre os indivíduos e suas realidades pode contribuir em um delineamento mais efetivo dos membros de atuação da equipe do projeto.

Desta forma, permite-se alocar pessoas com o perfil desejado e obter através dessa alocação melhores resultados e impactos do projeto.

Para isso, como falado anteriormente, utilizou-se como delineador metodológico a TDS através da relação entre a caixa preta, caixa conceitual e caixa de ferramentas, que compõe a dinâmica de funcionamento do sítio. Deste modo foi possível estabelecer quais elementos do cotidiano correspondem a cada uma das caixas.

Assim, as 19 questões semiestruturadas, referentes a cada grupo participante desta pesquisa compuseram o norteamto da pesquisa de campo. Elas acarretaram

em 'nós' com o objetivo de agregar as informações, para assim estabelecer o que compõe cada vetor.

Com isso, no processo de construção de análise dos elementos que elencam o vetor **conhecimento**, relativo aos membros do grupo I (gestores e educadores), levantou-se como nós constituintes da caixa preta e caixa conceitual o seguinte:

- (I) Percepção da valorização profissional familiar e social;
- (II) Cruzamento entre a história de vida desses atores com os usuários do programa os educandos, membros do grupo II;
- (III) Sentimento ao ir realizar o seu trabalho;
- (IV) Importância da qualificação profissional;
- (V) Importância do trabalho exercido;
- (VI) Desafios encontrados para a realização do seu trabalho.

Ainda sobre os membros do grupo I, para a composição dos elementos relativos da caixa conceitual e caixa de ferramentas, responsáveis pelo vetor **engajamento**, foram identificados os seguintes nós:

- (VII) Entendimento sobre o que é qualificação profissional;
- (VIII) Importância dos assuntos abordados;
- (IX) Infraestrutura oferecida para a realização do seu trabalho;
- (X) Identificação dos parceiros de trabalho.

Para a composição dos elementos ao **vetor conhecimento** entre os entrevistados do grupo II (educandos), apresenta-se os seguintes 'nós' que constituem a caixa preta e caixa conceitual:

- (I) Relevância dos educadores e demais membros da equipe no seu processo de qualificação.
- (II) Participação da família e seus amigos participam do seu processo de qualificação.
- (III) Motivação para participar do programa;
- (IV) Desafios para participar do programa;
- (V) Expectativas ao participar do programa e
- (VI) Sentimentos ao participar do programa

Para composição do **vetor engajamento** entre os entrevistados do grupo II (educandos), apresenta-se os seguintes elementos que compõem a caixa conceitual e a caixa de ferramentas:

- (VII) Entendimento sobre qualificação profissional;
- (VIII) Uso do material didático;
- (IX) Infraestrutura oferecida pelo núcleo

Para o melhor entendimento sobre o que se refere cada um dos 'nós', apresenta-se a seguir a análise 'nó' por grupo entrevistado, de forma que permite identificar o resultado de cada um dos 'nós' para cada grupo.

7. 3 RELAÇÃO PAR A PAR POR GRUPO ENTREVISTADO

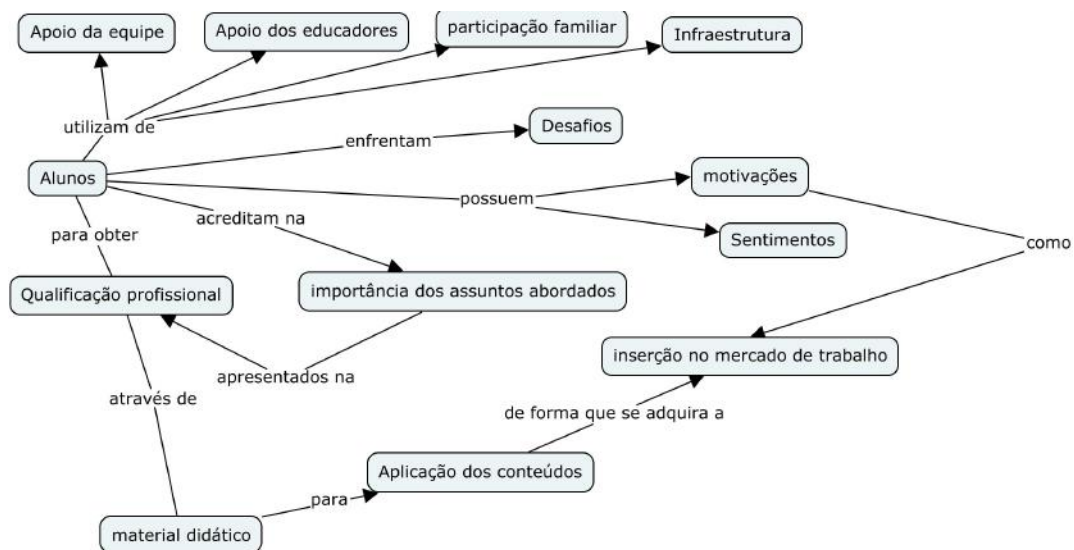
Para possibilitar o entendimento das informações coletadas e tratados no Nvivo 11.4, vamos apresentar a relação par a par de cada um dos nós existentes que comparam os dados coletados por nó e núcleo, assim como definido no capítulo 6.

Primeiramente, será apresentada a relação par a par pelo grupo 2 (educandos); em seguida pelo grupo 1 (educadores e equipe) dos núcleos pesquisados.

7.4 DIAGRAMAÇÃO PAR A PAR PELO GRUPO 2 (EDUCANDOS)

Para a construção e diagramação dos dados, foi levado em consideração a percepção dos alunos sob diferentes ângulos. Com o intuito de apresentar como se dá a relação dos alunos com os nós considerados, é necessário apresentar o mapa conceitual que apresenta a relação dos alunos com os nós.

FIGURA 7.4: RELAÇÃO ALUNOS POR NÓ IDENTIFICADO

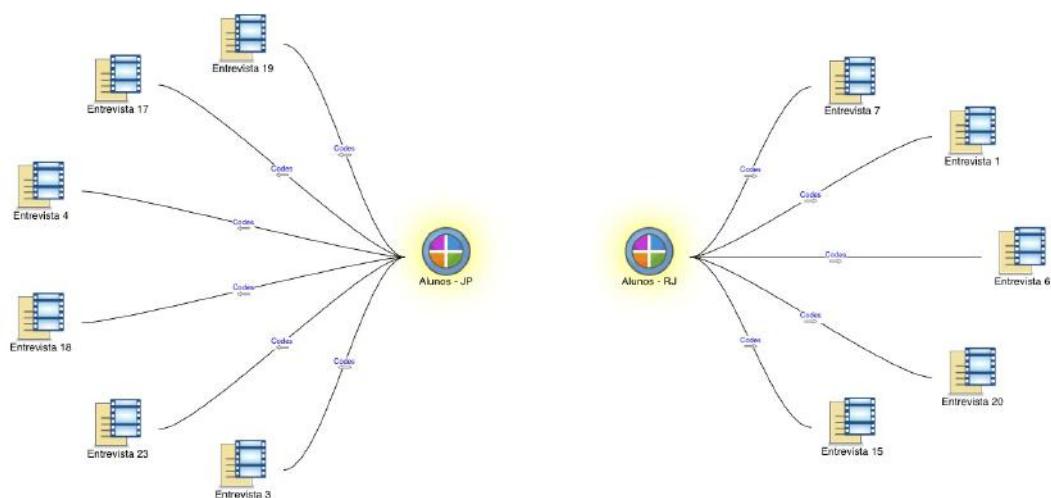


A construção do mapa conceitual apresentado na figura 7.4 busca apresentar um cenário de entendimento sobre como os alunos são enxergados nesta pesquisa e assim auxiliar na identificação dos elementos existentes em suas trajetórias que possa construir impacto no seu processo de formação.

Ao estruturar esses elementos, também se faz possível utilizar a figura 7.3 para apresentar aos atores que atuarão com projetos que tem esse público elementos a ser considerados na hora de desenhar o perfil do profissional que estará sendo selecionado para atuar com esse público. Do mesmo modo, são levantados elementos que devem ser constados dentro do seu processo de formação.

Para apresentar a relação do entrevistado por núcleo, apresenta-se a figura 7.5 com o número que corresponde ao registro da entrevista realizada em cada núcleo que compõe o universo da pesquisa.

FIGURA 7.5: NÚMERO DA ENTREVISTA COMPUTADA POR NÚCLEO



Fonte: Dados retirados do Nvivo 11.4

Há elementos extraídos diretamente do projeto, tais como: a presença da sala de apoio, o entendimento sobre o que é, e a importância da (QP), o entendimento sobre o que é o Arco Ocupacional (AO), a utilização do material didático, o Plano de Participação Cidadã (PPC), a infraestrutura disponibilizada no núcleo que opera a escola.

É possível também estabelecer uma análise sobre o processo dos alunos que participaram desta pesquisa na experiência PJU. Dessa forma, evidencia-se o entendimento dos alunos envolvidos sobre a presença desses elementos e sua relevância para o processo de qualificação profissional.

No ângulo das emoções dos alunos, essa pesquisa permitiu levantar aspectos que se relacionam com o porquê de eles terem evadido anteriormente do sistema de ensino regular, suas motivações para aderirem ao ProJovem Urbano, suas expectativas e os desafios envolvidos ao participar do programa.

Ao estabelecermos um entendimento diante dos alunos participantes, fazendo uma comparação e a relação entre os aspectos que aparecem em um estado e outro, percebe-se a evidência de elementos que emergem da percepção destes alunos em relação a todos esses ângulos apresentados que podem ser utilizados na melhoria da efetividade de programas que tenham como usuário final o público jovem e adulto em situação de vulnerabilidade.

Dessa forma, a relação par a par tem como intuito identificar a existência de relação entre os entrevistados com o elemento de análise, estabelecido pelo 'nó', assim como suas divergências. Desta forma, elementos concretos relacionados a estes locais (Alto do Mateus e Cidade de Deus) são apresentados de forma

estruturada, clara e disponível para a construção e estruturação de futuros projetos voltados a jovens e adultos que já evadiram do sistema escolar regular destas localidades.

7.4.1 APOIO DA EQUIPE

Encontra-se as marcações em que os alunos se referem ao apoio recebido pela equipe de pessoas envolvidas durante sua participação no PJU. Entende-se aqui como membros da equipe os diretores do núcleo, secretárias e demais membros de apoio que atuavam no núcleo no ano de participação.

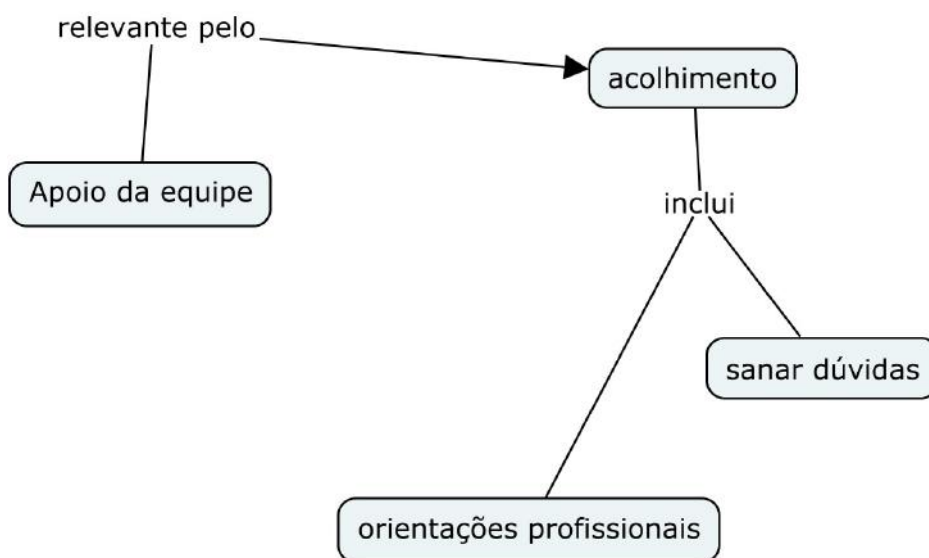
Vale ressaltar que a presença de referências relacionadas ao nó apoio da equipe não significa necessariamente que esse apoio ocorreu de forma positiva. Para entendermos se a percepção desse apoio foi positiva ou negativa devemos analisar referência por referência.

Sobre a relevância do entendimento da participação da equipe em um projeto, utiliza-se aqui a citação de Glegg et al. (2011), em que os autores afirmam que formamos grupos devido ao senso de pertencimento. Dessa forma, entender como os membros das equipes em seus diferentes níveis são percebidos pelos alunos é necessário para a compreensão da relação de pertença desenvolvida a partir da participação no programa.

Nessa linha, destaca-se que o trabalho em equipe possui como resultado a construção de um ambiente de colaboração que, segundo Forte & Flores (2012), é de suma importância no contexto de trabalho em ambiente de educação. Isto porque a relação entre educador, aluno e colegas, permite diferentes ganhos através das experiências relacionais vividas entre estes, sendo esses ganhos, desde satisfação pessoal e profissional, ao ver o desenvolvimento de um aluno, assim como ganhos referentes à sua própria formação profissional.

Diante disto, destaca-se a relevância do entendimento de como se deu a experiência de contato entre os alunos participantes do projeto e os membros da equipe. Para essa análise, elaborou-se a partir dos dados coletados no Software NVivo 11.4 mapas conceituais com os termos semânticos considerados chave nas entrevistas.

FIGURA 7.6: MAPA CONCEITUAL NÓ APOIO DA EQUIPE NO GRUPO 1 PJU-JP



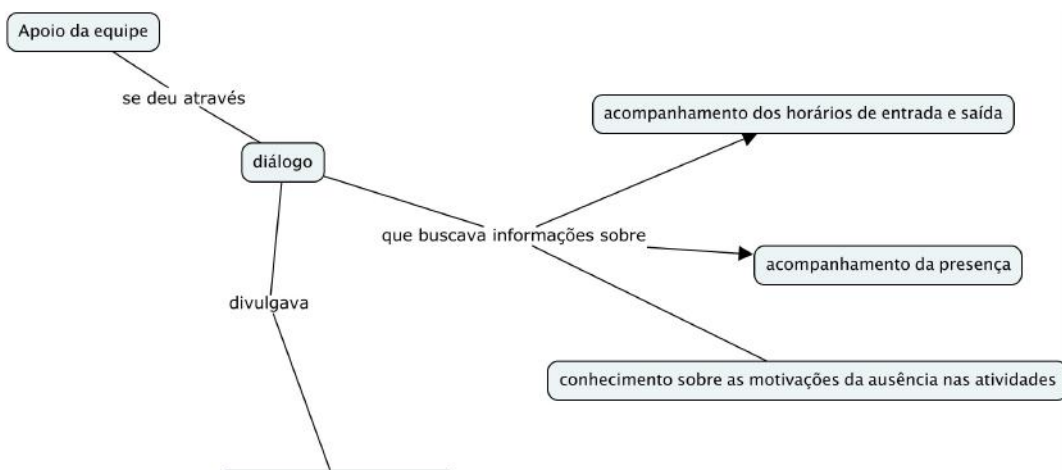
Fonte: Dados retirados do Nvivo 11.4

A figura 7.6 apresenta os dados coletados no núcleo PJU – JP. Nela, observa-se a relação existente entre o termo acolhimento, termo esse que surgiu em uma das entrevistas e que pode se relacionar ao que os alunos apresentam como sendo também relevantes, as orientações profissionais e o sanar dúvidas. Dessa forma, esses dois últimos itens foram incorporados à composição deste nó.

Diante das referências coletadas, observa-se que, dos 6 entrevistados, 2 (entrevistas número 3 e 4) afirmaram não ter nenhum contato que caracterize o apoio da equipe dentro do seu processo formação e 3 dos entrevistados fizeram menção às disponibilidades diárias no acolhimento aos alunos, encaminhamento dos alunos participantes para cursos fora do núcleo e auxílio no processo de construção de currículo. A entrevistada número 17 aponta a importância do acolhimento da equipe durante sua participação no programa, sendo esses elementos os responsáveis na composição do mapa conceitual 7.6.

Para a análise do PJU- RJ, construiu-se o mapa 7.7, apresentado a seguir.

FIGURA 7.7: MAPA CONCEITUAL NÓ APOIO DA EQUIPE NO GRUPO 1 PJU- RJ



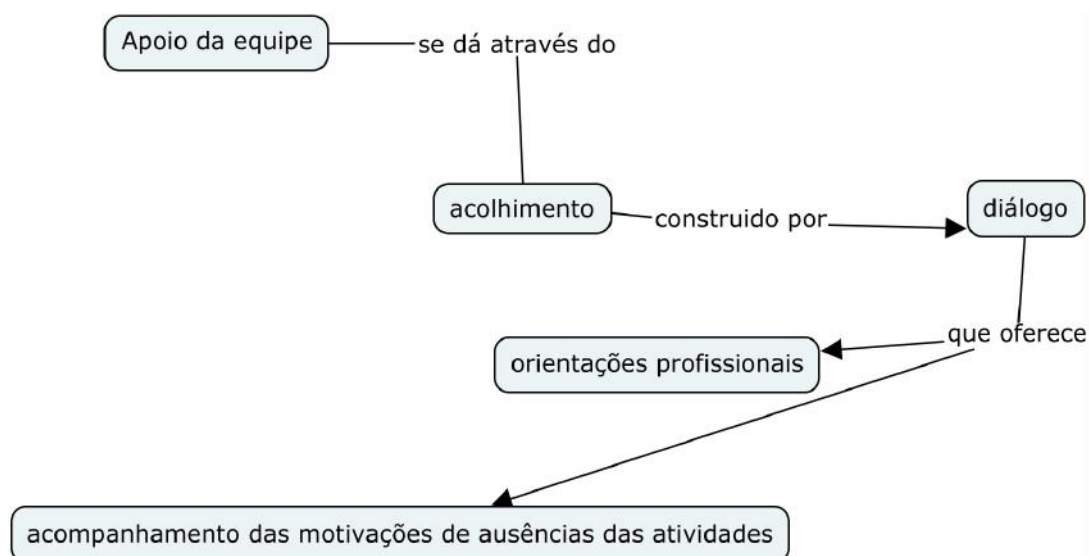
Fonte: Dados retirados do Nvivo 11.4

A partir da análise das referências do núcleo do Rio de Janeiro, destaca-se a unanimidade dada pelos alunos participantes da pesquisa para a relevância da participação da equipe através do acolhimento aos alunos, assim como motivação e orientação no percurso deles como no auxílio para encontrar oportunidades de trabalho.

Ao realizar análise comparativa dos dados dos dois núcleos pesquisados no que se refere a este nó, possibilita-se a construção de um mapa unificado com objetivo de unificar os elementos considerados pelos atores do grupo 2.

Ao comparar a percepção dos alunos dos dois núcleos estudados, identifica-se em comum que o comportamento ativo no acolhimento às necessidades individuais dos alunos se apresentam como um ponto em comum positivo da participação dos membros da equipe entre os alunos dos dois núcleos estudados.

FIGURA 7.8: MAPA CONCEITUAL GERAL APOIO DA EQUIPE



Fonte: Dados coletados no NVivo 11.4

No que se refere ao que venha ser esse acolhimento, a figura 7.8 permite identificar de forma objetiva os elementos de construção desta experiência, em que os mesmos são inicialmente constituídos através de um contato estabelecido pelo diálogo entre os atores envolvidos. Isto possibilita trocas de informações, tais como: orientação profissional, oportunidades de trabalho e acompanhamento das ausências nas participações das atividades, sendo estes aspectos considerados valorados pelos atores do grupo 2.

Diante disto, percebe-se que o acolhimento, considerado como aspecto relevante e válido pelos alunos participantes do projeto, é composto por características bem objetivas, por apontar os elementos apresentados na figura 7.8. Com isto, o entendimento dessa dimensão dentro da participação desse usuário no processo de formação profissional se faz necessário.

A caracterização deste nó permite identificar que esse grupo de atores, participante deste tipo de programa, tem uma necessidade de que os demais atores envolvidos na equipe de operação se relacionem com ele de forma que conheçam suas necessidades e as reconheçam no cotidiano do programa. Identifica-se também que o aluno participante da pesquisa vê nesses demais membros da equipe possibilidades de aprendizagem.

7.4.2 APLICAÇÃO DOS CONHECIMENTOS ADQUIRIDOS

Este nó se apresenta como fruto de um dos pontos abordados diretamente na pesquisa de campo. Ele teve como objetivo considerar as percepções dos alunos com relação às possibilidades identificadas por eles para aplicação dos conhecimentos adquiridos com a sua participação no Projovem. No entanto, no decorrer da pesquisa de campo, podem ser percebidos momentos em que os alunos apresentaram dificuldade em responder a essa pergunta. Dessa forma, em mais de uma das entrevistas, a mesma precisou ser modificada e passou a abordar o que ele esperava ter aprendido com a sua participação no Projovem Urbano.

Dos respondentes considerados neste nó. No levantamento de dados, nas referências do núcleo PJU - JP, dos 6 entrevistados, 2 não conseguiram descrever possibilidade de aplicação dos conhecimentos adquiridos a partir da sua participação no Projovem Urbano - PJU.

Isso não significa necessariamente que eles não aplicam os conhecimentos adquiridos. No entanto, pode-se levantar a possibilidade de que a ausência de referência sobre este nó indica uma tendência, ora da não compreensão do que está sendo perguntado, ora da não consciência da possibilidade de aplicação dos conhecimentos adquiridos na sua vida.

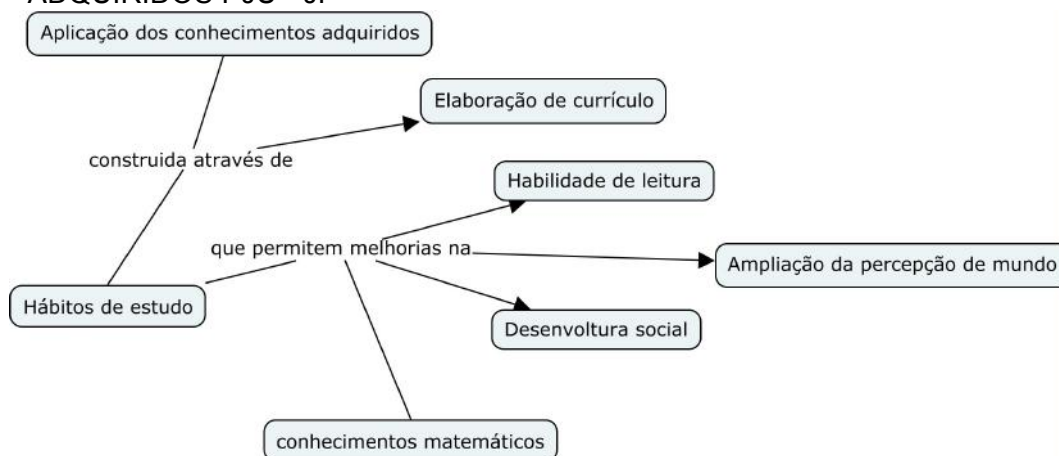
Na coleta de dados do PJU – JP, identificou-se entre os entrevistados possibilidades que se referem a:

- Hábitos de estudo;
- Habilidade de Leitura;
- Elaboração do Currículo;

- Desenvoltura social;
- Conhecimentos matemáticos;
- Ampliação da percepção de mundo.

Para a sistematização, construiu-se o mapa 10, de forma que o mesmo apresenta um cenário da relação dada entre os elementos levantados na etapa de campo e do nó para que se permita a construção de sentido.

FIGURA 7.9: MAPA CONCEITUAL DA APLICAÇÃO DOS CONHECIMENTOS ADQUIRIDOS PJU - JP



Fonte: Dados coletados no N vivo 11.4

Dessa forma, pode-se identificar o elemento hábito de estudo como uma construção adquirida pelos atores a partir da experiência PJU – JP, que, para a construção do mapa aqui apresentado, foram considerados como diferentes desdobramentos. No entanto, esses diferentes desdobramentos foram apresentados em diferentes entrevistas como relacionados à possibilidade de aplicação dos conhecimentos adquiridos através da participação no programa.

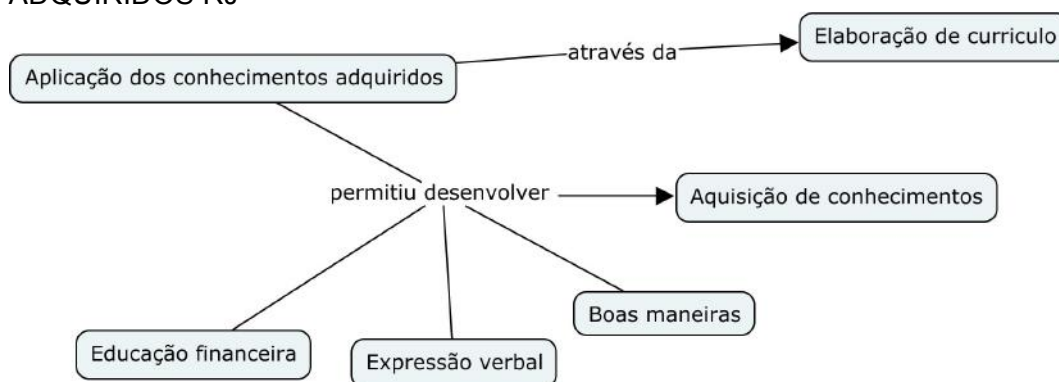
É importante destacar que um dos elementos levantados não necessariamente é apresentado pelos alunos como um reflexo do hábito de estudo.

No entanto, os mesmos foram relacionados por acreditar que a aquisição do hábito de estudo impacta na melhoria de aquisição e entendimento dos demais elementos apresentados pelos entrevistados, com exceção do elemento elaboração de currículo.

Destaca-se aqui que a presença do elemento elaboração de currículo apresenta uma tendência de que a realização deste documento faz parte da concretização de uma experiência que proporciona a validação social da qualificação profissional do indivíduo.

Para abordar os dados coletados no núcleo PJU-RJ, elaborou-se o mapa conceitual, apresentado a seguir.

FIGURA 7.10: MAPA CONCEITUAL DA APLICAÇÃO DOS CONHECIMENTOS ADQUIRIDOS RJ



Fonte: Dados coletados no Nvivo 11.4

A figura 7.10 apresenta a relação estabelecida entre os dados coletados entre os entrevistados. Observa-se mais uma vez que o elemento elaboração do currículo se repete, assim como no que acontece no PJU - JP.

Para os entrevistados do PJU- RJ, a aplicação de conhecimentos permitiu desenvolver aspectos na relação com o dinheiro, como: economizar no dia a dia, na fala com as pessoas e nas maneiras de se comportar em público, assim como compreender que a aquisição de conhecimentos faz parte do processo de qualificação profissional.

Este nó permitiu identificar a presença da dificuldade dos alunos entrevistados em compreender o que estava sendo questionado. Isto pode ter sido causado pela má formulação da mesma ou por uma dificuldade entre o indivíduo de compreender o que está sendo tratado.

Outra possibilidade é que essa dificuldade de compreensão acerca do abordado se relacione a uma dificuldade por parte dos participantes em fazer a ponte entre teoria e prática a partir do olhar do que foi aprendido e do que foi aplicado no seu cotidiano.

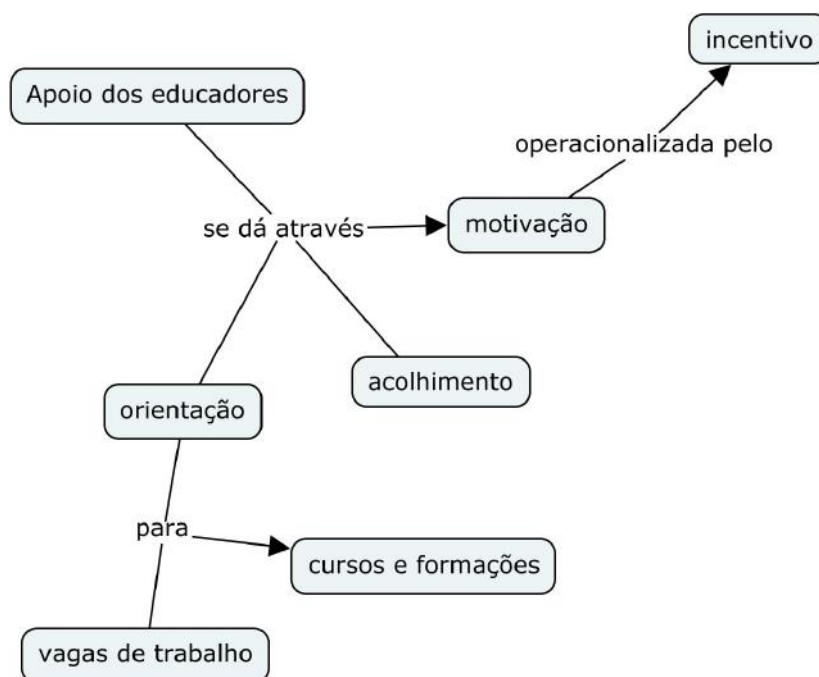
Essa dificuldade de compreensão pode apontar para a necessidade de realização de ações práticas em sala de aula, de forma que as mesmas auxiliem ao aluno fazer a relação do conhecimento teórico, ministrado em aula, com o seu dia a dia, seja na realização de uma atividade laboral ou em qualquer outra atividade da sua vida cotidiana.

7.4.3 APOIO DOS EDUCADORES

O apoio dos educadores é considerado um dos aspectos mais relevantes dentro da pesquisa, por se acreditar que esse é o agente principal na mudança de estado psicológico e cognitivo dos atores participantes deste tipo de programa.

Dessa forma, apresenta-se a análise dos dados coletados no núcleo PJU – JP com os seguintes elementos, apresentados no mapa conceitual a seguir.

FIGURA 7.11: MAPA CONCEITUAL APOIO DOS EDUCADORES PJU – JP



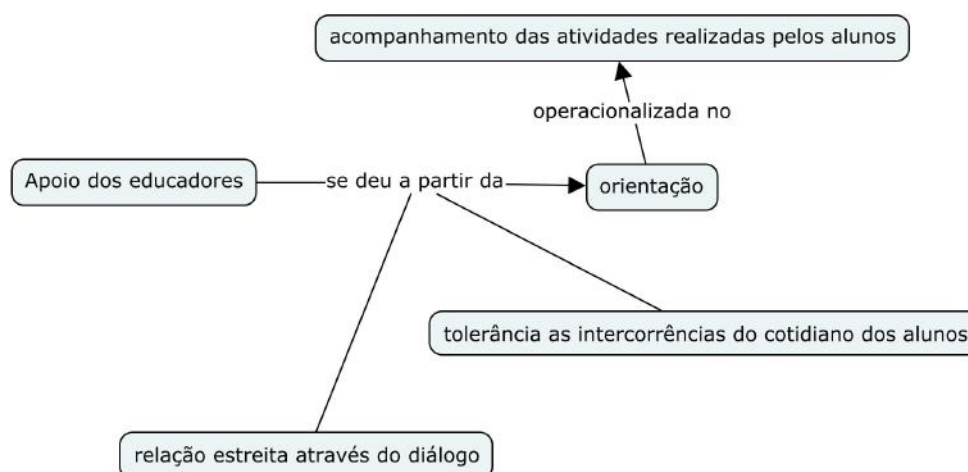
Fonte: Dados coletados no Nvivo 11.4

O mapa apresentado na figura 12 esclarece que a percepção do apoio efetivo por parte dos educadores segundo os alunos entrevistados no núcleo PJU- JP se dá de forma que os elementos indicados sejam presentes no cotidiano das atividades desenvolvidas por estes junto aos seus alunos.

Dessa forma, o apoio dos educadores consta como sendo uma relação de diálogo, assim como apresentado no nó apoio da equipe. No entanto, como elemento constituinte comum, destaca-se a presença do acolhimento acrescido de aspectos de motivação e orientação.

Dando continuidade às análises dos dados, apresenta-se os dados do PJU – RJ através da construção do mapa conceitual, que enfatiza os elementos constatados nas entrevistas realizadas no núcleo PJU-RJ conforme apresentado na figura a seguir.

FIGURA 7.12: MAPA CONCEITUAL APOIO DOS EDUCADORES PJU - RJ

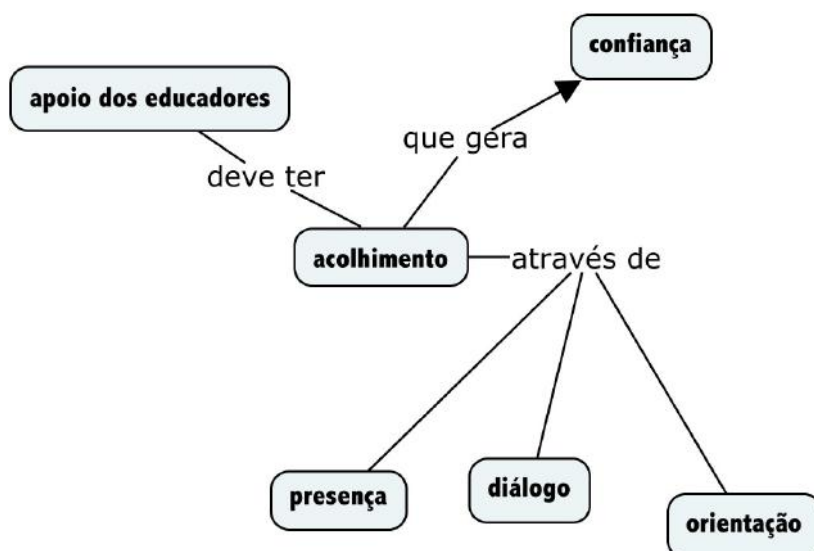


Fonte: Dados coletados no Nvivo 11.4

A relação do apoio dos educadores para os alunos do PJU – RJ destaca a existência de um vínculo de confiança relevante entre alunos e os professores. Além disso, o apoio possibilita também a valorização do processo de aquisição de conhecimento, considerado como elemento de valor na participação dos membros deste grupo pesquisado durante o programa, além de se relacionar com a tolerância às intercorrências diárias desses atores.

Para consolidar a comparação par a par deste nó, se apresenta a figura 7.13 com o mapa conceitual geral acerca do apoio dos educadores aos alunos. Dessa forma, percebe-se a existência de elementos comuns como: acolhimento, diálogo, orientação. Para a construção deste mapa, foi possível estabelecer a relação destes itens como aspectos relevantes para a construção de uma relação de confiança entre esses atores, conforme apresentado a partir da consolidação das respostas dos dois núcleos.

FIGURA 7.13: MAPA CONCEITUAL GERAL APOIO DOS EDUCADORES



Fonte: Dados coletados no Nvivo 11.4

A utilização desses termos na inferência dos alunos sobre a importância dos educadores no seu processo de qualificação profissional, possibilitam levantar que para esse público a relação construída entre o operador (educador) é dada como de importância.

De forma que esse usuário se relacione com um profissional de educação que possua um contato próximo, não como algo mecânico e sim com um olhar voltado as mais diversas necessidades desses alunos.

Dessa forma, as referências abordadas neste nó emergem a necessidade de ações que permitam a construção de laços de confiança entre aluno e professor, podendo ser o diálogo estabelecido e o acolhimento duas variáveis a serem consideradas.

7.4.4 QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL

A partir de uma pergunta realizada diretamente durante a etapa de campo sobre como o entrevistado entende o que é um profissional qualificado, buscou-se levantar qual a compreensão deste ator sobre este 'nó'.

O detalhamento de posicionamento permite analisar pontos possíveis de convergência ou até mesmo de divergências sobre o que os alunos entrevistados entendem como sendo um profissional qualificado.

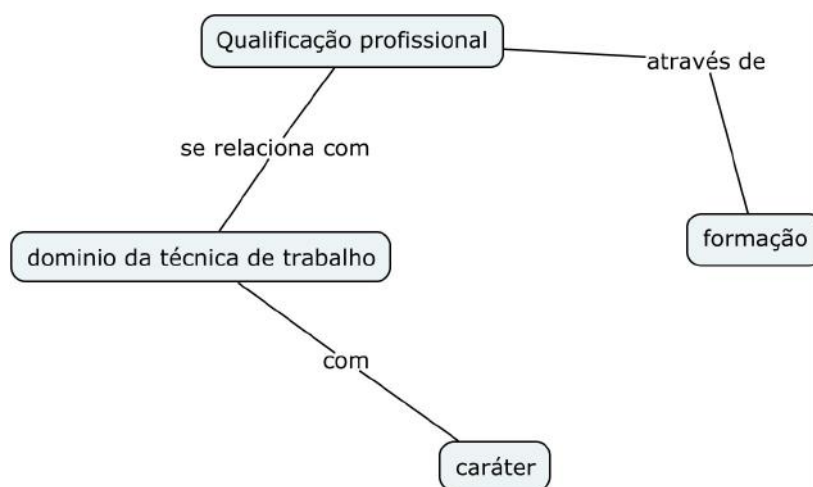
Através das referências coletadas na pesquisa de campo referente ao PJU – JP, observa-se que, na entrevista 17, o seu entendimento está relacionado à

execução de uma atividade profissional diferenciada, de forma que faça o trabalhador se sentir valorizado no ambiente de trabalho.

Na entrevista 19, o entrevistado se posiciona relacionando um valor moral, neste caso o caráter, um conhecimento sistemático, que ela chama de curso e como determinação. O entrevistado de número 23 relaciona o profissional qualificado a uma pessoa que tem um acúmulo de conhecimento e experiência em determinada atividade, podendo este não possuir um certificado para exercer tal atividade, mas que tem aptidão independente de uma instituição validar seu conhecimento.

O entrevistado de número 3 apresentou uma fala que apresenta uma relevância sobre a pessoa ter uma qualificação profissional, mas não detalha o que é ser um profissional qualificado. O entrevistado 4 realizou um posicionamento relacionando ao educador da matéria de qualificação profissional, apresentando elementos relacionados à posse de conhecimento, motivação e dedicação em relação à execução do seu trabalho, de forma que pode-se entender que, para o entrevistado, este educador se apresenta como uma referência de profissional qualificado.

FIGURA 7.14: MAPA CONCEITUAL QP – JP



Fonte: Dados coletados no Nvivo 11.4

Assim, na busca por sistematizar os dados, criou-se a figura 17, que apresenta os dados organizados, em cima do que os alunos do PJU – JP destacam como profissional que se relacionam a:

- Realizar o trabalho de forma diferenciada dos demais, criando um valor individual ao seu ambiente de trabalho;
- Possuir um conjunto de valores morais;
- Ser motivado e dedicado na execução do seu trabalho;
- Possuir um conhecimento sistemático e

- Dominar o conhecimento necessário para a execução da sua atividade laboral.
- Não necessariamente precisa ter uma validação institucional;

Para estabelecer a consolidação do posicionamento do grupo 2 do PJU – RJ, sobre o nó entendimento da QP, apresenta-se a figura abaixo:

FIGURA 7.15: MAPA CONCEITUAL QP - RJ



Fonte: Dados coletados no Nvivo 11.4

As inferências realizadas para a construção do mapa conceitual apresentado nesta figura é constituído a partir da referências levantadas no núcleo PJU-RJ que identificam que: a entrevista número 1 relaciona profissional qualificado a reconhecimento e influência social, na entrevista 15, relaciona as demandas do mercado de trabalho e os comportamentos necessários para se enquadrar nele, a entrevista número 20 apresenta elementos como responsabilidade, aquisição de conhecimento sistemático sobre a atividade laboral a ser exercida, ser respeitado como sinônimo de sucesso, assim como ter a habilidade de se expressar oralmente.

A entrevista número 6 aborda pontos como: realização pessoal em exercer tal atividade laboral, domínio da atividade e aquisição de conhecimento frequente para a realização da mesma. Na entrevista 7, pode-se interpretar como obter um enquadramento social que permita o indivíduo se realizar pela execução da sua atividade laboral, assim como o domínio do seu exercício.

Dessa forma, para sistematizar os dados referentes ao entendimento de um profissional qualificado para os alunos do PJU – RJ, observa-se a presença dos seguintes elementos:

- Respeito, reconhecimento e influência social;
- Enquadramento no mercado de trabalho;
- Responsabilidade no exercício das atividades;
- Aquisição de conhecimentos;

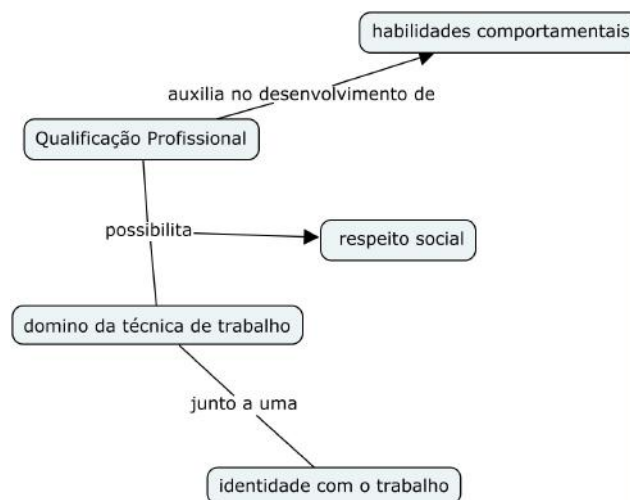
- Habilidade de se expressar oralmente.

Ao realizar a comparação entre os dados levantados entre os alunos dos dois núcleos, pode-se elencar que os aspectos em torno do entendimento de um profissional qualificado abordam os seguintes aspectos:

- É respeitado, reconhecido e valorizado a partir do exercício da sua atividade de trabalho;
- Domina os conhecimentos técnicos e comportamentais necessários para a sua atividade laboral.
- Possuir habilidade de expressão oral;
- Não necessariamente precisa ter uma validação institucional;
- Realiza a atividade que escolheu por identidade.

Através dos dados consolidados, dos dois núcleos em torno deste 'nó', elabora-se o mapa conceitual geral, apresentado a seguir:

FIGURA 7.16: MAPA CONCEITUAL GERAL QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL



Fonte: Dados coletados no Nvivo 11.4

Diante do mapa 19, observa-se que esses jovens possuem em comum um entendimento da relevância da QP como sendo uma área da sua vida que possui um forte impacto na sociedade visto e almejado por estes, através da conquista de um domínio técnico que possibilita a construção do respeito social. No entanto, é necessário destacar que o jovem não está buscando qualquer enquadramento e sim identificar uma atividade laboral a qual ele se sinta confortável em realizar.

7.4.5 DESAFIOS

Considerar os desafios identificados a partir dos usuários, permite entender as principais questões limitantes em torno do seu dia-a-dia para a sua experiência de qualificação profissional se concretize.

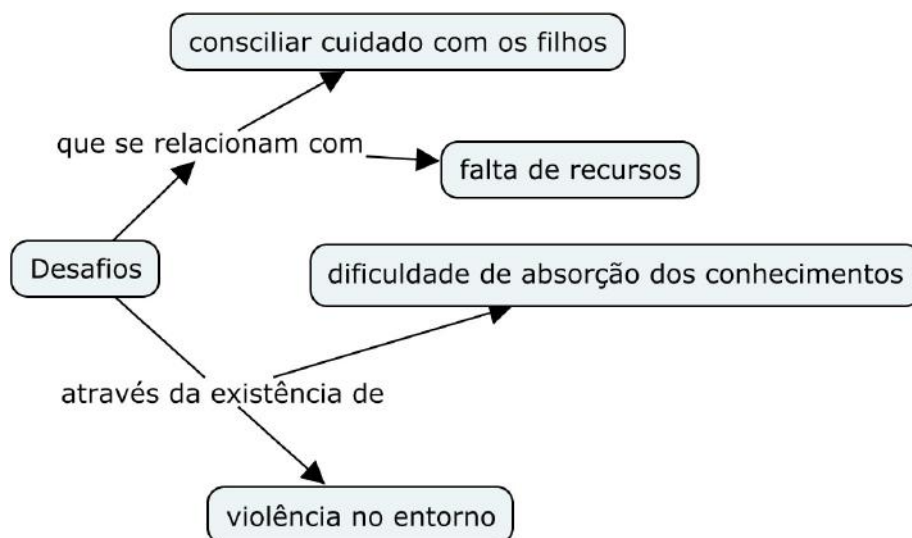
Dessa forma, segundo as referências apresentadas, os desafios destacados são: violência, falta de recursos, acesso a oportunidades que permitam conciliar a maternidade, dificuldade na absorção dos conhecimentos adquiridos foram identificadas no núcleo estudado.

Vale ressaltar que, dos entrevistados o único a declarar não ter desafios na sua participação do programa foi o entrevistado número 23, que é do gênero masculino.

Talvez a questão do gênero aponte para o cenário, de que boa parte das famílias ao se desmembrarem, fica com a mulher a responsabilidade dos filhos caso existam na relação.

Assim, elaborou-se a figura 21, para compor o mapa conceitual construído a partir dos dados coletados, considerados como desafios a serem superados.

FIGURA 7.17: MAPA CONCEITUAL DOS DESAFIOS APRESENTADOS PELOS ALUNOS DO PJU - JP



Fonte: Nvivo 11.4

Neste momento, levanta-se os desafios relacionados aos alunos do núcleo PJU-RJ, que apresenta fatores como: falta de inclusão social por ser morador da Cidade de Deus, partilha no cuidado com os filhos, falta de apoio do marido, falta de infraestrutura familiar, automotivação, superação da vergonha. Dentro da amostra

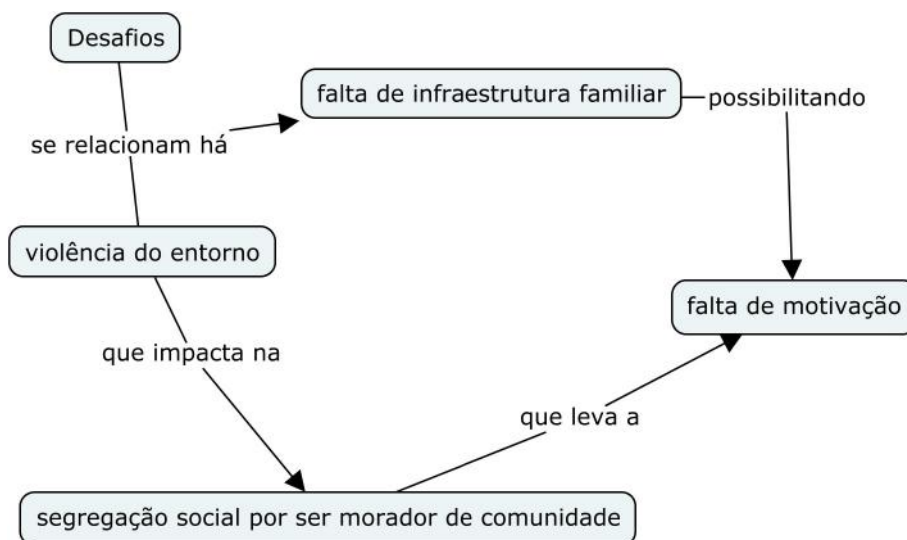
entrevistada, apenas o entrevistado n 1 é do gênero masculino, que também apresentou desafios enfrentados no processo de qualificação profissional.

Diante das referências apresentadas pelos alunos dos dois núcleos pesquisados, identifica-se que:

- (1) As mulheres entrevistadas apresentam uma preocupação maior no que se refere ao cuidado com os filhos, ter com quem deixar para estar estudando, além de questões voltadas ao machismo, como a falta de apoio do companheiro apresentado na entrevista 20.
- (2) A violência do entorno do núcleo é um dos desafios a serem superados. No entanto, o fato de a violência do entorno não aparecer em nenhuma das referências do núcleo do Rio de Janeiro não significa que a mesma seja inexistente. Uma possibilidade é de a mesma já estar tão naturalizada e enraizada entre seus moradores que a sua ausência ou existência deixa de ser questionada.
- (3) Aspectos como automotivação, superação da vergonha, ausência de recursos financeiros e dificuldade de absorção dos conhecimentos adquiridos fazem parte do grupo de desafios a serem superados pelos alunos que participaram desta pesquisa.
- (4) Pode-se entender a partir das entrevistas realizadas que os desafios dos homens participantes desta pesquisa não vão de encontro aos desafios das mulheres.

Para consolidar os dados coletados no núcleo PJU – RJ, assim como vem sendo apresentado na análise de cada 'nó', estrutura-se a seguir a figura 7.18, com a criação do mapa conceitual construído através dos desafios enfrentados pelos alunos do PJU – RJ.

FIGURA 7.18: MAPA CONCEITUAL DESAFIOS ENFRENTADOS PELO ALUNO PJU - RJ

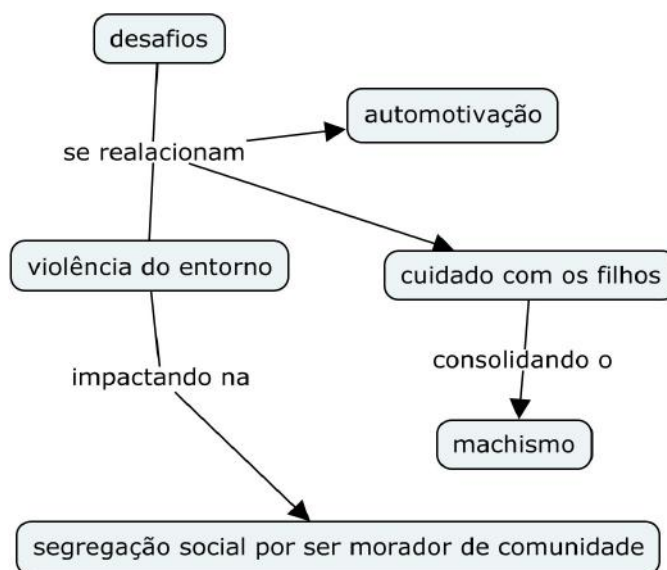


Fonte: Nvivo 11.4

Esta figura apresenta a violência do entorno como um grave entrave na vida desse jovem adulto, de forma que essa violência impacta diretamente de diferentes formas no seu processo de qualificação profissional, seja impossibilitando a realização das aulas devido a trocas de tiro, seja pelo resultado da imagem atrelada à criminalidade na comunidade, que estigmatiza o morador da comunidade dentro da sociedade.

Dessa forma, busca-se agora apresentar a consolidação dos elementos comuns entre os dois núcleos no que se refere ao enfrentamento dos desafios.

FIGURA 7.19: MAPA CONCEITUAL DOS DESAFIOS COMUNS DO PJU



Fonte: Nvivo 11.4

Para a consolidação apresentada na figura acima, foram considerados como aspectos emergentes relacionados aos dois núcleos participantes da pesquisa em torno dos desafios enfrentados:

- **Acolhimento aos filhos dos alunos.** Este é um ponto já contemplado no ProJovem Urbano. Esta pesquisa de campo vem como mais uma pesquisa para fortalecer a importância de ter a sala de acolhimento para os filhos dos alunos participantes, para que seja superada uma das barreiras no processo principalmente das mulheres. Dessa forma, a sala de acolhimento deve ser existente em outros programas que busquem abarcar esse público.
- **Violência do entorno.** Esse é um dos grandes desafios a serem superados pela sociedade brasileira, não só no processo de qualificação de jovens e adultos. Soluções que permitam aos alunos continuar suas atividades são necessárias para que as ações de violência não atrapalhem seu processo de qualificação profissional.
- **Machismo e automotivação.** Um dos desafios apresentados por uma das entrevistadas relata a falta de acolhimento do companheiro. Dessa forma, ações do núcleo que permitam promover uma integração maior a todos os membros das famílias dos alunos envolvidos, abordando a importância do programa para a comunidade e para a vida deles, podem ser um dos caminhos que permita a construção de uma relação de confiança entre a comunidade e o programa. Desta forma, também é possível ter um impacto positivo no apoio dos demais membros da família ao participante do programa.

7.4.6 MOTIVAÇÕES

Esse nó se dá como resultado do questionamento sobre o que levou cada aluno a participar do PJU. De forma que busca obter quais foram os aspectos que os levaram a se matricular no programa.

Compreender as motivações do usuário final se faz necessário para entender a existência ou não de alinhamento entre o usuário final do programa, nesse caso os alunos, com as motivações do provedor do serviço, nesse caso o Estado, que tem como instituição representativa os municípios.

Durante o levantamento desse nó, o mesmo possibilitou identificar que algumas entrevistas no núcleo PJU – JP se relacionam primeiramente ao seu histórico de evasão escolar, sendo a necessidade de suprir este vazio no processo de

escolarização causado por diferentes fatores da vida dos entrevistados, que os levaram a ingressar no programa.

Assim, o questionamento norteador deste 'nó' permitiu, mesmo que indiretamente, identificar fatores que levaram alguns dos jovens entrevistados a evadirem do sistema regular de ensino, sendo eles:

- Gravidez;
- Trabalho para ajudar a família se sustentar;

Para a relação, aos fatores motivacionais referentes aos alunos entrevistados do núcleo PJU - JP, foram apresentados:

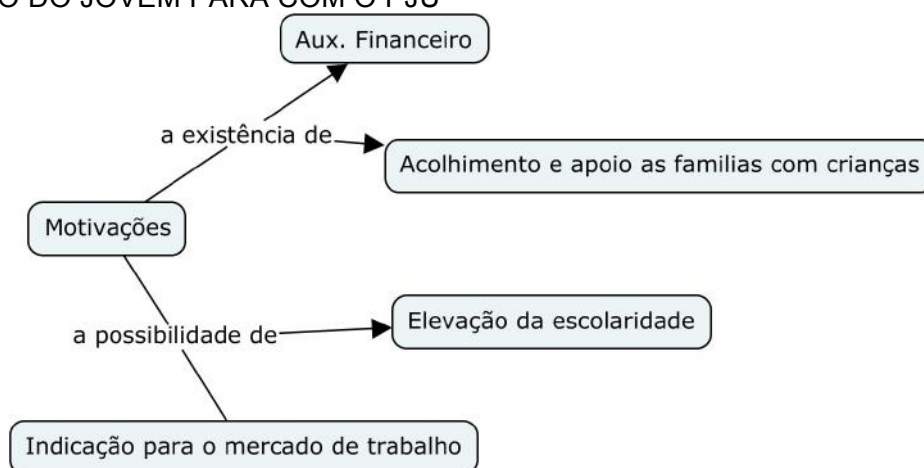
- Auxílio financeiro;
- Indicação para o mercado de trabalho e
- Elevação da escolaridade.

As referências coletadas referentes ao núcleo PJU – RJ apresentaram os seguintes fatores motivacionais:

- Elevação da escolaridade;
- Indicação para o mercado de trabalho;
- Auxílio financeiro;
- Acolhimento e apoio as famílias com crianças.

Para a consolidação dos dados, apresenta-se o mapa conceitual de consolidação dos dados levantado pelos dois núcleos, que forma a figura 25.

FIGURA 7.20: MAPA CONCEITUAL DA CONSOLIDAÇÃO DAS MOTIVAÇÕES EM TORNO DO JOVEM PARA COM O PJU



É importante destacar que, ao entrevistar os alunos não foi feita nenhuma hierarquização dos fatores motivacionais, dessa forma, não se tem elementos para afirmar se um aspecto pesa mais do que outro na vida deste.

No entanto, a pesquisa identifica que nos núcleos PJU – RJ e PJU – JP, para o grupo 2 participante desta pesquisa tem em comum os seguintes fatores motivacionais: auxílio financeiro, indicação para o mercado de trabalho e elevação da escolaridade, conforme apresentados na figura 25.

7.4.7 PARTICIPAÇÃO FAMILIAR

Este tópico é fruto das questões de números 7 e 2 do roteiro de condução das entrevistas semiestruturadas. Seu objetivo foi identificar os atores que exercem influência no processo de participação desses jovens dentro do programa de qualificação profissional.

Através das referências coletadas no núcleo do PJU – JP, permitiu-se identificar como ator ou atores de influência para os jovens entrevistados:

- Amigos da infância
- Amigos feitos no núcleo;

Ao se referir à participação da família no processo de qualificação profissional, observa-se que a família, na história de alguns alunos entrevistados, não se envolveu ativamente no processo de condução escolar, como pode ser observado nas citações das entrevistas de números 17, 19 e 4.

No entanto, nas entrevistas 18, 23 e 3, observa-se um posicionamento que remete a uma participação favorável e ativa no processo de condução escolar dos entrevistados através de apoio para a realização das atividades a serem executadas em casa, assim como apoio emocional e motivacional durante o percurso formativo dos alunos entrevistados.

Diante das referências do núcleo do PJU - RJ, observa-se, no que se refere ao apoio para participar do processo de qualificação profissional, que a família se apresenta como uma formatação diversificada. Ora, é composta por mãe, irmãs, tios e tias, como presente na entrevista 1. Ora só por marido e filhos, como na entrevista 6, apresentando uma desconexão com a mãe e os irmãos.

O apoio de amigos, vizinhos e membros da equipe do PJU aparece na entrevista 7, no entanto apresenta-se uma relação desconectada entre a entrevistada e os demais membros da sua família.

Dessa forma, ao abordar este 'nó', pode-se identificar múltiplos aspectos e configurações do que é a família do ator participante do PJU, família esta que em alguns momentos não é constituída por laços sanguíneos, e sim afetivos.

Essa ausência ou presença pode ter impactos diversos nas motivações e desafios enfrentados, conforme apresentados anteriormente no item 7.4.6.

7.4.8 INFRAESTRUTURA DISPONIBILIZADA

Aborda-se aqui a percepção dos alunos no que se referem ao aspecto infraestrutura disponibilizada no núcleo de operação do PJU. Entender como se estabelece aspectos que se relacionam à presença ou ausência na infraestrutura dos núcleos participantes da pesquisa é de relevância para consideramos como se dá a relevância dos recursos necessários ao processo de qualificação profissional a partir da perspectiva dos envolvidos diretamente.

No que se refere à quantidade de citações que relacionam as entrevistas ao nó, percebe-se que o núcleo PJU - JP possui um posicionamento a menos em relação à participação em outros nós.

Isso se deu por uma perda parcial da entrevista de um dos alunos participantes da pesquisa, ocasionada pela falta de energia no equipamento utilizado na condução da pesquisa.

Dessa forma, os dados referentes ao PJU – JP são apresentados contando com a ausência de resposta referente à entrevista 18. Compreender que o processo de pesquisa de campo é um processo de diferentes aspectos desgasta o pesquisador em nível físico e emocional. O pesquisador, apesar de prezar sempre pelo rigor técnico, está fadado a falhas no seu processo. A entrevista de número 18 foi de grande complexidade de condução, o que terminou acarretando na ausência do questionamento referente à percepção dos aspectos de infraestrutura.

No entanto, esta mesma entrevista apresentou contribuições nos outros nós, justificando assim o porquê da manutenção da mesma no processo de análise de dados. Dessa forma, apesar da perda de coleta dessa informação, a entrevista 18 não perde sua contribuição por ter contemplado todos os demais questionamentos abordados no questionário semiestruturado.

Diante disto, pode-se identificar entre as citações apresentadas um quantitativo de 4 das entrevistas, apontando referências caracterizadas como não sendo suficiente a infraestrutura disponibilizada pelo município onde operou o PJU – JP participante da pesquisa.

No entanto, um dos 4 entrevistados apresentou dificuldade em esclarecer quais pontos de infraestrutura eram necessárias melhorias, mas apresentou elementos como livros, professores, cadeiras, espaço, ventilador e merenda como aspectos

contemplados de infraestrutura dentro do núcleo. Já 1 dos entrevistados declarou que sim, é suficiente a infraestrutura.

Dessa forma, para os atores do PJU – JP, os elementos apresentados como não suficientes extraídos são:

- Sala de informática com máquinas sem funcionamento;
- Conforto térmico relacionado à instalação de ventiladores nas salas de aula de forma inadequada.
- Reparos no prédio referente à pintura, retirada de entulho do entorno dentro da escola.

Uma única entrevista, dentre as demais se posicionou positivamente sobre ter todos os recursos de infraestrutura para o seu processo de qualificação. Nesta foi citada ainda a presença de:

- Ventilador (que antes estava quebrado)

Assim, percebe-se que o mesmo entrevistado que falou ter todos os aspectos de infraestrutura da escola relata em cima de uma solução dada para um problema existente, conforme pode ser identificado nas referências de outros alunos do núcleo que participaram da pesquisa. No que se refere à instalação do ventilador, esta não foi feita de forma “segura”, o que fica claro na referência de número 4 apresentada no ANEXO II.

Com isso, pode-se inferir que para os alunos é importante considerar na infraestrutura do núcleo PJU- JP aspectos relacionados a presença de:

- Salas de informática aptas para o uso, com as máquinas em funcionamento;
- Conforto térmico dos ambientes educativos, principalmente das salas de aula;
- Estética física do núcleo no que se refere à pintura e manutenção das instalações do prédio em que opera o núcleo;
- Professores capacitados;
- Material didático;
- Merenda.

Um dos pontos que consta com recorrência na fala dos alunos entrevistados se refere à ausência da sala de informática para a realização das aulas práticas da disciplina. Isso fica claro ao observar as citações dos entrevistados 3 e 17. Questões referente a reparos no núcleo aparecem como sendo relevantes na percepção dos alunos. O entrevistado número 19, apesar de expressar que não tem todos os

recursos de infraestrutura necessários para o seu processo de qualificação profissional, não soube apresentar com clareza quais eram os aspectos que ele percebia como deficitário no núcleo.

Isto nos leva a levantar a existência de uma dificuldade de objetividade ao ter que justificar seus posicionamentos. Dessa forma, evidencia-se a necessidade de trabalhar junto com os alunos participantes desses diversos programas de qualificação profissional ações que vão além de uma caixa conceitual técnica ou básica de performance.

O entrevistado de número 4 relaciona os professores como parte da estrutura, principalmente como uma parte que atende ao seu processo de qualificação. No entanto, ele esclarece que não considera ter tido todos os recursos de infraestrutura necessários, fazendo um relato que aborda o ventilador como um bem existente nas salas de aula para se ter um ambiente mais confortável termicamente os alunos

O entrevistado de número 23 foi o único a declarar que tinha todos os recursos de infraestrutura necessários ao seu processo de formação.

No que se refere a este aspecto em torno dos alunos do PJU - RJ, percebe-se que, dos 5 entrevistados, apenas 1 declarou ter tido infraestrutura insuficiente. Mesmo assim, esse apresentou confusão na hora de descrever o que seria essa insuficiência. Dificuldade essa que também foi apresentada por um dos alunos do PJU – JP.

No levantamento de campo do PJU – RJ, é relevante destacar aspectos como:

- Refeição no turno de aula
- Horário que permite trabalhar
- Professores presentes
- Assistência estudantil

Todos esses aspectos foram relacionados à infraestrutura disponibilizada para o processo por parte dos alunos pesquisados. O único entrevistado que declarou não ter tido toda a infraestrutura relacionada ao seu processo fez menção a aulas de artes cênicas e a diversificação do conteúdo apresentado. No entanto, sua fala apresenta pouca clareza. Essa pouca clareza se relaciona em diferentes momentos nas entrevistas com os alunos. Observa-se que na etapa de campo, os alunos apresentam dificuldades ao serem questionados de forma mais aprofundada e é exigida uma justificativa ao seu posicionamento.

Com isso, questiona-se se como deve ter sido conduzido os exercícios voltados para a análise e justificativa de posicionamentos em sala de aula no processo

de qualificação profissional desses jovens e adultos para que os alunos tenham apresentado tais dificuldades.

Sabe-se que a qualificação profissional vai além de um escopo técnico de afazeres de uma atividade produtiva. Dessa forma, a capacidade de análise é atributo necessário ao ser humano para sua inserção ao mundo do trabalho qualificado.

Voltando ao 'nó', destaca-se aqui que, para os alunos dos dois núcleos pesquisados, a infraestrutura é um conjunto de elementos que considera tanto os bens quanto os atores envolvidos no processo de formação. Além disso, ela é apresentada como sendo uma preocupação existente por parte desse grupo para aproveitar da melhor forma possível a experiência no PJU.

7.4.9 MATERIAL DIDÁTICO

O material didático utilizado foi item de estudo. O objetivo da análise da percepção deste item se dá na busca por um aprofundamento de como os alunos fizeram uso dos materiais em sala de aula e levantar possíveis contribuições de melhoria para o desenvolvimento de novos materiais didáticos.

Para tanto, este nó foi contemplado por todos os entrevistados tanto do PJU – JP como do PJU – RJ. Dessa forma, no que se refere aos alunos do PJU – JP, o material didático contribuiu positivamente no seu processo de qualificação profissional.

Pode-se identificar que, neste núcleo, fica evidente o entendimento do material didático como sendo os livros recebidos para a realização de atividades tanto em casa quanto na sala de aula.

O que melhor expressa os aspectos mencionados sobre este ponto diante da percepção dos alunos são os seguintes itens:

- Rever os conteúdos;
- Estudar em casa;
- Guia de atividades;
- Acompanhamento com os professores.

Ao se posicionarem sobre o material didático, os alunos do núcleo do PJU – RJ também demonstraram em suas entrevistas que o material didático foi relevante no seu processo de qualificação profissional.

Vale destacar aqui que a relação desses alunos com o material didático apresentou comportamentos relacionados ao apego ao mesmo a partir da não devolução do material para o núcleo, por acreditar que o mesmo pode vir a ajudar no

futuro, seja para o próprio, seja para os demais membros da família. Tal atitude pôde ser notada nas colocações dos entrevistados números 7 e 1.

Dessa forma, percebe-se que o material didático apresenta para esses jovens uma relevância, um valor simbólico, tendo em vista que o mesmo o trata como algo de “valor” para ele ou para gerações futuras da família dele.

O entrevistado número 6 amplia a percepção do material didático para além dos livros, apontando a importância da agenda como um diário de desenvolvimento do processo de qualificação profissional do aluno. O uniforme, do mesmo modo, se apresenta como mais um item do material didático.

Ao sistematizar as referências do núcleo PJU - RJ, foram identificados aspectos como:

- Guia de atividades;
- Fardamento.

Nos dois núcleos pesquisados, o material didático apresentou uma avaliação positiva por parte dos alunos. O aspecto unânime entre os alunos é a percepção do material didático como um guia de atividades.

Um aspecto que emergiu unicamente no núcleo do PJU – RJ foi o fardamento como um elemento relacionado ao material didático. Ao identificar a relevância do fardamento, aponta-se a possibilidade de este ser um item de comunicação social, de forma que permite comunicar de forma direta que o uso do fardamento remete o indivíduo àquela instituição e àquele programa, sendo assim, um tem que caracteriza o valor simbólico de pertença ao programa de qualificação profissional.

A possibilidade pode estar relacionada à hipótese de que, para esse grupo analisado, todo o material didático se refere a tudo aquilo que o projeto oferece ao aluno para estar participando de suas atividades.

7.4.10 SENTIMENTOS

Compreender como o aluno se sentiu durante o seu processo de qualificação através da participação nas atividades desenvolvidas pelo núcleo e através das relações estabelecidas nele se faz necessário para compreender suas expectativas em relação ao processo de qualificação profissional, vivido.

Dessa forma, ao analisar os dados expressos pelos alunos do PJU – JP, identifica-se a presença de aspectos positivos no que se refere à experiência.

Constata-se isso a partir da presença de qualidades como:

- Feliz;
- Encorajado;
- Entusiasmado;
- Gratidão;
- Importância;
- Realizada e
- Útil

A presença destes termos para se referir à participação dos alunos dentro do programa mostra a relevância que o PJU – JP teve na vida dos entrevistados, sendo ele uma experiência positiva a ser guardada na vida dos seus participantes.

Destaca-se ainda a existência de necessidades de inclusão e pertença por eles, de forma que esses sentimentos se expressam em motivações para continuar todo o processo.

Na análise referente ao núcleo PJU - RJ, observa-se a presença de sentimentos como:

- Satisfação;
- Felicidade;
- Realização;
- Estímulo;
- Conforto.

Mas também se observa a presença de sentimentos negativos como:

- Desânimo e
- Tristeza.

No PJU – RJ, observa-se a presença de dois grupos de sentimentos: os considerados do grupo ‘negativo’ aqui não estão relacionados à participação do processo de qualificação em si, mas sim de emoções que surgem referentes ao cotidiano da vida dos alunos que os citaram, que, em alguns momentos, se relacionam bem com os desafios apresentados no item 7.4.5. Com isso, destaca-se mais uma vez que o conhecimento das realidades vividas por parte desse grupo de atores, pode se apresentar como elemento necessário para a construção programas de qualificação profissional e elevação da escolaridade de membros desse grupo.

Ao abordar sentimentos referentes ao grupo de sentimentos ‘positivos’, percebe-se a predominância do que destaca a percepção de ganhos dos alunos a partir da participação no programa.

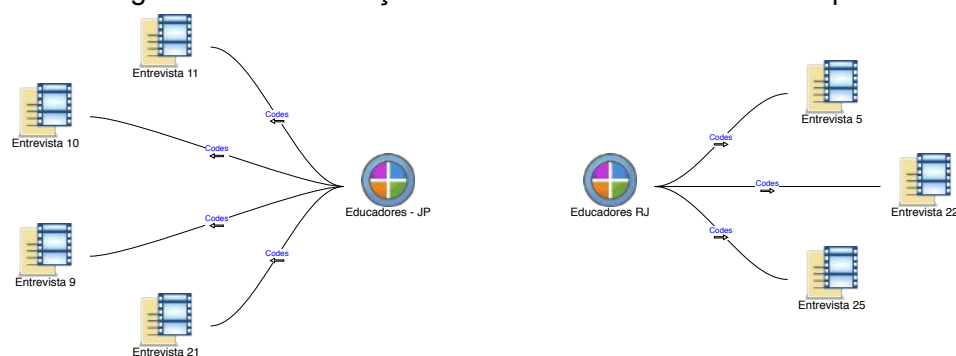
No entanto, a presença de sentimentos “negativos” leva a questionar quais ações voltadas diretamente ao acolhimento e acompanhamento dos alunos usuários desses programas, conforme destacado nos itens 7.4.1 e 7.4.3, podem apresentar melhorias na experiência de qualificação profissional vivida pelos mesmos.

7.5 DIAGRAMAÇÃO PAR A PAR PELO GRUPO EDUCADORES E EQUIPE (GRUPO 1)

Neste momento, levanta-se a percepção dos educadores e gestores envolvidos na operacionalização do processo de qualificação profissional dos jovens e adultos envolvidos.

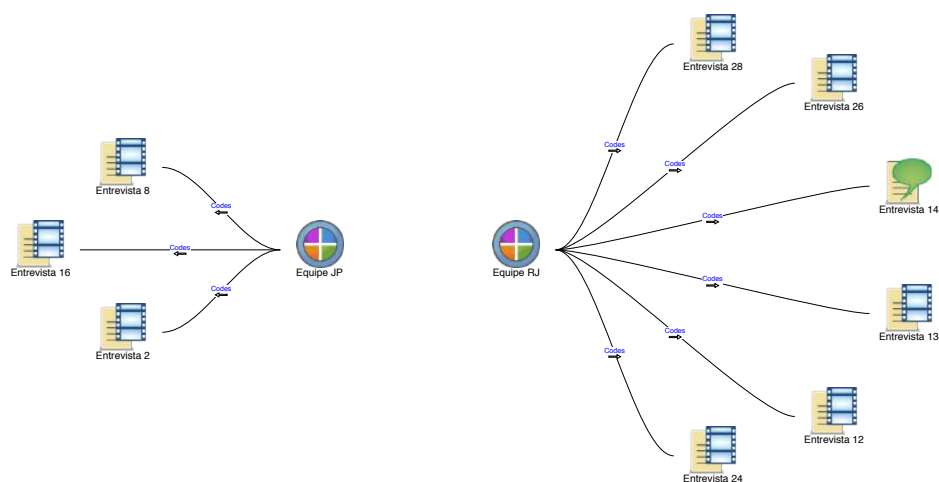
Para apresentar a organização dos atores por núcleo entrevistado, apresenta-se duas figuras que compõem a distribuição e alocação destes:

Figura 7.21: Distribuição dos educadores entrevistados por núcleo



Dessa forma, a figura acima é composta pelos registros das entrevistas dos educadores participantes, que podem ser identificados de forma numérica com o intuito atender à exigência do comitê de ética de preservar suas identidades.

FIGURA 7.22: DISTRIBUIÇÃO DOS MEMBROS DA EQUIPE ENTREVISTADOS POR NÚCLEO



Assim, como estas figuras possuem a mesma organização, a apresentação dessas imagens tem como objetivo apresentar de forma gráfica a amostra participante da pesquisa.

Dessa forma, dando continuidade aos desdobramentos por 'nó', realiza-se a análise de como os atores responsáveis pela operacionalização (grupo 1) percebem seu usuário final (grupo 2) e do processo que eles operam, de forma que nos seja disponibilizado a oportunidade de entender o grau de aproximação que esses profissionais possuem com o usuário final, como eles entendem o processo de qualificação profissional e sua importância, assim como a importância do trabalho deles para a comunidade.

A realização da diagramação par a par permite a construção de dois cenários sobre cada um dos nós de acordo com a ótica dos atores de cada um dos núcleos estudados. Desta forma, permite-se identificar similaridades de percepção como divergências e identificar em quais contextos elas se aplicam.

7.5.1 QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL

Compreender como se estabelece o entendimento dos educadores e membros da equipe envolvida na condução do programa de cada um dos núcleos pesquisados se faz necessário para identificar aspectos semelhantes e divergentes na construção do conceito.

Esse entendimento acerca da QP impacta diretamente nas ações a serem desenvolvidas sobre esses operadores do programa e diretamente sobre a experiência criada para os educandos.

Para isso, através dos dados coletados nas entrevistas, construiu-se uma tabela composta pelos termos linguísticos identificados entre os atores dos dois núcleos apresentada a seguir.

QUADRO 7.1: COMPREENSÃO ACERCA QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL DE EDUCADORES E DE MAIS MEMBROS DA EQUIPE PJU

PJU - JP	PJU - RJ
<ul style="list-style-type: none"> • elementos referentes ao mundo do trabalho; • formação profissional inicial segmentada; • direitos e deveres dos trabalhadores; • busca de emprego; • processo contínuo; • busca de profissão; • formação para exercer uma função; • abertura para o mercado de trabalho; • capacitação do aluno; <p>processo que demanda tempo e que deve ser norteado em cima das necessidades do dia-a-dia das pessoas</p>	<ul style="list-style-type: none"> • atividade que dê retorno financeiro; • conhecimento mínimo para entrar no mercado de trabalho; • carreira; • ter um sustento a partir da execução de uma profissão; • conclusão dos níveis de escolaridade; • desenvolvimento comportamental; • trabalho; • ter conhecimento para realizar um trabalho.

Inicialmente, observa-se nas inferências relacionadas ao termo Qualificação Profissional - QP uma diferença quantitativa de dados linguísticos coletados. Os dados coletados no núcleo do PJU – JP apresentam 9 inferências, diferentemente das 8 coletadas a partir do PJU – RJ. Essa divergência quantitativa inicialmente não tem nenhum aspecto significativo para relacionar o entendimento sobre QP nesta pesquisa.

No entanto, ao considerar o entendimento dos termos linguísticos apresentados, percebe-se, entre os atores PJU – JP, que o entendimento sobre a QP é estabelecido a partir de uma relação entre o trabalhador e o mundo do trabalho.

Observa-se assim uma relação de respaldo por um processo formal e contínuo de aquisição de conhecimentos, segmentados diante da sua busca por oportunidade de emprego, que de alguma forma, pode ser sua profissão, onde o trabalhador é ciente dos seus deveres e direitos.

A presença dos termos ‘mundo do trabalho’ e ‘processo contínuo’ destaca o entendimento da QP como algo que faz parte da existência humana e não somente algo relacionado ao enquadramento do sistema produtivo vigente.

Desta forma, considera-se a necessidade de o ator ter posse de elementos que estabeleçam o melhor entendimento acerca da dinâmica estabelecida no sistema vigente.

Para os envolvidos no núcleo do PJU - RJ, o entendimento da QP apresenta um elemento considerado preocupante, tendo em vista a presença do termo linguístico 'mínimo', relacionado a uma entrada no mercado de trabalho e com a **absorção de conhecimentos**.

Isto nos leva a questionar o que venha a ser esse mínimo. Pode-se considerá-lo como 'básico' para possibilitar a entrada do indivíduo no mundo do trabalho, de forma que ele ter recursos que viabilizem o seu sustento.

Dessa forma, levanta-se a hipótese de um entendimento da QP como algo que se relaciona apenas ao encaixe no sistema produtivo, de forma que o mesmo possibilite a aquisição de recursos monetários?

Desta maneira, no entanto, desconsidera-se elementos como satisfação pessoal, superação de desafios, autorrealização, que fazem parte da natureza dos atores e que impactam diretamente no mundo do trabalho, no entanto, não são considerados no entendimento a cerca da QP, entre os atores do PJU- RJ entrevistados.

7.5.2 APOIO E VALORIZAÇÃO SOCIAL E FAMILIAR

O ser humano é composto por diferentes fatores motivacionais. Com o objetivo de compreender como os educadores e demais membros da equipe percebem o apoio e a valorização da comunidade e da família, é preciso compreender se esse é um dos fatores que os motiva na realização da sua atividade.

Diante dos dados levantados referentes ao núcleo PJU - JP, identifica-se a presença no que se refere a uma possível ancestralidade de educadores dentro das famílias presentes no apontamento das entrevistas de números 9, 11 e 16.

Nas demais entrevistas, não são apresentadas falas que se referem à ancestralidade de educadores de referência na família, mas pode-se identificar, a valorização pelo processo educativo através do apoio e incentivo dos membros das famílias, como é apresentado nas referências dos entrevistados, números 10, 27 e 21.

No ponto referente à valorização da comunidade, dos 6 educadores entrevistados no PJU - JP, 1 é morador da mesma comunidade em que atua e que já vem desenvolvendo trabalho com a juventude ao longo da sua carreira profissional.

Nas falas dos educadores, pode-se perceber uma valorização dos mesmos no que se refere à relação de ganho por parte dos educandos que encontram na

caminhada, onde esse crescimento é apresentado como uma das formas de ganho por parte da sua profissão.

Com isso, os elementos identificados desse núcleo para o apoio e valorização social e familiar são:

- Percepção do processo de transformação positiva por parte dos educandos envolvidos no processo;
- A presença de emoções referentes ao acolhimento, amorosidade, incentivo por parte dos membros da família são apresentados como fatores que contribuem positivamente para o exercício profissional.
- A divulgação das ações desenvolvidas pelo programa por parte da mídia local se manifestou como sendo um fator de reconhecimento social do programa.
- A percepção de que o profissional que atua na educação tem uma demanda de tempo de carga horária de trabalho muito alta.
- Percepção da ausência da valorização financeira através do exercício da profissão.

No levantamento realizado entre os educadores e demais membros da equipe do núcleo PJU - RJ, percebe-se uma presença da importância do entendimento de família por parte dos membros e de como a família possui relevância na formação dos cidadãos.

Ao sistematizar as informações referentes a este nó do núcleo PJU – RJ, percebe-se que:

- A valorização da comunidade fica comprometida pela disseminação na mídia do não reconhecimento financeiro do exercício da profissão de educador.
- A família dos educadores se apresenta como uma apoiadora e valorizadora do processo formativo dos profissionais.
- A carga horária de trabalho exigida pela profissão como um fator que impacta negativamente na vida familiar, principalmente se o educador for do sexo feminino.
- A falta de reconhecimento financeiro é apresentada como um fator negativo para a valorização por parte da comunidade.
- Preocupação e relevância da solidez da família que o profissional constitui.
- Interesse da família sobre as atividades realizadas pelos educadores é apresentado como um elemento de manifestação de apoio.

- A família como elemento motivador para o exercício da profissão, de forma que é através do seu exercício que se dá condições de sobrevivência das famílias dos educadores.

Ao realizar uma análise comparativa através da sistematização dos dados coletados entre os núcleos, pode-se observar que os mesmos apresentam convergência que se referem a:

- Existência de um papel da mídia para a construção da percepção de valor no que se refere à profissão de educador para a comunidade, podendo ter um impacto positivo ou negativo através das mensagens passadas;
- A ausência de um reconhecimento financeiro é apresentada como um fator que impacta na valorização por parte da comunidade;
- O fator financeiro obriga os educadores muitas vezes a ter uma carga horária de trabalho exaustiva que impacta nas relações familiares, chamando atenção de que esse impacto acarreta um peso maior para as mulheres que exercem essa profissão.

Incontestavelmente, as famílias se apresentam como um elo forte na relação de qualidade do exercício profissional através das ações e comportamentos de apoio com as pessoas que são profissionais da educação. Essas ações manifestam-se através da colaboração e compreensão dos desafios constantes exigido pela dinâmica estabelecida para as pessoas que se inserem nesta escolha profissional.

Os desafios vão desde um salário que possa ser considerado baixo até carga horária considerada alta.

7.5.3 DESAFIOS

O exercício de toda profissão apresenta desafios: entender quais são e como eles se apresentam para esses profissionais se faz relevante para que se possa compreender e levantar possíveis ações de suporte para os atores envolvidos no processo.

Com isso, os entrevistados pertencentes ao núcleo PJU – JP apresentam os seguintes pontos:

- O processo seletivo de contratação dos educadores;
- O perfil dos alunos que é composto por: autoestima baixa; passividade no processo educativo, apresentado pela falta de envolvimento professor e aluno;

- Evasão;
- Falta de capacitação profissional prévia para os professores e gestores envolvidos no programa;
- Convivência com alunos envolvidos em questões ilícitas;
- Existência de programas de educação que envolve públicos de faixa etária diferente em um mesmo núcleo;
- Distribuição do recurso municipal para o fornecimento de alimentação necessário para todos os alunos da escola;
- Histórico negativo do ProJovem Urbano por parte de outros núcleos;
- Disputa de espaço entre os professores da escola e os professores contratados para conduzir o programa no núcleo;
- Alunos com diferentes níveis numa mesma turma exige um exercício maior de práticas que permitam nivelar a turma;
- Atraso do pagamento das bolsas disponibilizadas pelo programa;
- Diversas mudanças de coordenador do programa;
- Conscientizar os educadores de realizar a promoção social dos alunos através da inclusão social;
- Dificuldade de conciliação do trabalho com os estudos por parte dos alunos;
- Diferença de condução metodológica com a escola regular e particular.

Para os atores entrevistados no núcleo PJU – RJ os aspectos identificados são:

- Evasão;
- Violência presente da comunidade entorno do núcleo;
- Falta de disciplina dos alunos envolvidos no ProJovem;
- Conciliar a rotina dos educandos que trabalhavam com os estudos;
- O atraso no pagamento da bolsa auxílio;
- Atraso da emissão dos certificados dos alunos que concluíram o programa;
- Reuniões de formação a noite e fora do núcleo formativo;
- Necessidade de identificação dos alunos com o professor, para manter a conexão entre educando e educador;
- Conseguir a adesão das escolas e seus gestores que se disponibilizem a ser parceiras e operar o programa;
- Conseguir o quantitativo solicitado pelo MEC para tocar o programa;

- Gerir as pessoas das escolas que aderem ao programa de forma que se tenha um engajamento efetivo para o bom funcionamento do mesmo;
- Baixa autoestima por parte dos alunos.

A violência foi citada como sendo uma limitação para 5 dos entrevistados. Esse tópico pode ser apresentado como uma externalidade negativa que ultrapassa as fronteiras de desenvolvimento do projeto, mas que pode ser impactado a longo prazo através da existência do mesmo.

A frequência, que caracteriza a evasão dos alunos, foi apresentada como um desafio por 5 dos entrevistados. No entanto, compreender os motivos que ocasionam essa evasão se apresenta como um dos desafios de gestão do programa estudado. Desta maneira, a coordenação pode possibilitar o desenvolvimento de ações efetivas por parte da equipe envolvida em operar o programa.

Tais ações possibilitam auxiliar na construção de autoestima dos educandos, ações que possibilitem conciliação entre trabalho e estudos por parte dos mesmos, podendo ser estratégias para possibilitar a diminuição da evasão dos matriculados e auxiliar na valorização da comunidade acerca dos profissionais envolvidos na educação.

Ao se fazer um paralelo entre os dados coletados nos núcleos PJU – JP e PJU – RJ, percebe-se presentes em ambos fatores que envolvem a evasão dos educandos dentro do programa:

- Baixa autoestima dos alunos envolvidos;
- Violência do entorno ou alunos envolvidos no crime;
- Falta de capacitação prévia para gestores e demais membros de apoio da gestão para o público que se direciona o programa;
- Atraso do pagamento da bolsa disponibilizada pelo programa;
- Conciliar a rotina de trabalho e estudos por parte de alunos.

Dessa forma, deve-se compreender que as soluções podem ser operacionalizadas de diferentes formas, tendo em vista entender a complexidade a cerca da necessidade do educando.

7.5.4 IDENTIDADE COM OS ALUNOS

Ao abordar os educadores e gestores do núcleo PJU - JP sobre a identidade percebida entre a história deles e dos alunos, dos 6 entrevistados, 2 declararam claramente que sim, utilizando termos para a resposta como: “com certeza” e

“demais”, 1 declarou claramente que não. Já os demais entrevistados, em cima das referências retiradas ao abordar esse ponto nas entrevistas, apresentam uma percepção parcial entre suas trajetórias e as dos alunos.

Dentre esses que perceberam uma identificação parcial, levanta-se o aspecto de terem (os educadores) vindo de famílias pobres. No entanto, ao contrário da maioria dos alunos, os educadores apresentam como fator contrário pertencer a uma dinâmica de família bem estruturada, com pai e mãe presentes.

Outro fator destacado como diferenciador foi a oportunidade de ter uma trajetória educacional linear, sem desistências no percurso, sendo esse mais um fator diferenciador entre educadores e educandos.

A tabela a seguir é apresentada para a análise de aspectos convergentes entre os educadores e educandos identificados nas referências coletadas entre os entrevistados dos núcleos PJU – JP e PJU – RJ apresentados como sendo fatores identitários.

QUADRO 7.1: COMPARAÇÃO DE ASPECTOS IDENTITÁRIOS POR PARTE DOS EDUCADORES E DEMAIS MEMBROS DA EQUIPE COM OS EDUCANDOS PJU

PJU - JP	PJU - RJ
<ul style="list-style-type: none"> • Busca por melhorias na sua comunidade, • Persistência, • Necessidades de lazer e de qualificação, • Vivência de comunidade, • Ser de família pobre. 	<ul style="list-style-type: none"> • Ser de uma origem familiar pobre; • Ter na figura da mãe como a única responsável pelo estio financeiro e emocional dos filhos; • Ter na figura do pai uma relação de abandono familiar; • Ter presente no ciclo familiar filho com resistência ao ambiente escolar inserido, que exigiu da mãe um acompanhamento mais intensivo para que esse filho conseguisse concluir os estudos; • Ser uma pessoa que precisou estudar a noite para conciliar com o trabalho e fazer supletivo para concluir os estudos.

No levantamento entre os atores do núcleo PJU – RJ, 1 dos entrevistados declarou não existir nenhum nível de identidade entre sua trajetória e a trajetória dos alunos envolvidos. Essa desconexão por parte de um educador na linha proposta por esta pesquisa é considerada como aspecto limitante de desempenho e atuação dentro de um projeto desta natureza. Tendo em vista que isto exige do educador um elo de conexão, podendo este ser de naturezas diversas.

Aspectos apresentados como divergentes entre as realidades dos educandos com os educadores do PJU – RJ e PJU - JP se dá na presença de uma estrutura familiar consolidada (com pai e mãe presente), e o não envolvimento com aspectos relacionados ao crime.

Vale destacar que, ao buscar a presença de elementos convergentes entre os atores entrevistados, observa-se uma relação acerca da origem familiar pobre.

7.5.5 IMPORTÂNCIA DA QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL

Entender a percepção no que se refere à importância para os profissionais envolvidos apresenta elementos que podem contribuir no aspecto identitário desses atores ao programa.

Ao realizar análise voltada ao entendimento da importância por parte dos educadores e gestores entrevistados do núcleo PJU - JP, observa-se que as referências coletadas contemplam os seguintes aspectos:

- Como uma necessidade para ter oportunidades;
- Conseguir emprego;
- A QP como um processo formativo para se apropriar de elementos necessários e específicos do mundo de trabalho;
- Como uma escolha individual de exercício profissional;
- Uma construção mais ética do exercício profissional;
- Melhor desempenho do exercício profissional;
- Uma disciplina voltada à educação básica, com vistas a preparar para o mercado de trabalho;
- Indicar uma possibilidade de percurso formativo para o mundo do trabalho que o indivíduo pode vir a ter.

No que tange a análise das referências do núcleo PJU – RJ, retirou-se os seguintes elementos:

- Ter mais chance no mercado de trabalho;
- Conseguir um emprego;
- O indivíduo ter uma maior participação social;
- Saber fazer bem uma atividade de forma que ela te permita se manter ou se inserir no mercado de trabalho;
- Um olhar voltado para as diferentes alternativas que aquele indivíduo pode ter;
- Exercer uma função da forma mais correta para conseguir um trabalho;

- Para ter um melhor conhecimento da atividade laboral.

A relação entre os levantamentos dos núcleos participantes da pesquisa se dá na presença frequente do termo “mercado de trabalho”, sendo o mesmo usado 2 vezes em diferentes entrevistas do PJU- JP e 6 vezes em 3 das entrevistas do núcleo PJU - RJ. Dessa forma, observa-se a relação, desse ‘nó’ com o ‘nó’ 7.5.1, destacando a presença da relação entre inserção no mercado de trabalho e QP nos dois núcleos participantes da pesquisa.

Destaco agora a presença de fatores que abordam elementos voltados ao saber fazer, obter melhor desempenho, aquisição de oportunidades, que neste momento podem ser considerados como sendo marginais diante da importância dada na relação inserção no mercado de trabalho. Isto é confirmado pela presença, nos dois núcleos estudados, dos verbos, arrumar ou conseguir associados ao termo emprego.

O termo “mundo do trabalho” é presente uma vez em cada um dos núcleos participantes da pesquisa. Esse termo apresenta uma visão mais ampla do trabalho do que o termo mercado de trabalho. O mundo do trabalho leva em consideração os fatores sociais da relação do homem – trabalho – tempo.

7.5.6 IMPORTÂNCIA DO TRABALHO

Compreender a importância da realização do seu trabalho se faz pertinente para identificar qual o grau de compreensão que esses profissionais têm no que se refere à relação direta de causa e efeito da realização do seu trabalho, sendo este mais um elemento necessário para a construção do fator identidade.

No levantamento deste nó do núcleo PJU - JP nas referências apresentadas, pode-se constatar a consciência da importância do professor na condução do processo de qualificação que o aluno passa dentro do programa.

Termos como: cidadania; direito; inclusão; ajuda; parceiro; política pública; mediador e transformador social foram usados para se referir à importância do trabalho desses atores na vida dos jovens que participaram do ProJovem e de como a sua atuação no trabalho impacta a sociedade.

A importância do trabalho, de acordo com as referências, destaca-se no âmbito de:

- Explicitação do contato com conteúdo já estabelecido de forma tácita;
- Motivação e acompanhamento das atividades referentes ao processo;

- Articulação para a operação efetiva da política pública entre os educandos, educadores e demais envolvidos de forma que o Projeto pedagógico integrado fosse executado;
- Postura ativa para o acolhimento profissional na orientação do educando;
- Exemplo de perseverança na luta por seus ideais e direitos;

No núcleo PJU - RJ, a percepção dos atores entrevistados neste nó se relaciona aos seguintes aspectos:

- Abrir horizontes;
- Inserção no espaço escolar e nas atividades do projeto;
- Ampliação do repertório de comunicação e de conhecimentos;
- Gestor como um estimulador dos membros envolvidos no projeto;
- Construir novas referências e ampliar a visão de mundo;
- Fazer do programa envolvido um programa com propósito na vida dos envolvidos.

7.5.7 INFRAESTRUTURA DISPONIBILIZADA

Ao considerar os aspectos de infraestrutura identificados pelos entrevistados do PJU-JP, constata-se que 5 dos entrevistados consideraram não ter todos os recursos de infraestrutura necessários para a realização do seu trabalho. O destaque de ausência desse nó se dá pelo não funcionamento da sala de computação, o que é acarretado pela falta de manutenção das máquinas que compõem a sala.

Ainda no que se refere aos recursos de infraestrutura utilizados e necessários, identificou-se os seguintes elementos:

- Quadros
- Retroprojektor
- Material didático
- Notebook
- Manutenção predial (pintura e reparos).

No que se refere aos recursos no núcleo PJU - RJ, os entrevistados consideraram como elementos de infraestrutura presentes no seu cotidiano, como:

- Internet;
- Computadores;
- Papel;

- Caneta;
- Xérox;
- TV;
- DVD;
- Data show;
- Material didático do programa;
- Transporte;
- Gratificação financeira;
- Material para aulas práticas (taças, colheres, toalhas);
- Pessoal da equipe.

Sobre as limitações referentes aos recursos de infraestrutura, identificam-se dificuldades referentes ao funcionamento da sala de computação por problemas relacionados ao tempo de vida das máquinas que compõem a sala, assim como sua manutenção e baixa velocidade da internet.

Os dois núcleos apresentam questões de dificuldade no funcionamento da sala de computação. Ressalta-se aqui a presença de aulas de informática presente no plano político pedagógico e o manual do educador, de forma que prevê o ensino de informática através de aulas práticas como sendo um conhecimento necessário para os dias de hoje.

Apesar desta ausência, observa-se que a percepção de recursos de infraestrutura é ampla e abrange elementos básicos no sistema educacional como quadro, papel, caneta, considerando a equipe envolvida no projeto e os cuidados em manutenção predial dos locais onde estão alocados os núcleos.

Este 'nó' destaca a necessidade de ações de manutenção relacionadas aos elementos que constituem a infraestrutura do núcleo como sendo de suma relevância para a qualidade e, conseqüentemente, a efetividade do programa. Negligenciar esse aspecto coloca em risco toda a proposta apresentada no projeto pedagógico, tendo em vista que o processo passa a não ser 100% viabilizado.

7.5.8 PARCEIROS DE TRABALHO

Compreender a realidade de interação e relação das parcerias para o funcionamento do programa se faz de suma relevância, tendo em vista que o fator humano é crítico para o seu funcionamento.

No que se refere à identificação dos atores da equipe do núcleo PJU - JP, percebe-se que são:

- Alunos
- Educadores;
- Entorno do núcleo/ comunidade;
- Alunos de outros programas (EJA);
- A coordenação do programa;
- Grupo de capoeira da comunidade;
- FUNJOPE
- Secretarias da prefeitura do município;
- Universidade Federal da Paraíba - UFPB

Ao realizar a análise referente aos dados coletado no núcleo PJU-RJ, observa-se que as relações de parcerias apresentadas foram:

- Secretaria Municipal de Educação do RJ (SME),
- Coordenação Regional de Educação (CRE),
- Funcionários da escola e
- Coordenação Federal (enquanto existiu).

Ao exercer uma comparação entre os núcleos pesquisados, observa-se que, mesmo a estrutura do PJU – RJ sendo mais robusta, a mesma apresenta também a existência de aspectos burocráticos dentro dela. Dessa forma, questiona-se se este foi um aspecto que tenha restringido o desenvolvimento de relações de parceria durante a operação do programa, entre outras secretarias do município, o que é previsto no escopo de acordo com o manual do educador (2012).

7.5.9 SENTIMENTOS

Este 'nó' tem como objetivo compreender o sentimento por trás dos atores responsáveis pelo desenvolvimento e gestão do programa estudado.

Entender o sentimento do ator se faz relevante para desenvolver um olhar voltado à qualidade do trabalho executado por estes dentro do programa.

Sabendo que o ser humano é um ser complexo e que coloca emoção em tudo que realiza, seja essa através de um sentimento considerado positivo ou negativo, entender esse sentimento na realização e atuação profissional se faz necessário.

Clegg (2011) afirma que emoções são sentimentos demonstrados como resposta ou por expectativas em relação a objetos ou eventos. Dessa forma, eles interferem fortemente no modo como os gerentes administram.

Assim, ao analisar as declarações apresentadas pelos atores entrevistados, identificou-se no núcleo PJU-JP os seguintes sentimentos:

- Realização;
- Felicidade;
- Alegria;
- Motivação;
- Medo;
- Insegurança;
- Agraciado
- Entusiasmado
- Desafiado
- Cansaço

Pode-se então relacionar ao bem-estar sentimentos como: realização, felicidade, alegria, motivação, agraciado, entusiasmado e desafio, totalizando 7 dos 10 identificados. Identifica-se 3 relacionados a um mal-estar como: medo, insegurança e cansaço.

Dois sentimentos que podem ser considerados como negativos, como o medo e a insegurança, estão relacionados ao entorno onde se localiza o núcleo do programa; já o terceiro sentimento - cansaço - se refere à quantidade de trabalho exercida pelo profissional.

Dessa forma, não se identificou nenhum sentimento de mal-estar relacionado a atividade diretamente.

No que se refere ao levantamento do PJU – RJ, pode-se observar a presença dos seguintes sentimentos:

- Incentivo;
- Desencorajamento;
- Encorajamento;
- Adorar;
- Resgate;
- Feliz;
- Apaixonado;
- Realização;

- Cansaço;
- Angústia.

Pode-se identificar o quantitativo de 10 sentimentos declarados pelos membros desse núcleo. Sendo 3 relacionados a um mal-estar, como: angústia, cansaço e desencorajamento.

Estes, por sua vez, se referem, um à quantidade de tempo gasto durante o dia na atividade laboral, e os outros dois - desencorajamento e angústia - à percepção de ausência de valorização da oportunidade educativa por alguns alunos.

Nos demais 7 sentimentos relacionados a um bem-estar na atividade, pode-se destacar a relevância em contribuir positivamente no alcance do objetivo dos alunos, resgatando eles da experiência de abandono escolar.

Ao comparar os sentimentos declarados, observa-se que os de bem-estar são próximos. No entanto, ao observar os de mal-estar, observa-se que no PJU – RJ não se identificou nenhuma declaração em torno de um sentimento de medo e insegurança como foi identificado no PJU – PB. O cansaço foi um sentimento que apareceu nos dois núcleos estudados.

7.5.10 IMPORTÂNCIA DOS ASSUNTOS ABORDADOS

Este nó tem como objetivo identificar a percepção dos atores, professor e membros da equipe no que se refere à importância dos assuntos abordados pelo programa na vida dos alunos, sua comunidade e para a sociedade.

A partir da análise deste nó dentro do núcleo PJU- JP, observa-se:

- Valorização do conteúdo da FTG para o jovem se inserir de forma qualificada no mundo do trabalho;
- Desenvolver o olhar e a capacidade crítica no que se refere à sua comunidade.

Assim, identifica-se que os educadores e demais membros da equipe de gestão internalizaram bem a proposta pedagógica do programa ao ponto de destacar a sua multidisciplinaridade como fator relevante para a formação dos alunos participantes.

Ao analisar os dados coletados no PJU – RJ, pode-se identificar primeiramente respostas genéricas dos atores entrevistados ao abordar o conteúdo apresentado no projeto pedagógico do programa. Nas entrevistas 13, 14 e 22 observa-se uma falta de aprofundamento sobre os temas abordados na proposta pedagógica do programa.

Observa-se ainda neste núcleo que as atividades culturais foram abordadas como sendo importante no processo de formação dos alunos e que estas eram algo emergente. Contudo, no manual do educador, observa-se que as atividades culturais - como visitas técnicas e passeios - são previstas no plano político pedagógico do projeto.

As entrevistas do PJU – RJ destacam que a importância do programa está relacionada a um valor de obtenção do certificado de conclusão. Tal fato nos leva ao questionamento sobre se o certificado é valioso para o entendimento do educador como algo relacionado ao fim de uma etapa ou se ele é resultado de um processo que o leva ao início de outras etapas na vida dos educandos envolvidos no programa.

CAPÍTULO 8 – CONCLUSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS

8.1 CONCLUSÃO

A análise dos dados desta pesquisa apresenta elementos que permitem concluir que a Teoria do Desenvolvimento Situado (TDS), possibilita contribuir para a gestão e desenvolvimento de projetos, sendo o viés estabelecido a partir do aspecto relacional e situado. O mesmo permite, através do olhar dos atores de ponta no território ocupado por estes, identificar aspectos que caracterizam o pertencimento dos envolvidos no projeto com o usuário final.

Assim, entende-se que este trabalho de pesquisa, através do aspecto de pertencimento, oferece aos gestores e desenvolvedores de projetos elementos que podem vir a auxiliar na tomada de decisão em diferentes níveis.

Sendo primeiramente no nível analítico, através da definição do perfil do profissional a estar atuando diretamente com o usuário final e em seguida, no nível estratégico, a partir do entendimento que estes profissionais podem gerar impactos para a efetividade do projeto em que o mesmo atua e possivelmente na definição prévia de ações que possam auxiliar a um melhor uso dos recursos do projeto.

No que se refere ao OBJETIVO GERAL: Compreender, de forma sistematizada e aprofundada como se dá a operacionalização nos núcleos do PJU nas cidades de João Pessoa e Rio de Janeiro.

A TDS permite estabelecer a compreensão de como a relação de diferentes fatores em torno da operação do projeto, partindo de uma perspectiva do indivíduo (Humano), possibilita colocar em evidência para a Engenharia de Produção aspectos considerados intangíveis que envolve a capacidade de operação e resultado do projeto.

Considerar também a relevância do projeto utilizado como estudo de caso, o PJU se apresenta com o intuito de estabelecer a compreensão da relevância de ações governamentais desse tipo e para este público como essenciais para a construção de uma sociedade mais igualitária.

Para o alcance do objetivo geral utiliza-se a TDS através das dimensões de entendimento do sítio proposta por Zaoual (2005), apresentadas anteriormente no capítulo 5, junto aos aspectos abordados neste trabalho para a construção do instrumento de coleta, apresentação e análise dos dados, apresentado nos capítulos 6 e 7.

Pode-se assim construir uma hierarquização dos elementos considerados que, a partir da pesquisa de campo, possibilita enquadrá-los como aspectos de suma relevância para a construção e replicação de programas futuros dessa natureza nos núcleos pesquisados.

Para tanto, na tentativa de se estabelecer esta hierarquia entre os 'nós' abordados nesta pesquisa, é que se constitui a figura 8.1. A figura se inspira na pirâmide das necessidades proposta por Maslow (apud HESKETH; COSTA, 1980).

Assim como a proposta de Maslow, utiliza-se na elaboração dessa figura a mesma mecânica de funcionamento em que o autor estabelece que, "a sequência se dá a partir da satisfação das necessidades, de forma que uma necessidade é substituída pela seguinte mais forte na hierarquia." (HESKETH; COSTA, 1980).

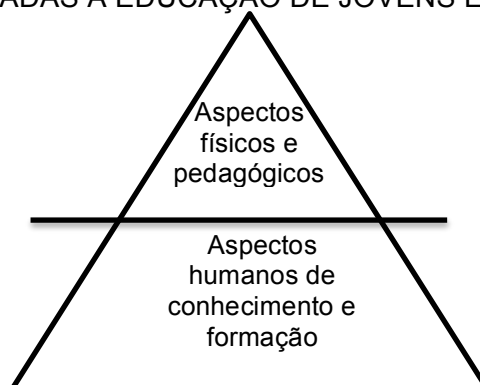
Assim, por ordem decrescente de necessidade se dá a classificação, sendo a sua base, que aqui denomina-se aspectos humanos de conhecimento e formação, constituída pelos 'nós' apresentados a seguir:

- I. Entendimento da Qualificação Profissional: esse 'nó' está na base devido à sua contribuição para o entendimento de maneira mais ampla de como o trabalho interfere na vida do indivíduo e em sociedade. Assim, os atores em operação passam a possuir o conhecimento da relevância da obtenção desses conhecimentos para a existência dos indivíduos, que vai além do encaixe produtivo. Considerando que o indivíduo, usuário e demais atores responsáveis pela operação compreendam esse processo como uma experiência, que passa a perceber a relação existente entre indivíduo e trabalho como algo necessário para o desenvolvimento das capacidades humanas e que não necessariamente se materializa apenas na absorção no mercado.
- II. Importância do trabalho: esse 'nó' entende que, para atuar em um projeto dessa natureza, ter consciência da importância da realização do seu trabalho e o impacto que o mesmo tem na vida em sociedade a partir de uma perspectiva sistêmica é primordial para o desenvolvimento de atividades emergentes.
- III. Identidade (identificação) com os usuários: compreender e conhecer quem são os usuários do projeto, ter interesse em se aproximar das histórias vividas e carregadas de significado e importância por estes atores possibilita saber o sentimento em torno daquele indivíduo na participação do projeto, assim como na construção de relações de confiança, de forma

que esta construção pode se apresentar como colaboradora na redução da evasão escolar.

- IV. Parceiros de trabalho: O último nó, mas não menos importante, é o usuário ao frequentar o ambiente conseguir compreender por diferentes sentidos como é a dinâmica de funcionamento do mesmo. Dessa forma, estabelecer trabalhos em parceria com membros dentro do ambiente de trabalho, assim como com membros externos à comunidade escolar, é uma forma de materializar a relação de confiança possibilitada e construída junto ao aluno e à comunidade. Com isso, permite-se trabalhar com ele a co-construção e, assim, o compartilhamento de responsabilidades.

FIGURA 8.1: PIRÂMIDE DAS NECESSIDADES PROJETUAIS PARA AÇÕES VOLTADAS A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS



Fonte: Adaptado de Maslow (1954)

Para o topo da pirâmide, aqui denominado, aspectos físicos e pedagógicos, composto pelos seguintes 'nós':

- V. Infraestrutura disponibilizada: que está relacionada a infraestrutura física – material permanente e infraestrutura de consumo – humana/social/gerencial, através da disponibilidade e da manutenção dos espaços físicos de máquinas e equipamentos, assim como de pessoas, para estarem atuando na condução das atividades que dão sentido à existência daquela instituição;
- VI. Material didático: o mesmo se apresenta como sendo elemento de grande valor para os usuários entrevistados, pois se trata de um tipo de 'reliquia' que permite a eles o acesso àquele conhecimento adquirido no processo de formação. Essa reliquia tem valor de ancestralidade, conforme levantado na pesquisa de campo, podendo ser passada de um ente a outro, dentro de um mesmo núcleo seja ele familiar ou afetivo, assim como

de consulta para aqueles indivíduos. No entanto, para se alcançar resultados efetivos, é necessário que o educador envolvido na condução da formação do aluno tenha a caixa conceitual da finalidade e relevância da QP para fazer melhor uso do material didático disponibilizado.

Dessa forma, a hierarquia dos elementos estabelecidos através da figura 8.1 se propõe a estruturar os “nós” considerados nesta pesquisa como relevantes.

A hierarquização dos “nós” permite também apresentar a possibilidade da construção de uma equação que venha a auxiliar no levantamento do nível de pertença, onde este trabalho apresenta a seguinte proposta de equação:

$$\text{Pertença} = \frac{\text{conhecimento}^{n^1} (\text{identidade}) + \text{engajamento}^{n^2}}{100}$$

Sendo, n^1 correspondente aos tipos de conhecimento considerados no levantamento e n^2 aos tipos de engajamento identificados no levantamento.

Dessa forma, matematicamente falando, se faz necessário buscar uma compreensão mais aprofundada em torno de como se dá a construção da equação. Neste momento, ao entender que as variáveis conhecimento e engajamento são nesta pesquisa consideradas ainda como aspecto qualitativo e não linear de aquisição e de comportamento é que se estabelece a equação apresentada anteriormente.

No entanto, a definição da equação está aberta para o aperfeiçoamento em pesquisa futuras. Entende-se então que a possibilidade de estabelecer a equação tem o intuito de construir um instrumento que permita realizar uma análise quantitativa e comparativa da experiência de operação entre os núcleos pesquisados, através dos levantamentos locais identificados na pesquisa de campo a partir do posicionamento dos atores sejam eles educandos, educadores e demais membros da equipe.

Ao voltarmos o olhar para a compreensão de como se deu a operacionalização do PJU por parte dos núcleos participantes deste trabalho de pesquisa, apresenta-se a tabela 8.1, estruturada com a relação de resultados por ‘nó’, a partir da perspectiva educador e demais membros da equipe, conforme é apresentado a seguir:

TABELA 8.1 – RELAÇÃO ELEMENTO ANALISADO POR NÚCLEO

ELEMENTO	PJU - JP	PJU - RJ
Entendimento da Qualificação Profissional	elementos referentes ao mundo do trabalho; formação profissional inicial segmentada; direitos e deveres dos trabalhadores; busca de emprego;	atividade que dê retorno financeiro; conhecimento mínimo para entrar no mercado de trabalho; carreira ter um sustento a partir da

	<p>processo contínuo; busca de profissão; formação para exercer uma função; abertura para o mercado de trabalho; capacitação do aluno; processo que demanda tempo e que deve ser norteado em cima das necessidades do dia-a-dia das pessoas.</p>	<p>execução de uma profissão; conclusão dos níveis de escolaridade; desenvolvimento comportamental; trabalho; ter conhecimento para realizar um trabalho.</p>
<p>Importância do trabalho</p>	<p>Explicitação do contato com conteúdo já estabelecido de forma tácita; Motivação e acompanhamento das atividades referentes ao processo; Articulação para a operação efetiva da política pública entre os educandos, educadores e demais envolvidos de forma que o Projeto pedagógico integrado fosse executado; Postura ativa para o acolhimento profissional na orientação do educando; Exemplo de perseverança na luta por seus ideais e direitos;</p>	<p>Abrir horizontes; Inserção no espaço escolar e nas atividades do projeto; Ampliação do repertório de comunicação e de conhecimentos; Gestor como um estimulador dos membros envolvidos no projeto; Construir novas referências e ampliar a visão de mundo; Fazer do programa envolvido um programa com propósito na vida dos envolvidos.</p>
<p>Identidade com os usuários</p>	<p>busca por melhorias na sua comunidade, persistência, necessidades de lazer e de qualificação, vivência de comunidade, Ser de família pobre.</p>	<p>Ser de uma origem familiar pobre; Ter na figura da mãe como a única responsável pelo esteio financeiro e emocional dos filhos; Ter na figura do pai uma relação de abandono familiar; Ter presente no ciclo familiar filho com resistência ao ambiente escolar inserido, que exigiu da mãe um acompanhamento mais intensivo para que esse filho conseguisse concluir os estudos; Ser uma pessoa que</p>

		precisou estudar a noite para conciliar com o trabalho e fazer supletivo para concluir os estudos.
Parceiros de trabalho	Alunos, educadores, comunidade, coordenação, secretarias do município, FUNJOPE e UFPB	Secretaria Municipal de Educação do RJ (SME), a Coordenação Regional de Educação (CRE), os funcionários da escola e a Coordenação Federal enquanto existiu.
Infraestrutura disponibilizada	Máquinas e equipamentos, Materiais didáticos, infraestrutura e manutenção das instalações	Recursos financeiros, máquinas, equipamentos, equipe envolvida, serviços disponibilizados.
Material didático	Guias de atividades, fardamento, agenda.	Fardamento, Guias de atividades.

A tabela 8.1 permite concluir a existência de divergência na operação entre os núcleos pesquisados, destacando que não se faz necessário a existência de uma padronização na operação, tendo em vista as diferentes realidades existentes nos mesmos. No entanto, destaca-se que a divergência de operacionalização tem como objetivo estabelecer possibilidades de melhoria no cotidiano de operação que não foram previstas pelos desenvolvedores do programa.

Com isso, os dados apresentados na tabela 8.1 não podem ser analisados superficialmente se formos considerar a possibilidade de realizar uma análise por contagem de incidência. Nesse caso, se faz necessário analisar a que se refere cada uma das incidências apresentadas, tendo em vista a complexidade das informações existentes.

Com isso, através dos dados coletados nos dois núcleos pesquisados, observa-se:

- No que se refere ao Entendimento da QP:

Uma visão mais ampla por parte dos membros da equipe da região nordeste, onde estes apresentam a percepção da QP como um processo que vai além de um encaixe ao sistema produtivo.

- Importância do trabalho:

Ter na equipe gestores que compreendam a relevância da existência do programa para a sociedade como o todo é de suma relevância, pois permite a construção de uma equipe com características comportamentais voltadas à efetividade da existência da política pública.

- Identidade com os usuários:

Entender que essa identidade existente não se faz de forma forçada e sim honesta, a partir da perspectiva de que a existência do programa e sua execução com qualidade é de interesse e para a melhoria de todos, tendo em vista a relevância da necessidade de uma vida mais digna.

- Parceiros de trabalho:

A existência de uma relação inter setorial proposta na construção do projeto por parte das diferentes secretarias existentes no município se dá como fortemente presente no núcleo da região nordeste, composta nesta pesquisa pelo estado da Paraíba onde os dados apresentam a existência de parcerias estabelecidas durante a operação do programa com diferentes instituições governamentais e secretarias do município, assim como com a comunidade no entorno do núcleo. Essa relação se dá de forma muito restrita nos dados coletado no núcleo do município do Rio de Janeiro.

A construção de parcerias na operacionalização do programa é uma das variáveis abordadas para permitir compreender como se dá a desenvoltura dos atores e como elas são identificadas pelos educadores. Percebe-se que a parceria em nível nacional foi instituída tendo em vista que envolvia diferentes ministérios e com o nível local. Essa proposta se aplica também nas relações entre professor e aluno, identifica-se este estímulo através do manual do educador (2012), assim como a parceria entre os professores especialistas para garantir uma educação integradora.

No entanto, foi obtida a efetivação no que se refere ao processo de aprendizagem para realizar parcerias com instituições no entorno do núcleo, com as famílias dos alunos participantes, com grupos de arte e cultura, assim como outros programas existentes dentro do núcleo possibilitam que o programa possua uma capilaridade na comunidade inserida e que os conteúdos apreendidos possam ser aplicados de forma prática pelos alunos. Essas parcerias impactam positivamente no processo formativo dos alunos e possibilita um impacto no que se refere à valorização social do profissional de educação.

- Infraestrutura disponibilizada:

A infraestrutura disponibilizada, tanto no núcleo da região nordeste, como no núcleo da região sudeste pode ser classificada como a desejar, tendo em vista que os laboratórios de informática, operaram ou com más condições de manutenção ou não operaram por ausência da mesma. Mas se faz necessário destacar que o núcleo da região sudeste participante desta pesquisa, composto pelo município do Rio de Janeiro, apresenta uma característica de infraestrutura que considera-se aqui como mal dimensionada no que se refere à alocação dos educadores, tendo em vista que

utilizou-se a presença de educadores generalistas e não especialistas, como aconteceu no município de João Pessoa.

Esta característica contribui para uma perda de qualidade do programa tendo em vista que diminui o número de educadores envolvidos no programa, diminuindo assim a possibilidade de diversidade de dinâmicas pedagógicas e de troca de repertório, assim como a dependência de poucos profissionais em caso de necessidade de substituição.

- Material didático:

Pode-se observar que o uso do material didático disponibilizado pelo programa se dá de forma divergente entre os núcleos, tendo em vista que no núcleo do Rio de Janeiro não se observa nenhuma menção ao manual do educador e nem ao professor orientador, tanto por parte da equipe gestora como por parte dos demais membros da equipe entrevistados, como os professores.

Dessa forma, pode-se observar uma utilização mais efetiva por parte dos membros da equipe e educadores do núcleo de João Pessoa, tendo em vista a menção do manual do educador por parte dos membros da equipe gestora e dos educadores, assim como do professor orientador mencionado pelos alunos participantes da pesquisa.

Destaca-se que, diante dos dados e análise realizada da tabela 8.1, percebe-se que a amplitude de aspectos complexos existentes em torno do público participante do programa são críticas para seu desdobramento. O destrinchar dos “nós” denominados, importância do trabalho e identidade com os usuários podem sim ser considerados como reflexo sistêmico da utilização dos “nós”, denominados material didático, parceiros de trabalho e entendimento da qualificação profissional.

No que se refere aos educadores e demais membros da equipe que atuam no PJU, conclui-se que: com relação ao apoio e valorização social e da família, a família se apresenta como um elemento com forte influência na carreira seguida pelos entrevistados do PJU- JP, assim como apoiadora nesta escolha. No entanto, o destaque a uma ausência de reconhecimento social de cunho financeiro é apresentada pelos atores entrevistados dos dois núcleos pesquisados, de forma que obriga os educadores a terem uma rotina muito cansativa de trabalho com o objetivo de obter um melhor rendimento.

A mídia, nas entrevistas do PJU – JP, aparece como sendo um elemento que valida positivamente a carreira do educador. No entanto, o contrário é constatado nas entrevistas realizadas pelos educadores e demais membros do PJU- RJ. Dessa forma,

conclui-se que a mídia e seus diferentes meios de comunicação têm papel primordial na valorização ou desvalorização profissional.

Contudo, se faz necessário destacar que os “nós” utilizados para a organização dos dados coletados se deu a partir da compreensão de diversidade dos fatores que impactam o processo de operacionalização de um programa deste nível, podendo este ser de natureza diversa por parte dos atores.

Os fatores podem ser de nível pessoal, como:

- o apoio da família,
- os sentimentos em torno da experiência vivida durante o programa,
- a necessidade da conclusão daquela etapa para um melhor enquadramento profissional,
- o cuidado com os filhos,
- o cansaço,

Podem ser também de nível local como:

- violência no entorno que está localizado o núcleo,
- abertura dos educadores,
- didática de condução do processo de educação em sala de aula,
- infraestrutura da escola,
- material didático utilizado,

Onde a TDS suporta a necessidade de considerar as experiências vividas por esses atores como essenciais na construção de projetos desta natureza.

Com isso, essa pesquisa se propôs a olhar para dentro dos portões que compõe o núcleo de operação do programa e para fora deles, que se relaciona à realidade e anseios dos alunos envolvidos.

A tentativa de estabelecer um entendimento mais aprofundado de como os alunos chegam ao programa, assim como as múltiplas histórias de vida que levaram cada um dos educadores e demais membros da equipe, permite dar motivos para a existência de programas de qualificação profissional desta natureza.

Dessa forma, esta pesquisa revela, a partir da perspectiva do educando (aluno), aspectos considerados relevantes para a condução de projetos dessa natureza como:

- apoio familiar (afirmado por 3 dos 6 entrevistados do PJU – JP e por 3 dos 5 entrevistados no PJU – RJ),
- apoio dos educadores (afirmado por unanimidade pelos entrevistados no núcleo PJU – RJ e JP) e

- apoio dos demais membros da equipe (afirmado por 4 dos 6 entrevistados do PJU – JP e pelos 5 alunos do PJU – RJ) são significativas aos alunos do PJU, pois, impactam na confiança estabelecida entre educador e aluno, confiança esta que impacta na relação de aprendizagem.
- infraestrutura, sendo aqui classificada como física – material permanente, é uma das variáveis que pelo olhar dos alunos entrevistados possui relação não só com as máquinas e equipamentos, mas com os membros envolvidos na condução do programa sendo estes aqui classificados como infraestrutura de consumo - humana/social/gerencial. Pode-se concluir isto através da detecção de expectativas referente à capacitação dos professores serem apresentadas como um dos aspectos participantes da infraestrutura do núcleos, assim como a presença das cuidadoras na sala de acolhimento

Dessa forma, esses “nós” esclarecem a existência de algumas crenças que se relacionam aos aspectos motivadores dos alunos envolvidos neste tipo de programa.

Considera-se que os núcleos locais de operação do PJU são compostos por escolas já existentes da rede municipal vinculadas à Secretaria de Educação, que devem ser compostas por refeitório, sala de acolhimento as famílias com crianças, laboratório de informática e materiais didáticos enviados pelo Ministério da Educação.

Elementos como merenda, salas de informática, conforto térmico, reparos nas edificações, são considerados pelo grupo dos alunos como fazendo parte da infraestrutura física – material permanente do núcleo pesquisado.

Sobre a variável material didático, constata-se que o mesmo tem um grande valor simbólico aos estudantes participantes da pesquisa, tendo em vista em algumas declarações, em que foi afirmado não ter sido devolvido ao núcleo, pois o aluno vislumbra que ele possa ser necessário para ele ou para algum membro da sua família mais na frente.

Ao abordar os educandos sobre a importância dos assuntos estudados no PJU, se faz necessário destacar que: obter um conhecimento que auxilie no seu enquadramento em uma oportunidade de trabalho foi apresentado nos dois núcleos pesquisados, assim como a busca pelos alunos por adquirir “bons modos”. Esses bons modos podem estar relacionados com o aperfeiçoamento das habilidades de escrita e de oratória, tendo em vista que esses dois aspectos são considerados como relevantes no mercado de trabalho. Compreender a importância dada aos atores

participantes do grupo 1 acerca da realização do trabalho realizado no programa também foi uma das variáveis abordadas.

Ao analisar os aspectos apresentados na descrição das entrevistas, foi possível detectar que esta variável se apresenta como relacionada diretamente aos aspectos em torno da variável aplicação dos conhecimentos adquiridos com o grupo dos alunos.

Assim, conclui-se que os educadores e demais membros da equipe pesquisada possuem ciência da relevância do exercício das suas atividades na vida dos alunos participantes do programa de qualificação profissional. Assim, pode-se observar que a realização desta pesquisa permitiu levantar um conjunto de variáveis que ainda não tinham sido pesquisadas em conjunto para a compreensão de uma melhor operacionalização de um programa de qualificação profissional.

O levantamento dessas variáveis permitiu identificar que a TDS contribuiu nesta pesquisa para a construção do **sentimento de pertença** por parte dos atores envolvidos neste programa de qualificação profissional.

Evidencia-se isso a partir do enquadramento dos elementos abordados nas caixas de funcionamento que compõe a TDS, apresentada na figura 6.4 presente no capítulo 6.

Os elementos abordados na pesquisa de campo se encaixam nas específicas caixas que compõem de forma que permitem o acesso ao que Zaoual (2006) denomina de entidades imateriais, sendo nesta pesquisa estabelecida pelo informação e conhecimento de como os atores compreendem as suas práticas dentro do projeto, assim estabelecendo um entendimento de aspectos relacionais na construção de valores simbólicos de base, sendo esta base considerada nesta pesquisa como a dinâmica familiar e social e a dinâmica dos profissionais em educação envolvidos no projeto através do contato direto com os educandos.

Desta forma, pode-se identificar que o sentimento de pertença pode ser abordado a partir da relação existente entre variáveis que constituem o conhecimento que leva aos aspectos identitários sobre os envolvidos e as suas ações de engajamento de forma que as duas juntas possibilitam melhorias na operacionalização do programa, partindo da perspectiva que podem ser contributivas na redução da evasão de programas em qualificação profissional.

8.1 CONCLUSÃO DO OBJETIVOS ESPECÍFICOS 1

Ao contemplar os objetivos específicos (1) compreender a operacionalização de um programa público voltado a qualificação profissional em duas cidades de regiões distintas no Brasil a partir da percepção dos atores na ponta.

Destaca-se que a pesquisa coletou informações qualitativas com o intuito de entender quem são as pessoas e as histórias que as levaram até se envolverem de diferentes formas no ProJovem Urbano - PJU.

A relevância deste entendimento se dá na perspectiva de que ao levantar esses questionamentos possibilita-se compreender aspectos que impactam diretamente no comportamento destes atores dentro da operação do projeto.

Com isso dito, esclarece-se aqui que não consta no script da entrevista questionamentos que abordem o enquadramento socioeconômico-cultural dos atores entrevistados. Tendo em vista que as possibilidades de análise no que se refere a um programa da natureza do PJU são diversas, focar em elementos específicos se faz necessário, já que toda área de conhecimento tem um recorte específico. Dessa forma, por um viés de percepção do pesquisador, não se considerou tais aspectos.

Tendo dito isto, é necessário destacar que, ao considerar analisar o perfil socioeconômico-cultural dos alunos, identifica-se uma fragilidade histórica e comum aos alunos participantes do programa que está relacionada à evasão do ensino fundamental na idade regular e à residência em bairros com histórico de violência, de forma que são marginalizados muitas vezes pelo simples fato de morar em determinada região, conforme foi apresentado em uma das entrevistas no PJU - RJ.

No que se refere à equipe de educadores e demais membros, ressalta-se que para a composição dos atores diretos, participantes do grupo 1 entrevistado, o PJU-JP teve na sua operacionalização uma chamada pública específica para a seleção de educadores que atuaram no programa dentro dos núcleos, sendo esses profissionais especialmente contratados para atuarem no PJU e com contratos temporários relativos à duração do programa.

Contudo, os elementos apresentados na etapa de campo pelos educadores e demais membros da equipe entrevistados, participantes do grupo 1, observa-se que o grupo de atores em diferentes aspectos possuem elementos identitários aos alunos (grupo 2) do PJU-JP.

Alguns dos aspectos relacionados à identidade consideram a história de vida dos alunos por apresentar ponto em comum sobre experiências vividas, localidade de moradia e cuidados com a comunidade participante.

É importante ressaltar que todos os professores e membros da equipe gestora entrevistados no núcleo de João Pessoa possuem formação de nível superior e experiência em docência anterior à sua ação no PROJOVEM URBANO - PJU.

A condução dada no PJU-RJ no Rio de Janeiro foi diferente do PJU – JP, tendo em vista que no RJ foi utilizado para atuar como educador e demais membros de apoio (grupo 1) o corpo docente já concursado da rede municipal. Dessa forma, um educador era responsável por assumir todas as matérias e tinha outro educador para as matérias de qualificação profissional e participação cidadã.

No que se refere aos atores do grupo 2 (alunos) que compõe o núcleo pesquisado do Rio de Janeiro – RJ da Cidade de Deus, identifica-se entre os participantes da pesquisa uma predominância feminina, tendo 4 mulheres entrevistadas e 1 homem.

Durante as entrevistas, identificou-se falas que se relacionam a uma busca de elevação de escolaridade, onde um dos entrevistados deu continuidade aos estudos após concluir o PJU, outra deu continuidade aos estudos, mas evadiu o EJA para ir trabalhar. Uma das alunas entrevistadas destacou que a possibilidade de trazer os filhos para a escola sabendo que teria alguém para tomar conta deles e o tempo de duração do programa como sendo boas oportunidades para dar continuidade aos estudos.

Uma das alunas entrevistadas esclareceu que não conseguiu terminar os estudos em idade escolar porque ajudava sua mãe a cuidar dos filhos e que a vergonha da idade foi um dos fatores que a inibiu voltar a estudar antes de encontrar o PJU. Outra aluna evadiu do sistema escolar após perder os pais e a avó que a criava.

Assim, no que se refere ao objetivo específico 1 levanta-se que o perfil dos atores de operação envolvidos nos núcleos estudados tem em sua maioria um quadro de profissionais, gestores e educadores do sexo feminino, totalizando 7 mulheres na equipe PJU-RJ e 4 mulheres na equipe PJU-JP contra 1 homem na equipe PJU-RJ e 3 homens na equipe PJU-JP.

Das 7 mulheres entrevistadas no núcleo cidade de Deus - RJ, apenas 1 não apresenta um olhar de identidade entre os alunos participantes do PJU.

As 6 mulheres componentes da equipe PJU-RJ que apresentam elementos que consideram como de identidade com os alunos participantes do núcleo apontam elementos como pobreza da família, estudar em escola pública, desafio de manter financeiramente e educar os filhos sozinha. O único homem da equipe PJU-RJ apresenta como elementos de identidade o desemprego, atuação em atividades

profissionais consideradas de margem e conclusão dos estudos em idade avançada, chegando a ter cursado supletivo.

Na equipe PJU- JP, com exceção da assistente pedagógica, para quem essa pergunta não foi dirigida, todos os 6 integrantes apresentaram elementos de identidade que se relacionam aos já apresentados na equipe PJU-RJ, com exceção de um professor que o elemento de identidade dele se dá pelo aspecto situado pelo fato de o mesmo também ser morador da comunidade que leciona, elemento esse, que é percebido como de grande valor, tendo em vista que a atuação desse ator na comunidade com o público jovem já existe um repertório amplo de experiências com o jovem da localidade e de certa forma permite conhecer a trajetória de vida desses alunos com um olhar mais aproximado e histórico.

Dessa forma, pode-se concluir que a equipe de atores atuantes no PJU – JP e no PJU- RJ possui um perfil de trajetória próximo no que se intitulam como serem oriundos de famílias com valorização na educação, mesmo que estas tenham passado por diferentes desafios no que se refere à posse de recursos financeiros, mas que esse não foi fator de impedimento para a inserção qualificada no mercado de trabalho.

8.2 CONCLUSÃO DO OBJETIVO ESPECIFICO 2 E 3

No que se refere ao contemplar o objetivo 2, abordar possíveis contribuições da teoria de desenvolvimento situado (TDS) para o delineamento e gerenciamento de projetos em educação e o Objetivo 3, entender a sua contribuição para a redução da evasão dos alunos participantes a partir da existência dos conteúdos e da organização de ações emergentes (sendo essas, consideradas como não planejadas a priori e não prescritas) por parte dos atores envolvidos na operacionalização do programa.

A identificação das ações emergentes, abordada dentro de diferentes momentos na fala dos entrevistados, de forma que não necessariamente foi estruturada uma pergunta específica para ela.

A partir de então identificou-se o desenvolvimento de ações culturais no PJU- JP e no PJU-RJ que colocam os alunos de forma ativa na construção de tais atividades e que permite identificar a construção de um dos caminhos possíveis dentro do processo formativo vivido por eles.

De acordo com as entrevistas realizadas entre os educadores e demais membros da equipe, identifica-se ações emergentes tanto em nível macro do PJU-JP quanto em nível local do núcleo Luiza Lima Lobo do Alto do Mateus.

Dessa forma, apresenta-se aqui as ações de nível macro para que a mesma possa servir de inspiração a projetos desta natureza. São elas:

- Sextou: ação cultural (presente na entrevista 8 e 27) com o objetivo de combater a evasão escolar na sexta-feira, empoderar e trabalhar a autonomia dos alunos dos núcleos através do envolvimento dos mesmos em diferentes atividades de forma que possibilite aos participantes apresentar as habilidades possuídas;
- Visita a pontos turísticos da cidade: ação com o intuito de apresentar as atrações turísticas (declaração presente na entrevista 8) da cidade em que eles vivem.
- ProJovem Fashion Week: ação cultural (presente na entrevista 8) que permitiu a realização de um desfile onde os protagonistas de produção tanto das peças vestidas pelas modelos, como pela exposição sendo modelo de passarela foi realizada pelos alunos, assim como a construção do cenário de realização do evento.

Essas ações de nível macro foram identificadas a partir da entrevista realizada com a coordenação municipal do PJU – JP. Pode-se interpretar que as ações foram validadas socialmente a partir de diferentes matérias disponibilizadas pela mídia local, sendo divulgadas em sites como os da prefeitura do município de João Pessoa, coluna social, portal correio, PBagora.

As ações identificadas como sendo de nível local do núcleo Luiza Lima Lobo do Alto do Mateus são:

- Sexta Cine: ação cultural (declaração presente na entrevista 11) proposta em conjunto com os alunos participantes do PJU –JP, que permite uma ampliação do repertório cultural dos alunos e combate a evasão escolar dos alunos.
- Realização de chamadas telefônicas e visitas às casas dos alunos: ação para resgate de alunos evadidos (declaração presente na entrevista 11, 9) do programa desenvolvida pelos professores das matérias do próprio programa PJU- JP;
- Acolhimento do aluno ao núcleo pelo professor orientador (PO): ação que visa dar um acompanhamento mais próximo entre aluno e educador (declaração presente na entrevista 21) com o objetivo de estabelecer um contato e tempo para que os alunos tenham um educador para tirar dúvidas e dar suporte no percurso formativo.
- Uso de redes sociais: ação com o intuito de disseminar oportunidades de trabalho (declaração presente na entrevista 21, 9) para os alunos e demais informações .

Dessa forma, observa-se que a existência do professor orientador não é uma ação emergente, tendo em vista que essa é prevista no manual do educando (BRASIL, 2012) como um dos elementos do escopo da condução do programa.

As demais ações não foram identificadas como sendo propostas dentro do manual do educador (2012), de forma que as mesmas podem ser consideradas como ações emergentes.

Diante disso, observa-se a contribuição de recursos tecnológicos como o uso das redes sociais como um canal a mais de comunicação e aproximação entre alunos e demais atores envolvidos na operacionalização do programa, de forma que analisar e estudar as possibilidades de uso para o desenvolvimento de ações que visem a retenção e a captação de alunos por esse suporte se faz necessário.

De encontro ao que é estabelecido pelos objetivos 2 e 3, observa-se que o desenvolvimento de ações emergentes está relacionado por um comportamento de engajamento da coordenação local em que se aplica o programa, assim como o engajamento dos diretores e demais educadores envolvidos na operação do programa em nível local. Dessa forma, esse comportamento influencia diretamente no resultado final do programa.

Ações de “resgate” do aluno evadido através de visita a sua residência e ligações telefônicas são identificadas como mais uma ação de engajamento por parte dos membros da equipe e que não está prevista no manual do educador (2012), enquadrando a mesma em mais uma ação emergente que foi realizada dentro do núcleo PJU – JP.

Pode-se observar que uma das ações emergentes identificadas tem o caráter de utilizar a cultura para auxiliar no desenvolvimento e formação dos alunos participantes. Essa ação auxilia também na construção de uma ambiente mais dinâmico e empoderador dos atores participantes, tendo em vista que os mesmos passam a ser executores dentro da ação de diferentes formas. A internalização da gestão local em tratar o programa com atenção impacta diretamente no nível local, tendo em vista que durante a pesquisa identificou-se que uma ação emergente cultural, o sexta cine, foi inspirado no sextou, impulsionando assim um encaminhamento de uma ação de nível micro no núcleo pesquisado.

Assim, identifica-se primeiramente a relevância do aspecto engajamento e conhecimento a partir do repertório de ações construídas por parte de gestores locais de programas ao desenvolverem comportamentos que estimulem e gerem impulso positivo nas ações de nível macro, de forma que as mesmas contribuam na execução do programa no nível local.

No que se refere à identificação das ações, no PJU – RJ, de acordo com as entrevistas realizadas entre os educadores e demais membros da equipe, percebe-se que são:

- Participações em peças teatrais: ação cultural (declaração presente na entrevista 22, 5, 13, 24,28, 25)
- Passeio para cinema: ação cultural (declaração presente na entrevista 5)
- Passeio cultural a feira de São Cristóvão: ação cultural (declaração presente na entrevista 14)
- Ligar para os alunos para saber o que estava acontecendo para não estar frequentando as atividades do programa (declaração presente na entrevista 24)
- Oferecimento de lanches para a captação de alunos durante o período das matrículas (declaração presente na entrevista 26).
- Uso de redes sociais: ação com o intuito de disseminar oportunidades de trabalho, atividades culturais (declaração presente na entrevista 22 e 24)

Com isso, pode-se constatar que as ações relacionadas a visitas guiadas e excursões podem ser identificadas como ações previstas no manual do educador (Brasil, 2012).

Assim, as ações emergentes de nível macro identificadas no PJU - RJ são: oferecimento de lanches na captação de alunos durante o período das matrículas e utilização de redes sociais como canal de comunicação.

Como já citado anteriormente, observa-se que utilização das redes sociais é um elemento comum entre os núcleos pesquisados utilizada com diferentes objetivos que a princípio não fica claro na pesquisa deste trabalho, assim, entender seu uso se faz relevante na estruturação do programa estudado.

Não dá para ignorar que a relação existente através do uso das redes sociais são apresentadas como um instrumento que facilita a comunicação entre os atores participantes do núcleo, seja essa relação, aluno → aluno, aluno → professor, aluno → demais membros da equipe.

Dessa forma, pensar a rede social como um elemento estruturante e necessário para o desenvolvimento e andamento do programa se apresenta como outro elemento emergente que pode contribuir positivamente na formação dos alunos, tendo em vista que o domínio tecnológico se apresenta cada vez mais como uma habilidade necessária para diferentes atividades produtivas.

Ao dar continuidade às análises dos dados coletados no que se refere às ações emergentes nas entrevistas, observa-se que os alunos do PJU- RJ declararam conhecer as seguintes ações desenvolvidas pelo núcleo:

- Uso das redes sociais: relata a troca de informações com os educadores envolvidos no programa (declaração presente na entrevista 7 e 1)

- Atividades culturais em museus, teatros e cinema: (declaração presente na entrevista 15, 20 e 7)

No que se refere aos dados coletados referente aos alunos do PJU- JP do núcleo Luiza Lima Lobo do Alto do Mateus, os mesmos declararam como ações existentes:

- Acompanhamento do PO: ação de acompanhamento do educador junto ao aluno (declaração presente na entrevista 18);
- Protagonismo em atividades culturais desenvolvidas dentro do núcleo: ação de desenvolvimento junto aos alunos (declaração presente na entrevista 18);
- Troca de informações referente a oportunidades de qualificação profissional e de trabalho: (declaração presente na entrevista 23, 4)

Diante dos dados e dos pontos abordados acerca das ações desenvolvidas por parte dos atores dos dois núcleos pesquisados, pode-se observar que os núcleos desenvolveram diversas ações com o objetivo auxiliar na construção de resultado efetivo na aprendizagem dos alunos participantes.

Nas diferentes ações, observa-se que algumas delas se apresentam como atividades culturais, de forma que foram usadas pelos mesmos com o intuito de ser um aspecto de combate à evasão dos alunos matriculados, aspecto esse que apresentou como tendo indícios de sucesso.

Em cima das atividades culturais desenvolvidas, observa-se que as ações que colocam o jovem como protagonista são validadas pelos mesmos e sinalizam contribuição para a efetividade do programa, tendo em vista que a atividade artística é uma opção de carreira profissional e que auxilia a desenvolver outras habilidades (expressão verbal e corporal, liderança, mediação etc) que muitas vezes podem estar reclusas dentro dos educandos por uma falta de oportunidade de utilizá-las e que a partir dessas experiências os auxilia no seu posicionamento de mundo.

Assim como as atividades culturais, outro elemento de destaque emergente entre os educandos entrevistados está na experiência de acolhimento, dada por parte dos educadores e da gestão do núcleo como um dos fatores impulsionadores da sua participação e manutenção no programa.

Vale deixar claro que os dados aqui discutidos neste trabalho de pesquisa apontam que estratégias como:

- uso de redes sociais e ligações telefônicas,
- acompanhamento dos Professores Orientadores (PO);

São enquadradas como estratégias válidas no que se refere ao acolhimento para a retenção desse público. Dessa forma, destaca-se que para trabalhar educação

com jovens evadidos do sistema escolar regular e enquadrados em programas de correção, se faz necessário desenvolver ações que permitam que este jovem se sinta acolhido e que promova nele o empoderamento e a construção de sua autonomia no que se refere ao seu processo de educação e qualificação profissional enquanto indivíduo dentro do núcleo escolar como sendo uma ação necessária a esse público.

Tendo dito isto, considera-se que a TDS apresenta contribuição para o delineamento e gerenciamento de projetos em educação a partir do levantamento de ações executadas e seus respectivos resultados alcançados dentro dos projetos em educação.

Estabelecer um conhecimento mais aprofundado da forma que se deu o surgimento de ações emergentes e como as mesmas foram operadas dentro dos núcleos se faz necessário, tendo em vista que as mesmas podem impactar positivamente e/ou negativamente no processo de formação do jovem, podendo esta deixar de ser um elemento que auxilie na redução da evasão, causando justamente o contrário.

8.3 CONCLUSÃO DO OBJETIVO ESPECIFICO 4

Sobre o alcance do objetivo específico **(4) levantar a percepção dos educadores e gestores no que se refere ao exercício do seu papel dentro do processo de qualificação profissional dos alunos envolvidos;**

Para responder a esse objetivo, parte-se da análise dos seguintes nós:

- Sentimentos (educadores e equipe)
- Importância da qualificação profissional (educadores e equipe)
- Importância dos assuntos abordados (educadores e equipe)
- Aplicação dos conhecimentos (alunos)
- Qualificação profissional (alunos)
- Sentimentos (alunos)

O levantamento dessa expectativa apresenta a percepção dos atores dos dois grupos envolvidos no programa, dos dois casos estudados. Ao levar em consideração o percurso dos alunos que tiveram o PJU como parte da sua trajetória no sistema educacional, observa-se que eles veem de um histórico de abandono escolar muito precoce. Dessa forma, aspectos referentes a: elevação da escolaridade, auxílio financeiro e indicação para o mercado de trabalho foram citados pelos alunos como esperados a partir da sua participação no programa.

Para compreender melhor essa expectativa, no que se refere à percepção dos educandos, buscou-se entender de que forma eles declaram o sentimento existente no que se refere à lembrança da participação nas atividades do programa pesquisado.

Assim, pode-se identificar a presença de sentimentos de reforço positivo como sendo predominante nas declarações captadas durante as pesquisas de campo dos alunos entrevistados.

Essa presença fortalece a importância dada pelos alunos entrevistados pela experiência vivida através da participação deles no programa, de forma que as relações de amizade entre os colegas e os educadores são destacadas como sendo responsáveis na construção desses sentimentos positivos.

Na busca por contemplar o objetivo específico 4 de levantar e analisar a percepção dos educadores e gestores no que se refere ao exercício do seu papel dentro do processo de qualificação profissional dos alunos envolvidos utilizou-se as análises dos seguintes nós:

- identidade com os alunos (educadores e equipe)
- Importância dos educadores (alunos)
- Importância da equipe (alunos)

Esse objetivo busca identificar o que aproxima os grupos pesquisados. Assim, ao analisar a identidade com os alunos, pode-se concluir que aspectos em torno de experiência em vida de comunidade, ter uma origem de família pobre, experiência de maternidade precoce, machismo nas relações familiares, situação de desemprego, contato com a necessidade de conciliar trabalho e estudo são alguns dos elementos apresentados pelos educadores e demais membros da equipe como conhecidos em certa maneira nas suas trajetórias de vida e que os mesmos se conectam com seus alunos.

No entanto, o envolvimento com o crime e a vivência em um ambiente familiar desestruturado são alguns dos elementos citados como desconhecidos na realidade dos educadores e conhecidos na realidade dos alunos participantes.

Sabendo que a realidade desses jovens e adultos é complexa, observa-se que o desenvolvimento de políticas públicas que visam à elevação do nível de escolaridade, a capacitação profissional e a participação cidadã deve também vir com um acompanhamento de outras ações sistêmicas que complementem ou que trabalhem junto com a ação de educação.

Assim, ao estabelecer uma análise comparativa entre as variáveis que levantam a identidade dos educadores e gestores com os alunos e a que analisa a

importância dos educadores para os alunos, pode-se perceber que os educadores para esses alunos são colocados como mentores e exemplo a ser seguido, sendo o acolhimento por parte destes um aspecto essencial a participação do aluno no programa.

No que se refere ao apoio da equipe, ela por muitas vezes não ter o contato direto com os alunos não foi identificada como necessária a uma construção de relação de confiança, no entanto o acolhimento, a disponibilidade para ajudar aqueles que as buscaram em algum momento se apresenta durante as entrevistas.

A equipe tem a importância de permitir que as coisas funcionem em harmonia dentro do núcleo, principalmente no que se refere aos horários de acesso e demais demandas burocráticas.

Dessa forma, observa-se que as relações construídas durante a operação do núcleo entre alunos e professores devem ser valoradas se as mesmas possuem um aspecto de mentoria e orientação para os percursos pessoais desses atores.

8.4 CONCLUSÃO DO OBJETIVO ESPECIFICO 5

Este trabalho de pesquisa também buscou compreender as contribuições do material didático, como exposto no objetivo específico (5), que objetiva relatar, a partir do olhar dos atores (educadores e alunos), de que forma o material didático produzido (livro do educador e livro do aluno) contribuiu para o processo de qualificação profissional dos mesmos.

Para tal, utiliza-se a análise do “nó”: importância do material didático. O material didático foi considerado pelos alunos entrevistados como elemento de grande valor dentro do processo de qualificação profissional deles, elemento esse que alguns não quiseram devolver e guardaram por vislumbrarem a possibilidade de o mesmo poder ser relevante posteriormente a participação no programa.

O mesmo foi considerado que foi disponibilizado a todos os alunos participantes da pesquisa e que também foi usado em sala de aula.

No entanto, o que se percebe nas entrevistas é uma diferença de utilização entre os núcleos. Primeiramente, a partir de uma utilização distorcida no núcleo do Rio de Janeiro, tendo em vista que a operacionalização do programa neste município não seguiu as diretrizes que seguiu o município de João Pessoa. Isso se dá principalmente devido à participação de educador generalista e não especialista como previsto no manual do educador.

Pode-se observar também que nas entrevistas do núcleo no Rio de Janeiro não aparece em nenhum momento nenhuma menção à presença do papel do professor orientador, tanto por parte dos educadores e demais membros da equipe, como dos alunos participantes, deixando assim em aberto esse aspecto apresentando na proposta pedagógica do programa.

Com isso, essas questões apresentam evidências que se referem à necessidade de um acompanhamento mais próximo aos educadores e na sua formação para uma melhor utilização dos materiais didáticos disponíveis na execução do programa.

8.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizar este documento, observa-se que a pesquisa bibliográfica, documental e de campo que compõe o presente trabalho de tese possibilita fazer algumas inferências sobre os resultados do mesmo.

Primeiramente, constata-se que, dentro de um processo voltado à elevação da escolaridade, a qualificação profissional e participação cidadã de jovens e adultos em contextos vulneráveis a dimensão humana é de suma relevância para o público ao qual este programa se volta.

No entanto, ressalta-se aqui que essa dimensão humana não está relacionada à presença de forma mecânica e tecnicista da atividade educativa, a qual é possível existir, dentro do processo de condução do programa, na relação entre os alunos e os diferentes operadores do serviço.

Neste momento, a dimensão humana a qual se faz menção é a confiança, responsável pela construção de uma relação que possibilita a presença de um valor denominado pertencimento.

E, a partir dessa perspectiva do sentimento de pertença é que este trabalho de pesquisa apresenta a seguinte proposta metodológica, construída pelos passos seguidos pelo procedimento metodológico abordado no capítulo 6.

Dessa forma, ao conduzir uma pesquisa que tenha como viés de análise levantar o sentimento de pertença, se faz a orientação de partir dos passos a seguir:

- (1) Identificar os atores locais na ponta do projeto;
- (2) Estruturar perguntas que levem em consideração as três caixas que compõe o sítio de pertença proposto por Zaoual (2005), descritas e apresentadas no capítulo 5.

- (a) Crenças: que devem levar em consideração aspectos motivacionais dos atores, a partir da abordagem de elementos que mapeiem estrutura familiar, renda, acesso a condições básicas de sobrevivência (casa, comida, rede de apoio), relacionamento com membros da família e da comunidade dentro e fora da escola.
 - (b) Caixa conceitual: relevância dada pelo ator em estar participando do projeto, importância dada a experiências vividas em sala de aula entre os alunos e educadores, o valor do educador, do gestor do núcleo e demais membros da equipe envolvida no projeto, para o educando na construção da sua trajetória de formação.
 - (c) Caixa de Ferramentas: levantar elementos que se relacionem ao material didático usado, infraestrutura disponibilizada no núcleo, assim como atividades desenvolvidas e sua interação nessas atividades, de forma a compreender como cada um desses aspectos contribui para a trajetória de formação.
- (3) Estabelecer os nós de forma que permita agregar as informações específicas para cada um dos grupos participantes da pesquisa e a sua percepção a cerca do tema abordado. De forma que se estabeleça um panorama com os dados coletados referentes ao projeto, para assim, iniciar uma análise crítica do mesmo. Para isso, orienta-se utilizar algum software de análise de conteúdo como o Nvivo.

O pertencimento estabelecido nesta pesquisa é composto por dois **outros valores**, denominados **conhecimento e engajamento**. Faz-se necessário destacar que o conhecimento é baseado no aspecto relacional eu-tu, onde os agentes operadores entram em contato com as diferentes dimensões dos indivíduos usuários do programa e as dimensões dos locais aos quais estes pertencem.

A partir desse contato, se faz possível levantar aspectos de identidade, onde, a partir dessa relação entre os agentes (membros da equipe e usuários), abre-se uma janela que pode estabelecer a construção de uma relação de confiança dos usuários com os demais membros da equipe.

Portanto, a partir do momento em que **o conhecimento possibilita a identidade**, esta relação tem **como resultado a confiança entre os usuários**. Outro desdobramento do pertencimento está relacionado ao engajamento dos atores.

Para descrever a mecânica de funcionamento do engajamento, considera-se que ele se relaciona com as ações tomadas na operação do programa, que permitem que o mesmo aconteça de forma mais efetiva.

Faz necessário destacar que a operação do programa estudado PJU é uma operação de grande complexidade, tendo em vista que as forças que impactam o resultado do mesmo são difíceis de ser manipuladas e conseqüentemente evitadas. Dessa forma, os elementos projetuais apresentados no desenho do programa não conseguem abarcar todas as necessidades dos mesmos, principalmente em um país com características tão diversas como o Brasil.

Com isso, é a partir do sentimento de pertença, constituído pelos valores conhecimento (identidade) e engajamento, que possibilita o desenvolvimento de ações específicas e customizadas que contemplam os usuários, sendo estes os educandos (grupo 2) envolvidos no processo e participantes das atividades desenvolvidas e disponibilizadas pelo grupo de atores, gestores, educadores e demais membros da equipe (grupo 1) que constroem ações a partir da sua experiência profissional e das trocas estabelecidas entre estes, de forma que as ações construam uma atmosfera mais atrativa aos educandos, com o intuito de estabelecer ganhos aos mesmos e aquele sítio ao qual eles estão pertencendo.

8.6 POSSÍVEIS ENCAMINHAMENTOS

A partir da realização desta pesquisa, observa-se que estabelecer o delineamento do perfil dos profissionais que venham a estar atuando em projetos desta natureza se faz relevante, tendo em vista a complexidade do público a ser atendido. Dessa forma, acredita-se que a mesma pode contribuir para se obter a maximização da efetividade de programas desta natureza.

Ao considerar a formação dos profissionais envolvidos no desenvolvimento de programas nacionais brasileiro desta natureza, se faz necessário estabelecer um processo de formação profissional que auxilie na internalização da relevância e impacto do mesmo, através de uma abordagem que possibilite a conscientização nos diferentes níveis de gestão e operação da importância de conhecer as diferentes demandas existentes em cada local e possíveis desdobramentos de ações engajadoras no funcionamento do programa, vislumbrando assim impactos positivos na qualidade dos mesmos. Desta forma, se faz necessário remodelar as estratégias de formação aplicadas anteriormente no PJU especificamente em termos de meio de formação, frequência e local.

Dando continuidade, no que se refere à alocação de pessoas, sugere-se que para a seleção e alocação dos membros da equipe componente dos núcleos, sejam levados em consideração aqui apresentados como aspectos relevantes a serem utilizados na seleção dos profissionais alocados em programas como o PJU são:

- Conhecimento das questões e complexidades em torno da estrutura familiar e social vivida pelos atores usuários do programa e
- Autonomia e engajamento para desenvolver ações emergentes que estejam no espectro de interesse do público alvo.

Sendo estes os desdobramentos apresentados para gestores públicos e demais profissionais envolvidos na operação de programas que abarcam a qualificação profissional e a elevação de escolaridade para grupos em situação de vulnerabilidade, como o PJU.

8.7 LIMITAÇÕES DA PESQUISA

Faz-se necessário considerar que o trabalho acadêmico de pesquisa de campo realizado se restringe aos dois casos estudados o PJU – JP, do Alto do Mateus, e PJU – RJ, da Cidade de Deus, de forma que não se pode generalizar as informações coletadas para todas as cidades onde foram realizadas as pesquisas, muito menos para todas as cidades que aplicaram o programa.

O quantitativo de atores pesquisados nos dois grupos não é significativo e não exprime totalmente a riqueza que existe na realização do programa. Dessa forma, não permite realizar generalizações significativas em nível local, tendo em vista que existiram mais núcleos de atuação do programa nas cidades pesquisadas.

As variáveis consideradas nesta pesquisa não são as únicas, tampouco as principais a impactarem a operacionalização de um programa desta natureza. Fatores relacionados ao custo e à cultura dos grupos estudados não são considerados.

Outra limitação desta pesquisa se dá pelo fato de a mesma não fazer uma discussão em torno dos desafios existentes na gestão pública, que podem impactar para a realização e operação de ações voltadas ao programa.

8.8 APLICAÇÕES FUTURAS

A relação de pertencimento através de elementos identitários e engajamento não foi testada de forma aplicada, deixando espaço para o desenvolvimento de

pesquisa futuras para mensurar a relevância de cada um desses fatores para os membros envolvidos, no caso, educadores, gestores e demais membros da equipe, assim como os usuários, alunos.

Após a mensuração, apresenta-se a possibilidade de desenvolvimento de pesquisa futura para a construção de um instrumento de levantamento quantitativo que permita quantificar o nível de pertencimento existente entre os membros componentes da equipe e como este se relaciona com os níveis de pertencimento do usuário final, com o objetivo de compreender se existe relação entre ambos.

Outra possibilidade de aplicação relaciona-se através da análise entre os níveis de pertencimento da equipe e o alcance de aspectos relacionados aos diferentes objetivos previstos ao concluir o projeto.

A possibilidade de compreender os impactos dados pelo uso de redes sociais no alcance dos resultados do projeto, assim como meio de redução de evasão se faz pertinente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABEPRO – Associação Brasileira de Engenharia da Produção. Acessado em 15 de junho de 2016 < <http://www.abepro.org.br/interna.asp?ss=1&c=924>>

ALNARY N. R. FILHO; LUIS A. G. CUNHA. Economia solidária: alternativa de desenvolvimento, geração de trabalho, renda e resistência à exclusão sócia. Emancipação, Ponta Grossa, 9(1): 95-105, 2009. Disponível em <http://www.uepg.br/emancipacao>

BARDIN, L. Análise de Conteúdo. Tradução Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARROS, D. S de. Dissertação de mestrado (Departamento de Serviço Social)Os significados da Educação Profissional para a trajetória profissional dos jovens oriundos do ProJovem Urbano. Rio de Janeiro: PUC, 2011.

BRASIL, 2010. Avaliação da Execução do Programa PROJOVEM – URBANO. Série Diagnósticos. Vol I. Secretaria Nacional da Juventude/ SG/ PR.

BUBER, M., You y tú. Ediciones Nueva Vision. Buenos Aires, Argentina: 1969.

CAREGNATO, R. C. A., MUTTI, R. Pesquisa Qualitativa: Análise de Discurso versus Análise de Conteúdo. Texto Contexto Enferm, Florianópolis, 2006 Out-Dez; 15(4): 679-84

CRESWELL, J. W. Research design: Qualitative, quantitative and mixed methods approaches. 3 ed. SAGE Publications: 2009.

Índice de Desenvolvimento Humano Municipal Brasileiro, IDHM. – Brasília: PNUD, IPEA, FJP, 2013

LANZONI ET AL. (ORGS.). ProJovem Urbano São Leopoldo: trajetória e praticas pedagógicas. – Canoas: Ed. Do Autor, 2012.

Manual do Educador: Orientações Gerais – Brasília: Programa Nacional de Inclusão de Jovens - ProJovem Urbano, 2008

MARINHO, A., FAÇANHA, L. O. Programas Sociais: Efetividade, Eficiência E Eficácia Como Dimensões Operacionais Da Avaliação. Rio de Janeiro - IPEA:2001

MOLL, J. e colaboradores. Educação Profissional e Tecnológica no Brasil contemporâneo: Desafios, tensões e possibilidades. Artmed Editora S.A., 2010..

MOZZATO, A. R., GRZYBOVSKY D. Análise de Conteúdo como Técnica de Análise de Dados Qualitativos no Campo da Administração: Potencial e Desafios. RAC, Curitiba, V.15, N.4, pp. 731 -747, Jul/Ago.2011.

PANHUYS, H. Do desenvolvimento global aos sítios locais: uma crítica metodológica à globalização/ Henry Panhuys; tradução de Michel Thiollent. Rio de Janeiro: E-papers, 2006.

PRESTES, E., VÉRAS, R. Educação, Qualificação, Trabalho e Políticas Públicas: campos em disputas. Revista Lusófana de Educação, 14, 2009.

REID, R. D., SANDERS. N. R. Operations Management: An Integrated Approach. Fourth Edition. USA: John Wiley & Sons, Inc., 2011.

REIS, D. L. Juta e Pescado como vetores de desenvolvimento situado na Região Metropolitana de Manaus e entorno/ Dércio Luiz Reis. – Rio de Janeiro: UFRJ/COPPE, 2013.XIII, 182 p.: il.: 29,7 cm.Orientador: Roberto dos Santos Bartholo JuniorTese (doutorado) – UFRJ/ COPPE/ Programa de Engenharia de Produção, 2013.

REIS, S. L. DE A., BELLINI, M. Representações Sociais: teoria, procedimentos metodológicos e educação ambiental. Acta Scientiarum. Human and Social Sciences. Maringá, V.33, N. 2, p. 149 -159, 2011.

ROCHA, L. F. Tese de Doutorado (Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual paulista) Conselhos Municipais dos direitos da criança e do adolescente: as representações sociais dos conselheiros e a efetividade do controle Social. Assis, 2011.

ROCHA, J. M. Formação inicial de trabalhadores e elevação da escolaridade: políticas públicas de qualificação profissional em discussão (1963-2011) / Juliana Macedo Rocha; orientação Carmem Sylvia Vidigal Moraes. São Paulo: s.n., 2011. 276 p.; grafs.; tabs. Tese (Doutorado - Programa de Pós-Graduação em Educação. Área de Concentração: Estado, Sociedade e Educação) - - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

ROWBOTHAM, F., GALLOWAY, L., AZHASHEMI, M. Operations Management in Context. Second edition. Butterworth-Heinemann is an imprint of Elsevier, 2007

SCHMIDT, B. V., DE CASTRO, H. C., CORRÊA, H. A. B., FARIA, M. G. Programa Nacional de Inclusão de Jovens – ProJovem: Estudo de Caso apresentado durante evento paralelo de Encontro de Alto Nível das Nações Unidas sobre Juventude. UNFPA – Fundo de População das Nações unidas, 2011.

SEN, A. Desarrollo y libertad. Traducion: Esther Rabasco y Luis Toharia. Barcelona, España, 2000.

SILVA, A. C. F., Dissertação (mestrado em educação). Jovens e Políticas Públicas: Representações sociais de educação entre jovens do ProJovem Urbano na cidade de João Pessoa/PB. João Pessoa: UFPB, 2011.

SILVA, G. V. LIPPI, M. C. CAULLIRAUX, H. M. Projeto de Serviços Públicos Locais Orientados à Efetividade: uma Exploração Teórica. XXXVIII Encontro da ANPAD. Rio de Janeiro, RJ: 2014.

SOARES, S. P. L. Estado, políticas públicas e juventude: avaliação de efeitos de um programa federal na esfera local/ Orientação: Sandra M. Zákia L. Souza. São Paulo: s.n., 2013. 211 p. Il., grafs. Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. (Tese de Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Educação)

SPIEGEL, T. Tese de Doutorado (Programa de Engenharia da Produção) Contribuições das ciências cognitivas à gestão de operações: análise do impacto da experiência nas decisões do gestor de operações. Rio de Janeiro: UFRJ/ COPPE, 2013.

THIESEN, J. DA SILVA. A interdisciplinaridade como um movimento articulador no processo ensino-aprendizagem. Revista Brasileira de Educação. V.13. N.39. set./dez.2008.

ZAOUAL, H. Nova Economia das Iniciativas Locais – uma introdução ao pensamento pós-global. Tradução de Michel Thiollet –Rio de Janeiro: DP&A: Consulado Geral da França: COPPE/ UFRJ, 2006

ZAOUAL, H., *et al.* (orgs). Développement Durable des Territoires: Économie sociale, environnement & innovations. Paris: L’Harmattan, 2008.

ZAOUAL., H. O homo situs e suas perspectivas paradigmáticas. Tradução Leticia Mei. Revisão Técnica de André da Paz. OIKOS – Rio de Janeiro. vol. 9, N1, 2010.

CAIRES, F. C. B., SALES, S. C. F. Panorama das produções científicas em políticas públicas de juventude: uma análise do Projovem Urbano. Práxis Educacional jul./dez. 2014

ZAMBERLAN, F. L. Formação Profissional Negociada: uma abordagem qualificante [Rio de Janeiro] 1997. Tese – Universidade Federal do Rio de Janeiro, COPPE/UFRJ, D.Sc, Engenharia de Produção.

CALDAS, C. B., SOMENSARI, P., DA COSTA, S. N., SIQUEIRA, M. M. M., CLARO, J. A. C. S. Satisfação e engajamento no trabalho: docentes temáticos e auxiliares da EAD de universidade privada brasileira. Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia, 6 (2), jul - dez, 2013, 225-237

DE CARVALHO, O. F., DE MAGALHÃES SOUZA, F. H. Formação do Docente da Educação Profissional e Tecnológica no Brasil: Um Diálogo Com As Faculdades De Educação E O Curso De Pedagogia. Educação & Sociedade, vol. 35, núm. 128, julho-septiembre, 2014, pp. 883-907 Centro de Estudos Educação e Sociedade. Campinas, Brasil

BAKKER, A. B. Towards a model of work engagement. Department of Work and Organizational Psychology, Erasmus University Rotterdam, Rotterdam, The Netherlands, and Evangelia Demerouti Department of Social and Organizational

Psychology, Utrecht University, Utrecht, The Netherlands. *Career Development International* Vol. 13 No. 3, 2008 pp. 209-223

MEREDITH, J. R., MANTEL, S. J. *Administração de Projetos: uma abordagem gerencial: tradução Agliberto Alves Cierco; revisão técnica Luiz Perez Zotes – Rio de Janeiro: LTC, 2011.*

MANUAL DO EDUCADOR: Orientações Gerais/ [organização: Maria Umbelina Caiafa Salgado; Revisão Ortográfica: Rafael Paixão Barbosa] – Brasília: Programa Nacional de Inclusão de Jovens – Projovem Urbano, 2012.

FISHER, E. What practioners consider to be the skills and behaviours of an effective people Project manager. *International Journal of Project Management* 29 (2011) 994–1002

STEVENSON, D.H. STARKWEATHER, J.A. PM critical competency index: IT execs prefer soft skills. *International Journal of Project Management* 28 (2010) 663–671

TOOR, S.R., OGUNLANA, S.O. Beyond the ‘iron triangle’: Stakeholder perception of key performance indicators (KPIs) for large-scale public sector development projects. *International Journal of Project Management* 28 (2010) 228–236

DAVIS, K. Different stakeholder groups and their perceptions of project success. *International Journal of Project Management* 32 (2014) 189–201

RAMAZANI, J., JERGEAS, G. Project managers and the journey from good to great: The benefits of investment in project management training and education. *International Journal of Project Management* 33 (2015) 41–52

OECD (2011), *Lessons from PISA for the United States, Strong Performers and Successful Reformers in Education*, OECD Publishing. <http://dx.doi.org/10.1787/9789264096660-en>

ANEXO 1 – GUIA DE PERGUNTAS AOS PARTICIPANTES DA PESQUISA

Grupo I

- 1) O que você compreende como sendo qualificação profissional?
- 2) Por que se deve buscar uma qualificação profissional?
- 3) De que forma você percebe a valorização da sua profissão por parte da sua família e da comunidade que você participa?
- 4) Qual a importância dos assuntos abordados na qualificação profissional disponibilizada pelo programa?
- 5) Como a história de vida dos educandos se relaciona com a sua história de vida? (o percurso deles em algum momento se assemelha com o seu?)
- 6) Qual a importância da matéria ministrada para a boa realização do programa de qualificação profissional? Se for gestor: qual a importância da sua atividade do processo de qualificação profissional?
- 7) Como você se sente ao acordar e ir realizar seu trabalho no núcleo do projeto? (Felicidade, pressa, realização, tristeza, tranquilidade, desencorajado, motivado, satisfeito, insatisfeito, inquieto, angustiado)

Caixa Preta

- 8) Qual a importância da qualificação profissional na vida das pessoas?
- 9) Qual a importância do seu trabalho para vida dos educandos?
- 10) Qual a importância da sua família para a execução do seu trabalho?
- 11) Quais foram os desafios encontrados na participação deste projeto de qualificação profissional?
- 12) Quais são os seus parceiros de trabalho? (Instituições, outros educadores, gestores, pais, alunos etc.)
- 13) Qual a relevância da equipe envolvida para a realização do

Caixa Conceitual

seu trabalho?

- 14) Qual impacto o seu trabalho tem para a sociedade em geral?
- 15) Qual impacto seu trabalho tem para a vida dos educandos?
- 16) O que leva você a ter o sentimento apresentado na questão 7?

17) Você ministra alguma disciplina?
Se sim, responda qual.

18) Quais instrumentos e ferramentas você utiliza para a realização do seu trabalho? Qual a importância deles?

19) Você considera que tem todos os recursos necessários para a realização do seu trabalho? Caso a resposta seja negativa, quais são as alternativas de solução para uma melhor realização do seu trabalho? (modo de organização e ação)

20) Como você realiza o trabalho junto aos seus parceiros?

Caixa de Ferramentas

Grupo II

1) O que te levou a buscar este programa de qualificação profissional?

2) Existe alguém que te motivou ou inspirou a participar deste programa de qualificação profissional? Qual a relação que você tem com essa pessoa?

3) Em qual profissão você escolheu se qualificar?

4) Quais são os principais desafios existentes no seu processo de qualificação profissional? (problemas familiares, automotivação, com quem deixar os filhos, infraestrutura, dinheiro???)

5) Quem são as pessoas que te ajudam (ajudaram) no processo de qualificação profissional?

6) Como os educadores te ajudam (ajudaram) no processo de qualificação profissional?

7) Como sua família te ajuda (ajudou)

Caixa Preta

no processo de qualificação profissional?

8) Como os gestores (diretor, secretários) te ajudam (ajudaram) no processo de qualificação profissional?

9) Como você se sente ao ir participar das atividades do programa de qualificação profissional? (feliz, triste, entusiasmado, satisfeito, insatisfeito, ansioso, realizado, desencorajado)

10) O que significa ser um profissional qualificado para você?

11) Por que você escolheu se qualificar na profissão respondida na questão 3?

12) Como você se identifica com a profissão escolhida?

13) O que você espera aprender dentro do ProJovem?

14) Como o material didático utilizado contribui para seu processo de qualificação profissional?

15) Qual o resultado do você espera obter em ter participado dessa qualificação profissional para a sua vida? E porque?

16) Você tem algum plano em mente do que fará ao concluir esse curso de qualificação profissional?

17) Como os desafios podem ser superados? O que depende de você e o que depende dos outros?

18) Você considera a infraestrutura oferecida suficiente para seu processo de qualificação profissional? Pq?

19) Como você colocará em prática os conhecimentos adquiridos no curso de qualificação profissional?

Caixa Conceitual

Caixa de Ferramentas

ANEXO II ANÁLISE DOS DADOS - QUADROS DE REFERÊNCIAS POR NÚCLEO PESQUISADO

Dados do Grupo 1 - Alunos

1. Nú Apoio da Equipe

Entrevista x Referência do núcleo PB

Entrevista N°	Referência
18	“Em algumas dúvidas quando eu tenho aí eu pergunto. De vez enquanto eu procuro (nome da diretora) que é a diretora daqui. Algumas dúvidas, como por exemplo, eu precisei fazer uns currículos para entregar nas fábricas aí e eu não sabia como fazer, aí eu procurei ela e ela me orientou e me ajudou a fazer.
19	“Abrindo as portas eu acho estando ali todos os dias trabalhando e que a gente chegar e precisar acho que eles vão orientar.
23	“Indicando como eu já disse, indicando para núcleo que tem cursos IFPB, trabalhos, tudo isso eles já encaminham direto do núcleo Luiza Lima Lobo e cada aluno eles também encaminham o currículo para lá até para você ter a chance de se inscrever. ”
3	“Não a diretor não participa do processo de .”
4	“Os gestores e os diretores eu não tenho contato.”
17	“O acolhimento deles é ótimo, a gente tem sempre a força deles tá sempre incentivando porque as vezes a gente pensa em desistir e eles estão sempre dando força, apoio, aquela palavra quando a gente está quase no fundo do poço eles vem te resgatam, e assim a gente vai no ato de confiança deles que eles passam para a gente.

Fonte: Baseado em dados extraídos do NVivo11.4

Entrevista x Referência núcleo RJ

Entrevista N°	Referência
15	“Sim sim, a (nome) que é aaa, a (nome) que é a diretora do Projovem foi muito coisa comigo, muito persistente comigo porque eu faltava e ela sempre queria saber porque faltou que não era para deixar o ano passar para não perder a aula, ela foi muito legal. Quando vcs faltavam, eles ligavam para vocês? Sim, procuravam saber, o porqueê se tinha algum problema. Pelos alunos ou contato direto? Contato direto, até porque a gente tinha contato com a professora com a diretora. ”
20	“A diretora a professora! Tudo me ajudou! Quando eu não vinha ela me dava prova que eu não fiz, ela dava” “E quando eu não vinha eles me ligavam, insistindo para mim vir para eu não perder essa oportunidade.
6	“A diretora também na época, a gente também era muito unida, tinha (nome) da CRE que até hoje ela vem aqui, vê o que aconteceu no ProJovem, porque o Projovem hoje em dia me deu esse emprego aqui, porque só abriu as portas porque eu tive o fundamental completo e no caso, agora vou vê se consigo terminar, porque quando tinha muito filho, não dá porque um atrás do outro, mas como eu terminei aquela minha parte ai ano que

	<p>vem eu vou voltar para terminar o ensino médio.</p> <p>“É sempre, estavam vendo assim a parte de emprego, eles estava sempre: ó vamos ver quando vocês terminarem, vamos começar a entrar na internet, vamos fazer uma ficha cadastral de você assim, fazer um currículo, as vezes eles falam assim, como a gente tem que se apresentar, como a gente tinha que mostrar o currículo. A diretoria da escola e se disponibilizavam para todos os alunos. Ela falava, gente quando vocês forem se apresentar numa entrevista de emprego você vão arrumadinho, sempre comportado, não. Vai decote, a calça comprida, tudo penteadinho, é maquiagem bem básica. É cabelo arrumadinho, unhas bem feitinhas. Não precisa ser aquele vermelho, sabe, bem básico. E saiba conversar. Saiba se expressar. Então tipo assim, sempre passou isso para a gente.</p>
7	<p>“Me ajudou muito também! (...) ela só me apoiava, eles me apoiavam muito. A procurar trabalho! Ela passava para a gente pelo zap. Tinha um grupo! Que botava onde tava dando emprego, uma vez eu até fui, era final do ano eu fui no barra shopping, na loja americana, era final de ano, a gente fomo aquele negocio de final de ano 3 meses, ai “trabalhamo”.</p>
1	<p>“(...)conversar, eles conversavam, eu lembro de eles serem rígidos com horário de entrada e saída entendeu! Estudar, formar, terminar e meter o pé daqui! É eles eram assim, ajudava bastante, mas só para os que realmente queriam. Quem não queria, eles não...não não. Até porque eles só tinham maior de idade entendeu, então cada um tem sua escolha!”</p>

Fonte: Baseado em dados extraídos do NVivo11.4

2. Nó Aplicação dos conhecimentos adquiridos

Entrevista x Referência do núcleo PB

Entrevista N°	Referência
17	<p>“Muitas coisas, eu tenho uns dois anos atrás eu não estaria aqui, porque eu sou muito tímida, eu jamais estaria conversando com uma pessoa sabendo que a minha voz estaria sendo gravada então eu acho que o Projovem já me ensinou a me soltar, né?! É como se, é porque aqui a gente conversa, participa de palestras, a gente sempre tem que falar no meio de um monte de gente então eu aprendi isso a me expressar, é eu era muito tímida, jamais eu me convenceria de eu vir aqui e hoje eu venho na maior facilidade.”</p>
18	<p>“Estudando mais, aprendendo, em casa mesmo parar para estudar. Porque muita gente estuda aqui mas não faz nenhuma atividade em casa, não para pra ter seu tempo de estudo e eu procuro isso que era uma coisa que eu não fazia antigamente. ”</p> <p>O que a gente aprende está em todo canto, quando a gente vai na rua tem uma placa a gente gosta de ler, pois vai fazer uma compra e ver que tá errado nos diz que vê uma coisa para não errar de novo. Profissionalmente em todo canto tem que ler em prática.”</p>
19	<p>“Eu acho que tudo que ensina no Projovem a gente põe na vida um pouquinho pelo menos, eu vou dar o exemplo de matemática que eu lembrei, é que assim que eu tô com um terreno e a menina falou</p>

	assim, que o terreno tem 50x30 aí eu queria somar para ver quantos metros quadrados tinha aí eu pronto eu botei isso na minha vida né?! E outra coisa, uma vez eu cheguei falando algo que eu não tô lembrada agora, mas foi algo de ciências. Entender melhor o que se passa, geografia também esse negócio de política toda ele ajuda a gente abrir mais a mente ai ando a gente vem para a escola dá p entender mais um pouquinho quão é fundo.”
23	“Aprender, eu já aprendi muito, já está no final. Vai terminar 25 de novembro. Eu aprendi durante esse tempo com matérias novas de e participação cidadã essas matérias nunca ouvi falar, pode ter em escola particular, mas em escola pública eu nunca ouvi falar. E eu aprendi com essas matérias coisas que é consciência sociais, coisas da sociedade. Como viver e lhe dar em sociedade, se incluir na sociedade. Isso eu vi, porque teve o evento para reformar a praça, tudo isso. Eu aprendi principalmente com essas duas matérias e participação cidadã. A , ensinou no meu profissional como arrumar um emprego, com preencher um currículo, como fazer um formato de currículo digamos assim, ensinou tudo isso, toda essa parte profissional de emprego a ensinou que é QP.”
3	“Só no futuro é que vou saber”
4	Não respondeu

Fonte: Baseado em dados extraídos do NVivo11.4

Entrevista x Referência do núcleo RJ

Entrevista N°	Referência
1	“Bom o que eu tô colocando em prática mesmo, é o meu diálogo, o meu verbo, mas usar a ciência a história no meu dia-a-dia não! De imediato estudando no Projovem eu vi que eu tinha que aprender mais ainda, no começo eu tinha dificuldades e eu vi que eu tinha que aprender mais ainda porque se não eu não iria ter chances.”
6	“Botei em prática eu sempre botei numa entrevista de emprego, que eu escutei lá atrás, num currículo, eu botei em prática aquilo que, eu fazia o currículo totalmente diferente, totalmente errado, ai aqui eu aprendi e botei em prática, numa entrevista eu saber me comportar, saber conversar, saber se é aquilo que eu quero para mim. Isso muito, postura, comportamento, como a gente vem de comunidade todo mundo acha que a gente é favelado, ha vem dali não sabe se expressar, não sabe conversar, não sabe isso então ai a gente da um tapa na cara né?! Então a gente vai lá aprende você passa se você quiser eu tô num lugar que tem muitas oportunidades como teve a do ProJovem tem várias oportunidades.”
7	“que eu aprendi no Projovem boas maneiras eu coloco em prática, aprendi a fazer meu currículo para mim poder trabalhar”
20	“Não sei, assim, no final do Projovem eu não vinha, eu só vim nas provas. Eu queria me qualificar me aprofundar e queria aprender. Era para terminar os estudos!”
15	“Não tive oportunidade! Então os conhecimentos que você adquiriu, você não teve oportunidade de colocar em prática, nem na sua vida, nem no seu Dia-a-dia? Não na minha vida, sim, mas...De que forma você usou eles na sua vida? Na forma de lhe

	dar com o dinheiro pagamentos, economizar, de pesquisar preço. Até porque agora não tenho muito, porque eu não tô trabalhando então eu tenho que...”
--	--

Fonte: Baseado em dados extraídos do NVivo11.4

3. Nó Apoio dos educadores

Entrevista x Referência do núcleo PB

Entrevista N°	Referência
17	<p>“Os professores me ajudam bastante.”</p> <p>“Passando para mim os conhecimentos que eles têm é isso que eles fazem eles passam para a gente e a gente vai se adaptando. É aprendendo, porque assim sempre é bom a gente estar aprendendo e eles <u>passando o que eles sabem</u> eu acho que é exatamente isso que a gente busca quando a gente procura estudar, procurar conhecimento. E os professores ajudam a gente passando os conhecimentos deles para nós.”</p> <p>“O <u>acolhimento</u> deles é ótimo, a gente tem sempre a força deles tá sempre incentivando porque as vezes a gente pensa em desistir e eles estão sempre dando força, apoio, aquela palavra quando a gente está quase no fundo do poço eles vem te resgatam, e assim a gente vai no ato de confiança deles que eles passam para a gente.</p>
18	<p>“Os professores, os pessoal de casa me ajuda muito. Ajuda nas tarefas em casa, algumas vezes elas fica me <u>incentivando</u> para não desistir. Porque teve um tempo que eu queria desistir e elas fica falando que eu não desistisse.”</p>
19	<p>“<u>Passando o conhecimento</u> deles para mim e me <u>motivando</u>. Eles <u>dão orientação</u>. O exemplo do Enem que eu quis me matricular no Enem e eu conversei com os professores inclusive o de e ele disse que era uma boa escolha e falou de a mais dificuldade do Enem é a redação que era bom eu ler bastante livros e essas coisas assim. Se preocupando também, se preocupam se a gente vamos estar aqui todos os dias.”</p> <p>“Mais de informação. <u>Acho que a gente precisa mais da informação do que eles podem passar.</u>”</p>
23	<p>“Quem me ajuda é os professores aqui, a família também, tenho pessoas que são envolvidas com esse meio social e amigos.”</p> <p>“Os professores ajudam <u>incentivando</u>, falando vagas de cursos, um exemplo agora que teve no IFPB e o professor falou do IFPB para informática e tem uma lista lá de cursos do IFPB, instituto Federal da Paraíba e indica tb emprego que indicou para o Banco do Brasil Jovem Aprendiz e tudo isso foi os professores aqui que indicou.”</p>
3	<p>“Os professores, fazem a mesma coisa, fica me <u>incentivando</u> tem vez que eu falto, eles ligam p mim, mandam mensagem para eu comparecer.”</p>
4	<p>“Os professores me ajuda. É o dessa matéria é o (nome do professor)(...) quando eu tenho uma matéria que se passa um</p>

	<p>trabalho para fazer ai eu não tô entendendo bem, peço explicação ao professor ele me explica, as vezes eu fico meio enrolada ai ele vai e me ajuda.”</p> <p>“Os professores ajudam a todos nós. Ajuda porque assim, tudo o que a gente precisa eles estão presentes, a gente pode chamar qualquer um deles e eles vem com educação e a gente sai assim para fazer um trabalho sem dúvidas. Indicam vagas de trabalho.”</p>
--	---

Fonte: Baseado em dados extraídos do NVivo11.4

Entrevista x Referencia núcleo RJ

Entrevista n°	Referência
6	<p>“Professora (nome), Professora (nome), Tinha uma professora (nome), ela veio também deu poucas aulas, aula de inglês. Tinha um professor também, eu esqueci o nome dele, dava essa aula do trabalho, da parte do trabalho. , ele deu essa parte. A diretora também na época, a gente também era muito unida, tinha (nome) da CRE que até hoje ela vem aqui, vê o que aconteceu no ProJovem, porque o Projovem hoje em dia me deu esse emprego aqui, porque só abriu as portas porque eu tive o fundamental completo e no caso, agora vou vê se consigo terminar, porque quando tinha muito filho, não dá porque um atrás do outro, mas como eu ter.”</p> <p>“Eles sempre foram generosos com a gente nessa parte, como eles entendiam que a gente trabalhava muito, tem filhos, até a parte, porque também tinha homens que faziam também o Projovem, então eles sempre viam, perdeu? Então vamos lá vamos tentar. As vezes um amigo mesmo, porque a gente tinha os livros né?! Ai ele a matéria que deu ontem, "ó , (nome da entrevistada) tem essa matéria aqui, a gente tirava foto, chegava em casa terminava, fazia, ai uma hora a gente via se tava certo, se não estava corrigia, mas a gente sempre teve eles assim.”</p>
7	<p>Eles foram muito bom! Bom mesmo! A minha professora foi a (nome), ela foi uma mãe uma professora, ela foi tudo para mim, eu contava, eu me abria com ela. Então vocês tinham uma relação de amizade? Amizade foi! Então essa relação de amizade entre alunos e professores para vc é importante dentro do seu processo de ? É!”</p>
15	<p>“A professora (nome), me ajudou bastante, a (nome), me ajudou bastante e as pessoas que vinham dar a palestra. Os professores! De que forma eles te ajudavam? Explicando, dando educação e sabedoria de como eu entrar no mercado de trabalho, como me expressar e nas outras coisas mais.”</p> <p>“Eles foram muito persistentes, eles me ajudaram bastante em como me expressar em entrevista de emprego em como me comportar no ambiente de trabalho, eles foram muito presentes nisso sabe...Nessas técnicas de ajudar.”</p>
20	<p>“Eles conversavam, falavam o quanto era importante o estudo na nossa vida, entendeu?! E facilitavam para a gente por exemplo: quando a gente não vinha assim, um dia, eles perguntavam o que aconteceu, ai davam a matéria de ontem, pedia p emprestar o</p>

	caderno. Dava uma revisada? É! Dava outra oportunidade para a gente pegar a matéria entendeu?!”
1	“eles sempre foram muito amigos, nunca deixavam dúvidas. Eu achei que eles realmente quiseram nos ensinar. A pesar que o ProJovem na época, tem uns problemas.”

Fonte: Baseado em dados extraídos do NVivo11.4

4. Nó Qualificação Profissional

Entrevista x Referência do núcleo PB

Entrevista N°	Referência
17	“É ser um profissional conhecido é ser aquilo que um algo que você diz que sabe fazer e aquilo que você sabe e que faz é assim como se você tivesse , fosse indispensável, porque assim, muita gente é substituível, eu quero fazer do meu jeito, só o meu jeito, que ninguém mais saiba fazer porque cada um... tá entendendo?! Eu quero que eu seja necessária naquele canto, é isso que eu quero.”
19	“Acho que primeiramente é ter caráter ter um bom caráter e sei lá acho que ter qualificação. Sei lá ter algum curso, alguma especialidade em alguma coisa. Determinação, vontade de querer algo ou se for um emprego de querer um emprego.”
23	“Um profissional qualificado para mim significa uma pessoa que já tem um conhecimento próprio seja qual for pedreiro, informática, para ele já ser um profissional qualificado para ele né?! Mas para a sociedade para o estado tem que ter o certificado né?! Para mim é isso eu vejo assim, eu vejo a pessoa como ser o profissional qualificado. A pessoa dominar a área que ele executa. Mesmo que ele saiba e não tenha o certificado, mas que ele é um qualificado profissional.”
3	“Tudo na vida, porque hoje a pessoa sem profissão né?! Não somos nada.”
4	“É muito importante. Eu acho que é a pessoa ter sabedoria demais, ser uma pessoa que entende muito de qualificação profissional, como o professor disse. Eu disse mesmo a ele, professor o senhor tinha que ser mesmo professor, porque tudo que a gente não entender ele explica de uma maneira e é como as meninas diz, se a gente não aprender com o senhor a gente não aprende mais não. Ele tem muita motivação, ele explica, a gente vê mesmo dentro dele ele explicando com a maior tranquilidade.”

Fonte: Baseado em dados extraídos do NVivo11.4

Entrevista x Referência do núcleo RJ

Entrevista N°	Referência
1	“Significa ser reconhecido, ser reconhecido como profissional e realmente ser visto como uma pessoa que pode realmente influenciar com o seu profissionalismo entendeu? Socialmente falando! Você acredita que é, vc exercer uma atividade que ela é reconhecida pela sociedade e que essa atividade contribui positivamente na vida de outras pessoas? De imediato ser visto como uma pessoa influente.”
15	“Ha eu acho bem interessante porque se a gente não tiver hoje em dia você não consegue emprego em lugar nenhum! E o que é

	<p>essa ? Assim, a gente não teve especificamente uma qualificação profissional, eles te preparou para o mercado de trabalho seja qual área for, entendeu, não foi assim uma área específica, então só deles ensinarem a gente a se comportar diante de uma empresa de uma entrevista de emprego já é muito importante.</p>
20	<p>“Muita responsabilidade, gosta muito de fazer aquilo que está fazendo. Que era o que eu gostava de fazer, e a pessoa vai crescendo, cresce, cresce, mais e mais. Estudar, fazer faculdade, desempenhar o que a gente sempre sonha em fazer da nossa vida, entendeu?! Esse ser um profissional qualificado para você, significa ser uma pessoa respeitada? É isso aí! E respeito é sucesso? Para mim é! Onde a gente chegar ter, sabe saber falar com as pessoas, saber as palavras que as pessoas estão falando com agente. Que agora você está falando um montão de palavra comigo e eu não sei. Mas aí a gente está conversando! Não então, mas aí a gente chega assim, né...Eu sou leiga não sei quase nada. Porque você não sabe quase nada? Porque eu não sei! Não estudei direito! Aaa mas muita pessoa fala direitinho...Significa o que falar direito? Não sei! (...) Se você acredita que falar direito significa compreender as palavras dizem, os termos dizem. Então pronto, aumentar a minha capacidade de compreensão das palavras, então quando você tem um aumento da compreensão das palavras você consegue encher o mundo de outra forma, você acredita nisso? Acredito! Então vc acha que falar direito talvez seja isso? Mais ou menos assim! Então talvez falar direito para você significa expressar o que você sente em palavras? É também, eu não consigo fazer nada disso. Porque não consegue? Não consigo porque eu me expesso de uma forma totalmente estranha. Eu por exemplo, vez enquanto eu tô chateada eu já não demostro fico quieta porque se eu falar vai ser ruim. Então você consegue demonstrar suas emoções e seus pelo seu comportamento, mas não pela palavra! Uhummm, não pela palavra. Então você acha que um profissional qualificado ele consegue demonstra as emoções, as percepções pela palavra? sabe como fazer pela palavra.”</p>
6	<p>“Para mim muito. Porque a gente chega num lugar e aí a gente pode chegar e falar assim eu tenho meus estudos hoje eu trabalho, hoje eu sou merendeira, a gente fala merendeira, mas é manipuladora de alimentos. Tipo assim, para mim é bom porque eu posso chegar posso falar minha profissão, porque eu gosto de fazer, porque eu trabalho com o que eu gosto. Então os estudos e a qualificação aquilo ali para mim me ensinou hoje em dia para mim trabalhar com o que eu gosto no que eu posso fazer. Então tipo assim, eu sou satisfeita nessa parte.”</p> <p>“Para escolher uma profissão é importante você gostar do que está fazendo independente de outras coisas, e também né, entender se eu não estudo eu também não vou entender o que eu vou fazer. Assim chegará eu tenho que. Também tudo é um estudo né?! É você tem que saber. Você vai numa cozinha você tem que saber medida, você tem que saber ler, você tem que saber escrever, você tem que saber contar, você tem que saber tudo né?! Então mesmo eu mudando o meu foco, o estudo ainda</p>

	estar ali focado. Entendo a importância de estar estudando adquirindo novos conhecimentos para eu exercer bem a minha profissão.”
7	“Significa é se dar bem na vida. Se dar bem que eu digo é, uma profissão que te motiva a ser melhor, o que você não era. Não tô sabendo explicar direito. É ter dinheiro? Não! É ser feliz? É! É ser competente no que faz? É, também!”

Fonte: Baseado em dados extraídos do NVivo11.4

5. Nó Desafios

Entrevista x Referência núcleo PB

Entrevista N°	Referências
17	<p>“aqui o maior desafio é a violência, eu venho com 3 crianças e aqui a gente sabe como sai mas não sabe como volta não sabe como é que está la fora, uma vez eu vim e já voltei no meio de tiroteio então a violência as vezes está inibindo as pessoas de sair esse é meu maior desafio, mas com a graça de Jesus eu sempre enfrento.”</p> <p>“De mim eu acho que a coragem de não se esconder porque violência existe em todo canto e de outras pessoas eu acho que a mesma coisa, porque se a gente se esconde é o que eles querem. É como se la fora a gente está como refém aqui dentro e se a gente se esconde vai fazer o que, a gente tem que se mostrar. Porque assim, aqui é uma comunidade é, tem gente ruim tem, mas tb tem muita gente boa. A gente esta sendo visto la fora só pelos ruins tem que as pessoas se mostrar sair, movimentar, para poder ser visto e para mostrar que não é só isso.”</p>
18	<p>“O meu desafio é ter com quem deixar as meninas para eu vir para a escola, eu todo dia deixo elas com minha mãe, levo elas lá para casa da minha mãe trago renovo. A minha mãe fica com elas. Mas não é porque é um desafio é porque é um negócio que eu gosto de fazer, que eu aprendi a gostar. De estudar, eu aprendi. Eu acho importante a gente ter um estudo na vida, porque sem estudo a gente não é nada. Tenho o desafio que eu tenho a superação é na leitura que eu sou muito ruim de leitura.”</p> <p>“Eu tenho dificuldade de ler, porque eu começo a ler eu erro uma frase ai eu não quero ler mais, ai a professora fica, leia de novo, repita de novo e eu não quero ler. O meu desafio é esse e matemática eu tô fazendo lá e eu faço um calculo errado ai eu não quero fazer de novo. Ai eu paro na metade ai eu fico, não faço não faço.”</p>
19	<p>“Falta de dinheiro eu acho que é o maior desafio, porque tudo precisa de dinheiro. É com certeza, sei lá porque vamos supor que eu precise ir em algum canto e não ter passagem, ai meu Deus não tem passagem. Preciso de um currículo, ai para arrumar dinheiro de ultima hora para fazer p currículo e outras coisas que eu não lembro...”</p>
23	<p>“Não tive desafios. É pq eu nunca fui tímido, digamos assim. Sempre tive o apoio da minha família. Não, nunca tive nenhum impedimento para vir p o ProJovem. Nuca tive nada contra, nem amigo nem família.”</p>

3	“como desafio mais a parte de dinheiro.”
4	“Assim as condições que hoje em dia está difícil. Essa questão não porque eu moro aqui próximo eu venho de pés mesmo, eu moro perto, mais assim eu digo assim, questão de as vezes a gente quer algo mais e também né, não está com condições naquele momento. De fazer outros cursos também. Porque assim tem muitos cursos. Aqui tem o CRAS que tem curso de graça, mas nem todos os cursos, as vezes a gente quer um curso e não tem, as vezes tem um curso pela manhã e a gente não pode porque tem filhos né?! Para cuidar de manhã e levar p o colégio, ai eu quero a tarde, "ha tarde não tem esse curso" aí fica difícil.”

Fonte: Baseado em dados extraídos do NVivo11.4

Entrevista x Referência núcleo RJ

Entrevista N°	Referência
1	“Que eu acredite. Sinceramente, o que pode me impedi hoje em dia é essa inclusão social, só isso. O Que é que você entende como sendo inclusão social? É mais por meio é, como é que eu posso dizer, qual é a palavra?! Ser visto assim, como uma pessoa qualificada, pelo o local onde eu moro hoje em dia está mais assim, ainda mais quando sabe que é da cidade de Deus. Só isso, mas ai eu tô me qualificando melhor. Então você acha que a barreira de vc ser da cidade de Deus te dificulta a ser empregado em determinados locais? Assim, de imediato aparece umas opções que não é do meu gosto entendeu?! O que seria opções do seu gosto? Serviços gerais, repositor de mercado, eu não gostei! Não te interessa isso então? Não! E o que é que te interessa? Se não for para o meio artístico, que no caso eu tô querendo ser ator, tô estudando faço curso. Pretendo fazer faculdade, se não for no meio artístico, poderia ser em educação física. Entendeu?! Vc não tem problema de se motivar! Vc já fez sua escolha de segmento profissional, você quer trabalhar com arte e atividade cultural?! Sim, com certeza! Então vc tem o apoio da sua família com essa sua escolha? Você está decidido e se motiva para fazer isso? Tô Sim, tô decidido sim. E também trabalho, tô trabalhando, só tô parado por...eu trabalho com minha irmã, como empresário, empreendedor, eu vendo perfumes. Mas assim, anteriormente eu jogava bola, cheguei a me profissionalizar, mas não deu certo não tive chance, não tive dinheiro, para sustentar meu sonho. O processo né?! De qualificação. É!”
15	“O maior problema foi de deixar os meus filhos com a minha mãe as vezes não dava para ela ficar, eu tinha que chegar, eu trabalhava numa escola no pechincha e eu vinha a pé pra cá e muitas das vezes eu vinha direto do trabalho ai eu não sabia se minha mãe poderia continuar com meu filho que ela já ficava, ele tinha na época 1 ano, ou se ela podia, ai eu ficava na preocupação, por isso eu faltava muito, eu quase fui reprovada no final do ano por causa de falta.”
20	“O que é que dificultou? O fato de ter filho? Teu marido te apoiar? Meu marido! Tinha ciúmes? Ele brigava a Bessa, toda vez que eu vinha para a escola. Quando eu não vinha é porque tinha

	<p>acontecido alguma coisa! Ele não te apoiou nesse processo? Não! Mas seus filhos te apoiavam? Me apoiou! Vc tem qnts filhos? 5! Eles queriam vir todo dia para a escola atras de mim! Mas vc trazia os 5? Não! Só a menorzinha! Nem sempre, porque as vezes tinha minha mãe sempre me ajudou p ficar! Então sua mãe tb te apoiou nesse processo? Aham! Trabalhar te atrapalhou? Não! Eu trabalhava na escola ainda, eu trabalhava na escola perto de casa eu era mãe voluntária na época.</p>
6	<p>“Então eu sempre quis ver isso mas eu nunca tinha, eu dizia "gente eu queria voltar a estudar", mas eu tinha vergonha, porque já estava adulta né?! E tinha que voltar a estudar no ensino fundamental e ficava com vergonha de voltar a estudar.”</p> <p>“Era terminar, vir, era você abrir a mente de novo. Assim a minha vida como eu trabalhava, eu tinha que pegar 7 horas da manhã, chegar no trabalho e chegar correndo as 18 horas, chegar em casa, ainda tinha que dar banho nos filhos trazer eles correndo, chegar aqui, isso era uma motivação foi minha. Não tinha ninguém não, porque a maioria minha família sempre me apoiou. Meu marido sempre falou vai lá. Porque ele trabalhava não tinha como ele ficar com meus filhos para mim. Eu pegava as crianças vinha correndo e para mim a minha motivação foi eu mesmo não tinha empecilho nenhum não. Os professores daqui foram muito bons comigo, porque na época ando eu comecei eu achei que eu não ia conseguir, era muita coisa e minha mente não batia. A pessoa que trabalha, é filho, é casa, é marido, é muita coisa. Tu olha assim e fala, eu não vou conseguir. Ai ficava aquele desespero, batia uma agonia, mas quando eu vi que eu era capaz, que a professora (nome), professora (nome) e os outros professores também, que não eram daqui da escola, mas que vinham de outros lugares para ajudar, falava não você consegue, quando eu falava assim, não quero, não tô conseguindo, vou embora, vou desistir, eles falavam não (nome da entrevistada) vamos até o final, você consegue, vamos terminar isso sim.”</p>
7	<p>“infraestrutura. Infraestrutura com relação ao que? A ter onde morar? É, eu morava de favor! Mas vc morava de favor com amigos? É! Então esse foi o principal desafio no seu processo de . O fato de você ter perdido seus pais e seus avós cedo é também né?! É!”</p>

Fonte: Baseado em dados extraídos do NVivo11.4

6. Nó Motivações

Entrevista x Referência PB

Entrevista N°	Referência
17	“O que me levou a buscar o programa foi um grande arrependimento de ter desistido da escola e eu achei no ProJovem uma oportunidade de buscar por que eu havia perdido por desistência, não por falta de

	querer estudar mas de oportunidade porque eu tive que largar tudo para trabalhar para ajudar em casa, aí eu não tive oportunidade de terminar no tempo, no entanto hoje eu tô com 30 anos e encontrei no ProJovem uma oportunidade de terminar os estudos.”
18	“A terminar os estudos e ter uma qualificação porque eu parei de estudar muito cedo, eu parei com 14 anos que foi quando eu tive menino, eu engravidei 2 vezes uma em cima da outra ai não deu para mim terminar. Ai eu procurei o Projovem para eu terminar e ir para o primeiro ano.”
19	“Para adiantar meus estudo e como eu fiquei sabendo que ele indica para o mercado de trabalho eu achei uma boa oportunidade para isso.”
23	<p>“Foi porque claro que eu não vou negar que foi por causa do dinheiro, da bolsa, não porque eu estou precisando, mas é porque eu queria mesmo ter um lucro no final do mês e segundo também por eu me especializar mais eu sou uma pessoa que falo muito e eu gosto de me socializar mais conhecer mais pessoas também. Porque tava chato ficar em casa de noite.”</p> <p>“Primeiro foi por uma questão de poder mais sair de casa mesmo, de noite eu não fazia nada ai eu vi essa oportunidade do ProJovem ano passado e um amigo meu ja que me indicou e eu cheguei e me inscrevi no ProJovem. De me ocupar a noite é isso!”</p>
3	“Para mim foi ter mais experiência, aprender mais. Conhecimento teórico.
4	“Muita coisa né. Porque justamente porque era um curso que esperava fazer de , e eu queria fazer esse curso, quando eu entrei no ProJovem eu não sabia que tinha esse curso. Ai quando começou a matéria de ai eu perguntei ao professor e ele me explicou. Gostei porque é mais um curso que a gente está fazendo.”

Fonte: Baseado em dados extraídos do NVivo11.4

Entrevista x Referência RJ

Entrevista N°	Referência
1	“Facilitar. Ter um grau maior de escolaridade e daí ter indicação para outros lugares para trabalhar e de imediato também aprender, aprender mais informações em pouco tempo.
15	“o fato de não ter concluído na escola comum, queria relembrar e aproveitar a oportunidade do dinheiro, que ajudou bastante e ajudou a me lembrar bastante coisa que eu tinha esquecido no meu tempo de escola. Você depois do Projovem vc terminou os estudos? Eu comecei e fui até o 2 ano, EJA 2, mas eu comecei a trabalhar ai ficou complicado p eu chegar a escola no horário.”
20	“terminar os estudos, terminar assim, porque ele deu uma oportunidade de a gente terminar logo os estudos e avançar logo para o primeiro ano entendeu?!Busquei porque tinha muita facilidade, podia trazer crianças, a mãe podia trazer os filhos e não um impedimento para você não vir para a escola, porque aqui eles aceitavam você pode trazer os filhos pode estudar, foi uma oportunidade muito boa.”
6	“Então eu sempre quis ver isso mas eu nunca tinha, eu dizia "gente eu queria voltar a estudar", mas eu tinha vergonha, porque já estava adulta né?! E tinha que voltar a estudar no ensino

	<p>fundamental e ficava com vergonha de voltar a estudar. Então quando surgiu, eu sempre procurei pela internet, mas só tinha para longe, acho que o lado urbano, tinha muito mais para lá. Quando chegou aqui que eu estava entre a faixa etária que podia estudar ai eu falei, vou lá. Vim correndo, me inscrevi, e adorei, porque eu poderia fazer o fundamental completo aqui, poderia estar trazendo meus filhos também, porque aqui tinha as pessoas para tomar conta das crianças. E assim, eu trabalhando também né?! Ainda era um horário bom para mim vir e ir, então assim, eu chegava aqui, botava meus filhos, estudava e assim foi a melhor coisa que aconteceu na minha vida.”</p> <p>“Não só tinha ele, foi passado isso para todos os alunos. E eu queria aproveitar a oportunidade ai eu me agarrei no que veio pela frente né?!”</p>
7	<p>“eu tava precisando também né, eu me interessei, as amiga veio e falou eu me interessei fiz e gostei.”</p> <p>“Porque você estava precisando do programa? Financeiro também e eu tinha parado na quarta série, ai foi bom para mim, né?!”</p>

Fonte: Baseado em dados extraídos do NVivo11.4

7. Nó Participação Familiar

Entrevistas x Referências núcleo Paraíba

Entrevista N°	Referência
17	<p>“dessa vez foi influência de colegas, eu até achei que eu não poderia participar por causa da idade, mas eu vim aqui me informei e graças a Deus fui aceita.”</p> <p>“Da infância que estudou comigo anteriormente, e eles terminaram e eu não. Ai a algum tempo nós nos encontramos com conversa e eles me incentivaram a voltar.”</p> <p>“Minha família é bastante complicada porque assim nós somos 6 filhos mas estamos todos espalhados, minha mãe mora no interior tenho 2 irmãos em São Paulo, 1 no Rio e aqui somos 3 irmãs . E ai as vezes quando eu preciso me ajuda assim, no cuidado com meus filhos se eu preciso sair, para resolver alguma coisa elas ficam, me ajudam assim, no básico. Né?! No caso assim vou precisar, aqui nos terminamos o fundamental eu vou precisar terminar o médio infelizmente não tem no ProJovem, então eu vou ter que fazer no Centro, ai nessas coisas que minhas irmãs vão me ajudar, elas que vão ficar com meus filhos para eu poder concluir.”</p>
18	<p>“Minha família?! Ajuda porque assim, eu sou muito ruim em matemática, mas eu sento com a minha irmã ai ela dá algumas dicas, a gente faz umas conta não sou muito boa não mas dá para levar. Ela me ajuda muito.”</p> <p>“Não, não porque quando eu parei de estudar eu senti falta da escola. Ai como eu senti falta eu procurei um ensino que</p>

	<p>garantissem o ano que eu perdi as matérias que eu perdi tudinho.”</p> <p>“Eles ajudam, os meus amigos são da turma 1, ai sempre que eu quero eles me ajuda quando eu tô com a matéria que eu não entendo, ai eu falo com eles e eles leem para mim, ai dá algumas orientações ai eu vou...”</p>
19	<p>“Não! Eu soube como era o programa e quis vir. O pai do meu primo ele fez eu fiquei sabendo ele disse ai eu..”</p> <p>“Deixando eu estudar. Sei lá apoiando, dando concelhos, é porque minha família não é tanto de pegar no pé, se estuda, se não estuda, mais a minha mãe sabe. Mas sempre foi assim, desde o principio que eu me entendo por gente eles nunca falou, ha você tem que ir pronto e acabou. Que eu preferia que fosse assim, mas...é hoje eu pensando que eu preferia que fosse assim. Antigamente não que eu não gostava de estudar muito não. Hoje eu pensando eu preferia que eles me obrigassem mesmo a estudar.”</p> <p>“Não obrigado, mas ter incentivado. é obrigado tá porque eu era criança, era eles que cuidavam de mim então tinha que ter obrigado mesmo. É incentivado mais. Acho que seria uma mudança, acho que seria diferente de hoje.”</p>
23	<p>“Um amigo meu que me motivou a participar do programa. é um amigo meu próximo, eu tenho uma relação legal com ele me indicou para eu me ocupar a noite.”</p> <p>“Quem me ajuda é os professores aqui, a família também, tenho pessoas que são envolvidas com esse meio social e amigos.”</p> <p>“explicando coisas que se passaram na vida deles eles já são experiente, já tem um currículo uma carga de trabalho grande já e eles explicam coisas que passaram para mim para eu saber como é que eu devo fazer o certo e o errado. Tudo isso para mim ajuda na no meu meio social de me incluir na sociedade.”</p>
3	<p>“Meus pais. Me incentiva me ajuda dá muito concelhos para ir em frente.”</p>
4	<p>“Não existe ninguém que motivou. Foi assim, eu quando eu vim para cá eu nem sabia que tinha esse curso ai quando o professor começou dizendo que tinha a matéria de então eu perguntei a ele se é um curso, porque eu queria muito fazer esse curso, porque eu já ouvi falar minha colega já foi do ProJovem e ela disse que tinha esse curso, mas eu estudante eu não sabia.”</p> <p>“Não, foi assim por mim mesmo, porque eu já sabia a muito tempo que tinha só que nunca fiz ai quando foi esse ano eu disse dessa vez agora eu faço.”</p>

Fonte: Baseado em dados extraídos do NVivo11.4

Entrevistas x Referências núcleo Rio de Janeiro

Entrevista N°	Referência
1	<p>“Eu por ter idade elevada e dentro de casa as mulheres, eu sou o único homem. São muito de dar na cabeça, que está certa, mas é um pouco chato. Ai eu tive que buscar esse termino do meu ensino. Mãe e irmãs”</p> <p>“Na minha vida, amigo, primos, tio, mãe e irmãs. Então vc tem isso bem estruturado? Sim!”</p> <p>“E tua família como é que ela te ajuda no teu processo de ? Na verdade minha mãe me ajuda muito mais emocionalmente porque me incentiva de querer mudar meu currículo de vida, sempre tive em mente, depois que eu conheci o teatro como eu falei, eu tive ainda mais o incentivo dela como eu falei. E muito emoções individuais entendeu? Só com a força mesmo, mas eu sempre tive de querer mudar, e conhecer muitas coisas que essas coisas que eu quero conhecer realmente mude meu futuro. Isso e ajudar as pessoas que estão na minha vida, ter filhos, até mesmo minhas irmãs me ajudar. Vc quer ter uma condição de ajudar essas pessoas? Sim senhora!”</p>
15	<p>“Sim, eu tinha algumas amigas que estavam na escola ai elas me chamaram, falou que era legal interessante, e eu embarquei e gostei muito.”</p> <p>“Me ajudando com os meus filhos, minha mãe me ajudou bastante olhando meus filhos para eu poder estudar e trabalhar.”</p>
20	<p>“A minha comadre a (nome), a (nome) que te motivou? Aham para eu vir para a escola, ela vinha comigo, a gente mora na mesma rua. Então vocês como amigas, uma estimulava a outra para virem juntas e terminarem esse processo? É! E assim várias outras, ai a gente fomos, as outras colegas também veio fez a inscrição. E o pessoal da sua família? Minha mãe e todo mundo, até a diretora também! Eu não queria mais vir, a diretora ligava pra lá para falar vem (nome da entrevistada), se não você vai sair você vai ser eliminada, aí eu vinha!”</p> <p>“Me incentivando para ir para a escola, ficando com a minha filha, ficando com meus filhos! Me incentivou muito!”</p>
6	<p>“O que aconteceu, eu não convivo com mãe e com os irmãos. A minha casa é eu e meu esposo. Tipo assim, ele sempre viu que eu sempre quis aquilo ali e meu objetivo era os estudos, mesmo trabalhando, era os estudos, então eu acho que quem me deu mais força mesmo foi ele né?! Falava para eu não desistir, eu falava, hoje eu tô cansada, ele (nome da entrevistada) vai perder mais um dia de aula, vai lá, vai atrás, não é o que você quer? Depois lá na frente você vai sentar e vai dar graças a Deus ter terminado aquilo ali, sabe porque era uma empecilho, tudo é um empecilho, depois que a gente tem filhos, é empecilho, a gente chega correndo, pegar filho, ai dar banho, você com aquela roupa</p>

	do trabalho, correr com teu filhos, então esses eram os empecilhos, mas ele falava lá tem pessoas para cuidar dos nossos filhos, tem pessoal para dar alimentação, você pode fazer o teu trabalho na escola, pode estudar tranquila. Então não tem o que te empecilhe. O trabalho na época também eu pedi a dona da escola para eu sair mais cedo por causa dos estudos, ela me deu uma oportunidade porque eu entrei como auxiliar de serviços gerais e lá dentro eu virei auxiliar de creche, então assim, eu sai em pouco tempo, de um mês estudando aqui eu já sai de uma profissão para outra, deu uma oportunidade muito rápido, pelo meu estudo.”
7	<p>“quem me ajudou mais mesmo foi minha madrinha. Minha madrinha mesmo. Ela te ajudou como? Me animando, porque as vezes eu tinha vontade de parar. Porque você tinha vontade de parar? Problema assim, meu, sentimental. Por conta de namoro? Não namoro não! Familiar! Rejeição da minha família ai eu não queria vir. Porque você se sentia desmotivada por conta dos seus problemas familiares? É! E tua madrinha te ajudou fazendo como? Me dando concelhos, me trazendo as vezes, ela me trazia até aqui, vinha comigo conversando.”</p> <p>“Minhas amigas, os vizinhos, a diretora mesmo que já me conhecia”</p> <p>“Eu não tenho muita ligação com meus parentes de sangue não!”</p> <p>“E sua família? Minha família não quer nem saber de mim. Minha família não está nem ai não se eu me dou bem ou se eu me dou mal na vida. Você tem irmãos? Eu tenho na verdade 6 irmãs, mas nenhuma delas é muito....Elas moram por aqui? Mora! Mas elas são usuária de drogas tem a vida delas entendeu?!”</p>

Fonte: Baseado em dados extraídos do NVivo11.4

8. Nó Infraestrutura

Entrevistas x Referências núcleo Paraíba

Entrevista N°	Referência
17	“Infelizmente não, como vc vê tem uma sala de informática, eu vou concluir e nunca tivemos uma aula de informática, lá fora tem muito entulhos, o teto esta precisando de reparos, a escola é muito boa mas infelizmente ela está esquecida pelo poder publico.”
19	“Não suficiente não, eu acho que falta...é...não sei...” “Suficiente, para o Projovem sim, como vc disse não falta livro não falta professor, conhecimento dele está legal. Cadeira, espaço, ventilador, tranquilo, tem merenda.”
23	“É, está arrumado, tá legal, colocaram um ventilador novo que antes estava quebrado, está tudo normal, tudo ok.”
3	“É e não é a gente aprendeu, muito só que teve muitas aulas que a gente não fez como as de informática essas coisas, no caso eles estão quebrados e a gente só teve uma aula só.”
4	“Não. Os professores tudo bem, mas a escola nem tanto, falta muita coisa na escola, falta ventilador, porque vc está vendo o ventilador rodando mas não tem nada de instalação boa, porque a diretora

	mesmo comunicou com todo mundo que a qualquer momento poderia dar um curto circuito e queimar os ventiladores. Quando chegou ela disse a gente vai mandar instalar, porque não tem como a gente ficar sem ventilador, ninguém tava aguentando mais muito de muriçoca dentro da sala e o calor. As vezes o professor tinha que liberar a gente mais cedo, devido a isso ai. Ai ela disse que eu pedi para os rapaz vir fazer a instalação do ventilador, mas não vieram fazer a instalação mesmo elétrica.”
--	--

Fonte: Baseado em dados extraídos do NVivo11.4

Entrevistas x Referências núcleo Rio de Janeiro

Entrevista N°	Referência
1	“Mas vc disse que não era todo dia que tinha aula, e vc tb considera que a infraestrutura que foi oferecida não era suficiente, faltou alguma coisa, esse faltou alguma coisa era as aulas, o conteúdo? Conteúdo! Então em termos de conteúdo você acha que o conteúdo poderia ser mais rico? Então mais rico, contemplando que matérias? O que me interessa, história, geografia, ciências, artes cênicas. Não tinha isso? Artes cênicas não! História e geografia tinha? Sim! Eu vim aprender química e física já no ensino médio.
15	“Você considera que a infraestrutura que você recebeu foi suficiente no seu processo de ? Sim! Porque? Me ajudou bastante essa infraestrutura porque a gente tinha alimento, a gente jantava tinha gente que não conseguia passar em casa e aqui a gente tinha o que comer, já ia para casa jantado. A gente fazia lanches coletivos.”
20	“Foi suficiente. Professores presentes, a merenda funcionava, o dinheiro vinha direitinho. Quando não vinha num mês vinha no outro. Tudo ajudou! Tinha aula de informática? Tinha!As aulas de ? Tinha!”
6	“Sim a infra estrutura foi suficiente porque era um horário bom, a gente pegava de 18 as 22 de seg a sex. Era um horário bom. Dava para a gente entender, dava para a gente estar se comunicando, dava para a gente estar avaliando os trabalhos. Então tipo assim, era um horário de acordo com o trabalhador que trabalha na parte da manhã.”
7	“Vc considera que a infra-estrutura que você devesse escola foi suficiente no seu processo de ? Sim! Porque? Vc teve aula todos os dias? Tive! Vc teve jantar todos os dias? Tive sim também! Vc tem filhos? Não tenho não. Mas as meninas que vinham cuidar das crianças vc acha que é importante a presença delas para as meninas que tinham filhos? Muito importante, muito! Tinha segurança na escola para vc vir assistir as aulas? Tinha, tinha! Vc teve muitos dias que não teve aula? Acho que no final! Porque não teve aula? A professora acho que tinha quebrado o braço! Ai a gente tava tendo aula com a outra professora da outra sala , mas tinha certas coisas que ela passava que a gente já sabia, ai, a gente já tinha a matéria no caderno. Teve algum problema de violência de tráfico e gang aqui na escola que impediu de ter aula? Não! Então vc acredita que essas coisas que a gente falou foram suficientes para seu processo de ? Foi!”

Fonte: Baseado em dados extraídos do NVivo11.4

9. Nó Material Didático

Entrevistas x Referências núcleo Paraíba

Entrevista N°	Referência
17	“Sim bastante pertinente. As vezes muito, porque assim não adianta você ler o texto mas os professores esclarecem porque as vezes eu leio e não entendo, mas eu chego perguntando né?! Ai quando a gente é esclarecido a gente entende.”
18	“O material didático ajuda, porque a gente faz através deles, nós responde ele, alguns assunto é passado no quadro, mas é através do livro. Eu faço atividade na escola e em casa, a minha PO já passa para a gente ler em casa e responder, ai a gente já trás para ela dar o visto.”
19	“Ajuda os livros. Os textos que tem que é muito bom e as atividades que a gente faz, acho que todas as atividades que tem perguntas, tem um texto que eu possa encontrar. Não sei se os conhecimentos que estão no livro me formam um profissional qualificado, mas se pelo menos o básico que a gente pode ter eu acho que sim. Tipo básico de ler de saber algumas atividades que pelo menos ensine o fundamental que precisa de interpretar um texto essas coisas assim.”
23	“O material didático contribuiu já p a reforma ali da praça, que vem tudo lá dizendo onde você reformar em qual seu bairro e tudo a gente escreveu no livrinho para a gente fazer na prática como a gente fez lá. Limpamos a praça, plantamos arvores, tudo isso por causa do livrinho do QP e PC que é participação cidadã.”
3	“material didático. Muitas coisas, porque muitas coisas a gente aprende aqui e rever em casa.”
4	“Sim! Acredito que os livros contribuem. Utiliza os livros p estudar em casa.”

Fonte: Baseado em dados extraídos do NVivo11.4

Entrevistas x Referências núcleo Rio de Janeiro

Entrevista N°	Referência
1	“Utilizavam em sala de aula? Sim! Vcs tinham os livros? Sim, só não devolvi. Mas vcs receberam direitinho e usavam eles em sala de aula? Sim. Você acredita que essa material disponibilizado ele contribuiu para o seu processo de ? Sim, porque continha muitas informações que eu já tinha esquecido, alguns eu já tinha esquecido. Os exercícios eles tb ajudavam? Bastante. As provas como eu já disse lá tinha muita coisa que era muito fácil e muitas coisas eu já tinha aprendido. Ai vc conseguia com o material dar uma olhada e ter uma revisada rápida e fazer tudo direitinho? Sim! Então ele te deu o suporte para acompanhar as atividades. Sim!”
15	“E o material didático? Você acredita que ele contribuiu no seu processo de ? Sim, Bastante! Os livros! Fazia os exercícios? Sim! Você tem ainda esse material? Não!Você acompanhava as aulas com ele? Sim! Os professores usavam eles em sala? Sim!”
20	“E o material didático, os livros ? Vc recebeu tudo? Eu recebi tudo! Eles te ajudaram no teu processo? Tudo! Vc fazia os exercícios? Os professores usavam em sala? Todos , os professores usaram todos os livros!”

6	<p>“Bastante. Porque livros, era uniforme, tudinho direitinho assim, porque você olha, as pessoas tem uma oportunidade na mão e não agarram. Quando eu cheguei aqui que eu vi que tinha uniforme, eu vi que tinha tudo direitinho, que a gente não precisava comprar nada, era só vim, e se dedicar ai eu falei, não tem outro lugar a gente tem que agarrar o que tem. Olha a chance que a gente tem nas mãos?! Te dá o material didático para a gente poder estudar, tem tudo direitinho não falta nada. Então foi a melhor coisa que tem.”</p> <p>“Eu usava, usei tudo todos os livros, a agenda a gente tinha que fazer um texto diário do que a gente chegou na escola, o que a gente estudou, a agenda era feita mais para essas coisas também, não só pra mensagem, por exemplo, "amanhã não tem aula". Era assim: Hoje nós fomos para a sala de leitura, hoje nós fomos para a sala de computador, para estudar então tipo assim, cada dia a gente fazia tipo um texto.”</p>
7	<p>“Eu tenho até hoje. Vc tem até hoje? Tenho! Uns eu devolvi, outros eu não cheguei a devolver. Mas ele contribuiu no seu processo? Contribuiu sim. Vc leu os textos? Fez os exercícios? Fiz e as apostilas. Você guardou eles porque? Eu tenho esse hábito de guardar e não jogar fora, por mais que eu não, ai sempre precisa. Ai vc guardou porque vc acha importante? É, eu achei! Até para os meus sobrinhos mesmo pode servir.”</p>

Fonte: Baseado em dados extraídos do NVivo11.4

10. Nó Sentimentos

Entrevistas x Referências núcleo Paraíba

Entrevista N°	Referência
17	<p>“Útil, eu me sinto útil. Esse tempo todo a noite para mim era sentada no sofá assistindo novela, durante o dia meu tempo é corrido, mas eu tinha a noite livre e porque não estudar de noite? Né?! Ai eu venho aqui para a escola e a gente participa das coisas, e eu acho que cada coisa que a gente participa é um aprendizado a gente está utilizando o nosso tempo. Utilização positiva, porque ela me permite mudar a partir do momento que a gente tem conhecimento a gente só tem a crescer, e eu hoje para ajudar em casa trabalho como manicure, mas no futuro eu quero ter uma profissão melhor porque eu trabalho de manicure, mas eu não sou realizada eu preciso de muita realização ainda na minha vida eu preciso de uma coisa com algo que eu me sintam bem.”</p> <p>“Olha realização ainda não porque u ainda não cheguei onde eu quero, mas eu estou bastante satisfeita.”</p>
18	<p>“Porque algumas vezes eu paro para pensar e vejo, porque eu já fiz muita coisa errada ai tem hora que eu penso em desistir dos sonhos, algumas vezes minha mãe me estressa, ai eu paro, algumas vezes eu falei mais na escola porque eu não queria vir. Mas elas mesmo me incentivaram a vir ai eu comecei a vir.”</p> <p>“Eu me sinto realizada, porque antigamente eu estudava mas eu não fazia nada. Eu era por exemplo: o professor chegava para mim e dizia, Nome da aluna, eu vou colocar para você fazer isso e eu dizia</p>

	não professor não bote não que não vai adiantar. Eu sempre era a que ficava mais para trás de tudo, aí depois que eu entrei no proJovem que a primeira vez que eu me apresentei para dançar, apresentei para fazer teatro, que hoje eu vejo que tudo que eu fiz valeu a pena. Hoje eu tô mais realizada, conheci pessoas novas, porque antigamente eu não tinha nenhum amigo era só eu e eu mesma. E hoje não, hoje eu vejo que pelo menos ter uma amizade com quem contar é bom.”
19	“De felicidade, sei lá acho que é um lugar que eu me sinto bem que eu estou aprendendo que eu sei que se importam com a gente. Eu me sinto importante. De gratidão.” “O medo, não o medo é pra a vida eu acho. O medo que dá as vezes de rejeição talvez, eu acho que só. Não acho que nada me impede.”
23	“Me sinto digamos, encorajado e entusiasmado. Por amizades que eu tenho aqui mesmo, amizades que eu fiz, que eu gosto também de fazer uma atividade a noite e por isso só, por amigos, por pessoas que eu conheci aqui mesmo, eu me sinto encorajado e entusiasmado e um pouco motivado, pelas pessoas que eu conheci aqui e sempre me aconselharam coisas boas para mim e aprendendo também.”
3	“Feliz. Porque é uma aprendizagem e a gente tem que estar aprendendo.”
4	“Feliz. Porque é muito bom a gente está aprendendo cada vez mais essas coisas novas. E assim voltar aos estudos é muito bom, já fazia 3 anos que eu tinha desistido eu parei na 8 série e não continuei mais, aí eu achei muito bom e tô muito feliz para eu ter voltado e continuo. Quando sair daqui fazer o primeiro.”

Fonte: Baseado em dados extraídos do NVivo11.4

Entrevistas x Referências núcleo Rio de Janeiro

Entrevista N°	Referência
1	“Eu gostava de vir, gostava muito de vir. Ainda mais tendo isso em mente, de cara eu vou terminar meus estudos mais rápido e também vou aprender mais, mas de vez enquanto batia um desânimo. A minha vida assim, coisas que não aconteciam ou coisas que aconteciam mas não traziam nada de positivo, mas ainda sim, não chegava a interferir muito. Mas ainda sim, mantendo o pensamento positivo.”
15	“Eu achava legal achava muito confortável, feliz e estimulada.”
20	“Era muito bom! Quando eu chegava na escola tinha dia que eu não queria nem voltar. Depois que a gente saia da escola a gente ainda ficava ali na porta conversando.” “Me sentia satisfeita e feliz.” “Me deu, me deu coragem! Eu quando me envolvia numa matéria, caraca essa matéria é muito boa, me dava uma motivação de querer saber mais e mais!”
6	“Eu me sentia realizada né?! Porque eu queria aquilo ali, eu queria aquilo ali de qualquer maneira então quando eu agarrei nas mãos não tinha nada que me segurava não tinha filho não tinha ninguém, eu falei vamos embora, botava um aqui, outro ali, vamos embora. Eu gostei muito.”

7	“realizada, quando eu chegava aqui era outra coisa, eu chegava aqui triste e ia embora feliz. Me fazia muito bem mesmo!”
---	--

Fonte: Baseado em dados extraídos do NVivo11.4

11. Nó A importância dos assuntos abordados

Entrevistas x Referências núcleo Paraíba

Entrevista N°	Referência
17	<p>“Ajuda muito, eu acho que é essencial para a gente porque aqui a gente é... aula prática, teórica, mas também eu acho que o ensinamento não pode ser só no colégio e se a gente tem um livro para levar para casa ai a gente pode nos ajudar a gente abre o livro faz uma leitura, faz um exercício. Eu acho que isso tudo vai abrindo a mente da gente.”</p> <p>“É um mundo infinito de aprendizagem, me expressar melhor, porque eu ainda tenho essa dificuldade, fazer com que os outros entendam o que eu tô querendo dizer, então é algo também que o ProJovem me ajudou bastante. Hoje eu já estou me soltando mais, né?! Eu acho que isso.”</p>
18	<p>“O básico do básico, funções, algumas...é o conhecimento das matérias que eu tenho dificuldade e se um dia eu pensar, porque eu nunca pensei nisso não, mas se um dia eu pensar acho que um dia eu faço para professora.”</p>
19	<p>“Terminar pelo menos o ensino fundamental né?! Terminar ter o diploma e eu sei lá se tiver uma vaga de emprego que eles possam encaminhar eu acredito que tb é valido. Porque o desemprego ta grande, o diploma é importante porque até curso que a gente vai fazer é importante ter o fundamental completo, estudo fundamental completo as vezes é raro ter incompleto, os trabalho também, exige ensino médio. Exige fundamental completo, acho que mais do que o fundamental completo.”</p>
23	<p>“O resultado que eu pretendo ter, é um conhecimento mais diversificado desse lado profissional, eu pretendo isso, ter um conhecimento mais amplo do lado profissional das coisas do emprego e tudo isso, toda profissão. Me incluir nesse nível social do mundo profissional.”</p> <p>“Incluir socialmente primeiro de uma forma superficial é falar com as pessoas, perder a timidez, essa é a parte superficial. A parte profissional é ter um emprego, ter uma carteira assinada, ter um registro no CNPJ digamos assim se você tiver uma empresa, ter um registro lá na sua carteira. É ter conhecimento também para abrir um negócio próprio. Inclusive eu tenho uma loja de costura que é da minha mãe só que está no meu nome.”</p>
3	<p>“Esperava aprender um pouco mais a escrever que eu era meia...Graças a Deus aqui eu aprendi muito. Desenvolver um texto. Isso porque tem vez eu troco umas palavras, ai me ajudou muito bastante.”</p>
4	<p>“Muito mais, porque assim de cada um a gente vai aprendendo um pouco.”</p>

Fonte: Baseado em dados extraídos do NVivo11.4

Entrevistas x Referências núcleo Rio de Janeiro

Entrevista N°	Referência
1	“tb acho que o sistema de ensino, tinham algumas matérias que eram muito fáceis. Eu acho que realmente os professores não tinham passado. É isso! Mas eu não digo culpa para os professores, mesmo assim eu ainda aprendi muito. E fui para a outra escola sabendo muito.”
15	“Você acredita que você aprendeu o que você esperava dentro do ProJovem? Sim! Ele correspondeu com suas expectativas? Sim! Quais eram as suas expectativas? De aprender coisas novas, de sair do mundinho infantil ele me trouxe para o mundo do adulto e me tirou daquele mundinho que era de adolescente (ruído) e me trouxe para um mundo mais sério, mais ocupacional, ele me propôs a estudar, levar a sério os estudos porque aquilo ali tava servindo para quando lá na frente eu estivesse no mercado de trabalho ele iria me ajudar.”
20	“Muito Importante! Importante como? Para a gente conseguir um trabalho bom, para a gente aprender e ensinar nossos filhos. Que hoje em dia a gente tem que ensinar as crianças a fazer a mãe tem que está ali em cima, ver os trabalhos.”
6	“Aprendi bastante coisa assim, porque na minha mente não entrava. Foi tudo novo.” “Porque tinha muita coisa, porque era o primeiro projeto então tinha mais coisas para eles passar para a gente então eles foram aproveitando até começar outro projeto eles estenderam aquilo ali, esticaram um pouquinho, para a gente poder ir aprendendo. Tinha bolsa, os professores continuaram vindo não faltavam. Todo mundo estudava direitinho.”
7	“Vc aprendeu várias coisas no ProJovem não foi? Foi! Boas maneiras assim...Alguma dessas informações foram importantes para o seu dia-a-dia? Foi! E vc coloca elas em prática?Coloco. Como? Ando eu saio com a minha madrinha eus eu tinha uns modos horríveis, também que.O fato de vc ter aprendido a fazer um currículo, vc aprendeu a fazer um currículo no ProJovem? Aprendi! Isso te ajudou para tu procurar trabalho? Meu ajudou muito. Vc aprendeu sobre rede de relacionamento, como isso pode te ajudar para conseguir as coisas que vc almeja na sua vida? Não me lembro de ter aprendido isso não. Então como vc coloca em prática os conhecimentos que vc adquiriu no Projovem? Além dos modos o que mais vc mudou. Assim, que eu aprendi no Projovem boas maneiras eu coloco em prática, aprendi a fazer meu currículo para mim poder trabalhar. E as aulas de informática? Informática eu aprendi, mas é...eu não lembro muita coisa que aprendi de informática não!

Fonte: Baseado em dados extraídos do NVivo11.4

1. Nó Qualificação Profissional

Entrevistas x Referências núcleo Paraíba

Entrevista n°	Referência
10	“Necessária. Porque o ensino que a gente tem não foca na de forma séria e comprometida. O ensino que a gente tem hoje no país é muito mais currículo do que ao que é necessário no dia-a-dia. E aí a não é encarada com tanta seriedade no ensino regular. Você acredita que ela não é encarada com seriedade porque ela segue um script do mercado e não segue o script da vida? É, exato! E outra como vc pode qualificar alguém em cursos de 3 meses ou 2 meses e meio? E as vezes 2 vezes por semana, 3 vezes por semana...Como a gente qualifica alguém assim? Então você acredita que a carga horária é um elemento critico para o processo de ? É, geral! Não tô falando do Projovem, no ProJovem é um pouquinho mais extenso. Tô falando assim, em nível de Brasil.”
11	“Bem. Eu entendo que a pode abranger várias áreas, mas todas elas voltadas para o mercado de trabalho e aperfeiçoamento do cidadão, do aluno, para uma melhoria da sua capacitação mesmo, em prol de uma abertura maior no mercado de trabalho.”
16	“Processo que possibilita a pessoa ter uma formação para exercer determinada função. Mais ou menos dessa forma. E você também está sempre se aprimorando naquilo que você ou já pratica como profissão ou pretende também.”
21	“ para mim é você estar capacitado para exercer uma profissão e o mais importante é você não entrar no abismo do conhecimento de achar que sabe de tudo e sempre buscar coisas a mais e estar atualizado no meio digital. Eu acredito que hoje em dia um professor que ainda tenha não uma visão que fale das questões tecnológicas ele vai se perder, isso trazendo para a minha área cada vez a gente utiliza mais esses recursos.” “ no Projovem, e o ProJovem como a gente sabe é um programa de inclusão social, diferente do ensino regular, o aluno ele conclui o ensino fundamental em 1 ano e 6 meses. E atrelado a isso ele tem a , que é uma capacitação que eles tem para desenvolver, que a gente chama de formação inicial. É o aluno descobrir do aluno para alguma profissão. Então esses 20 núcleos que hoje tem no Projovem cada, a gente tem 5 arcos e aqui a gente ficou com a área de educação então os alunos eles, além de ter a formação técnica geral, que é um conhecimento de ética profissional, sigilo profissional, todas essas questões que a gente conhece ele vai ter uma formação técnica especifica para essas 4 áreas: contador de história, recreador, inspetor e secretaria que é assistente administrativo.”
9	“Olha a , no meu ver ela prepara o aluno para o dia- a- dia para a vida não só currículo normal é importante, como também uma . Porque além dele aprender, por exemplo: um idioma. Ele vai sair também com uma base para poder procurar um emprego, que possa utilizar este idioma.”
27	“A é uma formação, no caso especificamente o ProJovem, né?! Isso! é uma oportunidade que o aluno tem de se apropriar de

	<p>elementos referentes ao mundo do trabalho, dentre esses elementos do mundo do trabalho, a gente pode destacar a questão do mercado de trabalho. Então o aluno ele é preparado para atuar em um determinado segmento, ele recebe uma formação profissional inicial, não é um curso técnico, mas ele já se apropria de elementos fundamentais para ele desempenhar determinada profissão. Além disso, a gente pode destacar que, a temática do mundo do trabalho que é oferecida pelo curso de oportuniza esses jovens a conhecerem os seus direitos e deveres enquanto trabalhador.”</p>
--	--

Fonte: Baseado em dados extraídos do NVivo11.4

Entrevistas x Referências núcleo Rio de Janeiro

Entrevista n°	Referência
13	“ é vc preparar aquela pessoa para desenvolver alguma coisa que dê um bom retorno financeiro.”
14	“Prepará-los para o mercado de trabalho. Que eles tenham o mínimo de experiência para enfrentar o mercado de trabalho. Aqui eles tinham uma noção eles faziam uma preparação eu via, por exemplo: houve uma oficina que eles se prepararam para ser garçons por exemplo.”
22	“Seria uma oportunidade do Jovem ingressar numa carreira.” “Para que você tenha um futuro, na verdade hj em dia o estudo só não assegura nada, você tem que ter uma qualificação. Conclusão dos níveis fundamental, básico e inclusive o médio, porque na verdade, o ProJovem ele foi instituído em comunidades carentes, em comunidades minto onde existiam UPP. então para esses jovens a é importante sim.”
24	“Eu acho que o cidadão ter meios né?! De exercer uma profissão e ganhar o seu sustento com essa profissão. É realmente estudar. Eu acredito que até para aquelas pessoas da cidade de Deus o ProJovem representou um avanço imenso porque eles a partir dali puderam prosseguir os estudos e arrumar um emprego, um emprego que pedia o fundamental pelo menos. Não tinham com arrumar um emprego, e nós encaminhávamos também, fazíamos aconselhamento e arrumávamos as vagas a gente dava uma força incrível para eles.”
25	“A para fala em outras palavras era como um tchan para eles, você tem o livro didático para trabalhar a , na verdade eles aprendem comportamento, como se comportar para trabalhar dentro de hotel, hotelaria em que eles iriam trabalhar. Primeiramente era trabalhar a parte psicológica e comportamental deles e depois iria detalhar cada função do hotel que eles iriam trabalhar ou restaurante, ou cozinha, ou se eles fossem trabalhar na arrumação dos quartos.”
26	“A para esses alunos acredito que eles precisam conhecer esse trabalho e as diferente áreas que eles podem atuar para poderem estar entrando no mercado de trabalho.”
28	“principalmente vou falar em relação ao trabalho, eu vejo como uma relação da . Uma iniciação porque? Por que você não consegue qualificar um educando, no caso, no termino do fundamental onde ele seja realmente qualificado. Nessa , eu a primeira vez que comecei a tomar conhecimento porque eu tô no projeto desde de

	<p>2012. Eu acho que é um atrativo para o aluno, porque ele já pensa numa num trabalho, mas a primeira impressão dele, "puxa ", então eu vou ser qualificado para o ensino médio, ou quando eu entrar no ensino médio já estou no trabalho para não ficar solto, terminei o ensino fundamental não fazer mais nada. Isso ai é o primeiro impacto, e isso é muito identificado com(...) os professores explicam muito bem conversando isso com eles. Agora a é um ganho, principalmente aqui no Rio de Janeiro que nós escolhemos turismo e hospitalidade e dá uma visão maior pro aluno do que ele procura, porque ele pode se identificar na que aqui é turismo e hotelaria, ele pode buscar outras formas de trabalhos sem ser aquela exatamente que ele estava na primeira vez que ele teve conhecimento, ele consegue um outro olhar, ele consegue buscar outras alternativas na qualificação."</p>
5	<p>"É vc ter uma qualificação e estudar para você estar habilitado para ter um determinado trabalho. Ter um conhecimento para exercer determinado trabalho."</p>

Fonte: Baseado em dados extraídos do NVivo11.4

2. Nó Apoio e Valorização Social e Familiar

Entrevistas x Referências núcleo Paraíba

Entrevista n°	Referência
10	<p>"Da comunidade eu tenho um peso grande, porque eu moro aqui, eu sou o único educador desse bairro. E a educação para mim é como se tivesse acontecido por osmose como se diz, está dentro de mim, está na veia, nas células e eu tenho feito um trabalho assim ao longo do tempo tanto nas pastorais, como nas ONGs aqui do bairro. Então na sua história você já tem um histórico de atuação em educação nas pastorais e Ongs do bairro?! Sim! Com Juventude."</p> <p>"E sua família ela valoriza sua profissão, seu histórico de militância? Não porque a minha família acaba não acompanhando meu trabalho, hoje a minha. Mas minha mãe quando era viva, meus pais são falecidos. A minha mãe acreditava mais nesse processo educativo, sempre esteve comigo ali, me incentivando. Depois que ela faleceu, meus pais como não tinham muita instrução também não acompanhava muito. E aí meus irmãos não deram continuidade nessas questões. Eles apoiam, acham interessante, acham bonito. Apoiar assim, de achar bonito, achar interessante, mais assim."</p>
11	<p>"A principio não muito, quando eu resolvi ser professora eu fui até um pouco estigmatizada, porque assim, eu já venho de uma família que já tinha professores minhas tias são professoras e a gente viu que não é fácil hoje em dia trabalhar na educação o reconhecimento que a gente espera não aconteceu ainda, mas assim, quando você entra na educação, muitas pessoas dizem que quando você entra na educação você se apaixona por ela, eu hoje não pretendo mais mudar de profissão, porque a valorização financeira eu não tenho mas, o reconhecimento enquanto saberes, né... aquele repasse que você vai para a escola para ensinar, na verdade é um mito porque vc não só ensina ao mesmo tempo vc aprende e dentro do ProJovem principalmente eu aprendi muito, eu aprendi bastante porque é um</p>

	<p>perfil completamente diferente de tudo que eu já tinha trabalhado. Ainda aqui no ProJovem como eu trabalho com a questão da cidadania que é a participação do aluno no seu bairro na sua comunidade né, ai eu vejo que as abordagens que a gente já fez, algumas ações que a gente desenvolveu aqui dentro da comunidade já fez com que eles se vissem de uma maneira diferente. Porque eles entraram de forma bastante passiva e hoje não a gente já consegue ver um aluno mais ativo.”</p> <p>“A minha família é 50% do meu trabalho, porque eles além de entenderem que minha profissão é difícil, eu não paro em casa, eu não tenho tempo, se eles não me dessem esse apoio por exemplo, como muitas pessoas que eu já ouvi falar que chegaram a entrar em depressão, porque já não é fácil o trabalho do professor e você chegar em casa e não encontrar aquele apoio na família já se torna um peso.”</p>
16	<p>“Na minha família eu não vejo problema nenhum até porque praticamente eu nasci numa família de professores é mãe, tia, prima, né?! Tudo voltado para essa área. Dentro da comunidade também não tem tanto é...eu me sinto valorizada, entendeu, pelos pais dos alunos, agora os alunos, pelos profissionais os quais eu trabalho.”</p> <p>“Muito grande, muito, muito muito. Que a família é a base de tudo né?! Graças a Deus eu tenho apoio ninguém nunca criticou o fato de eu querer ser professora, muito pelo contrario, sempre pergunta, sempre fala, e porque não faz assim...sempre estão dando dicas ajuda, perguntando como foi.”</p>
21	<p>“Então a gente esta cansado de sabe dessa questão da desvalorização do professor. A gente pode até não ser rico ou coisas do tipo, mas eu acredito que o maior riqueza de você chegar e ser reconhecido por um aluno que você já teve, ter uma palavra de conforto, um elogio, eu acho que isso não tem preço que pague. E pela minha família e incentivo dessas outras coisas, eu sempre tive meus pais que são pessoas maravilhosas que sempre me incentivaram com o que eu quis buscar .”</p> <p>“Então minha família para mim é base, tanto meus pais, como hoje minha esposa e meus filhos são muito importantes para mim, cada vez mais que eu tento buscar é sempre pensando em dar condições melhores para eles e sempre tento também trazer minha esposa para a vida profissional mesmo que ela se distanciou até mesmo para cuidar das crianças. Ai cada vez mais eu tento fazer isso.”</p>
27	<p>“Olha eu recebi um bom respaldo principalmente com essas ações pedagógicas, porque o processo educativo exige inovação, então esses eventos vieram ao encontro dessa necessidade de fomentar e inovar práticas educativas coniventes com a realidade, com a cultura, enfim, com o contexto mais amplo o qual está inserido o nosso jovem. Então assim, tanto da parte da família quanto dos docentes, principalmente dos discentes a gente vê que houve um reconhecimento e uma valorização desse fazer educativo dessa formação educativa.”</p> <p>“Senti principalmente através de falas que os alunos e os</p>

	<p>professores, fora também que tive a grande recompensa da mídia, porque teve eventos que a gente teve um acompanhamento muito estimado das mídias televisivas como da imprensa. Por exemplo o Sextou e o ProJovem Fashion week a gente esteve presente em vários canais de televisão , vários portais, jornais impresso. Então assim, a gente teve inclusive no fashion week o link ao vivo da tv Cabo branco que é a principal emissora de Tv aqui, que é a filiada da rede globo então houve realmente um reconhecimento do nosso trabalho, que não é o trabalho de um, é um trabalho de equipe. A equipe que vai desde a coordenação até a sala de aula. A gente teve um trabalho de forma integrada com uma gestão compartilhada e eu vejo o resultado como positivo.”</p> <p>“Muito importante, principalmente devido a carga de responsabilidade, a carga horária obviamente como era muito extensa poder ter tido deles a amorosidade, o acolhimento foi fundamental para que o meu lado emocional pudesse ficar bem e de fato pudesse cumprir com as demandas necessárias.”</p>
9	<p>“Bem a valorização vem por parte do meu trabalho quando eu vejo que alguém está encantado com as aulas, que alguém aprendeu e descobriu uma coisa nova. Que aquela coisa que ele queria saber e tinha vontade de saber de repente ele se vê descobrindo aquilo, se vê fazendo aquela atividade, ai eu me encanto, eu me sinto muito feliz, reconhecida, valorizada naquele momento. A minha família com certeza valoriza a minha profissão, mas sou sincera. Sou professora, mas não gostaria que meus filhos fossem, porque dentro é muito árduo, vc que já está dentro do negócio sabe como é, ai você não gostaria que seu filho que ele sempre é aquela coisinha que você não quer que ele sobre, então eu tinha outros anseios, mas a minha filha mais nova ela simplesmente disse se eu não for professora eu não serei outra coisa, então ela se formou em pedagogia e está terminando educação física, então não é só uma licenciatura e sim 2.”</p> <p>“Minha família é a base, se eles não, se a minha família não está bem, com certeza eu também não vou estar bem. Isso vai prejudicar com certeza a minha aula, vou estar com a cabeça ligada lá na minha casa e isso vai interferir ainda que seja uma parcela, vai interferir na realização de meu bom trabalho.</p>

Fonte: Baseado em dados extraídos do NVivo11.4

Relação entrevista x referencia núcleo Rio de Janeiro

Entrevista n°	Referência
13	<p>“ A minha família é importante, eles participam bastante. Como é que eles ajudam? As vezes eu chego chateada, a gente conversa, a gente conversa bastante, eu meu marido e minha filha, minha filha também é professora e as vezes ela também está nesse desespero, as vezes fica né, ela é de adolescente. Então a gente conversa a gente troca e a gente acaba nos ajudando mutuamente, porque a gente sabe que só a educação vai dar jeito nesse país e se a gente desistir disso, fica mais difícil ainda. A gente vai se sentir derrotado e a gente vai ter mais muitas outras pessoas mais derrotados ainda se a gente não fizer a nossa parte na sociedade.”</p> <p>“a família valoriza muito, valoriza muito mesmo, porque a gente está nessa vida para ajudar ao próximo, as vezes eu encaro assim, mais como isso do que financeiramente, porque financeiramente não somos valorizados. As vezes a própria comunidade em que estamos inseridos, dependendo da comunidade nós não somos valorizados não. O que caracteriza a falta de valorização é a falta de respeito.”</p>
1	<p>“ A minha família sim me deu total apoio. Inclusive minha mãe que me deu, quando a gente vai escolher uma profissão a gente é imaturo não sabe o que vai escolher e ai a minha mãe me aconselhou "(nome da entrevistada) faz o curso normal que você já sai com uma profissão" e dos filhos eu fui a única que ouvi a minha mãe. A única assim, dos filhos eu acho que eu fui a melhor bem sucedida que trabalho naquilo que eu me formei e tenho o emprego público. Minha mãe só tinha o fundamental formar até na época chamava admissão que é até a quinta série, meu pai também. E assim, tenho emprego público, uma vida mais estável e os outros não. Eles se formaram todos eles fizeram faculdade, mas a única que trabalha com aquilo que se formou sou eu entendeu?! Pq os outros no campo, háaaa tem a minha irmã que é advogada mas assim é privado ela trabalha numa empresa mas sempre muito explorada essa coisa toda e não tem tempo para nada que estudar para fazer um concurso e não tem tempo porque sai de casa 5 e pouco da manhã e volta 8 horas da noite e os outros trabalham em outras áreas dois se formaram em comunicação trabalham em outra área, um se formou em informática e também trabalha em outra área então a única que, somos eu e minha irmã e eu que sou a que tem um emprego assim público.”</p> <p>“E assim, procurei passar isso para os meus filhos, meu filho mais velho é professor também de educação física, não tão bem sucedido porque ele é do estado e o estado está falido. Mas assim, imagine, agora ele vai fazer doutorado, já fez o mestrado e vai fazer o doutorado, e assim, meu filho mais novo já não é como o mais velho, a gente cria da mesma forma mas não é, né. Já não é tão estudioso quanto o mais velho mas sabe que é importante estudar então resolveu fazer um profissionalizante. Porque eu também dou a importância, tem que se profissionalizar né! Então assim, ele já fez curso de cabeleireiro agora está fazendo de barbeiro, quer montar a barbearia dele então assim, tão encaminhados porque eu acho que é importante você ter uma profissão.”</p>

22	<p>“Por parte da minha família eu percebo muito bem, já que boa parte da minha família é educador mesmo e eu sou porque eu estudei isso desde quando eu estudava, agora, na comunidade cada um tem um olhar, depende muito, cada caso é um caso. Existem assim, alguns alunos que não valorizam, outros já valorizam né?!”</p> <p>“Porque eles não veem futuro no estudo no professor, como na mídia aborda que o professor não é importante não é bem remunerado então na cabeça deles agente está a quem das expectativas deles. Pelo modelo da mídia de massa que desvaloriza a categoria.”</p> <p>“Não sei a importância, não tem assim muita importância, porque na verdade...a família bem estruturada com certeza é importante, com uma família bem estruturada você consegue fazer tudo.”</p>
24	<p>“ Olha a gente está num momento muito delicado em relação a essa suposta valorização, porque eu acho que cada vez mais a profissão vem sendo desvalorizada, eu acho que isso reflete até dentro da nossa casa. Eu tenho 35 anos de magistério. Eu venho de uma época que o professor era muito bem quisto, era super valorizado, o salário nunca foi bom não, a gente tinha o status quo que hoje em dia não existe mais. Agora dentro da comunidade escolar ainda há a valorização. Na minha casa, é...chega como...Meu filho está fazendo educação física e ele fala, poxa mãe eu vou começar agora e já vou ganhar mais do que você! Risos, Mas dentro de toda essa valorização na verdade eu acho que é uma coisa, uma questão inconsciente porque a escola me tomou deles o tempo todo, eu sempre trabalhei o dia todo. E no ensino fundamental foi uma luta para que eles estudassem, mas os dois vão se tornar professores. Um de filosofia e outro de educação física, então é uma questão inconsciente.”</p> <p>“Os alunos adultos valorizam muito o professor. Diferente dos alunos adolescentes né?!”</p> <p>“Olha o fato de a gente ter filhos né?! Motiva quando você está desanimada, você pensa não, tenho que continuar porque tenho que dar conta, financeiramente, para a sobrevivência, dar o mínimo, né, eu procurei dar o mínimo para que eles pudessem estudar e pudessem ser pessoas com uma visão de mundo mais aberta, porque assim, eu fui professora, eu fui gestora, eu fui militante também e aprender alguma coisa em relação. Sim, porque engraçado porque quando eu entrei no magistério eu não me sentia muito bem porque as pessoas falavam "não dá confiança para as mães" e eu vi que quando as pessoas tinham filhos pareciam que os filhos eram especiais ou melhores do que os outros e eu tinha medo disso. "Será que quando eu tiver um filho eu vou ter o mesmo relacionamento com os alunos ?" E foi tudo diferente, então potencializou depois que eu tive filhos porque eu comecei a ver meus filhos neles, isso sem sombra de dúvidas.”</p>
25	<p>“Hoje nós vivem numa época em que o professor não tem muito valor, as pessoas que estão fora de uma escola eles não sabem o trabalho exercido e como isso é importante para a sociedade. Como o professor é importante para o aluno hoje mais que nunca principalmente com a ausência da família.”</p> <p>“Existe um fato engraçado porque eu antes de ser aprovado no município eu passei num concurso para a polícia civil, eu cheguei a trabalhar eu fiquei um mês e saí, não era o meu perfil e quando eu</p>

	<p>fui aprovado no município, como eu te falei eu tinha feito a faculdade de direito também e por ter feito a faculdade de direito passei como inspetor da policia civil, só que eu não tinha perfil, não era a minha praia eu vi que não era o que eu queria não era ambiente, não que o ambiente seja ruim, não é isso, não tinha nada haver comigo e logo após eu passei também para o município do rio de janeiro como professor e aí eu abracei, a minha família também gostou muito e eu me sinto realizado como professor, embora eu seja advogado, engenheiro, foi nessa profissão de professor, essa profissão é maravilhosa.”</p>
26	<p>“A minha profissão para mim e para minha família foi a profissão que eu escolhi né?! Na verdade por minha mãe que escolheu para mim, porque eu não queria fazer escola normal de jeito nenhum, mas a. Minha mãe escolheu para mim, foi a profissão que eu criei meu filho, que eu fiz a minha faculdade, que eu pude fazer a faculdade que eu queria, meu filho seguiu minha profissão, não mais professor agora ele é coordenador de Direito da Estácio. Mas ha 10 anos ele começou com isso, também seguindo. Acho que a valorização é tudo é a minha vida. Me sinto com certeza uma profissional de sucesso e reconhecida. Mesmo as pessoas colocando que não é valorizada, que o salário é baixo, mas foi com esse dinheiro que eu consegui criar o meu filho.”</p> <p>“A minha família é tudo, apoio. Muitas vezes eu chegava em casa tarde e meu filho me ligava desesperado "mãe você já está vindo?" Mesmo não morando comigo ele ficava preocupado, principalmente porque são áreas de risco né?! As 4 escolas, sendo que uma é na gardênia e ali era mais tranquilo, mas assim sair a noite, do jeito que está a violência no Rio de Janeiro é complicado, mais complicado era lá na 10 CRE lá no Cesarão, eu tinha que cortar todo recreio até chegar em Jacarépagua. Eu acompanhava a 7 CRE e a 10. Eu tentava fazer um trabalho de excelência, mas nem sempre a gente consegue.”</p>
28	<p>“Porque assim, eu como boa ariana, eu faço mil coisas ao mesmo tempo, o ariano é isso entendeu, mas não pode ficar sem saber que isso aqui é tão importante quanto a minha casa, sabe...Os meus filhos, em casa eu tenho outra atividade, então eles encaram isso, eles já estão tão acostumados em me ver desse jeito então eles sabem que é um trabalho que eu faço com responsabilidade com carinho, então se eles veem que eu tô feliz que eu não tô chegando em casa cansada "ha eu tô de saco cheio". Eles me apoiam muito, gostam de ver as fotos da formatura que eu posto no face, que eu levo para casa, eles vibram comigo tanto meu marido como os meus filhos e tem um professor também na família que é meu filho, que "nossa mãe que legal o seu trabalho", então eles veem assim um "poxa, realmente vale a pena".”</p>
5	<p>“Bom o que acontece. A profissão de professor ela não é valorizada porque é uma profissão que ganha pouco, ela só não é valorizada em relação ao que ela ganha, ela é valorizada em relação ao estudo então ai Professora, estudou e tal. Mas ai, não te valorizam em relação ao seu ganho, só isso. Tenho muitos anos de profissão então os meus pais e família daquela época porque eu já tenho 57 então já vinham de outro tempo, que viam a profissão de professor como uma profissão boa tal que estuda está sempre estudando e não sei o que numa época que a prioridade era estudar então ok,</p>

mas em relação ao ganho. "Você quer mesmo ser isso?" As pessoas meus familiares, "Você sabe o quanto você vai ganhar?" "Você sabe o que você vai passar?". Na minha época e o que vejo até hoje eu ainda não percebo muito isso, não é nem com relação ao que hoje eu vejo as pessoas falar, nossa você sabe os adolescentes que você vai pegar, as crianças como estão hoje, a sociedade como está hoje? Não! Não tinha essa preocupação. A preocupação sempre era em relação ao salário que continua. Com 30 anos que eu tenho continua. Então se nós tivéssemos um ganho compatível ou na média um ganho não além do que você deve ganhar, porque a gente esta vivendo numa situação que tem um determinado valor que muitas pessoas não ganham. Não é isso! Mas se você tivesse uma média descente com certeza você seria valorizado, até pelos alunos, até pelos próprios alunos e até pela comunidade. Que hoje tudo passa pelo dinheiro, infelizmente é."

"Hoje em dia a comunidade não valoriza. Hoje em dia porque eu passei por várias fazes pelo tempo. Hoje não porque eles mesmo falam, "professora eu ganho mais embrulhando cocaína", "eu ganho mais sendo, ficando com o fuzil lá tomando conta", a gente conversa muito eu não posso fingir eu não posso, entendeu?! Então converso muito com eles, então eles sabem que e as vezes perguntam, porque eu falo que eu já poderia estar aposentada "e porque a senhora está trabalhando até hoje? " eu falo porque eu tenho que me sustentar, porque eu ganho mais ainda trabalhando se eu me aposentar eu vou ganhar menos, então eles perguntam "porque está trabalhando?" Entendeu? Então eles não entendem o porque e então vê que aquela profissão que a pessoa estudou aquele mais próximo deles de estudo que somos nós porque eu lido com uma, talvez se você estivesse falando com outros professores, porque eu também já trabalhei em escola particular, talvez a fala não fosse essa. Como eles lidam com a pessoa que mais estudou que é desvalorizada e que não recebe e que passa por sufocos e que tem situações financeiras de percalços que eles sabem, percebem, aí eles veem e eles falam "ue porque que eu vou tá ai até agora se eu posso ter outra situação que eu possa ganhar mais. "Mais fácil que eu não preciso estudar tanto, entendeu?" "

"Ha, é super importante, mas eu vou te dizer uma coisa, depois ao longo do que eu já passei eu acho que eu deixei muito, não sei se é uma culpa que a gente carrega eu deixei muito os meus filhos de lado para estar no trabalho, talvez eu não devesse ter feito tanto isso. Porque ai depois eles cobram, então eu acho que a gente como professor, eu também, tenho 2 matrículas, fico o dia inteiro muito tempo na escola né?! E as vezes você leva muito para casa essas coisas ai você acaba, eu acho que a gente tem que trabalhar menos. Independente de ser professora a mulher, principalmente ela é o esteio da casa, principalmente se ele é sozinha, tem que trabalhar menos, agora como isso vai acontecer eu não sei, não me pergunta que essa equação eu não sei fazer não, mas, se você quer ter uma família mais sólida, eu não sei também se isso tem muito a ver, é muito complexo, mas eu acho que trabalhar menos é importante. Presença é importantíssimo, é o que nossos alunos não tem e nem nunca tiveram, ai na nossa aula quer dar aquela presença para eles, ai você esquece de dar em casa entendeu?!"

Fonte: Baseado em dados extraídos do NVivo11.4

3. Nó Desafios

Entrevistas x Referências núcleo Paraíba

Entrevista n°	Referência
10	“não! Só o processo seletivo, que todo mundo teve que fazer, mas é um desafio que é decorrente do processo mesmo.”
11	“A princípio foi a questão do perfil mesmo do alunado, porque logo quando a gente iniciou o programa, e como eles nunca tinham frequentado um programa assim. A autoestima deles muito baixa, parecia que existia uma barreira entre professores e alunos, então a gente precisou ter muita calma, muita paciência, para a gente transpor essas barreiras se aproximar desse aluno e fazer com que ele realmente participasse, porque a princípio eles eram apenas ouvintes. Acho que outro desafio também foi a questão da evasão, e com o atraso das bolsas, aqueles alunos que se matricularam no princípio apenas para receber as bolsas, então houve um grande número de evasão, então essa também é uma dificuldade que a gente tinha. E a gente tinha que sair muitas vezes do núcleo ir na casa do aluno, ligar para o aluno, tentar conversar com a família para convencer aquele aluno para voltar para o núcleo, então esse também foi um desafio para a gente.”
16	“No começo para mim a noite em si era o terror, não é por conta dos alunos, é porque para mim a noite era para ficar em casa, então quando eu assumi a direção tive essa possibilidade. E para mim foi um desafio muito grande né, porque assim, a gente praticamente não é preparado para o ProJovem e para a EJA, a gente vai se preparando a medida que vamos conviver porque essa escola é a primeira experiência dela com o ProJovem, né?! Então nós temos ProJovem e EJA são duas realidades diferentes porque a EJA a gente está trabalhando muito mais com senhores e senhoras e o ProJovem são muito mais jovens, né?! Alguns adolescentes, Então assim, eu tento ao máximo aprender com eles o convívio do dia a dia as dificuldades, tem muitos alunos que são envolvidos com coisas assim, mais ilícitas e que aos poucos fomos conquistando porque tinha muita gente de nível bem carregado mesmo, envolvida, inclusive alguns deixaram de vir outros continuaram, foi um desafio. Mas o início foi bem mais difícil porque foi um processo de conquista. O simples fato de eu estar iniciando na direção na minha carreira na escola e com a turma do ProJovem. Inicialmente o sentimento foi de medo e insegurança, não vou mentir, isso por conta da própria realidade do bairro. E que também tem, como aqui as pessoas se conhecem demais, a gente sabe quando é uma pessoa envolvida com isso. Então há eu não quero ir mais para a escola porque tem determinada pessoa que está estudando, então tudo isso no começo eu tive receio sim, não pelo fato de ser a questão do ProJovem, mas pelo fato de ser as pessoas que estavam frequentando a escola no geral. Hoje eu já estou sentindo falta, o sentimento mudou eu sinto tranquilidade alegria, satisfação. Porque quando a gente começou todo mundo faz aquele medo aquele terror. Então realmente segundo a

linguagem deles, tocaram o terror. E o pessoal adulto, os senhores e senhoras da outra área já diziam que não iam mais estudar, então foi um processo. E outra coisa, eles no início foram rejeitados de uma forma geral né?! Quando se dizia vai ter Projovem, diziam vai estragar a escola, vai quebrar isso, vai sumir as coisas... Nós nunca tivemos problema com nada nem com ninguém graças a Deus.”

“Primeiro foi essa questão da clientela, porque eu sei que foi o primeiro, a questão do não conhecer os profissionais, porque como somos uma escola de ensino fundamental um então a gente praticamente tem a mesma linha de trabalho, então a partir do momento que entra professores de disciplinas específicas a gente sabe que mesmo tendo o mesmo nível de formação por ser graduado mas sempre tem aquela diferença né?! Sendo que os professores de disciplina, sentem, eles são é um sentimento que a gente tem enquanto fundamental 1, superiores, mesmo tendo a mesma formação de professor, então isso aí já seria um segundo desafio. Porque é uma coisa que a gente cria e acaba criando um tabu até chegar a eles então teve essa questão. A questão do simples fato dos alunos ganharem uma bolsa, vamos supor, como aqui tem EJA, então eles achavam que nós da escola estávamos beneficiando só os alunos do ProJovem pagando uma bolsa de R\$100, eles não entendem que isso não tem nada a ver que a gente simplesmente cedeu o espaço, entendeu?! Mas na cabeça deles, até eles aceitarem foi um processo de aceitação de funcionário, dos alunos, de todo mundo. Porque quando teve o ProJovem numa outra escola teve a reforma e trouxeram para cá e aí a equipe que veio para cá pixou, quebrou, então todo mundo já tinha uma imagem horrorosa né?! Mas não é o ProJovem, não é o programa que manda os alunos fazerem isso. Muitas vezes é forma como vc se relaciona com o aluno, que você não consegue conquistar o aluno e o aluno acaba fazendo aquilo. Então assim, o desafio né?! Tentar o convencimento das demais pessoas da importância do projeto, do programa, de que os alunos, muitos são muitos são filhos dos alunos do Projovem, muitos foram alunos da casa que desistiram, aí tem a questão também da nossa infraestrutura. A pesar de que nos temos salas para isso, mas acaba que nosso pessoal se torna pouco para dar conta, temos uma merendeira para atender EJA e ProJovem. E uma outra coisa assim que foi desafio, mas aí eu acho que não é culpa do programa, mas é culpa da administração da prefeitura é com relação ao fornecimento do lanche, porque até hoje eles não entraram na contabilização do lanche da escola, a gente faz milagre. Por exemplo, se a gente nós temos 500 alunos, mas chegou mais 200 do ProJovem então nós temos 700, mesmo falando isso a prefeitura só manda lanche para 500, aí a gente fica sabe... quando fica se lanche é porque não tem para ninguém, não tem aquela história vou dar lanche para EJA e não vou dar para o ProJovem e vice versa, porque foi dito que ia vir lanche para o ProJovem que ia ser aqueles lanches bem.. mas aí eles ficam cobrando a gente entendeu, coisas que não dependem da gente. Então essa estão assim, não sei se eu chamaria de assessoria de apoio, da infra estrutura da prefeitura. E um outro desafio também

	<p>foi o atraso nas bolsas. Porque assim, como eles dizem que vão estudar e todo mês eles vão receber eles contam com aquele valor no final do mês, ou no início como for e nós atrasamos muito, ai alguns recebiam outros não recebia, as vezes algum aluno que só se matriculou acabou recebendo porque lá teve algum problema alguma coisa, ai outros que as vezes frequentavam não recebiam ai houve esses contra tempos.”</p>
2	<p>“Uma das fragilidades que eu acho é assim, por ser uma clientela que já é adulta e as vezes trabalha é difícil eles matarem a frequência eu acho uma fragilidade do curso sabe, por mais que os professores, insistam por mais que incentivem, mas eles ainda são ainda um tanto difíceis de assimilar a responsabilidade e a grandeza que é, porque nós não estamos fazendo nada pro mal para eles, ao contrário estamos fazendo para o bem, estamos vendo ai a situação do país que está e a gente não pode deixar eles se adormecer que fiquem nesse marasmo, a gente tem que tentar realmente soerguer que é para eles perceberem a validade da coisa, como também a gente ver o produto do nosso trabalho, sabe. Eles, a clientela ainda falta isso, agora não é só no ProJovem, é de maneira geral né?! Eu não sei como a gente vai a educação, eu sei que precisa ser dado um estímulo que motive que construa com eles um saber que fique realmente dentro da proposta de vida deles.”</p> <p>“É um dos grandes problemas da gente é isso essa evasão é o desafio, porque muitas vezes também olha eles trabalham, sai do trabalho vai para outra empresa, essa outra empresa tem um horário de trabalho, ou também as vezes se mudam vão para outro estado, se eles tem ideia eles vão para outro estado e vão procurar o programa, para a gente prender o jovem a gente precisa jogar uma isca muito forte. E o mec também tem uma bolsa que o mec não manda como deveria ai eles vão lá se enraivam e deixam de ir, uma outra questão no caso a mulher o marido não deixa ela estudar dizendo que ela vai arranjar outro, tem n interferências ai na nossa clientela ta ai a nossa dificuldade.”</p>
21	<p>“Um dos grandes desafios do ProJovem é a evasão escolar. A gente começa com um quantitativo maravilhoso, mas isso ao longo do tempo faz inúmeras ações para captar esses alunos de volta e permanecer aqueles que a gente tem, mas ainda assim a evasão é muito grande então a gente. Geralmente é por causa de emprego que chega, que ficam a noite, tipo segurança, essas coisas, tudo eles abandonam, porque para eles é necessidade mesmo né?! Tem que pegar aquilo de imediato, eles não podem ficar pensando, não eu vou ficar estudando para depois eu ter um emprego melhor, dada a realidade deles. E a história só para lembrar, foi de uma ex aluna aqui, ela, a irmã dela estuda aqui, e ela perdeu o bebê porque o marido agrediu ela. E ela estava super depressiva e tudo e ela não queria entregar o marido a policia, então são coisas de questão de droga essas coisas. Outra coisa assim que fez, foi de parti o coração foi que um aluno dependente químico chegou e falou que a escola estava mudando a vida dele e disse "professor depois que eu entrei aqui, faz uns 3 meses que eu ainda não usei crack e por muito pouco eu não voltei para lá, essa escola está me mudando". Acho que isso é o que cada vez mais nos conforta e</p>

	<p>transforma como pessoa.”</p> <p>“Então acho que essa da distância de casa foi um dos menores. A primeira grande diferença é quando você entra num programa desse é um programa totalmente diferente do ensino regular. Eu trabalho numa escola particular e lá é aquela exigência com o conteúdo o conteúdo você não pode fugir daquele roteiro e num programa desse não. Eu acho que a principal peça é a integração entre essas unidades é você conseguir abordar um tema da ciência da natureza com as ciências humanas a gente várias vezes deu aula integrada, globalização, então entrava a professora de ciências humanas, depois entrava o professor de ciências da natureza, depois vinha matemática e o professor começava a mostrar números relacionados a globalização, PIB não sei o que...Então isso eu acho que é a grande diferença. E é um desafio, mas a gente tem uma formação continuada os professores, isso é um grande desafio e outra. Para uma pessoa acostumada em escola particular isso é ainda mais importante porque geralmente nas escolas particulares a gente não tem o contato tão direto com o aluno a gente não tem essa relação de saber que o aluno está usando drogas, ou sei lá, se prostituindo ou fazendo qualquer outra coisa, a gente tem essa proximidade e aí como a gente fica mais próximo deles, então a gente acaba se machucando também. Tratar com as questões da vida pessoa dos alunos é um desafio. Esse menino mesmo que eu te falei da questão do crack ele não tá mais, ele está internado, isso é de cortar o coração mesmo, você vê um jovem que tem tudo ali, tem um filho mas...Ta se perdendo, tentou várias vezes, mas é complicado.”</p>
27	<p>O principal desafio era justamente essas promoção social, essa inclusão social, então o nosso fazer educativo precisava primeiro sensibilizar esses docentes que o jovem do ProJovem urbano não era igual ao jovem do ensino regular porque se usava das mesmas características e das mesmas necessidades. Eram jovens que vinham de uma situação inicial de negação inclusive então a gente tinha um tempo curto, mas um tempo extremamente necessário e a gente precisava usar esse tempo para a gente articular e fomentar a inclusão desse jovem através de ações educativas emancipatórias.</p>
8	<p>“As piores complicações, tem a aaaa..., o entrosamento da equipe de educadores, é pior do que (risos) o próprio alunado”</p> <p>“Assim, no sentido é que eu, quando assumi o programa ele já tava com um, porque eu era formador do programa, quando eu recebi o convite para ser coordenador geral, o programa já tinha começado fazia 5 meses, eu já peguei o processo seletivo, eu já peguei os núcleo formados, a equipe já trabalhando, então assim, aaaa, tenha coisas que eu tinha condições de mexer, de mudar, mas tinha coisas que era mais delicadas porque eles já estava ha 5 meses, já tinham feito o processo seletivo e aí assim, a formação desses núcleos já estava completa, já tava toda Ok. Esse foi um núcleo que teve muita divergência entre os educadores, eles não se afinam. Já teve reunião, já sentei já conversei, já adverti, mas é um núcleo muito delicado de se trabalhar. É um núcleo que , eles,</p>

eles não se afinam, agente tenta tal, conversa, choram, dizem que vão, vão... melhoras, /e isso, repercute, reflete, na verdade, nesse alunado, fica um alunado mexido, fica um alunado que toma partido, um alunado que não sente uma energia bacana dessa equipe e aí acaba evadindo, claro que isso é um dos fatores, como eu disse a você, ele também fica em um lugar que já tem dois núcleos próximos, então assim, isso também contribuiu para que houvesse um baixo quantitativo, porque assim, se eu fosse o coordenador antes, eu jamais iria colocar 3 núcleos muito próximos, a gente está com o ProJovem aqui já a 10 anos, no município de João Pessoa, então assim, no começo quando é novidade a procura é muito grande, tanto que para entrar no ProJovem, era um sorteio em um lugar público, 500 jovens sorteáveis e só podia entrar 200, se fazia sorteio, ia p uma feira uma praça e os 200 eram..., era festa, e uma lista enorme de espera, mas ao longo do tempo esse quantitativo vai diminuindo.”

“Coordenador: depende, teve coordenador que passou 5 anos, outro passou 6 e saiu por conta própria. É porque por ser um cargo de confiança, então quando se muda de prefeito muda também a equipe. Quando Luciano assumiu, mudou a equipe da coordenação, principalmente mudou o, a equipe não tanto uns ou outros, mas assim o coordenador geral tem que ser uma pessoa de confiança do prefeito, da secretaria, quando Luciano assumiu então houve uma mudança na coordenação, mas ai, porque a pessoa não se identificou enquanto coordenador do programa, porque as vezes você tem experiência com várias coisas, só que um programa como o ProJovem ele é muito complexo, se você cai de paraquedas como coordenador e como educador você para pegar o material didático o PPI, o projeto pedagógico demanda um tempo e você começar como coordenador é delicado porque você não tem como orientar o trabalho, é muito delicado, então a gente teve um primeiro coordenador 4 anos atrás que não se identificou, mas ainda ficou um pouquinho até pegar, mas ai não deu certo, ai houve depois uma experiência com uma coordenadora que tinha sido educadora por muito tempo do ProJovem, entretanto ela não teve o perfil de gestora, tinha sido uma educadora, não vou dizer assim os adjetivos, mas tinha sido uma educadora mediana, mas tinha experiência com o ProJovem, então vamos chama-la porque pode ser que ela tenha, como conhece o ProJovem, mas acabou que não teve perfil de gestora. Então vamos colocar um técnico, um cara que vem da administração para ser mais administrador, mas que não tinha formação pedagógica nenhuma, mas ele era um administrador e ai foi uma negação e ele ficou só 5 meses, ai pronto, então vamos atrás de uma pessoa que tenha realmente experiência de ProJovem que entenda o programa, mas que tenha o perfil de gestor. Aí no caso assim, eu tinha sido coordenador por um bom tempo da fundação banco do Brasil, do bb educar, fui coordenador por um tempo do Brasil alfabetizado, mais de 5 anos, então eu tinha uma experiência de gestão, e de educação assim, eu já sou professor a 11 anos, eu sou formado em história, e ai paralelo a isso eu tenho experiência com politica publica eu comecei em politica pública, e o ProJovem eu já tinha assim, eu já era a um bom tempo educador, tinha sido convidado por um outro

	<p>município que não foi nem aqui, para ser formador de lá, teve o processo seletivo e eu passei, para ser formador de lá e aí, depois João Pessoa vai começar uma nova entrada e eu sou convidado devido a essa minha experiência no município vizinho, eu sou convidado para ser formador daqui também, e aí quando eu venho para cá e trabalho um tempo como formador e ai eles diante dos nomes que tinham de uma pessoa com experiência, uma pessoa que já tivesse sido gestor do ProJovem e uma pessoa nossa de confiança então chegou-se ao meu nome.”</p>
9	<p>“O atraso do recebimento das bolsas e um desafio, porque as vezes eles diziam que não vinham mais porque tinha uma bolsa para eles receberem no final do mês e eles não estão recebendo. Aí nós temos que correr atrás desse aluno que passa maior tempo sem receber. Nós vamos atrás, ligando primeiramente e indo até lá na casa dele. Ele pode morar onde for, né?! As vezes você sabe que nós temos áreas de risco, mas alguém se disponibiliza outro aluno que mora próximo se disponibiliza para nos levar até lá. Nós vamos até lá e esse resgate é feito porque eles ficam felizes quando nos veem. Eles se sentem mais valorizados quando o professor procura eles, só um simples telefonema já é OO, mandar Whats app. Nós criamos um grupo só de alunos, então a gente se comunica com eles, via esse whats app, dizendo a aula de amanhã terá isso, entendeu?! Ou não terá aula porque alguém não veio, eles não vão ficar sem saber. E aquele que não está comparecendo a aula nós vamos lá no privado e questionamos o que está acontecendo. Eles se sentem ai "amanhã eu vou professora" eles já se sentem na obrigação de ir chegam até o núcleo.”</p> <p>“Principais desafios é as turmas que nos temos alunos que já tem um conhecimento bem já elevado e outros com o conhecimento bem mais básico, é a principal dificuldade. Ai depois quando programa começa a caminhar e nós começamos a trabalhar isso vai se equiparando, mas de início essa é uma das principais dificuldades. Nós, o núcleo que nós estávamos nós tivemos muita sorte porque assim, nós temos equipamento, quando não tem um professor tem outro professor tem então quer dizer a gente sempre se une para elaborar as aulas e sempre fica: é... "quem tem um computador?", "Eu tenho!" "Tem no sei o que mais..."ai assim isso a gente não sente falta de equipamento! Realmente a informática infelizmente a disciplina de informática nós não conseguimos utilizar porque os computadores estão aí, mas sempre só lamento, porque isso faz parte de um problema de manutenção.”</p>

Fonte: Baseado em dados extraídos do NVivo11.4

Entrevistas x Referências núcleo Rio de Janeiro

Entrevista n°	Referência
12	<p>“não a dificuldade que temos é na 10 CRE mas é por conta mais do entorno essas coisas assim que acontecem né?! Eu encontrei um pouco assim de dificuldade, não que tivesse a evasão, pelo contrário, mas dificuldade assim, que você sentia que as pessoas...pelo ambiente, mas assim dificuldade mesmo pelo ambiente e da área que se encontra. Pela violência do entorno. Não teve evasão, mas agente sentia a dificuldade para a chegada</p>

	dos alunos.”
13	“Eu acho que foi mais a disciplina mesmo. A disciplina dos alunos. A forma como eles se comportavam? É, não gostava de respeitar regras, eles eram adultos adolescentes.”
14	“Primeiro era fazer com que eles fossem assíduos, pela questão da violência da comunidade, isso era um problema. Porque tem tiroteio, então dia de tiroteio era difícil, aqueles que trabalhavam as vezes chegavam muito atrasados, ai as vezes desistiam de vir. Fazê-los entender que é importante a assiduidade deles e isso era difícil. Eles chegarem na hora, saírem na hora. A questão de fazer eles entender que eles estavam ali não só pelos 100 reais, eles valorizavam muito essa bolsa, mas que era para eles se formarem né?! Para eles serem profissionais, que aquilo era para a vida deles, os 100 reais a pesar de ser pouco prendia muitos ali, entendeu?! Era relevante, isso é um...tanto que quando começou a atrasar eles reclamavam muito, porque muitos diziam, Há porque eu tenho passagem, há eu uso para material e eu uso p isso, uso p aquilo.”
22	<p>“Na verdade a gente veio com sonhos, ideais, que aos poucos foram diluindo e esses ideais infelizmente se tornaram assim difíceis né?!”</p> <p>“Porque eu achava que assim, eles não estavam muito envolvidos não. Eles começaram no início depois eu acho que eles se desmotivaram. Por vários fatores, era a violência da comunidade que eles não podiam vir, eles recebiam uma bolsa, ai quando esse dinheiro não vinham.. era meio complicado.”</p>
24	<p>“A gente tinha reuniões na SME na CRE não porque o elemento CRE que estava conosco era (nome) ai ela que ia até a escola, a CRE eu só ligava ando eu tinha alguma dúvida com relação ao sistema, porque o sistema do ProJovem era diferente matrícula, de notas, de frequência, depois nós tivemos tb os 3.0 seria por causa do censo escolar, inserimos os alunos do ProJovem no 3.0 que é um sistema da prefeitura outra dificuldade foi o certificado deles, demorou muito e eu sai e as edições das quais eu participei não tinham ainda. No Início a responsabilidade era da SME no entanto quando os alunos de turmas anteriores iam a mim, quando ia lá naquele ano tinham que me procurar na sala da SME para dar entrada nos certificados e ai acho que na ultima edição passou a ser da CRE do sistema 3.0 porque eu fui chamada até na Juliano para assinar uma ata de alunos, não sei como ficou essa questão dos certificados. Uma das grandes dificuldades foi essa.”</p> <p>“A grana que é pouca, é uma gratificação muito pequena, as reuniões que eram no centro da cidade e a gente tinha que ir a noite. Alguns alunos envolvidos que eu cheguei a ser ameaçada por um deles, porque a situação, eu não sei se ele queria agredir uma menina eu acho que foi isso, ele quis agredir uma menina e eu me meti e ele não se acalmava e eu tive uma fala infeliz naquele dia, porque eu não costumo me exasperar nem quando eu tô falando brigando meu tom de voz é esse, eu tive uma fala infeliz, foi bem no início da primeira edição, e ele chegou a me ameaçar, mas depois ele voltou atrás, pediu desculpas, e ele era envolvido, tá preso. Ele infelizmente não terminou.”</p>

25	<p>“Desafios, desafios, era saber se o aluno, se eu iria ter uma boa aceitação dos alunos, se os alunos iam se identificar comigo, porque quando os alunos não se identificam eles evadem, eles não querem assistir a sua aula, eles meio que acham a matéria difícil e quando os alunos se identificam com você, quando existe uma ligação, então os alunos se interessam pelo conteúdo dado e interessa de participar da aula, de interagir junto, porque a aula é uma interação, você não pode ser o monólogo. Geralmente eu aprendo muito com eles também, aprendo muito.”</p>
26	<p>“Quando não tinha aluno, tinha fechar e ir para outra escola de outra comunidade, e isso deixava os alunos desesperados. Era um desafio manter os alunos, o maior desafio. Eu tinha lá no primeiro ProJovem uma menina que foi aluna numa escola que eu fui diretora, ela era impossível, só atendia a mim, levada, encontrei com ela na cidade de Deus e falei você vai lá fazer a inscrição do Projovem, ai ela foi abandonava eu mandava recado para a mãe dela, engravidou teve filho, eu mandava recado p a mãe ela voltava e foi até o final, hoje ela me vê me agradece a bessa.”</p> <p>“O maior desafio é a questão da frequência dos alunos. A violência da comunidade. Eu hoje não sei se eu voltaria a trabalhar no projeto por conta da violência.”</p> <p>“A importância é que sem essas ferramentas que tornaria impossível, mas talvez nem tão impossível, porque nós tivemos professores que saiam de uma escola para outra sem carro. Na nossa CRE a gente conseguiu acomodar cada um no seu núcleo, mas nas outras CRES não foi assim não.”</p>
28	<p>“É mais assim, os desafios são muitos, são muitos por exemplo: você conseguir as escolas que queiram o ProJovem, você conseguir conversar com as pessoas sobre o ProJovem, porque nem todo mundo quer ouvir, porque quando você recebe um documento lá do Mec que aquele documento você sabe que você tem que saber os detalhes pra...não é assim, você recebe e assina você precisa saber dos detalhes dos compromissos e das responsabilidades, muitas vezes quando os próprios núcleos recebem e lêem, ai depois, "ha mais tem que fazer isso aquilo". Eu digo gente pera ai, a gente faz reunião. Então o desafio é mesmo, acho que o maior é conseguir a escola, segundo é você fazer essa divulgação que tem essa dificuldade mesmo de atingir a meta, sabe qual é a meta agora 1200 alunos. No passado era de 800 alunos e assim, 1200, eu tô com 300 alunos, então isso é difícil. Porque? Por que a coordenadoria tem que divulgar, a escola tem que divulgar a associação de moradores, lá na ponta tem o atendente que não pode atender o aluno quando vai lá fazer a matrícula porque está ocupado com outra coisa, porque o diretor da escola tem muitas atribuições essa parte é difícil. Não achei muito difícil conseguir o profissional para trabalhar como sendo da rede não é tão complicado assim, mas eu acho que o mais difícil é a aceitação mesmo do programa porque ela envolve as pessoas que também fazem. Porque assim quando você tem a resolução não é só a coordenadora do ProJovem que é responsável tem várias pessoas que estão responsáveis, por exemplo o diretor da escola, ele abriu sala, porque aquela sala tem que ficar aberta para o aluno, porque</p>

	<p>tem a sala de informática que é mesmo que não funciona ela tem que está aberta, a sala de leitura que tem que abrir, a sala de acolhimento de alguma forma ela tem que funcionar se não o Jovem que vai para lá não tem onde colocar as crianças. Ai você vê que é uma escola que de repente não tem uma estrutura tão boa, mas você tem um diretor que consegue fazer uma sala de acolhimento boa, então tem muitas dificuldades, não vejo dificuldade assim para só o trabalho em si não burocrático. O desafio é gerir as pessoas para se engajarem no programa, esse é o desafio. Quando eles conhecem ai tudo bem, mas quando eles não conhecem ai fica assim uma coisa muito distante deles, ele não vai. Eu tava conversando com um professor que veio aqui ele disse, esse grupo é o grupo que tem que ir lá na comunidade e buscar é assim que a coisa acontece, se não ele não vem.”</p>
5	<p>“Olha pelo que eles também. Porque a gente trabalha numa faixa etária que está aqui porque quer, é muito diferente desse trabalho nesse horário.”</p> <p>“Por isso que vou dizer uma coisa para você, auto estima. Eu sempre procuro colocar auto estima deles, entendeu?! Elevar, você é capaz, você...para você...eles veem com a estima baixíssima principalmente os do ProJovem, baixíssima porque passei por uma fase de estudo onde eu não consegui, onde eu não terminei, por algum motivo na minha casa, mas eu não consegui terminar aquilo, que as vezes meu vizinho terminou e eu não fui adiante. Baixíssima auto estima eles já dizem "sou velho né?" (...) "sou não sei o que para isso", "isso eu não sei mais não" "isso não dá para minha cabeça entendeu?" Ai depois com o tempo eles vão vendo que não é assim.”</p>

Fonte: Baseado em dados extraídos do NVivo11.4

4. Nó identidade com os alunos

Entrevistas x Referências núcleo Paraíba

Entrevista n°	Referência
10	<p>“Demais. Demais porque eu moro aqui nesse bairro e eu até os 14 anos de idade eu morei na beira da linha, a minha história e trajetória sendo negro e um negro que venceu aquilo que muitas vezes a sociedade não quer. A sociedade exclui, a sociedade marginaliza e eu furei toda essa parte ai e transformei a história. Você acredita que você pode, sua trajetória, seu percurso de vida pode ser um espelho positivo para esses educandos? Acredito! Acredito tanto que na hora que eu estou falando e falando das mudanças eles param, podem estar fazendo o que for, eles param e ficam ouvindo a história.”</p>
11	<p>“Não eu não me identifico não. Assim, a minha história foi bastante diferente, eu estudei sempre em escola tradicional, apesar de pública, mas na época em que eu conclui os estudos, as escolas os professores, eles se portavam de uma maneira bastante diferente dos de agora, que aqui no ProJovem a gente tem essa liberdade a gente percebe uma aproximação muito grande entre alunos e professores, muitas vezes você não sabe quem é quem, entendeu?! Porque existe um vínculo, a forma com que a gente</p>

	acolhe o programa e eles também nos acolheram é muito recíproca, então gerou o que? Laços de amizade, de carinho é bastante diferente na época em que eu concluí meus estudos. A dificuldade que eles têm não foi uma dificuldade que vc passou? Não!”
16	“Na verdade assim, graças a Deus eu nunca tive problemas com relação, é porque nesse bairro aqui é considerado um bairro pobre diante de outros bairros daqui de João Pessoa e também assim, aonde eles têm menos possibilidade de se desenvolver de buscar e muitos deles que estão voltando foram alunos da escola. Eu não me identifico muito em alguns pontos porque eu nunca desisti sempre, mesmo com poucas condições sempre estudei em escola pública, mas nunca desisti, nunca parei de estudar né?! Sempre fui buscando, buscando. Aí o que eu me identifico com alguns é essa questão dessa busca, de não quero desistir. E muitos deles, porque assim, eu sou novata aqui no bairro, eu conheço poucas pessoas, então assim, outros professores da escola dizem, esse aluno quando foi pequeno estudou aqui. Então muitos alunos da escola foram alunos do ensino normal e por algum motivo se desviaram não quiseram mais estudar, né?! Muitas engravidaram, outras se envolveram com coisas impróprias que tiraram também desse percurso e que agora, tiveram essa oportunidade de voltar.”
21	“Então apesar da minha realidade ter sido bem diferente venho de família pobre mas não na condição desses. Eu estudei em escola filantrópica eu conheço a realidade de uma escola estadual, mas ainda assim é muito longe deles, você escuta cada história que é de cortar o coração.”
27	“É eu sou um jovem que veio de uma comunidade, eu nasci e fui criado dentro de uma comunidade, então para ter acesso a coisas, de fato pedagógicas, eu sei realmente das fragilidades, dos desafios, das dificuldades, porque eu passei por isso. Então assim, e a minha formação acadêmica e a minha referência profissional. Eu posso destacar que eu comecei lecionando justamente em um programa de inclusão social que era o Brasil alfabetizado, comecei como educador, aí depois fiz seleção e passei a ser coordenador de turno, depois fui transferido do programa para ser formador dos professores, então assim, eu sempre atuei desde o início em programas voltados a inclusão social então até chegar ao ProJovem eu passei por vários outros, eu passei também pela Fundação Banco do Brasil como coordenador de um projeto chamado PB educar que era voltado principalmente para pessoas que não tiveram oportunidade de passar pelo processo de alfabetização. E realmente essas experiências tanto acadêmicas quanto do âmbito profissional somaram bastante a eu chegar até a coordenação do ProJovem Urbano. Eu fui educador durante alguns anos do ProJovem Urbano, depois eu fui formador dos professores durante 3 anos até ser convidado para vir ser coordenador. Fui um deles sim no sentido de ter a vivência em comunidade de um jovem que ainda teve o privilégio de concluir os estudos na idade "certa" regular, mas tenho essas vivências de saber e ter enfrentado essas dificuldades no decorrer do meu processo educativo.”
9	“Com certeza, é claro que as vezes, muitas vezes, a vida de alguns deles aqui difere um pouco da minha, da minha rotina porque eles não tiveram oportunidade de estudar, eu tive! Eles não tiveram

	<p>oportunidade de uma moradia, uma moradia assim, com a família, estar com o pai e a mãe, eu tive essa oportunidade! As vezes difere e as vezes bate bem igual, é lugar onde moramos, as mesmas necessidades, necessidade de lazer, necessidade de se qualificar mais, também tenho a necessidade de ter a família mais próxima, isso todo mundo quer e em outras coisas também, os anseios deles são muito iguais aos nossos as vezes a gente pensa que é diferente mas bate bem igual, como por exemplo: eles querem, eles tem uma praça aqui, eles querem uma praça que tenha mais área de lazer, que tenha por exemplo: aparelhos para ginastica, e eu quero a mesma coisa na minha comunidade que eu não tenho também isso, então nós temos as mesmas necessidades a pesar de irmos de bairros diferentes.”</p>
--	---

Fonte: Baseado em dados extraídos do NVivo11.4

Entrevistas x Referências núcleo Rio de Janeiro

Entrevista n°	Referência
13	<p>“Não assim, com drogas, assim, assim, de ser mãe solteira. A minha origem é de uma família muito humilde, meus pais tiveram 14 filhos, não foi a pobreza que impediu nada, meus irmãos também correram atrás das coisas e a gente conseguiu vencer. Algumas vezes eu me pegava pensando poxa porque que não tem, que eles não correm atrás da oportunidade que tem né?! Mas assim, a vida deles ali na comunidade na cidade de Deus é outro o mundo deles é outro, não foi aquele mundo que eu fui criada, o mundo deles ali é muito cercado de violência de vícios e sem objetivo nenhum, então eu acho que eles se deixam muito se influenciar por isso, alguns tiveram oportunidade , querendo, mas o mundo deles lá, é muito mais forte. Porque alguns são viciados, é triste, é muito triste, é um cerco interminável.”</p>
14	<p>“Olha só, eu não acho, depende, alguns alunos tem a mesma história de vida assim, a questão das dificuldades financeiras porque eu sou de uma família pobre, meus pais também eram de comunidade, meus pais eram dessa comunidade que agora está tendo esse, que eu considero uma guerra né que é do Jacarezinho, que está tendo a duas semanas tiroteio por conta da morte de um policial civil, então meus pais eram de lá eu ainda tenho parentes lá, que está vivendo essa realidade. E eles conseguiram sair de lá, conseguiram criar 5 filhos e formar 5 filhos. Mas em contra partida nós tínhamos uma família estruturada, nós tínhamos pai e mãe que nos orientavam e que cobrava da gente uma educação. O que eu não vejo aqui nessa comunidade, o que eu vejo é que a família não é estruturada como era na minha época e como era na minha família. Eu vejo aqui muitos filhos que são criados por vó, ou só pela mãe, muitos filhos abandonados, muitos que vivem sozinhos sem pai, sem mãe e sem vó. Então assim, isso é muito fora da minha realidade. Então eu não me sinto muito parecida com eles.”</p> <p>“Exatamente eu não me identifico com a ausência de base. Teve meu pai e minha mãe me apoiando ali e que queria assim uma coisa melhor para mim. Eles tem a mesma origem pobre e tal, mas eles não tem esse suporte. A referência que eles tem é a escola, para</p>

	<p>eles a única referência a única coisa que eles tem de concreto, organizado é a escola. De família muito pouco a maioria. Normalmente eram 60 alunos matriculados no ProJovem por grupamento (18meses).”</p>
22	<p>“Não nenhum momento, não nenhum momento porque a realidade deles é uma e a minha é totalmente diferente.” “É eu não me identifiquei com eles, em nenhum momento minha vida se identifica com a deles.” “Não tô falando só de recursos financeiros não. Eu tive estrutura familiar mesmo, eu tive condições de ter um ambiente saudável seguro de ter uma boa educação. Que é o que eles não tem.”</p>
24	<p>“Então eu tive uma experiência com o meu mais novo (nome do filho da entrevistada) que ele detestava a escola. Até o ponto de ter febre, passar mal, ter diarreia para não ia para a escola. Foi uma luta para ele terminar o fundamental e ele é super inteligente não tem nenhum problema de cognição e eu ali empurrando, empurrando literalmente. Puxando ele pelo braço e falava assim para ele "você não vai desistir porque eu não vou deixar". E eu empurrei (nome do filho da entrevistada) do 6 ano até o 3 ano do ensino médio. E quando ele estava no 6 ano ele foi reprovado ai saiu da escola particular, foi para a rede, e foi reprovado de novo porque não ia, eu trabalhando e a condução ia buscá-lo e ele não saia de dentro de casa, então ele foi para um programa de correção de fluxo de idade/ série que na época tinha esse programa no município, foi parar numa turma de correção de fluxo, com alunos com extremas dificuldades de aprendizagem, extremamente carentes, e ele continuou faltando e eu vinha buscava na hora do almoço levava para a escola quando podia, até que ele foi excluído do programa, então (Nome da pessoa responsável) me ajudou, porque quem era excluído desse programa não tinha uma segunda chance e ela juntamente com a gerente da GED ajudaram o (nome do filho da entrevistada) de ir até a secretaria municipal de educação e conseguiu inserir (nome do filho da entrevistada) novamente na correção do fluxo, esse projeto e a professora que era do ProJovem que dava aula no diurno na turma de projeto, apadrinhou o (nome do filho da entrevistada) e ele foi para a turma dela e ele conseguiu terminar o fundamental dessa maneira. Ai assim, no ensino médio foi para a escola particular a mesma luta, eu acordava cedo, puxava ele da cama e enfim terminou e foi fazer educação física e é o primeiro aluno na educação física na Estácio. Só tira 9 e 10 e agora ele é estagiário da prefeitura na 7 CRE estagiário de aluno incluído. Quando eu cheguei com (nome do filho da entrevistada) lá na CRE para se inscrever no estágio, foi uma sensação todo mundo abraçou, gostou de ver o sucesso dele então quando eu vejo esses alunos assim que não tiveram chance de estudar, ou que tem muita dificuldade, eu abraço a causa porque eu sou apaixonada por pessoas, eu acho que quem trabalha na educação tem que ser apaixonado por pessoas não tem outro caminho. Porque você trabalha ali com desenvolvimento humano e não só intelectual, mas que eu acredito na educação Holística né. Aquela coisa do todo.”</p>
25	<p>“Na verdade os alunos se identificaram muito comigo porque eu estudei a noite, eu fiz supletivo. Eu fui estudar depois de uma certa idade, eu fiz supletivo e depois disso eu não parei mais de estudar eu fiz engenharia, licenciatura em matemática, fiz licenciatura em</p>

	<p>física, eu logo após tive a oportunidade de me formar em direito, tirei a OAB. E eu falei com eles eu já trabalhei como garçom, eu já fui padeiro, eu já trabalhei em banca de jornal eu já trabalhei em bar, padaria, então eles ficavam fascinados. Então eles ficavam fascinados: "Cara como você que já foi garçom, inclusive já fui vendedor das Casas Bahia, já fui taxista e hoje você é professor do município?", "pois é, eu estudei, enquanto meus amigos ia jogar provinha, jogar futebol eu ia lá estudar" e eles me chamavam "você é vaidoso, você é metido, você quer ir estudar", eu praticamente me formei com 40 anos e eu acho que isso incentivou muito eles que eles se identificavam nesse assunto comigo, ela já comentaram comigo, há o professor (nome do entrevistado) ele foi um dos nossos, que ele teve empregos humildes. Já conhece o trajeto e eu expliquei para eles eu já chorei muito que você trabalhar acordar 5 da manhã ser marmitão, trabalhar, ganhar pouco e de noite você ter que estudar e chegar em casa meia noite preparar a marmita para 5 horas da manhã acordar para ir trabalhar de novo é complicado, várias vezes eu pensei em desistir, várias vezes eu chorei de noite, várias vezes, quer dizer então eles se identificavam eu conversei muito com eles sobre isso. Nunca desistam, o principal é o estudo, trabalhar é importante, nós vamos ter que nos submeter a empregos que nós não gostamos?! Temos! Mas o principal da vida é o estudo. Você sempre crescer, como se você fosse um Pokemon sempre evolução. Então eu conversei muito sobre isso. E muitas coisas eles me perguntavam, então muitas vezes eu parava a aula para explicar e falar, eles gostavam de escutar e quando eles escutavam a história ai é que eles se apegavam mais ao estudo. Eles gostavam de se identificar, naquela situação, "há professor eu já chorei muito também, como se fosse assim uma roda e um psicólogo no meio conversando com eles, e eles tudo que precisam é de alguém para excita-los. Para entender a situação deles. Sobre essas coisas que eles já passaram é muito humilhante você ficar desempregado. E eles passam muito por isso. A humilhação de estar desempregado.</p>
26	<p>"Eu coloquei para eles que eu só fiz universidade depois que eu pude pagar a universidade que eu não podia depender do meu pai e da minha mãe, eu já estava separada nesse período tinha um filho de 9 anos."</p>
28	<p>"Existe sim, primeiro que a minha mãe tem 5 filhos e quem alfabetizou minha mãe fui eu. Minha mãe criou os filhos sozinha, e ela fez questão que eu estudasse, então quando eu vejo esse jovem que está fora da escola, me incomoda, de forma assim, por exemplo, eu moro na ilha do governador, então lá tem muitas vans que fazem esse percurso que deixam dentro da ilha, e vejo aqueles meninos, nessa faixa etária que estão ali na vai, fazendo troco, fazendo o papel de trocador e muitas vezes eu pergunto "vem cá, você está estudando?" É uma coisa minha, eu pergunto porque eu quero colocar ele também na escola, não importa se vai ser no ProJovem, se vai ser no PeJa, se vai ser em outro lugar, ele tem está estudando. "Ai você não sonha com outra coisa?" "Ha mais acontece que eu trabalho muito", a maioria fala assim, eu trabalho muito, então isso identifica a minha vida eu sei que a minha mãe sempre valorizou isso o estudo. Minha mãe valorizou, todos nós e graça a Deus, temos e conseguimos galgar alguma coisa com o nosso conhecimento com o estudo e isso me incomoda em ver</p>

	muitas vezes ali na linha vermelha que eu passo e vejo aqueles meninos vendendo bala, eu falo assim para o meu marido "poxa, esse menino deve ter uns 19 anos e está vendendo bala o dia inteiro, porque que ele não está estudando?". Então assim, isso me incomoda e me toca, por isso eu acho que tem tudo a ver com a minha vida."
5	"O fato de ser a minha identificação com eles principalmente é o fato de ser no caso das meninas de ser a mulher o esteio da casa, aquela que banca tudo que sempre a mulher que banca tudo é a mulher que fica com os filhos então a gente conversou muito isso, com a questão dos filhos, tá grávida quem vai ficar você então já sabe que vai ter que segurar, né...também passei, claro, criei dois filhos "praticamente" sozinha entendeu, me separei dos dois e tem a pensão de um, o outro nunca deu, então você, pensão não adianta nada né?! Eu me aproximo das meninas nessa fala. Trabalho, violência, alcoolismo. Pelo alcoolismo então eu tive primeiro pai da minha filha ele era alcoólatra, então assim a questão muito presente ai a gente para vai conversar né?! O abandono do homem em relação aos filhos com os meninos esse abandono o que você teve você vai querer para os seus filhos também? Então essa conversa aquilo que a gente sofreu né?! E outras sofrem...."

Fonte: Baseado em dados extraídos do NVivo11.4

5. Nó A Importância da qualificação profissional

Entrevistas x Referências núcleo Paraíba

Entrevista n°	Referência
10	<p>"A importância é vital. Porque assim, a ela vai dar um eixo ao programa. Porque assim, vai ter os PO, os professores orientadores das outras disciplinas do ensino regular e a ela vai indicar a formação inicial que eles poderão vir a ter. Não é que determina que ele vá seguir aquela ocupação, mas inicialmente, vai dar o primeiro passo."</p> <p>"hoje se fala muito em , né?! Mas talvez para algumas pessoas não esteja claro o que significa a . Então a importância vai depender da pessoa, depender da pessoa como ver o mundo e vive a vida, né?! Que algumas pessoas vão questionar, "mas eu tenho tantos cursos, eu fiz tantas coisas", então porque eu não estou inserido no mercado de trabalho? Mas a é estar inserido no mercado de trabalho? Não! Mas algumas pessoas vão dizer que é! Porque na cabeça delas a pessoa que é qualificada, isso é o que a mídia diz, isso é o que vem apregoando por ai, que a pessoa que vai estar no mercado a que vai estar inserida é a pessoa que tem mais . E aí a realidade vai mostrar bem que não é bem assim! Existem outros fatores que faz com que você entre nesse mercado né?! Quais fatores vc acredita que influenciam? Conhecimentos pessoais, ai é a alavanca que faz com que as pessoas cheguem, sem sombra de dúvidas, porque os processos seletivos que tem são muito manjados, muito traçado perfis inimagináveis, fora do contexto das pessoas, fora da realidade e da aparência que se apregoa né?! Os processos seletivos são muito esvaziados ainda e ainda a gente tem, sabe, assim, eu fico muito triste as vezes, como eu venho comentando eu sou professor da área da</p>

	<p>eu fico triste assim, porque eu falo, falo, a gente faz e a gente vê que o mercado é bem mais cruel, né?! Com essas questões e mais jovens de periferia a gente vê o quanto esse mercado é cruel. Porque assim, se é de um hotel por exemplo, se eu vou admitir, eu vou admitir quem? Quem eu acredito que é branco, que mora próximo, mas eu não vou querer gastar com quem mora no Alto do Mateus na periferia para trabalhar numa recepção, eu não vou querer um jovem negro, uma jovem negra, eu mascaro ali na hora do processo seletivo. Ai dizem assim, "ha, seu currículo é muito bom", mas porque não me contratam? Se meu currículo é tão bom, porque eu não sou contratado? "Você foi muito bem na entrevista", mas porque eu não sou contratado? Então você vai ver que as...como é que se diz, tem uma mensagem subliminar né?!"</p>
11	<p>"Porque hoje as escolas elas ainda são muito fragmentadas, os conteúdos ainda são bastante fragmentados, eles precisariam ser um pouco mais interdisciplinar e envolver justamente essa parte. Porque todo aluno que entra numa escola visa seu, visa uma, essa qualificação, ele busca esse conhecimento para entrar nesse mercado que é tão competitivo né?!"</p> <p>"Bem, a , eu acredito que deveria abordar 50% dos conteúdos do ensino básico, certo?! Porque quando o aluno termina os seus estudos, ele está munido de conteúdos, mas um conteúdo que não vai lhe trazer garantia nenhuma quanto a uma entrada no mercado de trabalho. Então a QP dá esse subsídio para o aluno pelo menos inicial."</p>
16	<p>"Para se ter um melhor desempenho na profissão que exerce, e também quer exercer porque também as vezes você não tem oportunidade de trabalhar mas fica buscando cursos de formação para quem sabe quando conseguir já ter pelo menos uma bagagem a mais né?! A oferecer no mercado de trabalho."</p> <p>"É de suma importância porque a partir daí você vai desenvolver todas as suas habilidades dentro da área que você esteja atuando."</p>
21	<p>"Para poder exercer cada vez mais sua profissão, que você desejou para sua vida e para cada vez mais a gente buscar isso, essa inovação essa busca pelo conhecimento e pelas relações sociais."</p> <p>"Então eu acho que é quando a gente inicia a vida profissional e isso ai já é uma peça imprescindível para a gente acho que cada vez mais a gente está ficando menos éticos profissionais né?! Tem casos ai, morte de não sei quem a enfermeira ficou filmando lá, tirou foto, colocou na internet, cada vez mais a gente está perdendo essa sensibilidade de profissional então é uma coisa que a gente deve frisar para os nossos alunos né?! Que eles comecem a ter essa nova visão. De uma postura mais ética na sua atividade profissional."</p>
27	<p>"das oportunidades devido a essa formação a questão de emprego mesmo. Além dele se apropriar de elementos necessários, elementos objetivos e específicos relacionados ao mundo do trabalho, ele também vai ter aí a abertura e oportunidade de se inserir no mercado de trabalho formal através dessa formação que é um pré-requisito para se entrar em muitos trabalhos e muitos empregos. O pré requisito é justamente ter essa formação."</p>

9	“Porque mundo é muito competitivo, nós devemos a cada dia nos qualificar mais, quanto mais qualificação tivermos mais chances e mais oportunidades teremos.”
---	--

Fonte: Baseado em dados extraídos do NVivo11.4

Entrevistas x Referências núcleo Rio de Janeiro

Entrevista n°	Referência
13	<p>“a pessoa ter uma participação maior na sociedade como pessoa, dando maior crescimento.”</p> <p>“A é tudo né?! Aquele que não se qualifica fica dando murro em ponta de faca, porque corre atrás daqui, corre atrás dali, fica mais difícil.”</p>
14	“Se deve buscar uma porque o mercado de trabalho está muito competitivo e você tem que estar bem preparado para poder conseguir alguma coisa.”
24	<p>“Eu sempre costumo dizer para os meus alunos que quem tem profissão não fica desempregado. Então a pessoa qualificada ela tem mais chances dentro do mercado de trabalho.”</p> <p>“Eu acho muito importante, porque eu acredito que quem tem uma formação tem mais chances no mercado de trabalho.”</p>
25	<p>“Hoje nós vivemos no mundo que não adianta você só procurar emprego, você tem que se qualificar, tem que ser técnico, tem que saber fazer alguma coisa e tem que saber fazer bem. Ao contrário você não consegue se manter no mercado de trabalho, não consegue nem entrar.”</p> <p>“É como eu já falei hoje nós vivemos em uma época que não é que não existe emprego, você tem que se qualificar para o emprego, seja em enfermagem, seja como garçom, seja como cozinheiro, seja como professor, se você não se qualificar você não entra no mercado de trabalho, então hoje é muito importante a pessoa ter uma qualificação. E se qualificar em algo que realmente goste.”</p>
26	<p>“O mercado é muito competitivo se o aluno o indivíduo não tiver uma qualificação acho que fica um pouco mais difícil para quem quer entrar no mercado de trabalho.”</p> <p>“É importante para o mercado de trabalho e para ter uma qualificação mesmo para ver se é aquilo que a pessoa quer né?! O mercado de trabalho hoje em dia tem que ter isso.”</p>
28	“Bem, buscar essa , conforme eu falei não é uma para um trabalho é uma visão maior que ele busca não na relação diretamente de uma profissão, mas um olhar em relação a outras alternativas de trabalho que ele vai ter. Uma oportunidade a mais que ele consegue.”
5	<p>“Para você até conseguir arrumar um emprego, para você exercer sua função de forma mais correta, perfeita, dentro daquilo que é a função no seu trabalho que está procurando pede.”</p> <p>“Gente é muito importante porque isso vai te dar um diferencial, como você tem que estudar, você tem que se qualificar, você tem que correr</p>

	atrás, se você soubesse mais alguma coisa, até experiência de já trabalho não! Tem que ter uma experiência de trabalho para se você, se você quiser entrar no mundo do trabalho, se você quiser né?! Porque tem outros que não querem não.”
--	---

Fonte: Baseado em dados extraídos do NVivo11.4

6. A Importância do trabalho

Entrevista x Referência núcleo Paraíba

Entrevista n°	Referência
10	<p>“Importância do seu trabalho para a vida dos educandos: Importante, porque eu sou muito combatido, porque eu sou muito combatido quando eu vejo essas questões de injustiça, tento de alguma forma colocar essa semente no coração e na cabeça deles, que é necessário a , não só a qualificação, mas as outras disciplinas também que são necessárias, porque se a gente não se adequa a um padrão também a gente não sobrevive. Então você acredita que seu trabalho é importante porque você passa para eles essa luta por...Cidadania! Por direito! Por inclusão!”</p> <p>“Vou começar pelo alto do Mateus. Pelo Alto do Mateus, eles já me conhecem, né!?Do alto do Mateus principalmente porque a maioria dos alunos daqui me conhecem já, que eu fiz outros trabalhos nas ONGs aqui do bairro e sempre tenho estado a frente na liderança dos trabalhos aqui nas comunidades e para o Programa torna o núcleo referência, mas a referência não só (nome do entrevistado), mas a referência da equipe. Equipe de gestores, de educadores, de grupos culturais, tudo que a gente faz aqui é consultado com os grupos, com as pessoas a gente atrás esses parceiros para dentro.”</p>
11	<p>“Como é difícil essa pergunta, acho que é melhor perguntar a eles não?! Não, mas é uma auto crítica! Nossa...Bem, eu diria que eu deixei algumas marcas na vida desses alunos certo, e penso que foram marcas positivas, até porque, pelo carisma que eles tem conosco, pelo carisma que ele tem comigo, se eu não posso dar aulas eles, por exemplo hoje é plantão, eu não tenho aula, mas durante a semana todos os dias eu dou aula, se por acaso eu não der aula um desses dias eles vem aqui atrás de mim, saber o porque que eu não fui para a sala de aula, e nem é porque é para eles não ficarem sem aula, porque eles não ficam, mas é porque eu faço falta, então se eu faço falta, enquanto professor significa que o meu trabalho tem tido importância na vida deles.”</p> <p>“eu poderia dizer a você que o meu trabalho só seria importante aqui no alto do Mateus, mas não é. Verdade porque se hoje o núcleo Luiza Lima Lobo que é no Alto do Mateus é uma referência para o Brasil, então eu posso dizer que o trabalho que a gente realiza aqui, ele não foi só específico para a comunidade, certo?! Ele teve uma ampliação maior, ele teve uma visualização maior. nome (coordenador PMJP) levou vários trabalhos que a gente fez aqui e de outros núcleos também para o MEC, mas a participação realmente ativa dos alunos éee, houve nos outros núcleos também a participação, mas não como foi nesse núcleo, porque os alunos</p>

	<p>daqui eles sentem vontade mesmo de participar eles não são coagidos, eles não são pressionados, eles realmente se apaixonaram pelo programa se sentem pertencentes a essa comunidade e com essa vontade de fazer.”</p>
16	<p>“Bom eu tento ajudar da melhor maneira possível, como é do arco de educação né, para nós que estamos na escola é bem mais fácil de se trabalhar com eles, ai na questão assim, do que precisa, de alguma orientação, explicar como é que funciona o dia a dia da escola, cotidiano, em alguns pontos positivos e negativos como é que a gente tem que se virar em determinadas situações.”</p> <p>“Eu acho que é importante a pesar de ser pequenininho diante de toda uma sociedade, mas eu acho que alguma coisa eu faço para beneficiar aqueles que por mim passam né?! Quer seja na sala de aula, quer seja na direção eu tento contribuir com o pouco que eu sei, mas eu acho que eu ganho muito mais do que dou, porque eu aprendo muito mais com eles, a conviver, aceitar a partilhar.”</p>
2	<p>“Como assistente pedagógica a gente, é porque de lá do ministério veem o material e é só executar. É um material muito bem bolado, muito bem trabalhado, com essa temática. Ai qual é o nosso papel? É hoje quem forma é uma instituição é o IDEAs que é uma instituição que forma os professores, o professor qualificado e também o acompanhamento de processo pedagógico é feito por mim e pela a equipe.”</p> <p>“Ai é um pouco complicado, porque a gente se alto avaliar. Mas eu vou falar, eu sofri um pouco porque a gente sai do ensino regular para um ensino como o do Projovem a gente sente, a gente sente, o regular é aquilo que a gente tinha na unha como se diz e quando se chega no ProJovem, o Projovem é um projeto, é uma proposta muito boa, agora precisa que a gente estude, mesmo já tendo experiência um pouco mas a gente tem que estudar, porque existe muitas anomalias que no ensino regular a gente não vê, a partir do sistema de avaliação a avaliação do ensino regular é prova, é trabalho, na própria universidade, não precisa ir muito longe não e aqui eles se auto avaliam. Que tem um instrumento que exige que eles coloquem ali o dia a dia deles. Eu acho positivo assim, pelo sentido de ele mesmo ver a construção dele o que eu cresci o que eu caminhei em mais longos passos foram mais árduos, por outro lado eu penso que para o professor é preciso que ele tenha muita habilidade para trabalhar com o material o professor não é mais aquele professor de aula, quadro e giz, não é mais isso, é preciso que eles avancem mais. É preciso que eles criem mais e justamente que se chama de auto avaliação ocorre isso.”</p>
21	<p>“Então eu acho que para nossa alunos, eles tem o professor como um grande espelho para os alunos e serão os futuros profissionais então a gente somos os transformadores né?! O transformador social, relacionado na vida desses jovens e eu acredito que o professor tem um grande impacto na sociedade. Para eles é isso mesmo o espelho é uma pessoa que você pode acreditar, que você pode conversar.”</p> <p>“Então eu tento cada vez mais me inteirar com eles, ser muito acolhedor. De vez enquanto é meu plantão. Todo professor tem um</p>

	<p>plantão, hoje é o meu plantão, não entro em sala de aula fico esperando para tirar dúvidas de alunos, geralmente eu fico ali na frente para receber os alunos para conversar com eles e a gente ver que a falta de dinheiro para eles é muito grande, mas eu acho que não é nem tanto a bolsa que prende o Aluno, acho que ela fica em segundo lugar, acho que primeiro é o acolhimento do aluno. Ele quando se sente acolhido num núcleo quando ele vê que não há uma diferença, não certa diferença mas que não há uma categoria que limite a relação dele com o professor eu acho que ele se sente acolhido e volta para o núcleo ele veio e volta, ele se mantém, ele permanece.”</p> <p>“Então são sobre tudo esses relatos dos alunos, de acreditar que a gente está fazendo um, tá plantando a sementinha ali que pode brotar uma árvore aí de transformação e assim eu acredito que a nossa postura é muito importante nesse processo também de a gente ser amigo mas na hora de puxar o orelhinha também saber puxar.”</p>
27	<p>“Eu avalio como um mediador do processo, mais um mediador do processo de ensino e aprendizagem, então eu era o articulador, para que o programa de fato pudesse acontecer como o projeto pedagógico integrado previa. Sempre levando em conta que o protagonista do programa era o jovem, não era o coordenador, não era o professor, não era a Secretaria de Educação, era o Jovem. Esse jovem sempre era ouvido e era levado em conta para o desenvolvimento das nossas políticas, das nossas ações.”</p> <p>“Olha é são várias as visões a cerca do Projovem, seja do diretor, do gestor ou daquela parte da sociedade que enxerga o jovem como o jovem do Projovem como sinônimo de um jovem problemático, do jovem problema, do jovem que não quer nada, do jovem "sem escola" e o Projovem abraçou. A aquelas pessoas que realmente entendem a necessidade de uma política pública voltada especificamente para esse jovem que não tiveram recursos para concluir esse percurso que é fundamental. Então assim é muito relativo não tem como a gente simplificar e dizer que foi assim ou assado, mas a gente vir trazer essa discussão a tona desse jovem, que é um jovem que para muitos incomoda muito.”</p>
9	<p>“A minha disciplina ela, a primeira abordagem que eu fiz com os alunos, foi levando-os a perceber que o inglês já fazia parte do cotidiano deles e quando eu fiz a pergunta quem falava inglês na sala, a resposta foi unanime todo mundo disse "eu não falo", mas depois que eu apresentei para eles o Hambúrguer, o cheese burger, o catchup, a maionese, todo mundo começou a acordar, "aaa tem cream-cracker" , tem a pasta tal, então eles se descobriram que já falavam inglês, entendeu, essa foi a primeira abordagem, foi maravilhoso eles verem e eles começaram sabe...era muita coisa que eles começaram a perceber que já falavam inglês no seu cotidiano, então o que eu iria fazer era melhorar esta forma deles utilizarem.”</p> <p>“Bem, primeiramente eu acho que a minha importância é de poder ajuda-los a compreender que eles tem alguém no mundo vamos chamar de um parceiro, que vai ajuda-los quando eles</p>

	necessitarem, as dúvidas, também outra coisa, na motivação, porque eu acho que o programa ele trabalha muito com isso, com a auto estima, que isso ai é que é que faz a diferença, porque nós trabalhamos muito com a auto estima dos alunos, nos assuntos abordados, nas temáticas abordadas, ela nos leva sempre a ter refletindo, pensando eles opinando, então isso eu acho que é muito motivador, para o aluno faz toda a diferença, porque em outros cursos o aluno não tem tanta abertura para falar como tem no ProJovem.”
--	--

Fonte: baseado em dados extraído do NVivo11.4

Entrevista x Referência núcleo Rio de Janeiro

Entrevista n°	Referência
13	<p>“Eu fui apoio a direção, eu na verdade só ficava na secretaria, eu dava entrada dava saída ajudava em alguma coisa.”</p> <p>“Você tinha contato com eles de conversar alguma coisa desse tipo? Não. E nem de chamar atenção? Ha de chamar atenção sim, na época sim. E de conversar mesmo na época, assim, não falta etc. De conversar e incentivar sim.”</p> <p>“Eu acho importante a Bessa, eu acho muito importante, a gente abre o horizonte né, educação na vida de uma pessoa é tudo, então se a gente puder ajudar de uma forma ou de outra.”</p> <p>“Acho que é uma luz no fim do túnel, sem educação não vamos a lugar nenhum. E para a vida dos educandos? também. A gente sempre procura fazer o máximo, né! Eu dou o meu melhor.”</p>
14	<p>“Eu acho que eu faço parte do processo a partir do momento que eu acho que eu gerencio né?! Esse processo né?! Dessa forma que eu falei com você, fazendo com que eles sejam inseridos no espaço da escola, que eles participem do projeto, sempre quando eles "A formatura", faço questão de fazer uma festa de formatura para eles, faço questão sempre de fazer uma culminância do projeto deles, de sempre incentivar o que eles tem para mostrar de proporcionar sempre os passeios que tem para ajudar na deles. Eu acho que a minha importância é essa é poder proporcionar a melhoria das condições deles para eles poderem cada vez ficar melhores.”</p> <p>“Eu acho que a base, na educação é que a gente espera a melhoria de tudo do país, a pesar de estar cada vez mais difícil, a gente ainda acredita na educação. Eu acho que através dela que a gente pode melhor muita coisa. Se a gente não acreditar nisso é melhor pegar a bolsa e ir embora.”</p>
22	<p>“Na língua portuguesa, tentei mostrar como se falava né?! Como você chegar para falar com alguém, na matemática, mostrei problemas do dia a dia, do cotidiano como você usa a matemática, ensinei inglês também, algumas palavras básicas, para que eles soubessem se comunicar com as pessoas e eu procurei assim sempre estar envolvendo alguma coisa para a realidade deles né?! O cotidiano também faz parte do processo de !”</p>

	<p>“Não sei o impacto do meu trabalho para a sociedade de uma forma geral, gostaria de saber como ficou.”</p>
24	<p>“Olha eu acho que o gestor ele propicia qualidade no ensino a medida que ele é um estimulador né?! Para o crescimento pessoal, tanto do corpo discente como docente. E eu acho que eu fazia muito isso, eu tinha muito cuidado na escolha dos professores, o ProJovem me dava essa possibilidade. De escolher os professores com quem eu ia trabalhar. E na questão dos alunos também essa questão de insistir com eles que era um trabalho no início de insistência mesmo até que eles fizessem essa relação transferencial né?! Com a escola, com os professores e com o projeto.”</p> <p>“Eu acho que eu coloquei um pedacinho de mim na vida deles porque você pode dar muito de você também, né?! Para sua turma. E como eu te disse eu sou apaixonada por pessoas, gosto de trabalhar com todas as faixas etárias. Eu acho que o professor ele marca a vida de um aluno e a gente se preocupa assim de marcar positivamente né?!”</p> <p>“Com certeza quando eu vejo (nome de ex aluno) tem outros também, eu tenho um que ele não concluiu o Projovem e ele vende biscoito no sinal, água, gente toda vez que ele me encontra "ou diretora" me dá uma água e fala "olha aqui foi a minha diretora" (risos) eu acho muito legal e eles gritam aí as vezes o motorista da combe lá na cidade de Deus quando eu passou "oi diretora" eles são alunos que valorizam, muito legal isso. Assim, a gente espera que a gente contribua com um tijolinho na formação deles né?! E o fato de eu não poder salvar uma turma inteira não me desmotiva, porque se eu puder salvar 1, 2 já é alguma coisa.”</p> <p>“Assim, dentro da comunidade que eu trabalho eu tenho que, eu tenho uma máxima, as pessoas dizem "á que você é funcionária pública", eu não gosto desse estigma, eu digo que eu sou servidora pública, e eu tô ali para facilitar a vida das pessoas possibilitar, aumentar as possibilidades das pessoas, eu acho que eu consigo fazer isso a medida que eu visto a camisa, me comprometo, dentro das minhas possibilidades. Sim, porque a gratidão do outro faz com que ele se comprometa com o seu objetivo, e eu consigo na maioria das vezes realizar o trabalho que eu me proponho, diante dessa possibilidade que eu tenho de me dar com pessoas de ...é uma facilidade minha, eu nunca precisei gritar com um aluno para que ele fizesse o que eu estava propondo para ele ou com um colega.”</p>
25	<p>“Olha eu sempre acreditei que eles me levam. Como referência como paradigma e sempre você tenta passar o conteúdo além do conteúdo a vivência também sempre melhorando a auto estima deles.”</p> <p>“Hoje eu tenho alunos que hoje são professores, eu tenho alunos, quer dizer ele alunos que são policiais, eu tenho inclusive um ex aluno que trabalha em Furnas.”</p>

	<p>“Eu sempre procuro me colocar como exemplo para eles, eu sempre procuro mostrar que a vida nem sempre foi fácil, para mim e que não é fácil para ninguém e que você tem então que procurar melhorar. Eu acredito que isso impulsiona sim. Eu participação e , desculpa para eu me lembrar desses nomes técnicos, se fosse ano passado eu me lembrava só que esse ano vocês acabo me esquecendo.”</p> <p>“(…) e muitos deles mais tarde vem me agradecer. Professor tudo aquilo que você me falou aconteceu. De reconstruir sua própria existência, a sua história, deles darem o primeiro passo e deles conseguirem sair de um ser estagnado, de um ser travado. Tem que dá o primeiro passo e não esperar cair né?!”</p>
26	<p>“A minha função era só orientação-los, eu não tinha nenhuma outra participação. Apoiei a escola sempre, estava sempre em teatros, eu ia lá na CRE e pedi ônibus, mas é difícil. Como eu coordeno os projetos, os projetos tem direito a 2 ônibus por ano para passear, então o que eu fazia a escola que eu via que não ia nenhum projeto então eu pegava aquele ônibus e passava para eles. Eu estava sempre junto deles.”</p> <p>“Acho que o estímulo, o modelo a referência, mostrar para eles a necessidade do estudo e a valorização, porque a rua está cheia de facilidade né?! Você sentar no bando de uma escola não é tão simples! Eu falo isso também para os que eu agora acompanho, realmente é mais fácil você ganhar 10 reais de bala ali vendendo no sinal do que você ficar sentado no bando de uma escola estudando, mas amanhã você vai ver que aquilo ali vai te levar mais longe.”</p> <p>“O impacto de resgatar esses jovens fazendo com que eles acreditem que ainda há possibilidade de uma vida melhor, buscar outras coisas para eles, para a família deles, para os filhos, porque a grande maioria tem filhos né?!”</p>
28	<p>“Eu acho que acrescentar mesmo, acrescentar, participar, passar isso junto com os professores, é fazer o professor acreditar, porque que ele está ali, qual a importância dele, qual é o papel dele junto desse jovem então mesmo distante e perto e eu acho que quando eu sinto alguma coisa que, poxa... per aí.... na própria formação a gente faz muitas colocações em relação as afetividades, dessa busca, desse porque que ele não veio...Eu acho que meu papel é muito de preocupação e de pensar no núcleo junto dos professore e dos professores desempenhar um papel muito bom, porque o professor precisa, ele não pode estar ali, só pelo financeiramente ele precisa estar ali de corpo de alma e sair buscando esses jovens.”</p> <p>“O meu trabalho eu acho que é a importância dele continuar no ProJovem ele vê que isso é não é um programa a mais, é ele ver que isso é um programa que faz a diferença na vida dele. O que eu faço aqui é realmente fazer as pessoas acreditarem nisso, os professores, a própria escola, o diretor da escola, o próprio aluno, ele tem que acreditar nisso porque não pode ser um trabalho qualquer, ele tem que vê que é importante, eu acho que é valorizar</p>

	<p>isso mesmo. O profissional valorizar o educando, ele tá lá na ponta, mas ele sabe que tem alguém que também está com esse olhar junto com ele, não um olhar distante, mas um olhar bem pertinho dele.”</p> <p>“Eu quando vejo no final o percentual dos jovens que chegaram a concluir, o quantitativo eu falo assim, poxa isso faz a diferença, porque não é só ele terminar, é como ele vai fazer a diferença no lugar que ele mora em relação a outras pessoas, e ter esse engajamento para trazer outras, como você falou quando ele fala do ProJovem, vou te dá um exemplo, teve uma pessoa aqui, eu não sei se ele é assessor do prefeito, quando ele falou do ProJovem quando ele estava ai nas comunidades para falar de outras coisas outros assuntos, qual o programa que vocês acharam interessante? Eles falaram que era o proJovem! Ai ele me chamou para eu falar do ProJovem, então isso é importante é um programa que deixa realmente marca. Ele para me chamar para me falar sobre isso eu achei muito importante.”</p> <p>“Eu acho que o resultado, você não está trabalhando em vão você tem uma resposta do trabalho. Ela muitas vezes nem sempre é de longo prazo, ela pode ser de curto prazo, acho que isso é importante você realizar um trabalho e você vê que isso é uma semente que você planta várias sementes.”</p>
5	<p>“Eu acho que o impacto do trabalho é importante porque eles tem uma certificação, tem a escola, tem um outro ambiente, até eles verem um outro mundo que é um mundo dai de dentro. Construir novas referencias e ampliar a visão.”</p> <p>“A eu acho que é muito importante eu tenho essa certeza. E gosto porque eu acho que é o seguinte, eu acho que a gente não vai morrer nunca. Essa é aquela certeza de que você por mais que...ha por mais que você: eles são bagunceiros, ou não te dão atenção, estão preocupado com outra coisa, sei lá o que seja, mas você tem sempre um ponto, por exemplo eu não sou ansiosa nessa questão. Eu acho que quando lá...educação é assim para bem depois. Não é para agora ela é para depois. Então a hora que você der o estalo que o estalo é diferente para cada um. Não é no mesmo momento, ele vai acordar, ele vai lembrar daquilo que você falou que você precisa estudar, que você precisa pesquisar, que você entendeu?! Alguma coisa você deixa. “Não tenho erro quanto a isso, alguma coisa você vai deixar marcado.”</p>

Fonte: baseado em dados extraído do NVivo11.4

7. Nó Infraestrutura

Relação entrevista x referência núcleo Paraíba

Entrevista n°	Referência
10	<p>“Eu utilizo todos, projetor multi mídia, quadro, que eu escrevo trabalho muito com dinâmicas de integração, entrosamento, revistas, eu trabalho com tudo. Porque a minha aula é mais de dialogo de entrosamento e de desenvolvimento pessoal . São os conteúdos que eu vou adequar mas a minha aula é mais de interação de desenvolvimento e de crescimento.”</p>

	<p>“Todos não né?! Sempre falta uns. Tipo, nem sempre a gente tem as revistas, nem sempre a gente tem material assim para a gente fazer o que a gente queria, a gente quer fazer um painel mas não tem um tecido uma coisa, uma tinta p fazer um grafite a gente não tem, mas a maioria a gente tem. Retroprojeter não tem para todo mundo ai tem que negociar como é que fica né?!”</p>
11	<p>“Não! O que falta? Essa sala de informática mesmo faz muita falta, mas é...eu acho que isso e talvez uma participação maior de algumas secretarias, porque por exemplo, eu consegui concluir o meu plano de ação mas ele não ficou completo porque? Porque algumas secretarias quando eu e os alunos fomos atrás enviamos ofícios para tentarmos recursos nós não fomos atendidos porque eles alegaram estar em processo de licitação certo?! Então assim, já faz muito tempo que está em processo de licitação, então essa licitação é até quando?”</p>
16	<p>“A gente já separou um espaço lá na sala de leitura ai tem todo o material do ProJovem, a gente tentou assim para eles também teriam identidade deles né?! Como eles disseram, eles chegaram numa casa que já estava caminhando. Tem escolas que a noite funciona só o ProJovem, aqui não, ai o pessoal se sentiu meio assim, invadido.”</p> <p>“Bom meu trabalho ele é mais direto, porque como eu estou na direção além lógico de notebook essas coisas que a gente precisa, mas é mais o relacionamento com eles, é mais passar nas salas para saber como estão se estão precisando de alguma coisa.”</p> <p>“Não porque tem alguns recursos que não dependem só da minha pessoa dependem de uma questão da gestão administrativa superior, porque as vezes acaba, para manter o ambiente mais saudável, prazeroso, mais organizado, existem algumas coisas que precisam vir de lá. Para você ver a escola está suja as paredes, então assim, se torna um ambiente até um pouco desagradável para quem está vindo. É mais uma questão administrativa e financeira porque depende de dinheiro também.”</p>
21	<p>“Dos mais diversos possíveis de...eu apresentei até um trabalho no congresso nacional de educação de quais são as didáticas que a gente faz com bichos, trazer placas eletrônicas da sala de aula, sair, ir caminhar no entorno da escola. Para cada vez mais consolidar esse conhecimento que é visto em sala de aula e foto em prática.”</p> <p>“Não, mas o que eu tento fazer é cada vez mais utilizar recursos de baixo custo. Eu tento solucionar na maioria das vezes.”</p>
27	<p>“Considero, que devido esse olhar da Secretaria de Educação do município a gente conseguiu ter autonomia e autoridade para que o projovem do município de João Pessoa se tornasse referência nacional isso foi dito pelo próprio ministério da educação a gente conseguiu cumprir todo o projeto pedagógico e a gente inovou em diversas áreas em diversas ações como o Sextou e o ProJovem Fashion week.”</p>

9	“Todos não porque nós temos a falta dos computadores. Bem a direção já fez pedido, até mesmo nós do Projovem já pedimos que concertassem os computadores, mas infelizmente até o momento não foi nada feito ainda.”
---	---

Fonte: baseado em dados extraído do NVivo11.4

Relação entrevista x referencia núcleo Rio de Janeiro

Entrevista n°	Referência
13	<p>“Pode ser computador, power Point, lápis, papel, impressora, scanner, caneta, copiadora. Você teve acesso a tudo isso? Sim. Qual a importância deles para a realização do seu trabalho? Assim os materiais foram muito bons do Projovem, os livros eram excelentes, chegou todos e na data? Sim.”</p> <p>“Você considera que obteve todos os recursos necessários para a realização do seu trabalho? Sim!”</p>
14	<p>“Eu utilizo, internet, computador, celular, telefone, redes sociais. A escola tem grupo de Whats app da escola Juliano Informa, que eu passo alguns informes importantes, para os educadores reunião, informes importante e email e tem funcionários também. Os alunos não tenho. Para o Projovem a escola tem o facebook que os alunos acessam. "Escola Municipal Juliano Moreira Pechincha".”</p>
22	<p>“Não, poderia ser melhor. O esforço dos superiores em organizar mais.”</p>
24	<p>“Eu tinha tudo, computador, impressora, papel, internet, telefone, ônibus para ir ao teatro, ingressos, merenda, o lanchinho dos filhos, a recreadora que ficava com os filhos.”</p> <p>“Olha nem todos né, porque o próprio material didático custava muito a chegar, o próprio calendário do ProJovem as vezes dificultava, a questão da matrícula ser muito longa, e muitos desistiam, "ha vai começar as aulas quando?" Da matrícula até o início das aulas demorava muito, e a gente fazia pirueta, inventava lanche para eles não sumirem, não evadirem. Porque da inscrição ate'o início das aulas era 4 meses que demorava. E ai a gente ficava chamando eles periodicamente para ir na escola, a (coordenadora da CRE) ia no comercio catar aluno quando não tinha muito, andava por ali caçando "vcs não querem estudar não?" E o pessoal ia (risos) Foi uma luta árdua para manter o proJovem, essa comunidade não pode perder isso, a gente lutou 3 anos para que pudesse sempre manter a edição.”</p> <p>“as aulas de informática a gente tentava, mas a questão dos laboratórios de informática no município não funciona, os computadores são muito antigos, a internet é muito lenta, a professora insistia e ela consegui trabalhar com eles. Ela entrava bem antes p ligar os aparelho para ver se estava funcionando, mas eles usavam, vivam chamando help desse p que eles tivessem a aula porque eles adoravam.”</p>
4	<p>“Instrumentos, muitas vezes eu usei dvd, muitas vezes eu usei caneta no quadro, tv com o dvd, data show, que eu trazia muita</p>

	<p>coisa do youtube, trabalhei muito trabalho de mídia e joguei no data show, eu tb usei o material cedido pela CRE como, taças, talheres, toalhas, trabalhamos plantando, a questão do lixo também, chegamos a catar o lixo na rua para tirar o plástico , separar lixo o material orgânico do material plástico, do material papel, você trabalha também essa questão do entorno da escola e da comunidade.”</p>
26	<p>“Email, computador, internet, carro, há uma gratificação para atuar no projeto que me ajudou com isso. Nem sempre segurança, mas as condições físicas sim.”</p> <p>“O material de foi todo comprado, eles tinha o acesso a tudo o que eles precisavam, taças, copos, talheres, guardanapos, toalhas, tudo. As vezes os livros demoraram um pouco a chegar, mas isso independe da prefeitura isso é problema do MEC.”</p> <p>“Sim eu tive todos os recursos necessários.”</p>
28	<p>“Olha só eu geralmente quando eu preciso ir em alguma escola mais distante eu não tenho grandes problemas, eu tenho computador, tem internet tem material, a própria comunicação com o mec é fluida, eles dão o retorno, teve um problema porque eles mudaram o sistema ai na mesma hora que eu tive que parar eu liguei para eles e eles deram o retorno. Existe acessibilidade das informações. Tem o material que as vezes demora em chegar e tal, isso não é um grande problema , mas...o recurso para a merenda é da própria prefeitura. Então assim eu não tive grandes problemas. Sim tive todos os recursos necessários.”</p>
5	<p>“Tá ai nós começamos em 2012 e começamos no molde que era para ser professores diferenciados por disciplina, aí viu que não caberia muito aqui no Rio de Janeiro, ai eles fizeram um acordo para ser professor generalista então o professor de inglês não, nós tínhamos um professor específico de inglês, isso no início e a prioridade era o professor já ser da escola. Professor tinha que ser do município, professor1 de uma determinada disciplina, não podia ser professor 2, se fosse professor 2 depois abriu para isso, ele teria que ter uma formação de nível superior. Professor 2 é aquele que faz o concurso para trabalhar de primeira até a 4 série até o fundamental 1 e professor 1 é aquele tem que a formação para trabalhar no fundamental 2 que é de 6 ao 9 ano. Então essa era a característica. Tinha que ser todo mundo professor, na primeira vez todos os professores 2 que trabalham concursados (ruído) e ter essas seguintes características e ele sabendo que ele seria generalista e o professor de inglês separado. E também na primeiro como nós fizemos aqui no Rio de Janeiro o módulo foi de administração que não é nem auxiliar, o arco ocupacional é administrativo, porque não é nem auxiliar é o administrativo ai sim eles contrataram a secretaria contratou profissionais ligados a área administrativa. Que nada tem a ver com o município. As pessoas do arco foram profissionais a parte e contratados fora do município pela secretaria, esses profissionais, já eram profissionais cadastrados. Porque o</p>

	primeiro ProJovem do Rio de Janeiro foi se não me engano em 2005 o ProJovem original foi coordenador pela secretaria municipal de assistência social, alguma coisa assim. Ai essas pessoas já estava cadastradas porque elas já tinham trabalhado nesse Projovem de 2005 eu acho. Entendeu, ai essas pessoas foram e ai elas que trabalharam pelo ProJovem.”
--	--

Fonte: baseado em dados extraído do NVivo11.4

8. Nó Parceiros de Trabalho/ trabalho em equipe

Relação entrevista x referência núcleo Paraíba

Entrevista n°	Referência
10	<p>“todo mundo né?! Os educadores, a gestão da escola, os próprios alunos, o EJA também que a gente trabalha integrado com o EJA muitas atividades a gente faz junto com o EJA, a comunidade também né?! Porque a gente quando vai desenvolver as atividades externas aí a comunidade também vai prestigiar. Existe alguma instituição que é parceira do programa? Não, mais escolas, as gente faz os convites para a gente participar, as escolas vão lá os eventos. Os grupos culturais da comunidade. Os grupos de capoeira, de musica, grupos diversificados.”</p> <p>“Total, quem faz um bom trabalho sozinho? A gente tem pernas para isso? Se a gente não tem o apoio da gestão, não tem o apoio de todos os educadores, com a sua riqueza de diversidade é impossível a gente desenvolver um bom trabalho. Por mais que se diga e queria ser o super homem, ou a mulher maravilha é humanamente impossível desenvolver um trabalho que possa ter o êxito.”</p> <p>“Tudo aqui é consultado é exposto para equipe e definido como será realizado, quando é atividade integrada que a gente tem muita atividade integrada. Então todas essas ações que foram expostas são definidas como sendo realizadas em equipe? É as atividade integradas as ações integradas que ai tem outras ações que eu trabalho só com o grupo de QP no planejamento que a gente faz quinzenalmente a gente passa a metodologia junto com outros parceiros e no meu caso são 5 arcos de educação, são 5 educadores, a gente define juntos como será a metodologia.”</p>
11	<p>“De forma bem democrática, tudo que a gente vai fazer todos os projetos que a gente fez até agora foi em comum acordo não só com os professores, mas também com os alunos, a gente pede muito a opinião deles. Por exemplo: Hoje é sexta cine, foi sugerido por alguns dos próprios alunos. Essa sexta cine foi uma sugestão dos alunos e não está previsto em nenhum manual de formação de vocês? Não, não está, mas nós adotamos como projeto contra a evasão! Porque nas sexta-feiras os alunos eram poucos os que vinham para o núcleo, né...por ser final de semana, ai (nome do coordenador) criou o primeiro sextou, que foi um evento grande para dinamizar as sextas-feiras e ai a gente meio que copiou o sexto, não como um evento de grande porte como foi ele, mas agente trouxe para dentro do núcleo mesmo essa questão da sexta cine,</p>

	<p>alguns vídeos a gente trouxe e os alunos não gostaram, então a gente deixa que eles próprios escolham os temas, o gênero, entendeu?! Quinzenalmente a gente faz isso. E tem surtido efeito, eles tem freqüentado mais as sextas feiras.”</p> <p>“Os pais nem tanto, como a gente trabalha com jovens de 18 a 29 anos a gente não tem muito contato com a família deles, certo?! Mas nos temos parceiros, um grande parceiro nosso é gestão da escola, que acolheu o programa, a PMJP que viabilizou muita coisa para que algumas ações realmente acontecessem, alguns artistas locais aqui do bairro do alto do Mateus, que são parceiros muito presentes, tanto na comunidade como aqui dentro do ProJovem, os moradores, que já enxergam o ProJovem de uma forma diferente e os alunos.”</p> <p>“Eu acho que em outra pergunta eu disse a você que a equipe aqui do núcleo é, se eu pudesse dar uma nota para a minha equipe eu diria que ela é 10, porque nós realmente nos unimos, tudo que a gente faz aqui é dialogado antes é articulado antes, a gente se apoia bastante então assim eu não tenho o que falar da minha equipe, eu acho que a minha equipe tem grande relevância no meu trabalho.”</p>
16	<p>“Sinceramente só a condenação atual, os funcionários da escola, os alunos da EJA e a coordenação do programa. Fora da comunidade escolar tem o pessoal da capoeira, porque teve um evento o pessoal da capoeira quis tentar fazer um trabalho, sempre quis conversar com (nome do coordenador) para fazer um trabalho porque muitas vezes o aluno na sexta feira que é o nosso calcanhar de Aquiles, na sexta feira não querem vir e as vezes tem capoeira e alguns vão para lá, ai ele quer tentar ver como faz para começar um trabalho com o pessoal do ProJovem porque vai precisar de roupa essas coisas, mas fora a escola, pelo menos aqui no Luiza Lima Lobo a gente não tem muito não. É mais a gente e a coordenação.”</p> <p>“Eu acho que a equipe eu não tenho do que reclamar, é uma equipe muito boa, que se entrosou muito bem entre eles e principalmente coma escola, então a gente tudo trabalha conjuntamente, tudo o que eles vão fazer é combinado, mesmo na direção não está exclusivamente voltada só para o Projovem, mas tudo a gente combina, eventos que vai ter, um atividade diferenciada, um passeio, tudo a gente combina conjuntamente. Então a equipe é muito boa, precisou sair uma professora entrou outra, mesmo perfil da que estava assim, só veio para somar sabe. E são pessoas que lógico, cada um com a sua diferença com a sua particularidade mas que tem uma mesma linha de trabalho.”</p>
2	<p>“Eu não trabalho só eu trabalho com a equipe, o acompanhamento do processo de formação e o processo mesmo de sala de aula, o dia a dia a rotina, a gente tem essa preocupação de ir visitar os núcleos de ver como está o acompanhamento do professor com o aluno, e também assim é um processo que muitas vezes até a gente pode achar ha isso é a mesma coisa, mas não é o material confeccionado é muito</p>

	<p>bom, chega o material, teve um atraso assim de dias, mas é porque as vezes tá no deposito ai sai do deposito até chegar na escola, mas, um atraso assim, generalizado não existe, é uma assistência bem permanente. E a sistemática deles de trabalho, que o professor usa com eles que ele acha que deve usar a metodologia dele, a gente não interfere porque o próprio material já direciona o trabalho, sabe. E isso é uma coisa que dá muito subsidio para a gente, como pedagógico é um programa que contempla. Mas você sabe que depende muito do aluno, que você pode ter mil e uma estratégias, mas se você não quiser.”</p>
21	<p>“Eu acho que 90% não, mas uns 70%, por exemplo as vezes alguém tem um problema ai o outro diz não entra deixa que eu entro na sala, fica ai que depois vc pega a minha aula. Eu acho que isso é um apoio para a atividade.”</p> <p>“Então principalmente os docentes, os colegas de trabalho os outros professores, os alunos também a gente tem uma relação muito boa, tem um grupo no whats app que qualquer novidade ou até mesmo coisas de emprego, primeiro emprego, a gente joga no whats app para eles começarem a se antenar nisso e tal.”</p> <p>“Os gestores temos uma relação maravilhosa. É raro ter relação com pais de alunos por conta da faixa etária porque eles já são jovens adultos. A gente tem mais relação com os filhos deles, porque eles estão na sala com a acolhedora então a gente...”</p>
27	<p>“É reuniões semanais. Toda semana a gente se reunia, e tanto a parte da qualificação como reuniões voltadas a parte da formação continuada. Então as reuniões culminavam em execução dos laboratórios no caso da qualificação e no caso da formação a gente tinha formação continuada dos professores de 15 em 15 dias. A formação se dava na universidade federal da Paraíba.”</p> <p>“Instituto ideias, mas o principal parceiro da gente foram todas as secretarias da prefeitura municipal de João Pessoa. Como o programa ele exige esse caráter intersectorial então outras secretarias foram envolvidas foram parceiras do nosso programa, como por exemplo a FUNJOPE é responsável pela parte da cultura de eventos culturais foi uma grande parceira nossa na execução do ProJovem Fashion Week e de outros eventos, a estrutura, a logística, então assim, a gente teve uma grande parceria com essas outras secretarias da prefeitura.”</p> <p>“Foi fundamental também essa parceria para que houvesse um espaço para fazer as coisas acontecerem, para que houvesse um fortalecimento do fazer educativo. Então assim, a gente conseguiu mobilizar a partir de atuar de uma forma integrada. As atividades desenvolvidas forma várias então desde as questão para mudar questões para a gente poder trabalhar habilidades de socialização, da questão dos valores humanos até mesmo a questão do conteúdo formalmente colocado, né?! Então a gente teve inúmeras atividades desenvolvidas, mas</p>

	<p>principalmente a gente pode elencar habilidades de se colocar de uma forma mais ativa, de uma forma mais a protagonista da sua própria vida, entendeu?!”</p>
8	<p>“Dos núcleos assim, os gestores são os mesmos gestores da escola, então toda escola tem seu gestor geral e seu gestor por turno, então que a gente chama de adjuntos, aí o que que acontece, o gestor por turno, então o ProJovem funciona a noite ele assume essa responsabilidade embora a responsabilidade maior seja do gestor geral, né, pq é uma... No ProJovem urbano é uma gestão compartilhada a gente não tem centralização do poder, tem a figura do coordenador geral que sou eu que respondo junto ao MEC, junto a secretaria, mas assim, a gente trabalha de uma forma partilhada compartilhada, integrada de parceria realmente, porque enquanto politica publica se a gente não tiver essa noção de que esse todo, essa descentralização é interessante para poder promover de fato a inclusão social fica mais delicado.”</p> <p>“Sim, a gente faz assim, a gente tem uma reunião periódica e sistemática com os educadores de , então nessas reuniões, eles tem um coordenador um orientador específico, que conforme eles fazem o planejamento de algumas ações para poder fazer essa parceria para o mercado de trabalho, por exemplo: O de Turismo, eles vão atrás de hotéis de bares de restaurantes e tentam fazer parcerias, a gente já chegou a fazer uma parceria com o SALUT, a gente ainda não efetivou, mas a gente já começou a conversar com o SALUT, né, que é um gestor que acha interessante esse perfil do alunado, e quer recrutar-los.”</p> <p>“Entre é, cada núcleo. Agora eles são orientados pela coordenação, com o caso, assim, eu tenho uma equipe que a gente se divide para isso, na coordenação a gente tem os orientadores de arco, que são 5 cada arco ocupacional tem o seu orientador esse orientador, orientado por mim, eles que orientam os educadores, eles constroem estratégias, fazem o planejamento e efetivam esse planejamento né, com essas empresas. É algo conduzido pela coordenação, mas descentralizado.”</p>
9	<p>“Se for só referente a minha aula nós todos os educadores somos parceiros, acho que vc já ouviu falar no PO que é um trabalho integrado, então nós temos várias atividades não só o inglês está fazendo, mas as vezes matemática também então nós precisamos nos juntar para poder fazer essa dinâmica, então é muito integrado então as vezes inglês está com matemática, português, ciência, tudo junto. A diretoria é excelente é bem próxima, o pessoal da coordenação também nos ajuda muito. As vezes nós conseguimos trazer a família quando nós temos uma atividade festiva. Nós temos alunos que são muito parceiros, nós temos vários parceiros que nos ajudam com outros alunos. Você sabe que cada professor tem uma sala que ele é responsável, então é o que chamamos de PO, é Professor Orientador então cada turma tem o seu professor que todo o problema que o aluno que tiver ele recorre a esse</p>

	<p>professor. Isso está previsto na nossa formação. Para tudo, por exemplo: se ele está faltando porque está doente ele vai até o PO dele para falar mandar uma mensagem ele tem o numero de telefone do PO dele para que ele possa ter essa aproximação e dizer porque não está vindo porque está faltando o que aconteceu, as atividades ele entrega ao PO dele, por exemplo: O professor de matemática passou uma atividade, mas ele pode ser entregue ao PO e o PO que vai passar para o professor de matemática.”</p> <p>“A equipe é fundamental se não houver um entrosamento entre a equipe o programa com certeza ele não funciona bem, eu preciso de todos para poder formar um.”</p>
--	--

Fonte: baseado em dados extraído do NVivo11.4

Relação entrevista x referencia núcleo Rio de Janeiro

Entrevista n°	Referência
13	<p>“Como vc realiza o seu trabalho junto aos seus parceiros ou realizou, como você se comunicava com os professores, enfim, pais, empresários? A gente conversava diretamente, assim...pessoalmente? Pessoalmente!, vcs não trocavam emails, mensagem? Com a SME sim, mandava os email e eles tb respondiam.”</p> <p>“Quais foram os seus parceiros para a realização do seu trabalho dentro do ProJovem, instituições, pais de alunos, colegas de trabalho? Pais de aluno não teve, colegas de trabalho...Vocês trabalhavam trocando informações juntos contribuindo com a atividade uns com os outros? A sim, a direção e as professoras envolvidas, vcs trocavam informação? Trocávamos! Não teve nenhum empresário da comunidade que ajudou vocês ou até do município? Alguém que propôs sentar e contribuir de alguma forma? Então teve sim, teve uma visita lá no hotel, lá no recreio. Quem foi que articulou isso? Foi o professor de e também teve, agora que eu lembrei porque também já tem algum tempo,(...) e teve também uma noite de crepes, que ele levou um profissional para ajudar a ensina-los a fazer crepes. O professor que articulou e o profissional levou o maquinário dele todo e nós participamos com a parte financeira, nós contribuimos para comprar os ingredientes e o transporte da máquina tb foi o professor que fez. O pessoal da CRE e nem da SME teve envolvimento não.”</p> <p>“entre nós a equipe de professores nós sempre nos ajudamos, sempre, sempre, sempre fomos muito unidos. Os alunos na minha parte de secretaria não tenho muito o que falar.”</p>
14	<p>“Olha a maior parceria que nós tivemos aqui foram os próprios professores da escola, e a 7 coordenadora e a Secretaria de Educação SME.”</p> <p>“A equipe é fundamental, se não fosse eu acho que eu não estaria aqui. Assim, dando apoio, dando suporte, incentivo, assim ajuda nos projetos, ajuda quando dá vontade de desistir que dá um estímulo, nesse sentido. Porque assim, são muitos problemas muitas cobranças, então nesse sentido o corpo</p>

	docente ajudou muito.”
22	<p>“Sim, tivemos vários. Tivemos a parceria com a professora (nome) que a gente trocava ideias e parceria com a CRE que levava os alunos para assistir peças de teatros muitos nunca tinham ido ao teatro. E proporcionava p a gente ônibus e isso foi muito bom p eles.”</p> <p>“A foi muito bom, foi muito bom, eu trabalhava com a professora e com os outros dois professores que viam, foi tudo muito bom. Tínhamos uma reunião para construir junto o projeto pedagógico e nós vamos a reunião todo sábado com todos os participantes dos Projovem do rio de janeiro.”</p> <p>“Eu realizo o trabalho junto aos parceiros através de reuniões a gente estava sempre em contato.”</p>
24	<p>“O parceiro era a (nome da coordenadora da CRE) qualquer dificuldade que eu tinha ela estava sempre na escola, a própria (nome da coordenadora do PJU SME RJ) que era a responsável no início era a (nome) depois passou para a (nome da coordenadora do PJU SME RJ). A secretaria abraçou mesmo, a causa do Projovem na época, dentro de determinadas restrições, porque há restrição né?! E eu tive um parceiro que o (nome) foi por intermédio da (nome da coordenadora da CRE) e ele que arrumava os convites do teatro e a gente ia todo mês ao teatro no início eles resistiam o ônibus ia vazia, mas depois nossa, foi muito bom. Tanto que eu fiz um passei com a creche lá no agua rio e os alunos do Projovem que viram as fotos "ai que saudade do Projovem" porque a gente passeava muito eles conheceram a cidade né?! E eu tinha uma professora com um diferencial (nome) melhor professora que eu já conheci. A gratidão que eu tenho por essa mulher não cabe numa vida só, pelo o que ela fez pelo meu filho, pelo jovem que eu vi ela cuidar. Ela faz um trabalho fantástico. Uma pena, eu cheguei a chorar quando soube que o Projovem ia acabar.”</p> <p>“Até o pessoal de Brasília era parceiro quando sistema travava eu ligava direto.”</p> <p>“Eu costumo dizer que para um gestor tem metas né?! Ele tem um plano de ação que só entra em prática a partir dos regentes. Se o professor não abraçar o que você objetiva você não consegue. Então tudo que a gente planejava idealizava para o Projovem acontecia que a gente fechava era como se fosse uma família, Os generalistas eram mais participativos do que os técnicos porque os generalistas estavam todo dia. Os técnicos iam determinados dias da semana. Mas o grupo era muito legal, a nossa porteira engravidou na época e é uma menina, inventaram um nome da bebe que era a abreviação de todas as iniciais. (Risos).”</p>
25	<p>“Eu tive parceiros que foi desde a CRE (nome da pessoa) que sempre apoiou muito, sempre muito disposta a ajudar, sempre muito presente, sempre visitando a gente, sempre em cima. (Nome da pessoa) sempre muito preocupada com o andamento</p>

	<p>do trabalho, se o trabalho está sendo bem sucedido ou não, então o desejo da (nome) sempre foi que desse certo, então sempre tivemos muito apoio da (nome) e sempre passou muita tranquilidade para a gente, sempre conversando, sempre perguntando se a gente está precisando de alguma coisa, quando tinha os problema de demora de livros ela estava sempre correndo atrás com a gente sempre olhando e vendo "olha chegou?" Não vamos, buscamos, "ai chegou tudo bonitinho e tal?", ela ia lá na escola conversava com os alunos também, a direção da escola deu um apoio sensacional, ela é sensacional ela é uma simpatia em pessoa, ela é sensacional, tudo o que eu precisava tava ali incansável, eu tive a oportunidade. (Nome R.) sensacional. E eu tive a oportunidade de trabalhar com (nome da professora) ela é um monstro, multifuncional, ela luta pelos alunos, ela é maravilhosa. Trabalhar com (nome da professora) é uma oportunidade única."</p> <p>"A integração da equipe é o conjunto da opera, a queime unida e amiga é uma equipe que não está querendo um mostrar mais que o outros, todos trabalhando em prol até sábado vamos sábados fazer o planejamento e sempre aquele ambiente bem agradável."</p>
26	<p>"A escola, a SME nada além do que não seja da prefeitura, os professores."</p> <p>"Os pais não tem muita participação, Os maridos das meninas que as vezes iam lá p buscá-las nada além disso."</p> <p>"A total, toda sem essa equipe, ninguém faz nada sozinho, sem a 10 CRE, o nível central, a SME, os professores, os alunos, os diretores participativos e envolvidos abraçaram isso, os que receberam o Projovem, exceto uma direção que teve uma certa dificuldade em aceitar. Porque ela era nova na gestão. A diretora não ficava a noite, não tinha contato com os alunos, ela chegava 17:30 18 horas, olha se alguém precisar de alguma coisa deixa escrito que amanhã eu resolvo para vocês. Ela não acolheu, não abraçou. Ela não queria ficar a noite porque achava perigoso."</p>
28	<p>"Olha só eu acho que com os gestores, aqui no caso a equipe, eu conto com a (nome da pessoa) que é uma excelente gerente, apoia mesmo se tiver em qualquer lugar ela vai junto, é o meu braço direito em relação ao ProJovem, os alunos e os professores, apoio em relação que eu não tenho problema, esse período todo eu não tive problema com nenhum professor, graças a Deus o setor funciona muito bem então, assim, contar com parceria privada a gente não conseguiu atingir isso porque eu acho que fica um pouco distante mas pode ser que a gente consiga alguma coisa em relação a parceria, por exemplo, engraçado que o ProJovem aqui é de hospitalidade né?! E tem a RioTur só que a gente nunca conseguiu trabalhar com a RioTur espero esse ano, conversar um pouco com eles, gostaria de conversar essa parceria. É uma dificuldade o contato com outras secretarias, mas eu ainda não perdi as</p>

	<p>esperanças e tem que esse ano eu quero essa parceria com a RioTur, vou batalhar para isso.”</p> <p>“Participo das formações também porque eu não quero ficar de fora de tudo que está acontecendo, passo todas as orientações que vem do MEC por email, visito as escolas, e vou nas escolas, estou sempre em contato direto com eles.”</p>
5	<p>“Quem é os nossos parceiros é aqui a merendeira na escola, a direção que sempre deu apoio para qualquer coisa que quisesse fazer lá fora e nas atividades. A secretaria que eu não sei se é a Secretaria de Educação também, nós fizemos muitas saídas e isso foi muito importante para eles. nós fomos a muitos teatros, a ideia era conhecer o mundo lá fora não era, dentro a gente fazia o projeto nesse intuito de conhecer fora um mundo cultural, fora daqui da cidade de Deus porque aqui tem o baile, a cultura deles daqui, mas eles são muito engessados nessa cultura lá fora eles não conhecem, até postura. Fomos a teatros para caramba, fomos ao cinema, foi muito bom. Saímos muito.”</p>

Fonte: baseado em dados extraído do NVivo11.4

9. Nó Sentimentos

Relação entrevista x referencia núcleo Paraíba

Entrevista n°	Referência
10	<p>“Eu só atuo nesse núcleo. Antes no começo era 3 núcleos que o educador de fazia, que antes o aluno ele podia escolher o arco, agora não, já se matricula naquele núcleo e vai iniciar com aquele arco e vai até o fim. Eu me sinto bem realizado, é a minha casa. Me sinto feliz e eu gosto dessa comunidade, aliás eu não me imagino fora do alto do Mateus. Para mim isso aqui é minha casa, tudo que eu construi é aqui dentro, tem sido aqui.”</p> <p>“O que te leva a ter o sentimento de alegria e motivação ao vir trabalhar na escola? A identidade né?! Eu me identifico com o programa e o sentimento de pertença com as pessoas daqui, eu tenho um sentimento de pertença muito grande, de João Pessoa em geral, do bairro principalmente porque eu nasci aqui e mi criei aqui pequenininho na beira da linha, eu me desenvolvi aqui dentro do alto do Mateus...”</p> <p>“E os meus primeiros trabalhos começaram aqui no alto do Mateus.”</p>
11	<p>“Posso dizer a você que eu me achei aqui, eu sou professora de manhã na educação infantil, a tarde de adolescentes e a noite com esse perfil a principio me pareceu que eu não daria conta, mas eu me identifiquei bastante com eles, gosto demais, me encontrei no ProJovem. Me sinto Feliz e Realizada, por ter encontrado aqui no núcleo primeiro uma equipe muito boa, aqui a gente é muito unido, ter encontrado uma gestão que acolheu o programa dentro da escola, porque muitas não acolhem, aceitam, mas não acolhem! Qual a diferença de aceitar e acolher? O programa mais educação por exemplo, eu já fui oficinaira do programa, na escola onde eu era oficinaira, alias nas escolas que eram 5 eles estigmatizavam bastante o mais</p>

	<p>educação, que não adiantava, não resolvia, colocava outros nomes, mal educação, menos educação, entendeu?! Não viam os alunos como alunos da escola e eram os mesmos alunos, então isso acontece em muitos núcleos referente ao ProJovem Urbano. Tem o programa na escola, mas ele é hostilizado, não é o caso do nosso núcleo.”</p> <p>“Qual o motivo? Primeiro porque, pela concretização do trabalho, quando eu comecei mesmo no ProJovem eu nem sabia o que realmente eu iria fazer dentro da participação cidadã, mas ai no caminhar do programa a gente foi se descobrindo, encontrando maneiras de viabilizar realmente essas ações e quando você vai vendo essas coisas acontecerem, quando você vai vendo que os alunos estão engajados, você se sente realizada porque você sabe que começou do seu trabalho, começou com o seu incentivo, né?! Vc não fez sozinha, você conseguiu fazer com que o aluno saísse daquela área de conforto deles né?! E realmente passasse de um limite que a principio foi muito difícil para eles porque como eu já havia lhe falado eles eram apenas ouvintes, hoje não, hoje eles são atuantes.”</p>
16	<p>“No começo para mim a noite em si era o terror, não é por conta dos alunos, é porque para mim a noite era para ficar em casa...”</p> <p>“Inicialmente o sentimento foi de medo e insegurança, não vou mentir, isso por conta da própria realidade do bairro...”</p>
21	<p>“Então eu sou extremamente assim, agraciado pelo núcleo, amo, amo de paixão a escola, os gestores, os diretores, os professores, as merendeiras o pessoal são super acolhedores. Assim que começou esse proJovem a gente não é enviado logo para o núcleo que vai atuar, a gente vai fazer matrícula dos alunos e eu fui mandado para cá, eu já vim a força, porque meu irmão longe para caramba de casa, mas ai quando eu comecei a vir fazer matrícula, tive contato com os alunos e com os gestores eu disse, não é lá que eu quero ficar mesmo que seja longe, vai ser melhor do que estar perto com uma equipe ruim que não trabalha cheio de picuinhas. Aqui a equipe é super unida, a gente faz os trabalhos sempre integrados, então eu acho que isso tem um diferencial.”</p>
27	<p>“Olha eu me sentia muito entusiasmado, mas ao mesmo tempo muito desafiado e inquieto. Porque atuar hoje em políticas públicas exige do profissional que ele realmente seja bastante atuante na busca de parcerias, na busca de fato de está fazendo para que a inclusão social, que é o objetivo do programa seja alcançado. Então assim, é um misto de emoções, não tem como ter um sentimento apenas.</p>
9	<p>“Para ser bem sincera a dias bem cansada principalmente no final de semana, não podemos negar, mas as expectativas são grandes ao chegar aqui, como nós temos 5 turmas, sempre tem aquele grupo que quando nós chegamos tem aquela turma que gosta muito de inglês então aquele dia que vc vai para aquela sala, você já vem com a motivação diferente, porque você sabe que aquela sua aula vai ser muito bem recebida que eles estão ansiosos e até quando há um feriado no dia de ir para a sala</p>

	<p>eles dizem assim "professora nem teve aula de inglês", então isso é muito recompensador, você se sente feliz. Sim não só os que são mais engajados, nesses a gente se sente mais, as outras turmas que tem um pouco de dificuldade a minha outra expectativa é, eu vejo a turma aprender, vão caminhando passo-a-passo mas eu tô vendo que ela cresceu no dia que eu comecei para hoje então o crescimento também é uma emoção bastante satisfatória. É interessante saber que tem alunos que mal sabem ler, mas que sabem reconhecer uma frase que está na negativa em inglês então isso é muito interessante. Ta entendendo?! Então é motivador."</p>
--	--

Fonte: baseado em dados extraído do NVivo11.4

Relação entrevista x referencia núcleo Rio de Janeiro

Entrevista nº	Referência
13	<p>"Como você se sentia ao acordar e ir realizar seu trabalho no núcleo do projeto? (Opções de para o entrevistado usar na resposta). Assim, a principio eu fiquei bem incentivada, porque assim a gente olha o jovem e a gente tem vontade de fazer um mundo de coisas para que eles cresçam, mas a medida que foi passando o tempo, mesmo que a gente conversa com eles, mesmo que a gente. Eles buscavam assim, uma alimentação e buscavam assim o querer atingir o objetivo sem muito esforço e isso as vezes me desencorajava sim."</p> <p>"No Geral era mais desencorajamento do que motivada? Meio a meio, porque a gente sempre tem uma coisa gratificante né, quando conversa com um conversa com outro. Vê o esforço de um de outro. Tinha uma menina, a Natasha, ela vinha correndo, porque sempre chegava atrasada, mas pedia desculpas, entrava correndo, e ela era muito dedicada, participava muito, participava de tudo. Ai teve um sarau que ela cantou, então quando tinha essas atividades assim, que a gente também enxergava eles assim, algo a mais, ai a gente fica mais encorajada, eu sei que a gente que tem que encoraja-los, mas assim a parte negativa era também muito forte, eu não sei se foi uma característica só também dessa turma."</p> <p>"Essa relação de dualidade que você tinha ao trabalhar no Projovem de desmotivação, mas ao mesmo tempo de se sentir motivada, acontecia devido a que? Sei lá, assim, aaa, devido ao próprio sistema, porque se o sistema completasse aquilo que falta no Projovem eu acho que aí que seria uma coisa muito boa. O que faltou no Projovem no seu ponto de vista? Faltou no Projovem essa parceria de outro profissionais(psicólogos, psiquiatras, sociólogos, assistente social) isso é porque eles precisam muito disso para mudar de vida eles precisam disso."</p>
14	<p>"Olha é um somatório de tudo isso eu não vou falar para você, "ai eu tô muito feliz", não! Na realidade ProJovem tinha uma diretora especifica no ProJovem que era a (nome da pessoa) ela era apoio a direção. Eu não ficava direto com o ProJovem, porque eu já ficava direto manhã e não dava para ficar diretora noite, então as vezes eu entrava mais tarde para poder ficar a noite, mas quem ficava direto mesmo era essa apoio a direção."</p>

	<p>Que ela ficava especificamente só com o ProJovem, por isso que tem muita coisa que eu não sei detalhes.”</p> <p>“Então assim, eu vinha para cá, as vezes muito cansada, as vezes angustiada, muitas questões para serem resolvidas, mas eu digo para você eu não ficava assim, insatisfeita não. Não ficava insatisfeita, eu sabia que era muito importante para eles. Como é para o todo da escola.”</p>
22	<p>“De ver o jovem conseguir alguma coisa. E infelizmente eu não sei se nós conseguimos isso. Não sei, gostaria muito de saber. No início não mas depois houve a dúvida sim. Não se se esse trabalho tinha alguma aderência a realidade daquele jovem. Não sei se foi um trabalho que valeu a pena para eles, não sei, espero que sim.”</p>
24	<p>“Haaa eu fui muito feliz com o Projovem, muito feliz mesmo porque é um trabalho diferenciado né?! E o único ponto negativo era o trabalho a noite porque era meio cansativo porque eu fechava a escola, eu era a ultima a sair da escola, mas eu procurava essa motivação dentro de mim né?! Porque é uma coisa que eu gosto de fazer e foi bom.”</p> <p>“Eu costumo dizer que a escola ela é muito fria, eu digo assim a rede física, o que da vida o que dá alma a escola é nossa performance e a gente fica durante muito tempo dentro da escola, são 200 dias letivos, eles convivem mais conosco do que com os próprios pais, então a gente tem que ter um bom ambiente, um bom ambiente de proporcionar felicidade mesmo, a gente tem que ser feliz. Dentro da escola com o pouco que a gente tem que ter criatividade porque a dificuldade não pode impedir, que você realize seu trabalho, porque dificuldade a gente tem em todos os recortes da vida né?! É claro que a gente tem uma ideia de uma escola melhor, que a gente quer, a gente luta por isso.”</p> <p>“O cansaço porque a jornada as vezes 11 horas direto, chega em casa ainda trabalha, e a felicidade de estar fazendo o que se gosta né?! Vendo seu trabalho acontecer de estar influenciando positivamente na vida de outras pessoas, de estar facilitando a vidinha deles e dando possibilidades.”</p>
25	<p>“Eles valorizam mais e eles gostam muito quando eles percebem que o professor acredita neles, acredita no potencial deles, então eles percebem essa ligação como eu disse, eles são muito carentes então eles observam se o professor está ai para eles ou não. Ou se o professor acredita neles ou não. Porque existem uma ligação o projeto na verdade eu sempre gostei muito de trabalhar com projeto, não é o primeiro, não vai ser o ultimo, depois que eu comecei a trabalhar em projeto não parei mais eu gosto muito, então...Eu me realizo trabalhando em projeto, final do ano você vê o rostinho deles felizes, na formatura, é um objetivo que eles alcançaram, é uma nova etapa para ele, eles se sentem valorizados e isso eu valorizo, existe o retorno.”</p> <p>“Olha eu sempre eu sempre digo que eu sempre fui muito</p>

	apaixonado pelos meus alunos, quando eu trabalho com projeto eu me apaixono, porque parece que existe um interesse maior do aluno é diferente de você dar aula no regular, o regular parece que o aluno vai forçado e quando você trabalha no projeto os alunos ele interagem com você e você vê a alegria deles quando você chega, então você tem vontade de trabalhar com eles você tem vontade de chegar de entrar em sala de aula você já vem, no meio da aula parece que você está em cima da mesa já cantando.”
26	<p>“A muito feliz, sempre muito feliz, os ganhos deles. Então tem uma (nome de aluna) ela é uma amor, que hoje trabalha na rede.”</p> <p>“O sentimento é todo esse resgate. O fato de eu acreditar que estou ajudando para eles construírem uma história nova que trazia esse sentimento de alegria.”</p>
28	“Eu sinto felicidade. Porque? Eu praticamente que eu poderia estar fora da educação, tipo assim, aposentadoria, mas como esse trabalho é um trabalho que me completa, eu estou aqui porque eu gosto do que eu faço eu sinto prazer em fazer isso né?! Eu fiquei esse período desde o ano passado sem o ProJovem, a pesar de que eu faça, a (nome da gerente) "poxa você vê Peja" eu tava até aqui fazendo as atualizações curriculares do PeJa, porque o ProJovem ainda não começou, mas paralelamente eu faço o Projovem. Então eu faço do meu trabalho, assim como, eu sou professora de matemática então em sala de aula eu sempre fui muito dinâmica com meus alunos, então é felicidade mesmo. Eu faço que eu gosto.”
5	“Alegre, fiquei super chateada quando acabou. Eu me identifico muito, por isso que eu gosto de pegar projeto porque eu me identifico com os mais velhos, eu acho que eu tenho mais assim, eu fico mais vontade no falar, porque as vezes você tem que ficar mais melindradas algumas coisas com os meninos melhorezinhos que você tem que ter uma certa sensibilidade, então eu fico mais à vontade. De bem estar eu adorava. Fiquei super triste que o Projovem acabou, não acreditei que tivesse acabado, fiquei até o final pensando que fosse voltar.”

Fonte: baseado em dados extraído do NVivo11.4

10. Nó A importância dos Assuntos Abordados

Relação entrevista x referência núcleo Paraíba

Entrevista n°	Referência
10	Super interessante. Porque assim, a gente começa tratando, porque a gente tem os conteúdos de formação técnica geral, que são conhecimentos pertinentes ao mundo do trabalho, a todas as ocupações de trabalho para que depois a gente tenha o momento de se trabalhar o arco profissional, o arco ocupacional. Então durante as 3 primeiras unidades a gente vai ver os conteúdos de formação técnica geral, aos conhecimentos de recursos humanos de trabalho, de trabalho em equipe. Porque eles são importantes? Porque em qualquer área que eles estiverem eles vão precisar trabalhar em equipe eles vão precisar ter diálogo, eles vão precisar ouvir, eles vão precisar

	desenvolver habilidades, eles vão precisar de tudo isso, para não ser um mero técnico frio, sem humanização. Então vc acredita que os conteúdos disponibilizados na FTG e na FTE são conteúdos que abordam uma sensibilização desse profissional que vai voltar ao mercado? É! Essa sensibilização está voltada a aquisição de conhecimentos? É!
11	apesar da minha carga horária ser menor do que o dos outros professores, principalmente do qualificador profissional e dos Professor Orientador (POs) no caso né?! A minha disciplina tem um papel importantíssimo para os alunos porque é justamente a parte que tira eles dessa mesmice, leva eles para a comunidade, faz essa articulação e desenvolve neles a capacidade critica e política, eles saem da escola aprende a teoria e coloca em prática o que aprendeu aqui só que na comunidade. Porque a minha disciplina a gente desenvolve um projeto uma ação comunitária inclusive já houve a culminância, e os alunos todos eles participam ativamente procurando apoio, parceiros, mobilizando a comunidade no sentido de sensibilização, colocam mesmo a mão na massa. No caso o tema do meu foi, melhorias na praça e eles colocaram a mão na massa no sentido de valorizar os espaços que eles tem de reconhecer os espaços públicos como pertencentes também a eles, se veem responsáveis por esse espaços e responsáveis também pelas ações na comunidade.
16	<p>“A gente já separou um espaço la na sala de leitura ai tem todo o material do ProJovem, a gente tentou assim para eles também teriam identidade deles né?! Como eles disseram, eles chegaram numa casa que já estava caminhando. Tem escolas que a noite funciona só o ProJovem, aqui não, ai o pessoal se sentiu meio assim, invadido.”</p> <p>“Eu acho que esse contato é a base de tudo para se construir um bom trabalho, porque ai se tem conquista se tem confiança, parceria, eu acho que é extremamente necessário.”</p>
2	“Olhe em termo de proposta pedagógica ele é 10 eu acho assim um projeto bem estruturado a proposta é uma proposta que contempla a clientela que é o nosso foco que é o jovem de 18 a 29 anos. É uma metodologia nova, assim, não tão nova, mas muito especificada naquilo que ela se propõe. No caso trabalhar com o jovem, tem a experiência dele e tem também toda uma proposta voltada justamente para o crescimento dele como cidadão e também encaminhando para um campo profissional que é justamente o que a gente trabalha com a questão dos arcos. Acho que (nome do coordenador) já falou que nós temos os arcos de educação. Nós temos 5 arcos, temos educação, alimentação, vestuário, construção e reparos e turismo. Então são arcos que contemplam a nossa realidade de estado, apesar de estarmos só no município mas, o estado também também o trabalho dentro dessa mesma metodologia, é um programa que ele não só trabalha os conteúdos pedagógicos mas ele dá uma formação geral para o aluno porque são as disciplinas convencionais, português, matemática, história e geografia, ciências biológicas e inglês e tem duas disciplinas que é justamente elas que complementam que é PC (participação

	<p>cidadã) que dá aquela formação cidadã para o aluno, não só os conteúdos acadêmicos, mas sua vida seu crescimento como pessoa que é o foco da educação é esse, é fazer as pessoas crescerem com o potencial que eles tem e a complementação e a que é justamente esses arcos ocupacionais.”</p>
21	<p>“Então primeiramente eles vão trabalhar principalmente com isso com as relações de trabalho com o ambiente, então isso consegue fazer com que os alunos já comecem a se relacionar até mesmo dentro do ambiente escolar, isso a gente, nas edições passadas a gente tinha muito caso de briga entre alunos e esse tipo de coisa, não o ano passado, edições mais antigas. E aí a gente vê que isso vem diminuindo assustadoramente e eu acredito que o papel da ele seja fundamental nisso, de saber conhecer o outro, respeito, de tudo isso sabe que é muito trabalhado dentro de sala de aula, não só pelo QP, mas por todos os outros professores.”</p>
27	<p>“A importância é que contempla temáticas relativas ao mundo do trabalho, temáticas coniventes com a faixa etária do público, né de 18 a 29 anos ?! E são temáticas articuladas com a formação básica e a participação cidadã. A ela sempre foi trilhada, pensada e executada articulada com as outras dimensões, a formação básica e participação cidadã.” “O grande objetivo era fomentar o protagonismo juvenil. Essa era a principal atividade que a gente possibilitava fomentar.”</p>
9	<p>“Isso é porque nós temos as disciplinas do currículo normal e temos a especial que é de . Eu acho que o programa é muito completo na maneira de abordar as aula. Por exemplo: eu confesso eu sou uma outra (nome da entrevistada) depois do ProJovem, isso eu digo a todo mundo, não é a minha primeira vez trabalhando no ProJovem eu já trabalhei em outra oportunidade, eu trabalhei uma vez em 2009 e voltei agora nessa outra etapa em 2016, passei um tempo sem trabalhar no programa. Mas olha bem, eu me sinto totalmente diferente depois que eu passei a trabalhar no programa, porque eu vi que a maneira de abordar no programa estava totalmente diferente daquela que eu costumava trabalhar em sala de aula, porque eu ensino em outras escolas sem ser ProJovem e quando eu ingressei no programa que fiz ali e me preparei para estar em sala e comecei atuar eu disse ué....não é aquilo era totalmente diferente a maneira de abordar e conduzir. O Livro ele é todo completo ele já atrás as atividades e isso nos ajuda bastante. A gente não tem que ficar no quadro como no horário comum tendo que escrever tudo para o aluno. O aluno já tem o material todo pronto, isso facilita bastante. Não só para nós, mas para eles tb. Porque já está lá pronto, ele vai ter só o trabalho de trabalhar conosco para melhorara ali e responder as atividades.</p>

Fonte: baseado em dados extraído do NVivo11.4

Relação entrevista x referência núcleo Rio de Janeiro

Entrevista n°	Referência
13	<p>“eu só participei do projeto de um ano e meio, 18 meses. A minha experiência desse assunto...A característica é que cada projeto, cada turma que foi formada tinha uma característica.</p>

	<p>Essa turma que foi formada a ultima de 2016 é uma turma assim, a pesar de serem adultos eram uns adultos adolescentes, a integração social deles já tinha porque eles são todos da mesma comunidade. Como você percebe que esses conteúdos podem contribuir na vida deles e no processo de formação deles? É então...Essa turma que se formou eu acho assim, uns 30% foi bom para eles acrescentaram alguma coisa na vida deles, agora 70 % eu acho que eles queriam assim o canudo mesmo, terminar o fundamental para seguir em frente mas assim, seguir em frente, entre aspas sabe, as vezes era até desmotivador, porque eles vem de uma comunidade assim, eles são muito..., agregado ao ProJovem a esse projeto seria muito importante que se tivessem psicólogo, psiquiatra, um sociólogo, para que aquele crescimento fosse completo porque só a teoria fica mais difícil para eles.</p>
14	<p>“Profundamente eu não conheço os assuntos abordados no ProJovem. Mas assim é muito importante porque eu acho que esta dando um acesso mais fácil para eles o mercado de trabalho principalmente na época que tava trabalhando a questão de hotelaria era uma época que o Rio de Janeiro estava bombando era a copa do mundo, Olimpíadas. Então, assim, tava muito em alta, então o mercado de trabalho estava bem propicio. Então eu achei assim, de suma importância e turismo a mesma coisa. Então eu achei bem positivo.</p>
22	<p>“De você ter um meio de sobreviver de sair né?! Desse ambiente deles, eu acho.”</p>
24	<p>“Olha, é a questão cultural acho que foi bem significativa para eles , abriu-se um leque de possibilidades desde o teatro que nós iamos mensalmente eu fazia questão disso, até trabalhos né, que eles faziam na própria comunidade uma consciência coletiva foi surgindo desse... do ProJovem. Possibilitou eles perceberem a comunidade e assim, para a auto estima deles também, foi fundamental o ProJovem. “</p>
25	<p>“Acho que o programa ele foi devagarzinho preparando e mostrando o objetivo, por exemplo um objetivo a ser alcançado, e como alcança-lo de forma que você, você tem que perseguir um sonho. E esse sonho você tem que realizar, mas você tem que se preparar para realizá-lo. Você tem que ter a qualificação e você vai aprendendo passo a passo para você chegar na reta final. O que acontece o aluno pensa de imediato de que a gente...Eles vem de um meio social muito humilde e sem noção de educação de como se comportar de como chegar, ele quer arranjar emprego, ele quer ganhar dinheiro mas ele não se qualificou e já tudo maior de idade não tem uma qualificação. E ele quer entrar no mercado de trabalho e não sabe como e eles tem assim a auto estima baixa e eles precisam aprender o caminho. Eles precisam conquistar o espaço deles e nisso o material foi ótimo porque devagarzinho o material foi mostrando como chegar, como estudar, como ser perseverante, o objetivo que ele quer chegar é em cima do que ele vai se especializar como ele vai aprender.”</p> <p>“Trabalhamos também, pensamos em empregos próximos e empregos possíveis em empresas próximas onde você mora. É a questão de procurar o trabalho, como procurar e vê se aquele</p>

	emprego é viável para eles, transporte, em questão da distância e como procurar emprego próximo de casa, visualizar algo possível próximo a sua casa seria interessante também, ou então assim hotéis próximos de casa.”
26	“Olha só o exemplo que eu dava sempre para eles um paralelo que eu fazia para eles é que a pesar da minha família ter uma certa situação eu sempre estudei na rede pública, eu fiz o primário, o ginásio, minha mãe nunca permitiu que a gente estudasse em escola particular. Minha mãe tb era professora, mas tb no meu tempo era um outro ensino, era uma outra sociedade, tanto que a minha origem na prefeitura é na escola que eu estudei. Eu tenho uma história naquela escola, mas eu sempre colocava isso para eles, oportunidade tem para todos.”
28	<p>“Isso ai para mim é muito importante. Quando você ver que nas turmas você percebe que muitos alunos conseguem fazer daquilo ali uma outra atividade para o ganho pessoal e da família aí você vê que realmente aquilo ali está contemplando alguma coisa da inclusão dele na própria comunidade porque já aconteceu isso várias vezes na 10 CRE nas outras CREs que dali ele vai fazer outra coisa. Eu acho que essa é importante e eles se veem, tem várias fotos, o aluno montando uma mesa, ele já tem uma outra postura você vê que tem uma outra postura e ele já tem o cuidado não só em realizar aquela profissão, até mesmo ele enquanto pessoa já muda, ele se acha importante ele acha que pode desenvolver aquilo. É o acreditar mesmo nele. Acho que a também ajuda a ele acreditar no trabalho dele.”</p> <p>“Bem a importância que a partir de cada arco, que foi escolhido o do turismo como eu falei anteriormente, é os alunos eles conseguem trabalhar efetivamente e conhecer outros locais que dali ele busca, ele sabe que dali ele vai buscar outros tipos de trabalhos. Então, não fica só na abordagem de sala de aula, ou do arco em si, tem uma visão maior em relação as visitas técnicas é muito importante as visitas técnicas, porque eles tem uma identidade com aquele local, muitas vezes ele não sai daquele local para nada, e vai um ônibus buscar para visitar museu, ou ele vai para o teatro então ele tem outras oportunidades e quando ele volta para sala, você vê que ele já tem uma outra postura. Acho que é importante esse contato com outros locais, sair do lugar e visitar também. Ele pensa que aquele local não pertence para ele, depois ele ver como aquilo é importante na vida dele. É uma outra linguagem, são outras pessoas que ele conhece.”</p>
5	<p>“E eles tiveram material, eu vi clipes, teve um monte de coisas que foram compradas, fichários, pastas para eles trabalharem, mas o que também tem o livro né?! Mas o que foi bastante seguido, onde que eles também gostavam porque depois eles falavam nas aulas, como a gente ficava muito, a gente ficou muito pelo fato de ser generalista você fica muito próximo a eles. E era esse o foco de fazer currículo entendeu?! Como fazer um currículo essas coisas assim. Que é importante para eles.”</p> <p>“O que acontece pelo que eu, pelo relato deles eles gostavam</p>

	<p>muito por ter coisas que eles não aprenderam, volta e meia eles diziam isso na sala, era uma fala deles, havendo a gente não aprendeu isso, a professora não ensinou isso na sala, eles diziam "por eu não conseguia aprender isso professora e agora eu aprendi", porque você está disposto a aprender aquilo, maturidade maior, eles estão aqui porque querem, necessitam, precisam, viram que não ter aquela certificação os barrou em muitas coisas foi impedimento para uma série de coisas que eles precisam ter certificação. Eles veem depois que terminam eles veem atrás desse documento, como formiga no açúcar."</p>
--	---

Fonte: baseado em dados extraído do NVivo11.4